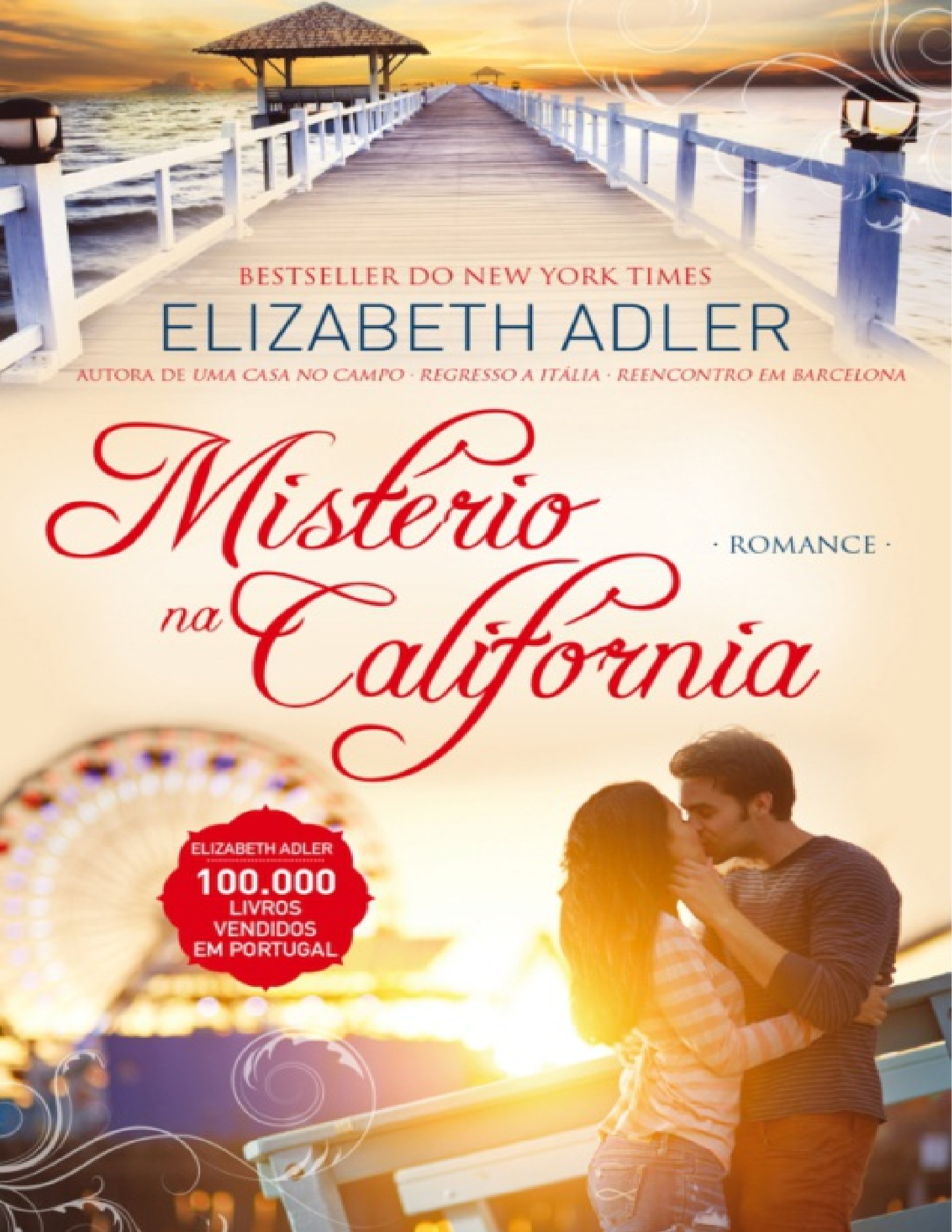




BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
ELIZABETH ADLER

AUTORA DE *UMA CASA NO CAMPO* · *REGRESSO A ITÁLIA* · *REENCONTRO EM BARCELONA*

Mistério *na* Califórnia

· ROMANCE ·

ELIZABETH ADLER

100.000
LIVROS
VENDIDOS
EM PORTUGAL



Ficha Técnica

Título original: Please don't Tell

Autor: Elizabeth Adler

Tradução: Inês Castro

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9788797261756

"MEB"

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 2013

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para Anabelle Adler Avery e Eric Avery

Prólogo

Era uma tarde de inverno e começava a desenhar-se um céu de tempestade. O homem esperava no *Range Rover* preto, estacionado na parte mais escura do parque de estacionamento do café, longe das luzes, quando sentiu outra vez a dor. Uma pressão no peito, uma sensação de oscilação na cabeça, porém apenas alguns segundos. Sentira-o pela primeira vez quando erguera uma mesa para a deslocar para uma posição mais elevada. Tolo; devia ter tido mais juízo. Com certeza distendera um músculo do ombro e agora doía-lhe, logo quando precisava de estar na sua melhor forma. O cérebro desanuviou-se, a dor desaparecera. Esqueceu-se dela e concentrou-se no trabalho que tinha entre mãos.

O parque de estacionamento estava quase vazio, apenas um par de viaturas que pertenciam, sabia, ao pessoal da cozinha. Os clientes estacionavam sempre na parte da frente. Era um café de uma cadeia muito conhecida na Califórnia, mesmo à saída da Highway 1, a sul de São Francisco. Sabia a que horas terminava o turno da rapariga, sabia como iria irromper pela porta dos funcionários, a borbulhar de riso e alívio por ir sair dali, às vezes com outros, mas, com mais frequência, sozinha. Sabia que o carro dela era o *Chevy Blazer* já com dez anos, que muitas vezes se avariava, do qual não tinha seguro e que deixava sempre no mesmo local, nas traseiras do café, para que nenhum polícia intrometido, que entrasse para tomar uma chávena de café e comer panquecas com uma imitação barata de xarope de ácer, reparasse nele e pudesse fazer perguntas sobre uma viatura com um aspeto tão deteriorado como aquela.

O homem sabia onde ela morava. De facto, conhecia bem o pequeno apartamento. Já lá tinha estado, forçara com facilidade a fechadura simples quando ela se encontrava a trabalhar, dera uma olhadela, tocara nas coisas, inspecionara a minúscula casa de banho e o duche com a cortina de plástico,

que devia ter-se colado ao corpo nu dela quando tomara banho. Passara a língua pela escova de dentes, cheirara as cuecas que ela deixara no chão, com o resto da roupa, no sítio exato onde as despira na noite anterior. Deitara-se na cama desfeita, descansara a cabeça na almofada, surpreendido por descobrir que os lençóis estavam limpos. Ela não era uma rapariga suja, apenas desleixada, desarrumada e descuidada.

Marcara-a como sua vítima quando entrara no café e ela o fitara nos olhos, pronta para namoriscar com um cliente, na esperança de uma boa gorjeta, embora quaisquer gorjetas que recebesse fossem com toda a probabilidade insignificantes. Gostara da sua pele fresca e limpa, do rosado das faces, afogueadas pela correria entre os clientes e a cozinha. Trabalhava bem, com entusiasmo. O crachá que trazia preso à camisa identificava-a como Elaine e era suficientemente bonita para se qualificar. Até conversara com ela e ficou a saber que abandonara o instituto de ensino superior público onde estudava, entre todas as coisas possíveis, biologia. Dissera com jovialidade que voltaria para lá logo que tivesse dinheiro para isso, mas tanto ele como ela sabiam que nunca o faria. Resumindo, gostara do corpo roliço dela, do cabelo comprido castanho, dos olhos também castanhos e faces rosadas e do seu comportamento jovial de menina. Gostava sempre mais das raparigas simpáticas.

E viu-a sair, apressada, pela porta dos funcionários. Sozinha. Vestia saia e um casaco preto demasiado fino. Ele calçou as luvas de látex maleáveis e finas, saiu rapidamente do carro e chamou-a.

– Elaine.

Ela virou-se, surpreendida. O homem sabia que ela não conseguiria perceber na sombra quem ele era.

– A minha porta parece ter emperrado, podes ajudar-me? – pediu num tom suficientemente alto para que ela pensasse que devia conhecê-lo e se aproximasse.

Gostava da sua maneira apressada de andar, quase a correr.

Os cabelos castanhos compridos esvoaçaram-lhe para o rosto quando se aproximou. Num movimento ágil e fácil, ele prendeu-os no punho e bateu com força com um dos lados da mão na carótida da rapariga. Ela desfaleceu e ele empurrou-a para dentro do carro e atirou-lhe com a malinha para cima. Em poucos segundos saíra do parque de estacionamento e entrara na estrada nacional.

Fitou-a através do espelho, o rosto para baixo, em cima da coberta de plástico que dispusera com cuidado para que os estofos de pele não ficassem manchados. A rapariga não se mexia. No nó seguinte da estrada estacionou num sítio calmo, saiu do carro e examinou-a. Ainda respirava em sons intermitentes baixos e doridos. Baterá-lhe com a força necessária. Sabia o que fazia. Pois já fizera tudo aquilo antes. A seguir, espetou-lhe uma agulha no braço, uma injeção rápida para garantir que ela não iria acordar de repente e surpreendê-lo. A respiração irregular dela acalmou.

Voltou a entrar no carro e continuou a guiar. Já tinha escolhido o sítio para onde a levaria, na orla de um bosque. Quando lá chegou, ficou sentado alguns instantes, a pensar com satisfação no que estava para vir. Ainda não chovia, apenas o som áspero do vento a soprar em rajadas nas árvores, pressagiando uma tempestade e fazendo cair uma torrente de folhas em cima do carro e em cima dele e da rapariga quando abriu a porta de trás. Ainda havia claridade cá fora, mas já estava escuro no bosque.

Tirou o grande saco preto leve que continha a pequena câmara de vídeo, o tripé e os binóculos de visão noturna, «o seu equipamento», como lhe chamava, e passou-o, cruzado, pelo pescoço. Puxou a rapariga para fora do carro e carregou-a para o bosque... não para demasiado longe, não havia necessidade... nunca ninguém aparecia ali. O seu coração trepidou outra vez um pouco: ela era mais pesada do que pensara.

Havia um método nestas coisas, um ritual que tinha de respeitar. Tudo devia obedecer à sua sequência própria. Pousou-a, de braços e pernas afastados, numa pilha de folhas em decomposição. Um sítio muito macio. Pensou que ela teria gostado. Depois tirou o tripé e a câmara de vídeo do saco e montou-os ao lado, certificando-se que a focavam bem. Pôs a máscara de esqui de lã preta, cobrindo o rosto. Agora estava pronto. Despi-la foi um ápice, puxando-lhe a saia e o casaco preto e a roupa interior. Ela não usava sutiã e os seios pequenos pareciam muito brancos na escuridão densa.

Extraiu a faca da bainha de couro, feita à mão no México, que usava presa à perna. Era uma faca fina de corte, com cerca de vinte centímetros de comprimento, do tipo usado por *chefs*. Aço puro, duro e cintilante. O poder nas mãos de um homem que sabia com exatidão como a usar.

Ajoelhou-se sobre ela e com precisão cirúrgica cortou-lhe ambos os pulsos e depois sentou-se a observar o sangue escorrer, a vida dela a começar a escoar-se com lentidão. Ela não abriu os olhos. O momento supremo estava

quase a chegar. Só faltava mais um corte, suave como manteiga, na garganta. Ela estava desfalecida, não resistiu quando ele a violou, a faca na garganta, só a primeira incisão pequena... à espera... à espera... gemeu em triunfo, fazendo deslizar a faca pela garganta da rapariga e vendo o sangue derramar-se embora ela ainda não estivesse morta...

Recostou-se para trás, exausto. Não havia nada que igualasse aquele momento, aquela sensação. O puro poder sexual daquilo. Havia uma última coisa, porém; outra coisa que se sentia compelido a fazer. Tirou o bloco verde de *post-it* do bolso e, usando a mão esquerda, registou uma mensagem.

Examinou-a de novo. A boca dela pendia, aberta. Fechou-lhe a mandíbula com um estalido, colou o *post-it* verde sobre os lábios fechados e acrescentou uma tira de fita adesiva, só para ter a certeza que não caía. Tinha outra vez a faca no pescoço dela; sabia onde ficava a carótida.

Pensou ter ouvido alguma coisa e afastou-se para trás, sobressaltado. Ainda não terminara... um carro parou, depois começou de novo a trabalhar. Enervado, agarrou na câmara e no saco e agachou-se e pôs-se a mexer... A dor atravessou-lhe o peito e o coração retumbou tão alto que conseguiu ouvir um milhão de batimentos por minuto... estava a cair na escuridão com a dor... e o medo de ser apanhado... o medo venceu...

Concentrou toda a sua atenção na condução. Chovia agora... a dor surgiu de novo, desta vez menor, não propriamente no coração, mais no ombro... mesmo no sítio onde distendera no dia anterior o músculo a deslocar aquela mesa.

Deveria ir às urgências? Para quê? Sentia-se ótimo agora, a respirar, OK, o coração firme como uma rocha. Era um pequeno contratempo e um «evento» estragado. Verificou o saco no assento ao lado, apalpou a câmara. Estava ali. A faca também. Estava tudo bem, mas escapara por um triz. Seria mais cuidadoso, encontraria um lugar mais remoto da próxima vez.

Já escolhera a próxima rapariga. Dava-lhe confiança o facto de conhecer o futuro, os seus planos. Andava a observar a Dr.^a Vivian há semanas. Agora, porém, precisava de sair dali depressa, tomar uma bebida e comer qualquer coisa. Ficava sempre com fome depois das suas pequenas «experiências». Evitaria a autoestrada, seguiria pelas estradas secundárias. Porém, não tinha contado com a tempestade, com a má visibilidade, a súbita oleosidade no piso. E então bateu em qualquer coisa.

Big Sur, Califórnia

Começara como uma manhã vulgar para Fen Dexter. Levantara-se tarde, por volta das nove, algo assim. Foi *Hector* que a acordou, pousando a pata grande na cama, dando-lhe um pequeno empurrão e babando-se no seu braço. Os labradores babavam-se sempre e tinha-se de os deixar sair logo de manhãzinha, antes que rebentassem. Nove horas também já era tarde para *Hector*. Fen abriu-lhe a porta e depois, quando ele terminou, deixou-o outra vez entrar e voltou para a cama, a sentir-se preguiçosa, ali deitada a ouvir o estrondear das ondas a baterem nas rochas na base das falésias.

Cliff Cottage, a pequena casa de Fen na Califórnia, erguia-se no que Fen sempre denominara «sumptuosidade isolada», numa arriba entre Big Sur e a aldeia de Carmel. A «sumptuosidade isolada» pretendia ser uma piada já que a estrada ficava a uns meros cem metros de distância e a *cottage* estava longe de ser «sumptuosa». Nem sequer era «imponente» e estava pintada de um azul pálido.

Era a sua casa há doze anos, comprada por impulso depois de o marido ter morrido de repente e, para ela, de forma inexplicável, porque era um homem sempre tão em forma, sempre a fazer exercício, a correr, tinha até jogado uma partida de ténis de três horas no dia anterior. E então, depois de uma chávena matinal de chá, fitara-a, surpreendido, pensara ela, e, muito simplesmente, amarfanhara-se no chão. E a vida como Fen a conhecia terminara.

Greg, o «rapaz cem por cento americano» como costumava chamar-lhe em tom provocador, era de facto o seu terceiro marido. O primeiro fora o francês, quando ela tinha vinte anos e levava uma vida algo precária em Paris como dançarina, no palco de saltos muito altos, uma quantidade mínima de

lantejoulas e com a peruca curta de corte Sassoon que todas as raparigas usavam. Não era o que desejara depois de todos esses anos de balé e formação intensiva, mas nem toda a gente pode ser uma estrela, e conhecera tantas pessoas. Incluindo o marido a que agora já só se referia como «o francês», o homem atencioso, dos beijos ternos, que deixava mensagens românticas, oferecia ramos generosos de rosas brancas. Não era a sua flor favorita, mas logo se tornou. Ele era mais velho, trinta e cinco anos para os vinte dela, divorciado e com bagagem, mas queria casar e quem era ela para dizer que não a uma vida de romantismo e beijos. Durou um ano. E depois ele descobriu outra pessoa. Era a sua maneira de ser.

O segundo marido era judeu-italiano. Quem diria que existia tal combinação? Fen não, com certeza, mas, sem qualquer família própria, tomara-se de amores pela grande família gregária e muito direta *dele* que assumiu o domínio das suas vidas e logo, logo, estava a tentar decidir-se entre uma cerimónia católica italiana ou um casamento judaico com toda a parafernália tradicional. Tinham acabado por se escapar sorrateiramente e casado numa cerimónia civil e mais nada. E, por fim, quando, para grande decepção dos dois, os filhos esperados não tinham aparecido, a família decidira que era tudo culpa dela. Fen percebia pelos olhares silenciosos por cima da mesa a diminuição brusca das alegres refeições familiares, que era o que eles pensavam e, quando acabara por ficar suficientemente preocupada para fazer um exame, descobrira, para seu horror, que eles tinham razão.

Visto que era um casamento civil, o divórcio foi fácil, mas deixou Fen com o coração partido e muito só. Estava sozinha no mundo. Outra vez.

Num impulso, apanhou o avião para a Califórnia, foi morar com uma velha amiga na sua pequena vinha no condado de Sonoma. A amiga chamava-se Millie e produzia um *chardonnay* que estava a ficar na moda como acontece com certos vinhos. Fen investiu as suas pequenas economias mais o dinheiro que lhe tinha sido atribuído nos seus dois divórcios (em ambos era parte inocente) e, em última análise, em termos financeiros foi a sua salvação. Foi aí também que, mais tarde, conheceu o terceiro marido. O americano.

Greg tinha trinta e oito anos, Fen vinte e sete. Vivia em São Francisco, numa pequena casa vitoriana de cor pastel no bairro Mission que estava a começar a tornar-se respeitável, mas que ainda tinha algumas arestas imperfeitas. Muito imperfeitas, preocupava-se Fen às vezes, para uma mulher que vivia sozinha. Mas também não viveu sozinha durante muito tempo.

Tinha um emprego em *part-time* na universidade ensinando a sua especialidade, a evolução da dança até à sua forma moderna e, ao mesmo tempo, oferecia os seus serviços gratuitos a uma instituição de caridade de auxílio a animais, quando recebeu o telefonema de um Herman Wright, advogado, a pedir-lhe para, por favor, se encontrar com ele. Era muito importante, disse-lhe e não, não podia discutir o assunto pelo telefone.

Oh, merda, recordava-se de pensar quando vestia a sua roupa mais respeitável, calças justas pretas (tinha boas pernas compridas), uma camisa macia de linho branco e uma camisola de caxemira *Hermès*, cor de laranja, um presente caro e muito antigo do marido número um quando ainda a cortejava. Empoou o nariz, passou um toque ousado de vermelho de carro de bombeiros sobre os lábios carnudos, um movimento rápido da escova no cabelo de um loiro-dourado. Lançou um último olhar ao espelho, a perguntar a si própria se estaria bastante respeitável para Herman Wright, advogado, e a sua mensagem secreta. Sorriu quando acenou um adeus ao espelho. Que se lixasse o advogado. Ninguém estava a processá-la. Talvez tivesse recebido alguma herança fabulosa de algum parente há muito perdido. Pois. Claro. Um beijo para o gato cor de gengibre chamado *Maurice* que odiava ser abandonado e pôs-se a caminho.

Não querendo ficar toda amachucada nos transportes públicos, embora, de facto, não se pudesse dar a esses luxos, apanhou um táxi. O escritório de Mr. Wright era imponente, três andares num bom edifício da baixa. Mr. Wright propriamente dito não era tão imponente, era baixo, quadrado e cor de gengibre como o gato. Mas o que lhe tinha a dizer era. Foi um choque completo, abalou-a até ao âmagô, mais do que qualquer outra coisa na sua vida inteira.

Foi o que lhe disse na altura.

– Mas eu sou demasiado nova!

Mr. Wright encolheu os ombros, alisou a gravata de seda floral, fitou-a com simpatia por cima da largura imensa da sua mesa de carvalho.

– Muitas mulheres já têm vários filhos com a sua idade, Mistress Dexter. – Fen tinha regressado ao seu próprio nome após o último divórcio. – Com certeza que não será muito difícil para uma mulher jovem e saudável como a senhora criar duas meninas.

– Mas não são as *minhas* meninas – exclamou, chocada. – Eu não tenho marido! Como puderam fazer-me isto!

O «isto» a que se referia e que lhe chegara como um raio caído do nada, não apenas um raio qualquer, mas tipo um *meteorito*, era que uma prima afastada de que Fen a princípio não se recordava, apesar de se terem encontrado uma vez, quando dançava em Paris (a prima e o marido tinham vindo aos bastidores, haviam-se apresentado, bebido uma taça de champanhe e depois sorrido ao despedirem-se...), tinha morrido num acidente de avião; sobrevoavam, num pequeno *Cessna*, uma área montanhosa e tinham sido apanhados numa corrente descendente letal. As duas filhas ainda se encontravam na sua casa em Manhattan.

– Claro que com as crianças virão os meios para as sustentar, haverá sem dúvida o suficiente para cuidar delas ao longo da infância e da faculdade.

– *Faculdade?* – De que estava ele a falar? *Ela* não andara na faculdade!

O advogado continuara:

– As duas meninas têm seis e quatro anos. Chamam-se Vivian e Jane Cecilia. Mistress Dexter, não é de mais salientar que elas não têm mais ninguém a quem recorrer. Sem a senhora, irão parar a famílias de acolhimento. Receio que sejam demasiado velhas para serem boas candidatas para adoção.

Recostou-se para trás a olhar para o seu rosto atordoado.

– Eu sei, eu sei – disse com suavidade. – É um grande choque e uma terrível responsabilidade, mas a sua prima mencionou-a especificamente no testamento, disse que era a sua única parente e, portanto, deixar-lhe-ia os seus bens mais preciosos, na esperança de que, caso fosse necessário, a senhora saberia o que fazer.

Fen não disse nada.

– Aqui estão as fotos. – Fez deslizar algumas fotos pela secretária.

Fen não pegou nelas. Fitou-as apenas, contemplou os dois jovens rostos das suas parentes distantes, uma de cabelo escuro, olhos glaciais, a pontapear a erva com um dedo do pé enfiado na sandália, sem vontade de sorrir para a câmara; a outra, um anjo loiro de olhos azuis a sorrir com todo o entusiasmo.

– Essa miúda nasceu para isto – percebeu que dizia.

E depois, de repente, começou a chorar, sentada ali no escritório elegante do advogado a olhar para as fotografias de duas crianças pequenas que não tinham ninguém. Eram tão inocentes. Ela também ficara sozinha a partir dos dezoito anos. Pensou que o que lhe estavam a pedir para fazer não era muito diferente do trabalho que desenvolvia com animais abandonados e

maltratados, vinha tudo da mesma fonte de amor.

– Eu podia amar estas meninas – disse por fim, pegando nas fotografias e colocando-as na mala. – Quando posso ficar com elas?

E foi assim que ela, Fen, abreviatura de Fenalla, um nome que sempre detestara, porque achava que parecia nome de *stripper*, se tornou «tia», nunca «mãe» das suas meninas. Que agora, depois de todo o processo de crescimento, delas e de Fen também, de todas as escolas e aulas de balé, doenças de infância, a terrível adolescência, secundário, faculdade, namorados, amantes, se tinham transformado numa família.

Vivi, a mais velha, tinha trinta anos, era médica nas urgências, em São Francisco. JC, vinte e oito anos, andava por aí em algum lugar, ainda a tentar tornar-se uma «estrela», a cantar em pequenos clubes e, na opinião de Fen, não chegando a lugar nenhum. Ambas as raparigas tinham as suas próprias vidas e Fen decidira deixá-las em paz. Possivelmente já interferira bastante ao longo dos anos.

Outra hora se passou antes de Fen sair por fim da cama e descer as escadas. O soalho de tábuas escuras da cozinha estava frio sob os seus pés descalços. Ia ser um dia fresco naquele dia. Pôs o café a fazer, como adorava aquele cheiro matinal a café, depois tomou um duche e arranjou-se com calças de ganga e uma camisola cinzenta de decote em V, sacudindo primeiro os pelos do cão. Voltou a verificar o tempo, também cinzento e com um vento frio fustigante de que não gostava. Nem o cão. Fen pensara em chamar-lhe *Hércules* porque ele era forte, um sobrevivente, mas *Hector* parecera adaptar-se-lhe melhor. E agora ali estavam eles, passados doze anos. Sozinhos, juntos.

Então o telefone tocou.

– Fen – ouviu Vivi dizer com premência –, preciso de falar contigo. Esta noite. Tenho uma coisa para te contar.

Fen reconheceu o tom de problemas, mas absteve-se de indagar, ao telefone, o que se estava a passar; guardaria as perguntas para mais tarde. Vivi era interna do terceiro ano no serviço de urgência de um hospital de São Francisco. Trabalhava longas horas seguidas e ela e Fen já não conseguiam estar muito uma com a outra. Agora, porém, Vivi disse que viria passar a noite. O que significava que era melhor Fen ir a Carmel comprar algumas provisões.

Vestiu o velho jaquetão de lã azul-escuro, impeliu *Hector* para a parte de trás do *Mini Cooper*, um feito extraordinário visto o cão pesar uns quarenta e cinco quilos. O cão em geral preferia espetar a cabeça para fora da janela e farejar a paisagem que passava, mas estava demasiado frio.

Há doze anos, Fen encontrara *Hector* abandonado no caminho para a casa. Quando vira o saco de papel castanho pensara, irritada, que alguém tinha sujado a sua propriedade. Saiu do carro com a intenção de pegar no saco de papel e desfazer-se dele como deve ser. Mas lá estava o minúsculo *Hector*, a fitá-la melancólico com os seus grandes olhos castanhos. Quer dizer, o que podia fazer?

Em Carmel teve sorte, um *Range Rover* saiu de uma vaga de estacionamento mesmo quando ela chegou, dando-lhe espaço de sobra. Chuviscava e Fen desejou não estar a usar as botas de camurça novas. Camurça e chuva não combinavam. Tinha-as calçado porque eram rasas e nunca conseguia andar nas ruas empedradas de Carmel de saltos. De facto, já houvera uma determinação legal em Carmel que decretava que só se poderiam usar sapatos rasos na aldeia, uma vez que havia tantos acidentes.

Ajudou *Hector* a sair do carro, correu a comprar um jornal e, depois, a pensar no jantar de Vivi, escolheu um pão estaladiço, um bom *Mancheço* curado e um queijo de cabra mole, bem como um pedaço de queijo parmesão para ralar por cima da salada. Duas garrafas do *pinot noir* de Napa de que gostava, sem contar, claro, com o par de caixas do *chardonnay* de Sonoma da amiga Millie. Ficou satisfeita quando conseguiu encontrar também os agradáveis biscoitos de passas e alecrim, que ligavam tão bem com o queijo.

Já fizera um *daube*, o seu estufado de carne de estilo francês (usava bife e bastante vinho tinto de boa qualidade e deixava-o estufar em lume brando durante várias horas, acrescentando cebolinhas pequenas e cenouras frescas quando as originais se tinham transformado em papa), há algumas semanas com a *Quinta* de Beethoven a estrondear na aparelhagem de som, abafando por completo o estampido das ondas nas rochas em baixo. Fizera tanta quantidade que tivera de o congelar em lotes separados, o que significava agora que, à noite, poderia descongelar uma parte e servir uma refeição espontânea, sem qualquer esforço.

No momento em que terminou as compras, a chuva caía forte. O vento sibilava nas suas costas quando empurrou *Hector* para dentro do carro, junto com as provisões e, quando saiu da estrada para o caminho de gravilha que

conduzia à *cottage*, já vergava os pinheiros de Monterey. Por baixo da casa, o Pacífico cinzento rugia sobre as rochas ainda mais alto do que o vento. Bem, mas agora estava em casa. Sã e salva.

Por volta das sete, a lareira estava acesa, o *daube* de vaca fervia em lume brando, a mesa da cozinha estava posta com as facas e garfos de cabos de plástico verde-azulados que Fen comprara no Leclerc, um hipermercado francês barato, e que ainda eram os seus preferidos. Escolhera os pratos com as gravuras de papagaios e os copos de vinho decentes. O pão estaladiço repousava numa tábua de madeira, os queijos a aquecerem à temperatura ambiente ao lado, enquanto a chuva se arremessava com violência e ferocidade contra as suas grandes janelas, que davam para o pequeno terraço com vista para o mar.

Na realidade, o tempo estava agora tão mau que Fen começou a ficar preocupada. Tentou telefonar a Vivi para o telemóvel para a aconselhar a voltar para trás, mas não conseguiu ligação. Foi espreitar pela janela; só conseguiu ver o seu próprio reflexo no negrume da noite. Colocou mais lenha na lareira, deslocando *Hector* com o dedo do pé e fazendo-o resmungar. *Hector* gostava do seu poiso quente. Na verdade, ela também; sentia-se satisfeita por não estar lá fora numa noite como aquela.

Inquieta, voltou ao quarto e inspecionou o seu aspeto no espelho comprido na porta do roupeiro: calças de ganga; as novas botas de camurça que lhe apertavam os dedos dos pés; a camisola cinzenta de decote em V que quase combinava com o seu cabelo prateado, cortado curto pelo queixo.

Para cinquenta e oito anos, não estava assim tão mal, embora não tão bem como teria gostado. Seriam rugas novas, ali, por cima do nariz? Não era para isso que servia o *Botox*? Tinha de perguntar à Dr.^a Vivi quando ela chegasse. Quer dizer, se Vivi alguma vez chegasse, o que Fen duvidava pela forma como o vento uivava agora. O vendaval tinha aumentado para furacão, ali no seu pequeno pedacinho de escarpa, com as ondas em ebulição nas rochas em baixo e chuva que se transformara num dilúvio.

Foi até à despensa procurar o candeeiro de petróleo, só para o caso de ser necessário, aparou o pavio, verificou o petróleo, levou-o para a sala de estar e pousou-o na mesinha de centro de vidro. Aumentou o volume do som para combater o rugido do vento e ficou ali sentada, a bebericar o vinho e a

escutar Beethoven muito alto, a cantar a plenos pulmões para abafar o matraquear da chuva nas janelas. Nunca fechava as cortinas, pois a vista do Pacífico, em toda a sua variação, com baleias cinzentas de passagem e golfinhos brincalhões, fora o que a trouxera para aquele lugar. Em busca de isolamento, tinha-o encontrado. E depois encontrara *Hector*. E, juntos, tinham encontrado «unicidade na solidão».

Naquela noite, porém, havia qualquer coisa enervante no poder da tempestade. A sua pura ferocidade abanava a pequena casa. As janelas vibravam, as vigas rangiam, as portas estremeciam nos gonzos. Até *Hector* parecia preocupado, a erguer a cabeça e a fitá-la, interrogativo, como se ela devesse parar aquilo ou algo do género.

– Gostaria de poder, *Hector* – disse, interpretando o olhar dele. Ela e *Hector* sabiam sempre o que o outro estava a pensar.

Pegou no telefone para ligar a Vivi, mas a linha estava muda. Claro; o telefone era sempre a primeira coisa a deixar de funcionar com o mau tempo. Tentou o telemóvel, mas não havia sinal. Agora não tinha forma de entrar em contacto com ninguém.

Franzindo a testa, recostou-se nas almofadas do sofá, na esperança de que Vivi tivesse tido o bom senso de voltar para trás. Com certeza, fosse o que fosse que precisasse com tanta urgência de falar com ela podia esperar até ao dia seguinte.

Terminou o vinho e acabara de se levantar para se servir de mais um pouco quando as luzes se apagaram. Tudo se desligou: a aparelhagem, o frigorífico, a televisão.

Fen estacou, com o copo ainda na mão. Havia uma espessura na escuridão, uma *textura* no silêncio repentino. Até o habitual zumbido quase impercetível dos eletrodomésticos desaparecera.

Sentiu *Hector*, levantado, a seu lado. Disse muito depressa, tranquilizando-se, bem como ao cão:

– Está tudo bem, *Hector*.

Recompôs-se, ligou o isqueiro e acendeu o candeeiro de petróleo, aliviada por ter pensado naquilo antes, porque agora com certeza que não seria capaz de o encontrar na despensa, no escuro. Acendeu as pequenas velas verdes na mesa da cozinha onde o jantar estava posto e depois deu a volta acendendo as velas votivas que tinha em casa, sobretudo como decoração, mas agora contente por poder contar também com a sua pequena luz.

Não podia fazer mais nada. Foi sentar-se com o cão em frente da lareira, reconhecida pelo seu brilho bruxuleante e agradecendo aos céus por não ser elétrica. O vento parecia ainda mais alto. Ou seria porque estava tão consciente do silêncio esmagador da casa? Aproximou-se outra vez da janela. A chuva escorria pelo vidro em torrentes.

Voltou a sentar-se perto da lareira. O cão pousou a cabeça no seu joelho, babou-se nas calças de ganga. Um toro de lenha escorregou na grelha. Fen até conseguia ouvir-se a beber o vinho do copo.

A batida repentina na porta fê-la saltar, com o coração a latejar-lhe na garganta. O vinho derramou-se sobre *Hector*. Com o pelo do pescoço eriçado, orelhas espetadas, o cão olhou na direção da porta da cozinha. Lá estava outra vez. Alguém a bater. *Claro que devia ser Vivi. Afinal tinha conseguido chegar.*

– Já vou – gritou Fen, afastando *Hector* do caminho, lutando contra o vento para conseguir abrir a porta.

Uma rajada arrancou-a da sua mão, fê-la bater contra a parede. A seu lado, o focinho de *Hector* arrepanhou-se numa rosnadela.

Estava um homem no seu alpendre. Tinha o cabelo escuro molhado colado ao crânio. Escorria-lhe sangue da testa. E, na mão, segurava uma faca.

*F*en imobilizou-se... um vazio na cabeça... nada de fluxos de adrenalina lutar-ou-fugir que a levassem a correr do perigo; ficou ali parada, com um grito entalado na garganta, depois a sua mente assumiu o controlo, dizendo-lhe que não havia vizinhos que a ouvissem mesmo que gritasse, que Hector não poderia protegê-la, tinha doze anos de idade e excesso de peso e, apesar de rosnar, o rabo abanava também como se, tal como ela, não soubesse bem o que se esperava dele. O que deveria fazer? Quando um homem a sangrar se encostava à sua porta na «noite escura e tempestuosa» dos contos tradicionais, a agarrar numa faca e a fitá-la profundamente nos olhos...

O sangue fluíu de novo nas veias de Fen. Pegou na maçaneta da porta e, lutando contra o vento, bateu-a no rosto dele. A tremer, virou-se e encostou-se contra a porta. Tinha de a trancar. As mãos tremiam-lhe. A chave não virava. Deu-lhe uma pancada com a palma da mão. Ofegou. Aquilo doía como tudo. Mas o homem ainda se encontrava do lado de fora da porta. E, oh, meu Deus. *Hector* também!

Hector estava em perigo... morreria se alguma coisa lhe acontecesse... se Hector atacasse, o homem esfaqueava-o... oh, Hector... Hector... tinha de chamar a polícia... mas como, não havia nenhuma ligação telefónica...

Abriu a porta. O homem ainda lá estava, encostado à parede, a mão na cabeça que sangrava.

– *Desapareça!* – gritou-lhe Fen. – *Saia daqui, a polícia vem a caminho...*
Hector – chamou o cão. – *Hector...*

– *Ajude-me* – disse o homem. – *Por favor.* – Passou por ela com rudeza e entrou na cozinha.

Fen comprimiu as costas contra a porta ainda aberta, vendo-o sentar-se na cadeira destinada a Vivi, à mesa bonita que pusera com os pratos do

papagaio, os copos de vinho decentes e as facas e garfos com os cabos verde-azulados.

Correu para a mesa, pegou numa faca... *se ele intentasse algum movimento esfaqueá-lo-ia. Seria possível apunhalar alguém com uma faca de mesa serrilhada? Não diziam que se devia atingir primeiro os olhos? Mas ele não estava a fazer nenhum movimento, estava ali sentado apenas, de cabeça baixa. Parecia estar a tentar recompor-se...*

Oh, Deus, ela estava sozinha ali, à exceção de Hector... afinal onde estava Hector, devia estar ali, a protegê-la...

A porta ainda estava aberta e uma rajada repentina varreu a cozinha. As velas apagaram-se. O candeeiro de petróleo tremulou e os toros de lenha cintilaram mais vermelhos na lareira.

Devia fugir... mas para onde iria? Não havia vizinhos... Oh, meu Deus... estava ali com um homem a sangrar, e com uma faca na mão, sentado à mesa da cozinha, a tempestade estava a dar cabo da sua casa, Hector tinha desaparecido e ela não sabia o que fazer...

O homem continuava sentado muito quieto, à mesa da cozinha, a cabeça ainda baixa, a faca ainda agarrada na mão esquerda. O sangue escorria de um corte na testa.

Esse corte seria o suficiente para o incapacitar? Afinal, ela poderia simplesmente fugir... esconder-se lá fora nas árvores? Esconder-se até quando? Quem viria procurá-la...?

Com a faca espetada diante de si como uma arma, Fen deu um passo nervoso em direção ao homem. Olhou-o fixamente; precisaria de uma descrição para a polícia mais tarde, quer dizer se sobrevivesse. Percebeu que tremia.

De repente, *Hector* correu outra vez para dentro de casa, trazendo consigo o cheiro do mar, da chuva e de cão molhado, para se misturar com o aroma ainda latente do *daube* de vaca esquecido.

Outra rajada fez cair e estilhaçar-se os copos de vinho. O tapete de um prateado pálido ergueu-se nos cantos e o lume saltou mais alto, fazendo Fen voltar a si. *A sua casa estava a ser destruída.* Correu para a porta e, empregando toda a sua força, fechou-a com um golpe. Deu meia volta. *Idiota! Eliminara a sua via de fuga, estava sozinha com o assassino da faca.*

Ele inclinou-se para a frente, colocou a cabeça entre as mãos. O sangue escorreu-lhe por entre os dedos.

– Tive de cortar o cinto de segurança para conseguir sair. – De súbito, o homem falou.

Fen olhou para ele, incrédula.

– Uma rajada de vento atirou com o meu carro para fora da estrada, eu não conseguia ver por causa da chuva, creio que devo ter batido numa árvore...

Ele estava a mentir...

– Que árvore? Que carro? Onde está?

– Uma árvore qualquer que está perto do seu caminho de gravilha.

– *De que marca é o seu carro?* – Estava a obter toda a informação para a polícia quando conseguisse contar a sua história...

– Um *Range Rover*. Preto.

Claro: os homens guiavam sempre carros pretos.

– Preciso de vê-lo.

Ele encolheu os ombros. O sangue gotejava-lhe pelo rosto.

– Se vai lá fora com este tempo é mais corajosa do que eu.

– Poderá ser preciso coragem só para ficar aqui.

– Lamento muito. – O homem fitou-a diretamente nos olhos. – Não me tinha apercebido do aspeto disto. Assustei-a.

Ela estava a andar devagar para trás para a porta, de olho nele... ele ainda poderia ser capaz de fazer algum movimento inesperado e rápido... ainda poderia matá-la...

– Vou verificar o seu carro – avisou, abrindo a porta e tropeçando no limiar quando *Hector* passou por ela como uma seta direito à noite mais escura que já vira.

Fen fitou aterrorizada toda aquela escuridão... nem uma luz, nem sequer uma estrela, e a chuva a cair, a *desabar* seria mais o termo. Já estava encharcada... Precisava de uma lanterna. Porque não pensara nisso antes? Lembrou-se que havia uma no seu carro que estava na garagem... tinha deixado a porta da garagem aberta. Correu para o *Mini*, tateou a lanterna no suporte do centro, onde guardava sempre as suas coisas... *lá estava ela... oh, meu Deus, oh, meu Deus, que barulho era aquele? Ele vinha atrás dela?* Não, era só o vento...

Como poderia sequer voltar para casa? Mas para onde *poderia* ir? Conseguiria sequer guiar naquela tempestade? Mas que parva que era, recordou-se que as chaves do carro se encontravam na pequena bandeja cisne de prata no aparador da cozinha. *Parva*, disse consigo própria, *sua porra de*

parva estúpida e idiota...

O feixe fino de luz da lanterna iluminava apenas um metro à sua frente e percorreu com dificuldade o caminho até à estrada, lutando contra o vento, escorregando e deslizando através de poças e gravilha.

Lá estava. O *Range Rover* preto. Com a parte dianteira ligada ao cipreste que plantara quando se mudara. «Para dar sorte», dissera, ou era o que os agricultores em França, onde vivera durante alguns anos, acreditavam. Estava-se mesmo a ver!

Lembrou-se que os condutores guardavam sempre o registo do carro no porta-luvas. Agora podia descobrir quem ele era. Não conseguiu abrir a porta do lado do condutor. Derrapando na lama, agarrada ao carro, deslizou até ao outro lado. A porta do lado do passageiro abriu com facilidade, espremeu-se lá para dentro, a pingar água, a arrastar lama e gravilha, baixou-se no assento do passageiro, abriu o porta-luvas. Vazio! Como poderia ser? Toda a gente devia ter o registo automóvel à mão para o caso de serem mandados parar por um polícia ou terem um acidente. Como este.

Um *Hector* molhado enfiou o focinho pela porta aberta. Lançou-lhe o seu melhor olhar melancólico de *que-estamos-aqui-fora-a-fazer-quando-podíamos-estar-junto-à-lareira*. *Hector* tinha razão, mas como poderia voltar? Lembrou-se que o homem dissera que tivera de cortar o cinto de segurança para conseguir sair. E lá estava ele, o cinto cortado, apanhado no feixe de luz da lanterna.

Ficou sentada durante um minuto, a pensar. Poderia confiar naquele desconhecido? Até agora, tudo o que ele lhe dissera correspondia à verdade. Era óbvio que o homem tivera um acidente e agora o sacana estava a sangrar em cima da sua cadeira boa. Estava ferido e, com toda a probabilidade, com dores.

Saiu do *Range Rover*, baixou a cabeça e arrastou-se de volta a casa através do dilúvio, o vento a empurrá-la para trás.

O homem estava sentado exatamente onde ela o deixara. Fechou a porta da cozinha e ficou ali, a pingar água, tal e qual como acontecera com ele.

Tinha razão, o sacana estava a sangrar em cima da sua cadeira! Foi buscar um pano da cozinha à gaveta, passou-o por baixo da torneira de água fria, espremeu-o, aproximou-se dele e comprimiu-o contra a sua testa. O homem gemeu, levantando os olhos para ela.

– Não se preocupe – disse. – Não sou um assassino do machado.

Lera-lhe os pensamentos. Fen respondeu:

– Então é melhor dar-me essa faca.

Ele baixou a cabeça, surpreendido por ver que ainda a apertava na mão, e depois virou-a para Fen poder pegar nela pelo cabo. Disse:

– Desculpe se a assustei.

– Não estou assustada – retorquiu Fen. – Bem, talvez esteja – acrescentou.

– Pois.

Limpou o sangue da cabeça com os dedos. Ela viu que ele precisava mesmo de ajuda.

– Brande – sugeriu Fen. – Talvez brande não seja bom quando se está em estado de choque – continuou a seguir, duvidosa.

– É o clássico.

Ergueu a cabeça para olhar para ela e Fen viu-o como deve ser pela primeira vez.

Era difícil adivinhar-lhe a idade com o sangue a formar crostas na testa e o cabelo tão molhado que poderia ser de qualquer cor. Era alto, mais de um metro e oitenta, estreito, vestia um blusão de motociclista de pele preta e calças de ganga. Tinha um aspeto... bem... bom. Os assassinos não deviam parecer uns monstros?

Fen serviu o brande, decidindo que era melhor beber também um. Ele não era a única pessoa em estado de choque; ela pensara que o seu fim chegara.

O homem engoliu o brande num longo gole, o que Fen achou uma pena, visto que era bom. Uma das meninas tinha-lho oferecido há uns dois natais. Pelo menos agora tinha vindo a calhar.

Sentia-se ensopada e a tremer de frio.

– Espere – disse-lhe, quase retomando a sua antiga maneira de ser. – Vou buscar o meu estojo de primeiros socorros para o limpar. Entretanto, tenho de mudar para qualquer coisa seca. E tirar-lhe esse blusão, está a estragar a minha cadeira.

Fen pensou ter ouvido o, esperemos que não, «assassino do machado» dizer «mandona» quando subiu as escadas e trocou rapidamente de roupa, vestindo umas calças velhas de *chenille* cinza e uma camisola cor de alface. Olhou para as suas botas. Camurça castanha por altura do joelho, pontiagudas, novas. E também cobertas de lama. Estragadas. Podia atribuir aquilo ao desconhecido. Talvez devesse colocá-lo na conta dele, tal como o custo dos cuidados médicos.

Apressou-se a ir buscar compressas de gaze esterilizadas, água oxigenada e pensos rápidos. *Pensos rápidos!* Estaria *louca*? O homem tinha ficado ferido num acidente automóvel e ela ia levar-lhe pensos rápidos! Podia ter um traumatismo craniano, ossos partidos, precisar de um hospital; *um médico...* ou... Oh, meu Deus, um médico. O que teria acontecido a Vivi?

A Dr.^a Vivian Dexter encontrava-se de serviço num dos serviços de urgência mais movimentados do país e não era uma noite calma. O SU do hospital de São Francisco tratava de tudo, desde overdoses a acidentes de viação, desde acidentes de trabalho a ferimentos de crimes. Cuidava de mais de cinquenta mil doentes por ano e, em geral, tinha macas amontoadas nos corredores, à espera. Além disso, o departamento de psiquiatria do serviço de urgência tratava de mais de sete mil doentes por ano. Era sempre ruidoso e a abarrotar de feridos e doentes mentais à espera de serem ajudados.

Vivi tentara telefonar à tia para lhe dizer que não ia arriscar fazer a viagem no meio daquela tempestade, mas sem sorte nenhuma. Agora estava preocupada porque sabia que também Fen estaria preocupada com *ela*. Não apenas isso, teria feito um jantar especial e estaria ansiosa pela sua companhia e também desejosa de saber o que precisava Vivi com tanta urgência de lhe contar. Vivi suspirou, cansada; as ligações telefónicas não funcionavam, todos os voos tinham sido cancelados, as estradas estavam uma calamidade e ela sentia-se exausta.

Vestia a mesma roupa de bloco operatório cor de vinho e a bata branca de médico que usara o dia inteiro com uma touca de plástico puxada por cima do comprido cabelo castanho, que por esta altura precisava mesmo de ser lavado. Os pés doíam nos tamancos brancos confortáveis e sentia-se pegajosa, com frio e a precisar de um duche. Estava de serviço há dez horas. Tinha bebido uma dúzia de chávenas de café aguado e desenhado, devorado duas barras de *Snickers*, apetecia-lhe uma terceira e, no intervalo, petiscara batatas fritas e a salada que alguém trouxera e que sabia a ervas daninhas velhas. Vendo bem as coisas, estava pronta para um martíni e para se deitar um bocado quando os homens da ambulância entraram a correr com uma jovem presa à maca.

Tinham telefonado há quinze minutos e a equipa das urgências estava à espera deles, tal como os polícias que se viam em segundo plano, a conferenciarem com premência e rostos sérios. Não se tratava de uma vítima vulgar de acidente. Era um possível assassinato.

Vivi enfiou um avental de vinil e apressou-se a examiná-la. Uma *provável* tentativa de assassinato, pensou enquanto faziam deslizar a jovem, com a cabeça estabilizada com amortecedores de espuma, de uma maca para a outra. Estivera no bosque durante talvez sete ou oito horas. O rosto apresentava a tonalidade esverdeada da morte. Poderia estar destinada à morgue e não à sala das urgências. Não havia identificação. Era simplesmente uma vítima anónima.

Vivi tomou-lhe o pulso. Palpitava de forma débil sob os seus dedos. Um milagre, visto que era óbvio que o ataque ocorrera há várias horas.

Um ferimento grave no pescoço, diziam os tipos da ambulância, os pulsos cortados também... Os polícias debruçavam-se sobre ela, a atrapalhar a sua equipa. Vivi resmungou para que se afastassem. Olhou melhor e deu um passo atrás, chocada. A garganta da rapariga tinha sido rasgada.

Fez de novo um gesto para que os polícias desaparecessem; este era o seu mundo; uma vida em perigo, uma vida quase a desaparecer, embora ela e a sua equipa trabalhassem para a salvar: epinefrina para dar uma abanadela ao coração, tubos inseridos para sangue e fármacos. Vivi reparou que a incisão era limpa, obviamente feita com uma faca muito afiada, destinada, sem dúvida, ao efeito, mas, de algum modo, o assassino tinha falhado a artéria carótida. A boca da jovem parecia ter sido fechada com alguma coisa; fita adesiva, calculava, mas a polícia devia ter levado isso. Seriam «provas». A jovem também tinha sido brutalmente violada.

Indignada, Vivi sabia, como todos ali sabiam, que era a quarta jovem a ser atacada daquela forma naquele ano. A diferença era que esta ainda não morrera e não morreria se dependesse dela. Ela e Deus. E os cirurgiões, que, de qualquer modo, pensavam que eram deuses.

Conseguiu apanhar um dos melhores ao telefone, mesmo quando ele se preparava para arrostar com o tempo e terminar a sua noite no hospital. A rapariga na maca foi levada, com todos os tubos e drenos, garrafas e sacos de plástico de sangue e plasma, fármacos e outra parafernália para o elevador, a caminho da cirurgia. Observando as portas a fecharem-se atrás dela, Vivi sabia que seria a última chance da rapariga.

Vivi quisera ser cirurgiã, estudara para isso durante um par de anos, antes de desistir. Na altura, não percebera exatamente porquê, mas agora, olhando para aquela jovem, compreendeu. Não tinha nervos para aquilo. O seu papel era ali, como médica das urgências. Era nisso que era boa.

Tirou o avental ensanguentado. Encostando-se, cansada, contra a parede, os braços cruzados, detetou o seu reflexo no vidro da porta. Trinta anos, um metro e sessenta e um pouco roliça devido a muitas refeições curtas apressadas; pele macilenta de fadiga e demasiadas chávenas de café; desalinhada na sua roupa de hospital agora manchada de sangue. Com o comprido cabelo castanho escondido debaixo da touca de plástico, parecia uma criada de copa do virar do século. E sentia-se como tal. Bem poderia ter andado a esfregar o chão, de gatas, durante o dia inteiro, exceto que, supunha, reconhecendo-se algum mérito, tinha ajudado algumas pessoas. Clientes. Doentes. Vítimas. Chamasse-lhes o que se quisesse, eram dela por um curto espaço de tempo e entregava-se-lhes por inteiro.

– Desculpe, senhora enfermeira?

Vivi desviou o olhar para ver quem a solicitava. O polícia era alto e de aspeto sólido, com pés grandes em botas grandes e uma expressão séria no rosto. Tinha olhos azuis e estava a precisar muito de fazer a barba.

– Desculpe, senhora enfermeira – disse de novo.

– *Doutora.*

Ele assentiu, ainda sério.

– Claro, queria dizer doutora.

– Claro que sim.

– Não tem mal nenhum ser enfermeira – observou ele.

– Não é preciso dizer-mo. – Estava respingona, sabia disso e não lhe apetecia mesmo nada falar com ele. Sentia-se demasiado cansada.

– Sou o inspetor Bradley Merlin.

Fitou-a na expectativa de uma resposta.

– Esqueça – retorquiu, estafada. – O meu turno terminou há mais de cinco horas. Estou cansada e vou para casa. Porque não fala com um dos outros, se faz favor?

– Porque preciso de falar consigo.

O rosto ainda estava sério, nem a ponta de um sorriso. Profissional. Como ela devia ser também, recordou-se Vivi.

– Duvido que ela consiga escapar – disse. Sentia-o de forma instintiva.

O inspetor Brad Merlin baixou a cabeça. Não era de choque. Conhecía a rotina, já ouvira aquelas palavras antes.

– Eu sei – respondeu. – Fui o primeiro a chegar à cena do crime.

– O homem era um louco – continuou Vivi. – Cortou-lhe os pulsos, violou-a e depois rasgou-lhe a garganta. Felizmente, não chegou à carótida. Porém, foi um corte limpo – acrescentou – com uma faca bem afiada. É preciso um bisturi para fazer um corte como aquele, de uma só vez, não retalhado, se está a ver o que quero dizer. Não sei como falhou a carótida.

– Estou a perceber.

Avaliando-o, Vivi pensou que talvez entendesse. Ora, ele era apenas um inspetor, afinal de contas estava a tentar fazer o seu trabalho. Tal como ela.

– Fale com o doutor Lobavitch, o cirurgião. Ele diz-lhe tudo o que precisa saber.

– Nem tudo – retorquiu o inspetor Merlin.

Vivi desenredou-se da sua posição inclinada contra a parede. Os joelhos tremiam de fadiga. Tal como as mãos.

– De que mais precisa? – perguntou, impaciente.

– Do seu número de telefone.

Vivi olhou para ele, abismada.

– Caramba, inspetor! – Tirou a touca de plástico e sacudiu o cabelo, libertando-o; estava pegajoso de suor como sabia que estaria. – Porque não vai resolver alguns crimes?!

– Tenho de ir passear o meu cão primeiro – clamou atrás dela quando ela se afastou, oscilando um pouco nos tamancos. – Podíamos passear os nossos cães juntos. Tomar uma bebida?

– Não tenho cão – respondeu Vivi, empurrando a porta para a abrir. – Tenho uma vida.

– Aposto que sim – replicou Brad Merlin. Acabara de a ver em ação e achava que ela era muito boa na sua vida.

N a casa de Fen, o desconhecido despira o blusão de motociclista e ainda estava sentado à mesa da cozinha, a examinar com atenção os pratos do papagaio, quando ela desceu, outra vez quente e seca com as suas calças de *chenille* cinzentas e a camisola cor de alfazema, trazendo gaze, pensos rápidos e o frasco de água oxigenada.

– Pratos bonitos – comentou o desconhecido, olhando para ela.

Tinha os olhos castanhos. O cabelo estava a secar e, à luz do candeeiro de petróleo e das velas, Fen percebeu que também era castanho-escuro. A parte da frente da *T-shirt* cor-de-rosa estava tão molhada como o casaco.

– Dispa isso – ordenou. – Vou buscar-lhe uma toalha, pode secar-se. Gosto de papagaios – acrescentou, referindo-se aos pratos. – Aves muito tagarelas. Uma parente minha teve um, há muitos anos. Chamava-se *Luchay*. Viveu mais de um século, acho eu.

– Não sabia que viviam assim tanto tempo.

Despiu a *T-shirt* e ficou ali sentado, seminu, parecendo não saber muito bem o que fazer a seguir. Parecia, decidiu Fen, completamente indefeso. Mas também sofrera uma pancada na cabeça no acidente de carro. Pelo menos fora isso que dissera que tinha acontecido. Seria verdade? Ou estaria a ser uma idiota? Outra vez! Pegou na *T-shirt* encharcada, segurando-a com dois dedos afastada de si, o que o fez rir.

– Porquê cor-de-rosa? – perguntou. Largou-a no lava-loiça, depois abriu a torneira e encheu uma pequena tigela de pirex.

– Porque não? Como você com os papagaios, gostei dela.

– Os homens não usam cor-de-rosa. Pelo menos no meu tempo não usavam.

Ele cruzou os braços, cobrindo com modéstia o peito nu.

– O seu tempo não foi assim há tantos anos.

Fen lançou-lhe um olhar, uma sobrancelha erguida. O que era aquilo, elogios? Deveria estar meio morto! A água derramou-se da tigela quando se encaminhou para ele. *Hector* arrastou-se atrás dela, lambendo o líquido derramado, depois sentou-se, de olhos fixos no desconhecido. Rosnidos baixos saíam-lhe da garganta.

– Ora, pergunto eu, porque estará *Hector* a fazer isso? – indagou Fen em voz alta. – Em geral, é um cão tão amigável. Espero que você não seja afinal um assassino do machado. Porque, se for, isso significaria que fui uma mulher muito idiota e tinha esperança de já ter superado essa tendência.

Mergulhou o pano na água e começou a limpar-lhe a testa. Conseguia agora ver o corte e era grave: uns cinco ou sete centímetros que desciam do couro cabeludo até acima da sobrancelha esquerda e, sem dúvida, suficientemente profundo para precisar de pontos.

O homem fechou os olhos enquanto tratava dele. Fen reparou que não tinha feito nenhum gesto para travar amizade com o cão. De facto, ignorara *Hector*, agindo como se o cão não estivesse ali. Talvez fosse por isso que *Hector* estava a fazer aqueles sons de rosnadela, para provar a sua presença, para impressionar, como os homens às vezes faziam com as mulheres. Fen sabia tudo sobre isso. Isto é, depois de três casamentos. Aprendia devagar.

– É casado? – perguntou.

Os olhos dele ainda se encontravam fechados.

– Pareço um homem casado?

Fen encolheu os ombros e a gaze molhada escorregou, fazendo-o estremecer.

– *Ups*, desculpe. Talvez. À luz das velas. Nunca se sabe... um tipo sozinho, a dirigir-se para um encontro urgente... provavelmente com uma mulher casada.

Ele riu-se outra vez, abrindo os olhos para olhar para ela.

– Porquê uma mulher casada?

– Porque são as mais fáceis. Enfastiadas, solitárias, parte da mobília poder-se-ia dizer. Um pouco de lisonja dá muito resultado... dizer-lhes que são muito atraentes, que se sentem atraídos por elas... – Fen encolheu os ombros.

– E já está.

As sobrancelhas dele ergueram-se num horror fingido.

– É uma cínica.

O corte começou a sangrar de novo.

– Não mexa assim as sobrancelhas – pediu Fen, embebendo outra vez a gaze na água oxigenada e pressionando-a com firmeza no ferimento. – Cínica não. Realista. E sei porque já passei por isso. Era uma dessas «mulheres casadas». Conhece aquele velho clichê: anzol, linha e chumbada. Era eu, a pescaria do dia.

– Caramba!

– Já está. – Chegou-se para trás. Franzindo a testa, inspecionou o seu trabalho. – Não parece muito bom. Precisa de um médico.

– Pena que não tenha um à mão.

– Quase tive. – Fen acenou com a mão para a mesa posta para o jantar. – A minha sobrinha médica devia ter vindo jantar esta noite. Pensei que era ela, quando bateu à porta.

– Em vez disso era eu.

– Claro que era você. E nem sequer sei o seu nome.

– Chamo-me Alex – respondeu ele.

– Fen – retorquiu ela.

Fitaram-se nos olhos. Uma faísca de entendimento perpassou entre eles.

– Não há apelidos. – Fen alisou a camisola cor de alfazema por cima das calças largas. – Vamos manter a coisa assim? Um segredo entre nós.

– Como um *rendez-vous*.

Ela riu-se.

– Há muito tempo que não tenho um desses. – Levou a taça até ao lava-loiça e esvaziou a água ensanguentada. – Porém, costumava gostar deles, desses encontros.

– Parece que já teve mais do que eu.

Fen encostou-se ao lava-loiça, de braços cruzados, uma perna comprida em *chenille* cinza cruzada sobre a outra no tornozelo.

– E talvez tenha tido. Sou mais velha do que você.

Hector aproximou-se e agitou-se aos pés de Fen. Lá fora o vento subiu outro decibel. Granizo sacudiu as janelas. O candeeiro de petróleo e as velas na mesa da sala de jantar tremularam.

– Ainda bem que há luz de velas para você não poder ver a verdade – disse com brusquidão. – É melhor pôr umas tiras de adesivo nessa ferida antes que comece a sangrar em cima da minha cadeira.

O homem fechou outra vez os olhos quando ela lhe aplicou três pensos rápidos na testa.

– Pronto. – Deu um passo atrás para o examinar. – Agora já parece um daqueles feridos que podem andar.

Ele empurrou a cadeira e esticou os braços por cima da cabeça. De repente nervosa de novo, Fen pensou que ele parecia muito nu, sem camisa, ali na sua pequena cozinha. As costelas destacavam-se como era suposto e uma penugem de pelos escuros atravessava-lhe o peito. Era muito atraente, este homem que salvara da noite escura e tempestuosa. Ancas magras, calças de ganga com a cintura descaída...

– É melhor arranjar-lhe uma camisola – disse.

O homem pegou no blusão de pele, enganchado nas costas da cadeira.

– Não se preocupe, visto o meu blusão. E depois vou-me embora.

– Não, não vai! Não no estado em que se encontra e com esta tempestade. Espere aqui.

Fen pegou numa vela de cima da mesa e foi ao quarto dos hóspedes, onde guardava uma coleção de camisolas para os amigos que, imaginando que iam usufruir das longas horas do sol da Califórnia, quase congelavam até à morte com o vento perverso do oceano.

Quando voltou, ele estava sentado no chão ao lado de *Hector*, que lhe permitia que coçasse aquele lugar especial atrás da orelha. O homem era um sedutor.

Deu-lhe a camisola. Cinzenta. Com STANFORD em letras vermelhas na parte de trás.

– Boa escola. – Fê-la deslizar, reconhecido, pela cabeça.

– Não a minha, receio.

Ele encaminhou-se para ela, pegou na vela e pousou-a de novo sobre a mesa.

– Qual foi a sua universidade então?

Fen teve de rir, ele assumira tão de repente uma posição de liderança.

– A tradicional universidade dos golpes duros da vida.

– Quero saber tudo sobre isso.

Ela mudou rapidamente de assunto.

– Que tal uma bebida?

Ele pensou naquilo.

– Está bem. Bebidas *primeiro*. Depois, a história da sua vida.

Fen passou uma mão distraída pelo cabelo.

– E o que gostaria de beber?

- Vejo que tem um vinho tinto aberto.
- Um bom *pinot noir*. Abri-o para Vivi.
- Visto que Vivi não está cá, que tal se o partilhássemos?

Pegou na garrafa e serviu vinho para os dois copos que ela dispusera sobre a mesa, depois virou-se e passou-lhe um deles.

– Um brinde a dois desconhecidos juntos... Como Bergman e Bogart em *Casablanca* a atravessarem juntos a tempestade. – Ergueu o copo para ela.

– Dois desconhecidos – repetiu Fen. Não conseguia lembrar-se muito bem, mas esperava que Bogart tivesse sido um bom rapaz.

Lá fora o vento bramia e o mar encapelava-se. Sorriu e bebeu um gole. De repente estava a divertir-se.

Vivi, por fim livre, encaminhava-se rapidamente para a garagem do hospital, como se, caso demorasse, a pudessem apanhar e tivesse de voltar outra vez ao trabalho, a reparar pessoas partidas. Não importava que *ela* própria estivesse partida. A vida continuava, não era? De alguma maneira?

O grande parque de estacionamento cheio de ecos encontrava-se quase vazio, apenas alguns carros dispersos. Premiu o botão para chamar o elevador, olhando em volta, nervosa, saltitando de um pé dorido para o outro, ainda com os tamancos brancos coçados com que tinha andado o dia inteiro. Mal podia esperar para os tirar, entrar na banheira, afundar-se até ao queixo e deixar as lágrimas misturarem-se com a água quente. Pelo menos esperava que a água estivesse quente. O seu apartamento ficava na cave de uma velha casa vitoriana de São Francisco e era sempre arriscado prever se a água ou o aquecimento estariam a funcionar ou até se o antigo fogão a gás iria explodir. Momentos havia, como este, em que Vivi desejava ter ficado com o estúdio bem equipado e com todos os confortos modernos mais perto do hospital, mas, como sempre, tinha sido influenciada pelo encanto, os gabletes pontiagudos e rendilhados e, claro, a beleza.

E momentos havia também, como numa noite como aquela, em que, ainda com a roupa de hospital que vestira há dez horas, ainda com a imagem da rapariga quase morta com a garganta cortada fresca na sua mente, ainda com o seu próprio desespero emocional recente com que lidar, Vivi desejava ter optado por um emprego das nove às cinco que lhe proporcionasse tempo livre definível. Desejou que a tempestade não estivesse ainda enfurecida lá fora e que o raio do elevador viesse. Premiu outra vez o botão, ouviu-o tinir algures em cima, bateu com os pés gelados.

Tirou o telemóvel e tentou Fen mais uma vez. Continuava a não haver

sinal. E a tia era a única pessoa que queria tão desesperadamente ver, com quem queria falar nessa noite.

Preocupava-se com ela, sozinha naquela pequena *cottage* na arribas do Pacífico, onde sabia que o oceano devia estar a bater encapelado e o vento a soprar forte o suficiente para poder lançar a casinha e respetiva dona pela borda fora. Desejou que Fen nunca se tivesse mudado para lá, já há doze anos. Desejou que Fen tivesse ficado com um apartamento ali na Bay Area, até em Marin County teria sido perfeito, mas Fen tinha-se apaixonado por Big Sur, pela casa, a vista e, muito importante, pelo isolamento. Basicamente, Vivi era muito parecida com Fen.

O elevador tinha retinido há uns dois minutos e ainda nenhum sinal de vir aí a ranger. Vivi carregou de novo no botão, mas, desta vez, não ouviu nenhum tinido em resposta. Teria de ir pelas escadas.

O parque de estacionamento estava silencioso e vazio; nenhuns outros trabalhadores com pressa para enfrentar a tempestade e chegar a casa para irem ter com as famílias ou, como ela, para um banho quente.

Hesitou. A escada parecia muito solitária, mas o elevador não estava mesmo a mexer-se... *e alguém vinha na escada... devagar... passos pesados...* O cabelo na parte de trás do pescoço de Vivi arrepiou-se, os braços de repente cheios de pele de galinha. Tentou com premência lembrar-se do que se devia fazer em lugares solitários como aquele... *espaços de violação* chamavam algumas pessoas a esses parques de estacionamento de vários andares; lembrou-se da lata de *spray* contra vespas na sua malinha, a versão do *spray* de autodefesa da mulher moderna... podia dar cabo dos olhos de um homem a dez metros...

– Ei, Vivi, ainda cá está?

Os joelhos de Vivi descontraíram-se. Estava a tremer. Era só o Dr. Sandowski.

– Oh, olá... ou melhor, boa noite – retorquiu, oferecendo-lhe um pequeno aceno aliviado. – Estou a caminho de casa.

Ralph Sandowski era uma espécie de colega, um psiquiatra de renome internacional que viajava pelo mundo, fazendo palestras sobre stresse pós-traumático, uma coisa que parecia ser mais complexa do que as pessoas sabiam. Pelo menos fora isso que Sandowski dissera a Vivi, notavelmente alegre, pensara ela, à frente de duas chávenas do líquido ralo a que chamavam café naquele hospital. Também dissera que às vezes lhe parecia

que a *maioria* das pessoas sofria de stresse pós-traumático de algum tipo.

Vivi tinha refletido naquela informação até que percebeu que não estava assim tão surpreendida. Ela própria sofria um pouco disso. Sobretudo agora. *Naquela noite*. Quando se encontrava num estado de desespero emocional. Durante um segundo, de pé ali no parque de estacionamento, a olhar para Ralph Sandowski, perguntou a si própria se ele poderia ajudá-la com os seus problemas.

Era um homem magro, alto, franzino, curvado, com o colarinho levantado contra o frio no seu casaco preto impermeável, cabelo escuro, óculos, de aros de tartaruga claros, que outra coisa poderia um bom psiquiatra usar? Na realidade, Ralph Sandowski era atraente. Vivi calculava que havia mulheres que se poriam na fila para conseguir um encontro com ele ou, pelo menos, uma consulta para desbobinarem os seus problemas e tê-lo a ele a dizer-lhes, oh, de forma tão suave, como lidarem com eles, ao mesmo tempo que lhes passava os lenços de papel.

– Saiu finalmente do seu turno? – perguntou Sandowski, acenando-lhe enquanto se dirigia para o próximo lanço de escadas.

– Finalmente – concordou ela. – Tive de tratar da nova rapariga «assassinada». Foi atacada há sete ou oito horas e ainda conseguiu safar-se. À justa. E não graças ao suposto assassino.

– Lamento ouvir isso – respondeu ele. – Hei. Apetece-lhe uma bebida?

– É o segundo homem a perguntar-me isso esta noite – observou, lembrando-se do inspetor Brad Merlin.

– Miúda popular – comentou ele.

Vivi riu-se, ainda que estivesse a recuperar dos nervos, os seus temores pareciam agora idiotas.

– Já fui «uma miúda» noutros tempos – retorquiu, com pesar. – Sabe, tipo ontem... ou algum tempo antes disso.

Ralph Sandowski tinha parado no topo dos degraus e estava a olhar para ela. Empurrou os aros de tartaruga escorregadios mais para cima, no nariz.

– Ainda é, se quer saber a minha opinião – afirmou, pensativo.

– É um bom homem, doutor Ralph. – Vivi desceu as escadas com ele, grata pela sua companhia. Lá estava o seu *Jeep*, enfim. – E obrigada pelo convite.

– Noutra ocasião, hein?

Sentiu-o a observá-la enquanto carregava na embraiagem, engatava a mudança, franzindo o sobrolho a pensar no pandemónio que fizera. Sorriu-

lhe quando partiu, satisfeita, no entanto, por ele lá ter estado.

O inspetor Brad Merlin saiu da esquadra da polícia mais ou menos à mesma hora que Vivi saiu do hospital. Como ela, encaminhou-se para o carro, embora o seu estivesse estacionado na rua e fosse uma carrinha *Ford 250*, cabina dupla, preta, claro, com um gancho de engate de aço na parte de trás para quando rebocava o seu pequeno barco até ao lago. Gostava de acampar, pescar, sentar-se à volta de uma fogueira improvisada a conversar com outros tipos e a comer, se tivessem sorte, um peixe grelhado que tivessem apanhado; se não, então bifes; qualquer coisa. Mas um homem precisava de tempo livre para essas atividades e, também como Vivi Dexter, Brad não tinha muito tempo desse género.

A cadela estava sentada no banco da frente, o nariz comprimido contra a janela. Uma caniche. Não miniatura, mas certamente pequena. E de uma espécie de cor-de-rosa enferrujado ainda por cima! Era a cadela da ex-mulher, que escolhera o nome, *Bitsy*. Quando a mulher fizera as malas e partira, há uns dois anos, *Bitsy*, desesperada, tinha ficado a observar à janela e, depois, lançara-se de uns nove metros atrás dela. Devastado, Brad sentira-se capaz de seguir a cadela. Mas, em vez disso, descera à rua e salvara-a.

A mulher disse-lhe que não o queria nem a *Bitsy* e, desfeito com a expressão magoada nos olhos da cadela, Brad ficara com ela. É claro que tivera de mudar o nome. Não podia andar pelo parque a chamar uma caniche com o nome de *Bitsy*. Recordara-se de uma história sobre o cão da escritora Dorothy Parker, um spaniel que, impaciente para se juntar aos convidados no terraço em baixo, tinha dado um salto semelhante de nove metros. Parker tinha chamado ao cão *Flyin' Fool*. Por isso *Bitsy* tinha-se tornado a *Flyin' Fool* de Brad.

Descobrira que os caniches eram inteligentes, treináveis, simpáticos e que não largavam pelo. Teria sido melhor se a cadela não tivesse aquela

tonalidade de rosa enferrujado, mas Brad mantinha-a com o pelo hirsuto e não tosquiado e aturava os sorrisos quando a passeava, o grande inspetor corpulento com a sua pequena cadela de aspeto afetado.

– Que se lixem, *Flyin'* – dizia alegremente. – Tu és dona da tua vida, eu sou dono da minha própria vida, e sabemos disso.

Deixou *Flyin'* sair do carro. A cadela deu umas voltas, farejando ali, agachando-se acolá, depois regressou e sentou-se ao lado dele com uma expressão de o-que-se-segue.

– Adivinha – disse Brad.

Partiram na direção do Veronica's Bar & Grill, um sítio antiquado com um bar de zinco estreito e curvo e uma parede de prateleiras de vidro abastecidas com qualquer bebida com que se pudesse sonhar e que ninguém bebia. Tinham também o uísque *Maker's Mark* que Brad preferia e a sua cerveja *Kirin* favorita tirada na hora. Os bancos corridos de costas altas estavam forrados de vinil vermelho estalado que, com toda a probabilidade, datava dos anos sessenta, tal como os candeeiros em globo que oscilavam por cima com a corrente de ar provocada pelo ar condicionado ou pelo calor, dependendo da época, e que lançavam por todo o lado um brilho laranja reconfortante, como uma espécie de pôr do sol agradável.

Porém, os banquinhos do bar eram novos e Brad içou-se para um deles na zona em que o bar curvava e de onde podia ver as duas extremidades da sala, sobretudo a porta. Quando se é polícia uma vez, é-se sempre polícia; queria saber quem entrava, quem saía e quem representava problemas. No entanto, os «problemas» não aconteciam muitas vezes no Veronica's, visto que era poiso habitual da brigada local e, além disso, Veronica, uma mulher grande com um peito grande e uma grande voz, governava o seu império com uma mão grande e forte. Ninguém lixava Veronica e escapava impune.

Naquela noite, vestia veludo preto, salpicado aqui e ali com uma lantejoula, tinha um fraquinho por um pouco de brilho. O decote abria-se num V profundo sobre seios que estavam levantados hidraulicamente para o céu de uma forma que Veronica acreditava ser *sexy* e sedutora. Brad sabia porque ela lho dissera.

O cabelo era encaracolado e platinado e toda a gente sabia que era uma peruca, mas ninguém se importava. Veronica era amiga de todos os homens e mulher de ninguém. Tinha pelo menos setenta anos e, como dizia, falando de lado pela boca delineada a vermelho, não parecia ter mais de cinquenta.

Era proprietária do bar Veronica's há quarenta anos e já nada a surpreendia. Vivia «em cima da loja» e controlava muito bem o negócio, servindo asas de frango fritas com molho e hambúrgueres (sem escolha de queijo, era o americano e tinha de se gostar). O lugar cheirava bem, de forma acolhedora, naquela noite fria e chuvosa, ao seu prato «especial», a sua sopa de galinha quente com *dumplings*. A mãe de Veronica fora judia.

Veronica gostava da aparência de Brad Merlin. Mas, por outro lado, as mulheres em geral gostavam. Ele tinha quarenta anos, um sólido metro e oitenta e cinco de meias, robusto, com um bocadinho de barriga e, apesar de uma dieta sobretudo de comida de plástico e álcool, ainda estava em forma. O cabelo escuro e espesso espetava-se e tinha vida própria. As sobrancelhas escuras cresciam a uma velocidade alarmante até que se enrolavam para os olhos e Veronica tinha de lhas cortar. Os olhos eram de um azul meio escuro, uma reversão genética a algum antepassado norueguês contara a Veronica, e o queixo, quando não barbeado, também tinha um tom azulado, igualmente uma reversão genética a algum antepassado irlandês, também dissera. Tinha os pés grandes de um polícia.

Não se podia dizer que Brad fosse bonito, mas era definitivamente atrativo para as mulheres. Porém, Veronica sabia que tinha existido apenas uma mulher para ele: a esposa. Ela deixara-o por outro homem que, explicara Brad, com o coração partido e ainda no auge do sofrimento da separação, tinha um horário mais sociável, um carro mais caro e podia pagar férias na Europa. Ele e *Flyin'* (na altura ainda *Bitsy*) haviam sido postos na rua e Veronica sabia que ainda doía.

Brad morava sozinho numa pequena casa que fora outrora um estábulo, depois uma garagem que quase se degradara até ele investir o seu tempo livre e o que restava do seu dinheiro a arranjá-la e a transformá-la na sua casa. Era pequena, mas tinha a sua música, os seus livros, a sua máquina de café e o seu cão. «O que mais», perguntara a Veronica, «pode um homem desejar?» Ela poderia ter-lho dito, mas não o fez.

– Como vais, Mago? – perguntou agora, metendo a mão debaixo do balcão para o biscoito de cão, que guardava para os seus clientes donos de cães, e atirando-o a *Flyin'*. Veronica sempre chamara «Mago» a Brad por causa do seu nome. Na mitologia, «Merlin» era o mago na corte do rei Artur e dos seus cavaleiros da Távola Redonda. – O que vai ser?

Estava a perguntar o que Brad queria comer, não o que queria beber. O *shot*

de *Maker's Mark* já se encontrava em cima do balcão e *Flyin'* já estava a mastigar o seu biscoito, fazendo migalhas no chão.

– A sopa, por favor, Veronica – respondeu Brad. – E como estás nesta noite horrível quando nem homens nem animais deviam andar lá fora?

– Eu estou bem, mas não sou eu que anda «lá fora». Tu é que andas.

– Tive de passear a cadela.

Veronica examinou a cadela de um rosa-pêssego, sentada, com as patas dispostas com elegância, a olhar para ela, à espera de um segundo biscoito.

– Não podes pintar a coitadinha de preto? – perguntou, tirando a cerveja *Kirin* e certificando-se que tinha uma boa camada de espuma, como ele gostava.

Brad encolheu os ombros.

– Foi dessa maneira que veio, é dessa maneira que vai ficar. – Ouviu a porta e virou-se vendo o seu colega, Jerusalem Guterrez, entrar.

Guterrez era mexicano-siciliano, um homem de família, com quatro filhos para pôr na universidade algum dia, uma mulher que o adorava e uma sogra infernal. Era baixo e magro, com pele da cor de trigo seco e os dentes mais brancos reconhecidos apenas por um dentista daltónico. Brad afirmava que Guterrez nunca poderia trabalhar disfarçado porque os criminosos viam o brilho dos seus dentes e punham-se logo a andar. Tal como Brad, tinha a sua pistola *Sig Sauer* no coldre debaixo do casaco.

Veronica já tinha a dose dupla de *tequila Patron Silver* no bar antes de Guterrez lá ter chegado.

– Então quem vai conduzir esta noite, afinal? – perguntou ela.

Brad acenou na direção de Guterrez; Guterrez apontou o polegar para ele. Ambos sorriram.

– *Flyin'* e eu vamos a pé – disse Brad. – É o que fazemos sempre depois de uma noite aqui.

– Eu vou contigo.

Guterrez içou-se para um banquinho ao lado de Brad. Tirou o casaco, que estava encharcado, e pendurou-o na cadeira próxima.

– Estás a estragar as minhas cadeiras – queixou-se Veronica.

– Pensa só que tens sorte em ter clientes numa noite como esta.

– Não deveriam estar *lá fora* – disse Veronica, piscando o olho para Brad.

Guterrez pareceu confundido e Brad sorriu.

– Uma alusão literária, meu amigo – explicou. Ergueu o copo, esvaziou-o e

depois fez uma careta. – Porque gosto desta coisa? O meu pai costumava dar-me um gole pequeno de uísque quando eu era criança e tinha um resfriado no peito. Dizia que iria curá-lo.

– E curava? – Jerusalem Guitierrez, conhecido por todos como Jerry, emborcou o copo de *tequila* com prazer e nada de disparates de sal e lima.

– Acho que não, mas ele devia pensar que sim. *Vicks* teria sido melhor possivelmente.

Veronica polia os copos com um pano branco imaculadamente limpo.

– Então, o que te apetece hoje? – perguntou a Jerry.

– Creio que o mesmo que ele. A sopa de galinha.

– Não há nada melhor numa noite como esta.

Veronica acenou para a rapariga que servia na outra ponta do bar. Era uma jovem cheia de vida de faces rosadas e cara fresca. O cabelo castanho comprido estava apanhado atrás num rabo-de-cavalo, era roliça e cheia de energia. Eles nunca a tinham visto antes e dirigiram-lhe um sorriso.

– Olá. – Ela sorriu em resposta.

– Kim é nova – explicou Veronica. – Estes tipos são clientes regulares – disse a Kim. – Trata-os como se fossem realeza.

Kim riu-se e fez uma reverência fingida.

– Então o que quer a realeza, senhores?

– Duas sopas de galinha com *dumplings* – respondeu Brad. – Por favor, Kim.

– Boa escolha.

Sorriu-lhes outra vez e dirigiu-se para trás do bar onde eles calculavam que ficasse a cozinha, embora ninguém que conhecessem tivesse de facto alguma vez visto a cozinha de Veronica. Tanto quanto sabiam, poderia ser algum buraco infernal atolado de fuligem. O que importava era que a comida saía quente e sabia bem. Ninguém queria saber de mais nada e, de qualquer modo, a julgar pelo estado recém-lavado do pano com que Veronica limpava os copos, não havia perigo de sujidade nas instalações traseiras.

A porta abriu-se de novo e um casal entrou numa rajada de vento. Kim foi ter com eles com o menu de uma folha só. Eles conversaram por um minuto ou dois, fizeram um pedido, depois ela voltou ao bar e regressou com uma cerveja.

– Mais sopa de galinha – disse para Veronica quando atravessou a porta para a cozinha.

– Bem podia cancelar tudo o resto – comentou Veronica. – Esta é uma noite de sopa de galinha como nunca houve outra igual.

Brad riu-se e voltou a sua atenção para Jerry Guitierrez.

Jerry fora o primeiro a acercar-se da cena do crime. Quando Brad chegou, ele estava de pé a meio da tempestade a interiorizar o horror que, por mais experientes que fossem, nunca deixava de os pôr doentes. O carro de bombeiros com os paramédicos chegara quase ao mesmo tempo e descobrira que ela ainda estava viva. Por pouco. Levaram-na para as urgências do hospital. Toda a gente fizera o seu melhor, incluindo, Brad tinha a certeza, a Dr.^a Vivian Dexter. A sua equipa ainda estava lá fora à chuva, a passar busca aos bosques, inutilmente apostaria, à procura de qualquer prova. O assassino sabia o que fazia. Já o tinha feito antes. Desta vez, porém, falhara o seu alvo.

Jerry tinha ido à esquadra entregar o relatório enquanto Brad passava no hospital para saber notícias do estado da jovem.

– Então já tens o último relatório sobre a vítima número quatro? – perguntou Jerry agora.

Brad odiava que a rapariga fosse apenas rotulada de «vítima». Era filha de alguém; namorada de alguém; alguém se preocupava com ela.

– Fiz mais que isso – retorquiu. – Vi-a outra vez. Ainda está viva. Mas pouco.

Jerry voltou-se para ele.

– Caramba.

Brad encolheu os ombros.

– Não fiques otimista, ela não estava viva o suficiente para nos dizer quem tentou matá-la.

– O filho da puta usou fita adesiva desta vez para garantir que ficava colado na chuva e tudo isso. A mesma mensagem de antes – disse Jerry.

– Só gostava de saber *quem* é que ele não quer que saiba? Quem é tão importante para ele que não quer que as suas vítimas contem.

– Qualquer psiquiatra diria que é a mãe. É sempre, com esses malucos. De qualquer forma, ouvi dizer que têm um dos melhores psiquiatras lá no hospital. Porque não lhe perguntas?

– Ao doutor Sandowski, queres tu dizer?

– Pois.

A sopa chegou e, com fome, eles engoliram-na à colher, cortando pedaços da baguete que a acompanhava.

– Falei com a médica das urgências, chama-se Vivian Dexter.

– A doutora Vivian. – Jerry encontrara-a várias vezes no serviço de urgência.

– Fiz uma coisa errada – acrescentou Brad, olhando para Jerry. – Não sei o que me deu, pedi-lhe o número de telefone.

– Caramba! Num momento como aquele...

– Percebi que ela estava perturbada, cansada, exausta de facto e, com toda a probabilidade, tão chocada como eu. Pensei que precisávamos partilhar os nossos sentimentos, com uma bebida.

Brad refletiu durante uns momentos e depois acrescentou:

– Foi o nome dela que desencadeou aquilo... Quero dizer, ela estava com um aspeto infernal, mas é boa no que faz, interessada, preocupada. E, de qualquer modo, o nome dela e o meu, sabes, quase que coincidiam.

– De que diabo estás a falar? – Jerry atirou um pedaço de galinha a *Flyin*, que o apanhou com delicadeza entre os dentes, o colocou no chão e depois o devorou.

– Vivian era a namorada do mago Merlin – explicou Brad. – Na mitologia – acrescentou quando Jerry o fitou sem expressão. – Sabes, foi tipo uma ligação estranha.

– Podes apostar que é estranho. O que se passa contigo? Estás a ficar maluco? Devias pedir qualquer coisa para a cadela comer, está a morrer de fome. E deixa as jovens médicas em paz, precisamos delas para coisas melhores do que inspetores mitológicos desastrados.

– Fala por ti – retorquiu Brad com um sorriso.

Ainda estava a pensar na Dr.^a Vivian Dexter quando voltou para casa a pé com a sua cadela pelas ruas lavadas pela chuva, uma hora depois. Brad era um solitário, um homem que vivia para o seu trabalho. Não estava à procura de envolvimento emocional. Disse consigo próprio que só admirava a Dr.^a Vivian, era tudo.

Em Big Sur, Fen ainda estava de olho no desconhecido chamado Alex que pensara poder ser um assassino. Talvez fosse e estivesse apenas a agir de forma agradável. Perguntou a si mesma, em voz alta, se não estaria a ser uma idiota.

Por esta altura, estavam os dois de pé em frente da lareira com os seus copos de vinho. Ele vestia a camisola Stanford cinzenta e as calças de ganga ainda molhadas. Ela calçara um velho par de botas pretas de salto alto, que estavam mesmo a apertar-lhe os dedos dos pés, mas que faziam com que as calças cinzentas largas de *chenille* tivessem melhor aspeto. Podia estar na casa dos cinquenta, mas Fen nunca perderia o hábito de tentar parecer o seu melhor diante de um homem.

Ele percebeu a sua expressão ansiosa. Disse:

– Escute, sinto muito tê-la assustado. Viu o meu carro ligado à sua árvore. Foi um acidente, prometo que sou um bom rapaz. – Sorriu. – Ou, pelo menos, razoavelmente bom.

Fen devolveu-lhe o sorriso. O cabelo dele tinha secado e ela viu que crescia com pujança para trás a partir de uma testa que já apresentava algumas linhas horizontais, por isso calculou que ele talvez tivesse cerca de quarenta anos. Os olhos também tinham rugas em redor. Castanhos, como reparara anteriormente, e não cintilantes e a pestanejar graças a Deus. Não suportava os homens que pestanejavam. Um queixo esguio; sempre gostara de rostos esguios, emprestavam carácter a um homem. Lábios um pouco estreitos, mas dentes bons. Era óbvio que a mãe o levara a um bom ortodontista quando era pequeno.

Era também um pouco para o magro, mas, tudo considerado, era um tipo atraente. Pensou que poderia dar muito bem para Vivi, se ela não estivesse envolvida com aquele infeliz tipo francês que Fen sempre soubera que era um

safado, apesar de nunca o ter dito a Vivi, que, tanto quanto sabia, ainda estava toda radiante de amor. Menina idiota. O amor não tinha valor hoje em dia. Na realidade, sempre tinha sido assim.

– O que está a pensar? – perguntou o desconhecido que se chamava Alex.

Ela afundou-se no sofá, a embalar o copo de vinho, e ele veio sentar-se em frente.

– Estou a pensar na minha sobrinha. Adotei-a quando era pequena.

– A médica? A que vinha cá esta noite?

– Ela e a irmã. Vivi tem trinta anos, a outra tem vinte e oito e ainda anda a tentar tornar-se uma cantora *rock... pop*, o que queira chamar-lhe... e não o consegue. Na minha opinião, nunca conseguirá.

Ele recostou-se nas almofadas, parecendo interessado.

– E os pais verdadeiros?

Fen suspirou.

– Morreram num acidente de avião. Eu própria tinha apenas vinte e oito anos. Era eu ou famílias de acolhimento, por isso claro que as acolhi, criei-as, assegurei-me que tivessem uma boa educação. Às vezes, penso que fui demasiado rígida, mais do que a própria mãe, mas tinha responsabilidades.

– E o pai adotivo?

– Refere-se ao *meu* marido?

– Deve ter havido um *marido*?

Fen decidiu mudar de assunto.

– Deve estar a morrer de fome.

Lançou uma olhadela ao relógio da cozinha, um disco cromado com um gato *Felix* preto brilhante refastelado em cima. Escolhera-o nalguma venda de garagem e adorava-o. Vivi deveria ter chegado há que horas.

– Isso não é justo, você mudou de assunto – dizia o desconhecido. – Prometeu que ia contar a história da sua vida depois de começarmos as nossas bebidas.

– Uma mulher pode mudar de ideias.

Foi até ao fogão e aumentou o bico do *daube*, mergulhando uma colher para provar. De repente, sentiu-o ao seu lado. Recuou, assustada.

Ele ergueu uma mão.

– Parece que só consigo assustá-la imenso, quando tudo o que queria era ver o que estava a cozinhar.

– Está *mesmo* a assustar-me. Porque não pode simplesmente ficar onde eu o

pus?

– Já sabia que era mandona – retorquiu ele.

Fen começou a rir-se.

– *Agora* parece um marido e tem razão. Eu sou mandona. Sempre fui. É porque sei sempre o que é melhor. Passe-me os pratos, se faz favor, os da mesa.

Ele foi buscar os pratos do papagaio, passou-lhos. Ela serviu o estufado de vaca e ele voltou a levar os pratos para a mesa.

Fen assumiu o seu lugar habitual, de frente para a porta. Ele sentou-se diante dela. As velas tremeluziam entre eles e o vento sacudia a janela. Fen cortou o pão estaladiço, empurrou a tábua para ele. Ele tirou um pedaço.

– Bom para molhar no molho – explicou ela. – Ataque e não se atreva a dizer-me que não gosta, é a minha especialidade e o prato favorito de Vivi.

Ainda estava preocupada com Vivi. Voltou a olhar para o relógio.

– Meu Deus, o que lhe teria acontecido? – perguntou em voz alta.

– Provavelmente, não conseguiu telefonar-lhe e decidiu, de forma muito sensata, não fazer a viagem. Está com certeza em casa, ainda a tentar ligar-lhe, a comer qualquer coisa e a beber um copo de vinho, tal como nós.

– Vivi é mais uma rapariga de martínis. – Fen suspirou, sentia a falta das sobrinhas. – E aposto que ainda está no trabalho, a ajudar quem precisa.

– Uma verdadeira Florence Nightingale. – Ele lançou-lhe um sorriso traquina.

– Mencionei esse nome a alguém no outro dia, um jovem, quinze anos mais ou menos. Sabe qual foi a resposta dele? «Quem é Florence Nightingale?» – Revirou os olhos. – Florence Nightingale foi antes do *meu* tempo, mas sei história. Ora é assim que se percebe que estamos a ficar velhas.

– Não, não é – retorquiu ele, atacando o seu *daube* de vaca com todos os indícios de prazer. – Não é *você* a ficar mais velha. É a ignorância *deles*.

Levantou-se e serviu mais vinho. Pondo-se à vontade, como se estivesse em sua casa, pensou Fen, sentindo alguma satisfação com isso. Raios, tinha de admitir que estava a divertir-se. Jantar com aquele desconhecido não era nada mau!

– Então? – Ele recostou-se para trás na cadeira, a que tinha ainda o seu blusão de motociclista.

O sorriso dele era encantador, parecia iluminar-lhe o rosto. Fen cortou outro pedaço de pão, afastou o prato vazio, cortou uma fatia do *Manchego*...

oh, Deus, tinha esquecido a salada e o queijo parmesão... demasiado tarde para se preocupar agora.

Deu uma dentada no queijo, bebeu um gole de vinho tinto e fitou o seu convidado nos olhos.

– Está bem. Então, eu era dançarina – contou. – Em Paris.

Cruzaram olhares, demorados. Ele ergueu o copo para ela.

– Aposto que sempre foi uma beldade – disse.

E, para Fen, a luz pareceu tremeluzir e o vento parar o seu gemido e havia apenas o bater do seu coração.

O apartamento de Vivi na velha casa vitoriana era demasiado longe do hospital para ser conveniente. Nem sequer tinha vista para a ponte Golden Gate e nem sequer conseguia ouvir os famosos leões marinhos a latir como loucos durante a noite. Era na cave e tinha ficado com ele por dois motivos: o primeiro porque se apaixonara por ele; o segundo porque ficava numa rua sossegada e tinha um pequeno jardim onde, numa onda de entusiasmo, planeava plantar salsa, manjerição e alecrim, pensando que até poderia cozinhar. O facto de não ter tempo para cozinhar nem jeito para plantas, significava que o jardim era agora uma confusão de ervas daninhas e lama. Além disso, não havia estacionamento e andava sempre à procura de um lugar na rua, como agora, a meio do que devia ser a noite mais tempestuosa do século.

Encontrou por fim um lugar para estacionar. Ao descer o pequeno lanço de degraus de pedra que levava à pequena entrada da cave, que se tinha transformado numa piscina, e, ao abrir a porta da frente, sentiu pena de si. Fen dissera-lhe que era louca se ficasse com esta casa, mas ela andava atrás do seu sonho. Estava apaixonada e a planear partilhar o seu pequeno *pied-à-terre* com o francês, François. O seu amante. O seu noivo.

Já não, porém. No dia anterior, o noivo tinha desistido de ser noivo. Precisava da sua liberdade durante mais algum tempo, dissera-lhe. Numa *mensagem*, por amor de Deus. François não falava inglês, por isso em vez de telefonemas geralmente mandava mensagens a Vivi em francês, que a aplicação do *iPhone* de Vivi traduzia para inglês. Ela respondia-lhe em inglês e a aplicação dele, em seguida, traduzia para francês. Fen dizia que era o namoro mais moderno de que já ouvira falar.

Tinham-se conhecido por acaso, *par hasard*, como François dizia, esbarrado um com o outro em Fisherman's Wharf. Fora num dia ameno e

cheio de sol há apenas seis meses, quando Vivi tivera um fim de semana inteiro de folga. Tinha trinta anos e esforçara-se muito durante toda a faculdade de medicina e depois como interna; agora era médica no serviço de urgência e ainda trabalhava muito. Tinha havido outros homens na sua vida; um colega estudante de medicina durante quatro anos; um par de «amizades» de curto prazo, mas o «amor» não fazia atualmente parte da sua vida dedicada e muito ocupada. Só que ela amava *o que* fazia.

Tinha uma pequena vida social, quando havia tempo: ia a festas quando era convidada, calçava saltos altos e envergava o seu único vestidinho preto e o pequeno broche de diamantes que a tia lhe dera quando se formara pela Johns Hopkins. Pensara em apaixonar-se, tentara um par de vezes e falhara, mas sentira-se desesperadamente sozinha. Até François.

No dia em que se conheceram, Vivi tivera oportunidade de se aperaltar; fora cortar e arranjar o cabelo nessa manhã e caía-lhe com suavidade sobre os ombros, com algumas madeixas a brilhar. Usava brilho para os lábios e um verdadeiro vestido de verão em vez do «uniforme» do hospital. Estava também a comer camarões minúsculos de um cone de papel, mergulhando-os em molho tártaro, e foi por essa razão que não viu o homem que caminhava apressadamente na sua direção. E ele não a viu, porque estava a meio do que parecia ser uma discussão estrangeira e violenta ao telemóvel, caminhando a passos largos e gesticulando, descontrolado. Chocaram; os camarões dela saíram a voar; a camisa dele ficou coberta de molho tártaro.

– *Merde* – sibilou ele, fitando-a furioso. Lançou-lhe um segundo olhar, deu um passo atrás, lançou-lhe outro olhar. Depois sorriu. – *Pardon, mademoiselle. Je m’excuse, c’était ma faute, évidemment c’était moi.*

E fora assim que começara.

– Um *coup de foudre* – sussurrara-lhe ele ao ouvido uma hora depois.

Vivi telefonou logo para Fen que, claro, falava francês.

– Uma pergunta rápida – disse quando Fen atendeu. – O que quer dizer *coup de foudre*?

– Amor à primeira vista. E *quem* exatamente, posso perguntar, está a dizer-te isso? E em que circunstâncias? – Fen era uma leoa quando se tratava das suas meninas.

– Um francês que acabei de conhecer. Está aqui, sentado ao meu lado, estamos no Starbucks a tomar café...

– *Hum*, estão a tomar café no Starbucks, acabaram de se conhecer e ele está

a dizer que é amor à primeira vista? É mais provável que seja sexo que esteja na cabeça desse francês, podes ter a certeza.

– Obrigada, Fen – dissera Vivi, interrompendo a ligação.

Virara-se e sorria radiante para o seu novo conhecido. O «romance» arrancara a partir dali.

As mensagens tinham voado para a frente e para trás entre eles. François era um par de anos mais novo e estudava economia, pós-graduação, em Berkley. Queria casar com ela, deu-lhe um pequeno anel de safira. Ela levou-o a conhecer Fen, que se mostrou fria e só falou inglês com ele. Era tão óbvio que não aprovava que, aterrorizados, François e Vivi tinham dormido em camas separadas no quarto de hóspedes, as mãos cruzadas sobre o peito, castos como um cavaleiro e a sua dama num túmulo, com medo de fazer qualquer movimento, muito menos expressar uma queixa.

– Não gosto dele – foi o único comentário de Fen quando partiram na manhã seguinte.

Vivi perguntou porquê, mas ela só respondera:

– Acredita em mim, vais descobrir.

Vivi tinha alugado o novo apartamento para que o noivo pudesse ficar com ela quando estivesse livre. Depois ele mandara uma mensagem, em francês é claro, há apenas um par de noites: «Preciso da minha liberdade por mais tempo.» Ao ler a tradução, o coração de Vivi caíra-lhe aos pés. «Por favor, não, François...», escrevera em resposta, *suplicara*, humilhando-se a si própria. Ele nem sequer respondera e Vivi mandara-lhe de volta o anel de safira, por FedEx. Era o fim.

Vivi queria falar com a tia sobre a separação demolidora. Tinha o coração partido. Precisava dos seus conselhos, do seu ombro amigo. Fen dava sempre apoio quando se precisava dela, sempre fora assim.

No trabalho, Vivi era a jovem médica forte e experiente, que sabia o que estava a fazer e o fazia bem. Em casa, era uma jovem solitária.

Agora, no seu pequeno apartamento na cave, Vivi acendeu as luzes e fechou as cortinas de linho creme. Despiu a roupa do hospital e encaminhou-se para a casa de banho. Era pequena, claro, com uma luz demasiado brilhante sobre um lavatório tão minúsculo, que não havia espaço nenhum para colocar as suas coisas, e uma velha banheira de pés em garra, completa

com manchas de ferrugem e tudo. Ainda assim, era maravilhoso descansar lá dentro, depois de a encher, porque a pressão da água estava definitivamente lenta.

Abriu as torneiras, despejou um pouco de gel de banho *Kiehl's* que cheirava, delicioso, a lavanda, envolveu-se num roupão azul quente, um presente de Natal da tia há uns anos.

Foi até ao armário que fazia as vezes de cozinha e ligou a chaleira. Uma chávena de chá, *Twining Brit* descafeinado era o que uma rapariga (uma *mulher*, atraente, chamara-lhe o Dr. Ralph naquela noite), bem, era o que *esta rapariga* precisava agora. Além disso, já consumira cafeína suficiente nas vinte e quatro horas anteriores que lhe desse para as próximas vinte e quatro. O que precisava mesmo era de dormir.

Pegou no telefone e foi verificar a banheira a encher-se devagar. Erguendo o rosto para o vapor, ligou mais uma vez a Fen. Continuava a não haver ligação.

Preparou o chá, pousou a caneca e o telefone num banquinho ao lado da banheira, despiu o roupão e entrou. Recostou-se nas bolhas e deixou o cabelo castanho comprido flutuar em volta dos ombros. O calor deslizava, mitigador, sobre a sua pele. Perguntou a si própria se deveria ter bebido um martíni em vez do chá, mas não gostava de beber sozinha. Talvez, afinal, devesse ter partilhado um martíni com o Dr. Ralph? Ou até mesmo com o grande inspetor corpulento que tinha um cão que passeava? Caramba! A sua vida tinha-se tornado tão pequena, a pensar em inspetores *dog-walkers* com pés grandes e em psiquiatras mais velhos. Desejou estar na *cottage* com a tia, em vez de sozinha, ali naquele calabouço.

E então o telefone tocou.

Vivi olhou na direção do telefone com o sobrolho carregado, não querendo responder caso fosse o hospital a perguntar se ela poderia fazer o primeiro turno. Estavam perenemente com falta de pessoal. Depois de alguns toques a chamada foi para as mensagens e ouviu a irmã, a voz de JC.

– Vivi, estou aqui em São Francisco. Vim a *guiar* no meio desta maldita tempestade, consegues acreditar? Todo o caminho desde Napa Valley. Pois, pois, não perguntes! É uma longa história e não gosto dela... pelo menos já não gosto. Ooh, Vivi, pensei que ele era o homem da minha vida, idiota que eu sou. Ele era *perfeito*! Tem uma vinha dele e tudo, eu podia ter colhido uvas e organizado jantares de vindima... sabes, Vivi, assim, mais ou menos. Porque sou tão idiota? Aposto que estás prestes a casar-te com o tipo francês. Gostava de o conhecer, apesar de Fen me ter dito que acha que ele é uma merda. Por favor, por favor, Vivi, diz-me que não é verdade. Que uma de nós seja feliz com um homem. Quer dizer, afinal o que há de errado connosco?

A mensagem esgotou-se. Vivi sentou-se na banheira e olhou para o telefone. Tocou de novo, um minuto depois, como sabia que aconteceria. Desta vez, atendeu.

Disse:

– Tudo bem, JC, visto que vieste a guiar até cá, podes vir ter a minha casa. Vou pôr o café a fazer, podes ficar com o sofá e, bem, tens fome?

– Caramba, Vivi, nem sequer me deste tempo para dizer olá.

– Já disseste olá. Além disso, estou na banheira. E o francês já não existe, por isso estamos juntas nisto. Pensando bem, vou ter martinis à tua espera.

– Dez minutos – respondeu JC.

Vivi ouviu a irmã rir-se antes de desligar. JC era tão flutuante como o salva-vidas de um barco, parecia encontrar desastres em cada esquina, mas voltava sempre a sorrir. O que era mais do que Vivi podia dizer. Merda, não

ia entrar naquilo outra vez. Era melhor ir procurar uma almofada e um cobertor para JC, limpar a banheira e pôr-lhe um banho quente a correr. Vindo a conduzir de Napa com aquele tempo, devia estar meio congelada, bem como cansada e pronta para uma boa choradeira. Muito bem, então iam chorar no ombro uma da outra e depois dormir um pouco. Continuava a ter de ir trabalhar no dia seguinte.

Jane Cecilia Dexter, conhecida na família como JC, preferiria ter ido para qualquer outro lugar naquela noite tempestuosa do que para o apartamento da irmã em São Francisco.

A primeira verdade era que não tinha mais sítio nenhum para onde ir. Nem sequer tinha dinheiro suficiente para um motel, barato que fosse, onde de qualquer forma não teria ficado. Mesmo nas lonas, estava habituada a coisas melhores.

A segunda verdade é que tivera uma espécie de «epifania» na noite anterior. Perguntava a si própria se «epifania» seria a palavra correta. Mais um «choque com a realidade». E não tinha gostado. Nem um pouco.

Vinte e oito anos, um caminho longo e difícil desde os seus radiosos dezoito anos, para a rapariga que começara como uma loira bonita com grandes olhos azuis cintilantes e pequena voz *sexy* ofegante, copiada, se tivesse de o admitir, do ícone dos anos sessenta Jane Birkin, cuja gravação de *Je t'aime, moi non plus* estava no topo da lista de sucessos permanentes de JC. Cantar como se estivesse ao mesmo tempo a fazer amor era fácil e JC era tão jovem, tão «ingénua», com um ar tão vulnerável nos palcos desses pequenos clubes, que homens mais velhos, de fato, com dinheiro, tinham querido cuidar dela, e os tipos mais jovens de calças de ganga pretas com posições poderosas lhe haviam acenado com contratos de gravação. Nada disso resultara.

— Repensa a tua vida, JC — dissera-lhe Fen há cinco anos, sabendo que estava a travar uma batalha perdida, porque JC ainda se sentia tão importante e ligada ao mundo do espetáculo que nada que alguém lhe dissesse poderia ter algum impacto.

A terceira verdade de JC era que a tia tivera razão.

Podia-se incluir no currículo de JC todos os homens que tinham andado atrás dela e que, às vezes, a tinham apanhado. Ora, ela era uma jovem *sexy*,

fazia o que queria, quando queria. No final, porém, há algumas noites, olhara-se no espelho e vira uma mulher de vinte e oito anos um pouco gasta, que não trabalhava há um ano, que estava envolvida numa relação com um homem mais velho, que era dono de uma pequena vinha em Napa Valley, com um divórcio duplo atrás dele, mais a custódia de três adolescentes e seis cães. No entanto, JC estivera preparada para casar com ele, tornar-se madrastra e assentar, embora a vida no campo a deprimisse. E então descobrira que havia «outra mulher».

Teve a chamada «epifania», sentada na cama no pequeno apartamento de dois quartos que ocupava, porque com os filhos adolescentes e tudo o resto o vitivinicultor dissera que ela não podia viver nas suas vinhas; chegara à conclusão que a vida era lixada, que muito em breve teria trinta anos, que a vida como aspirante a cantora não estava a dar resultado. De repente, arrependeu-se de ter optado por sair da universidade, lamentou os intrujões que lhe tinham dito que seria um dia uma estrela, arrependeu-se das suas próprias convicções egoístas. Deixara escapar a vida e teria de começar tudo de novo. Como, não sabia, mas alguém a ajudaria. Alguém sempre o fazia.

E era por isso que estava ali, com os cartões de crédito no seu limite e apenas com dinheiro suficiente no bolso para um *Big Mac* e, possivelmente, uma manicura, à porta da irmã no raio da noite mais chuvosa dos últimos anos.

Não havia lugares para estacionar e JC foi forçada a estacionar a dois quarteirões da casa de Vivi, tendo conseguido espremer-se, embora um pouco de lado, entre um *Chevy Blazer* e uma moto que, na opinião de JC, não tinha o direito de ocupar um lugar inteiro de estacionamento destinado a carros, como o seu *BMW300i*. Sem dúvida que o carro era velho e, claro, preto: uma artista como ela nunca sonharia em ser vista num carro branco e podiam esquecer uma cor, embora pudesse aceitar o vermelho, isto é, se fosse um *Ferrari*. Entretanto, teve de arrastar a mala e uma braçada de sacos escorregadios de roupa até casa de Vivi naquele dilúvio. Não tinha estado feliz antes e estava ainda menos feliz agora. De mau humor, puxou o capuz do casaco supostamente à prova de chuva, empurrou o cabelo loiro comprido lá para dentro e lá foi a chapinhar pelas poças com os sapatos vermelhos de salto alto.

A rua estava deserta. Claro que estava; ninguém senão um idiota sairia numa noite como aquela. As rodas da mala ficaram presas e ela deu-lhe um

pontapé valente. Depois o vento emitiu um súbito guincho maníaco arrancando-lhe o capuz. Em segundos, o cabelo ficou encharcado. Porra!

JC parou para se orientar, verificando os números das casas. Estava quase a chegar... convinha antes que fosse levada pela água. Como diabo conduzira todo o caminho desde Napa? Viera a chorar tanto que pensara que eram as lágrimas, não a chuva, que tinham tornado a visibilidade tão má... idiota, idiota, idiota que ela era...

Verificou outra vez os números; tinha ido a casa de Vivi uma ou duas vezes antes, mas essas casas velhas pareciam todas iguais e não a reconhecia... devia ser ali, faltavam apenas mais duas...

Vivi abriu uma nesga da porta.

– Caramba, JC, para de pressionar a campainha, está bem? – disse, irritada. – Eu ouvi.

– Então deixa-me entrar, porque não deixas?

As irmãs fitaram-se furiosas um instante, JC ainda lá fora à chuva, Vivi na soleira da porta.

Vivi abriu a porta com um empurrão, pegou na mala de JC e arrastou-a para dentro.

– Café ou martíni? – perguntou.

JC passou por ela, atirou a braçada de sacos de roupa para o chão, deslizou para fora dos sapatos de salto alto e despiu o casaco, tudo num movimento, antes de se afundar no sofá de pele preta.

– Martíni, por favor – respondeu, com o olhar a percorrer a sala, observando tudo. – Porquê pele preta? – perguntou à irmã, dando uma palmadinha no sofá. – Está frio.

Vivi arremessou-lhe um cobertor.

– Porque tem bom aspeto – retorquiu com firmeza. – E não passo muito tempo nele. De qualquer forma, é onde vais dormir esta noite.

– Aposto que ninguém já se senta aqui, agora que o francês se foi – retorquiu JC indecentemente.

Vivi lançou-lhe um olhar enviesado.

– Também é bom ver-te, JC. Parece que estás em apuros.

– *Outra vez.* – A boca de JC contorceu-se numa linha retorcida. – *Sei* que é isso que ias dizer.

Vivi hesitou, não sabia se devia ser encorajadora ou referir simplesmente: «Enfrenta os factos, querida, é a verdade.» Decidiu-se pela última opção.

– Mas não é demasiado tarde para mudar – acrescentou.

Tinha misturado os vodca martínis há um minuto. Mexeu-os agora com vigor tirou um frasco de azeitonas do frigorífico.

– Duas por favor – pediu JC.

– Não estás no raio de nenhum bar – retorquiu Vivi, irritada com a irmã, como sempre ficava, mas, adicionando, contudo, uma segunda azeitona.

– A nós. – JC acenou com o copo. – Que saíamos as duas vivas desta – acrescentou, fazendo Vivi rir-se apesar de não querer. – Faço tenção de mudar a minha vida. – O rosto adorável de JC, de ossos finos, assumiu uma expressão determinada e os seus olhos azuis estreitaram-se. – Sou demasiado velha agora para ser modelo e ninguém está interessado na minha música. É preciso dizer que não sou tão boa assim e que sempre contei com a minha aparência e a minha juventude. – A boca repuxou-se para baixo, a pensar em quantos anos tinha. – *Vinte e oito!* – Gemeu. – Vou ter de fazer uma mudança completa, fazer qualquer coisa séria, como cuidar de crianças.

Vivi bufou de riso com a ideia.

– Nenhuma mulher no seu juízo perfeito vai deixar uma rapariga com o teu aspeto entrar na sua casa e ficar perto do marido, portanto, podes muito bem esquecer isso. De qualquer modo, não sabes nada sobre crianças.

– Verdade. – O suspiro de JC era sincero. – Vou pensar no assunto – prometeu. – Posso sempre limpar casas ou lavar pratos. Faço qualquer coisa.

– É claro que não. – Vivi conhecia muito bem a irmã; como sempre, JC escolheria a opção mais fácil, o que significava tudo o que lhe aparecesse de bom. – Vais falar com Fen – decidiu. – Contas-lhe tudo e ela saberá o que fazer.

– Achas? – JC parecia duvidosa.

– Não sabe sempre? – afirmou Vivi. – Eu ia lá hoje à noite, para lhe contar os meus problemas, mas não consegui por causa da tempestade.

– Eu vim a conduzir todo o caminho de Napa – lembrou JC.

– Oh, cala-te. – Vivi estava demasiado cansada para aquela conversa. – Eu sou como um morto-vivo, tenho de dormir um pouco e tu também devias.

JC tinha a capacidade cativante de expressar compreensão e empatia com os olhos e foi o que fez agora, fitando sentimentalmente a irmã. Deu uma palmadinha nas almofadas de pele ao lado.

– Vivi, não quero ficar sozinha, preferia dormir contigo – disse.

Vivi suspirou. Era impossível ficar zangada com JC por muito tempo.

– Está bem. Mas nada de choradeiras, certo?

– Não choro se tu também não chorares – prometeu JC. – E tens de me contar tudo!

As irmãs tinham os braços em volta uma da outra quando apagaram as luzes e, por fim, foram tomar banho, depois para a cama com outro martíni e uma longa conversa franca e íntima em vez de dormirem.

Era muito tarde. O vento ainda soprava com rajadas em volta de Cliff Cottage, embora a chuva tivesse desanuviado um pouco. Agora, porém, o som a tamborilar nas janelas fazia com que a sala de estar de Fen, com as suas paredes cinzento-claras, cortinas meio prateadas e sofás de linho pálido, com os toros de lenha a tremeluzir vermelhos na lareira e o cheiro dos primeiros jacintos que ela própria tinha plantado, parecesse ainda mais aconchegante.

Era também ainda mais aconchegante por causa do homem sentado em frente. A mesa de centro baixa de vidro espelhado encontrava-se entre eles, com uma garrafa do bom *pinot* de Napa acabada de abrir e os copos meio cheios, assim como os queijos e os biscoitos de alecrim numa travessa cor de açafão. *Hector* estava esparramado, cabeça entre as patas, tão perto da lareira quanto possível, e parara de emitir aqueles rosnidos desconfiados na parte de trás da garganta. Fen calculava que, tal como ela, *Hector* aceitara o desconhecido como sendo uma pessoa correta. Isto é, tanto quanto ela ou *Hector* sabiam.

Alex estava a sorrir-lhe. Disse:

– Se eu tivesse de escolher um sítio onde ficar preso a meio de uma tempestade, seria este. Sem dúvida que sabe como gerir um bom hotel.

Fen devolveu-lhe o sorriso, o pequeno sorriso sedutor que lhe enrugava os olhos e que encantara muitos homens, há muito tempo.

– E quem disse que vai ficar? – perguntou.

Alex riu-se, levantou as mãos, fez menção de se ir embora.

– Desculpe, desculpe... Eu ofereci-me para sair mais cedo.

Na realidade, Fen não queria que ele se fosse embora, sentia-se de repente sozinha e, além disso, atraída por aquele homem e queria muito saber quem ele era, o que era e porque aparecera à porta de sua casa numa noite como

aquela, quando até mesmo a sua própria sobrinha não conseguira lá chegar.

– Oh, fique quieto e sente-se – retorquiu. – Eu ia contar-lhe a história da minha vida. E depois, claro, espero ouvir a sua, embora, como é óbvio, a sua seja mais curta.

– E, tenho a certeza, não tão interessante. Então foi dançarina em Paris?

Ele inclinou-se e começou a espalhar queijo de cabra em biscoitos de alecrim. Colocou dois num prato e ofereceu-os a Fen, olhando para ela na expectativa.

Ela mordeu um biscoito e disse:

– Danço desde os seis anos. Sabe, o habitual, a menina que quer ser bailarina, embora, claro, eu fosse muito alta. Mas dançava bem; conseguia fazer tudo. Então, quando tinha dezoito anos, a minha mãe morreu. Era tudo o que eu tinha. O meu pai fora-se embora muito antes; havíamos sido sempre apenas nós as duas. – Fen encolheu os ombros. – E lá fiquei eu, de repente sozinha, sem ninguém para me dizer o que fazer. Na verdade, para me dizer o que *podia* ou *não podia* fazer, é o que quero dizer.

Lançou-lhe um olhar eloquente ao mesmo tempo que dava uma dentada noutra biscoito.

– De qualquer forma, deixe-me dizer-lhe que, quando se é muito jovem, a «liberdade» não é tudo o que parece. E, claro, fiz todas as coisas erradas, como apaixonar-me por um homem casado. Só descobri quando já era demasiado tarde e depois ele disse-me o que os homens casados dizem sempre, que já não havia sexo entre ele e a mulher, que praticamente viviam separados, que se divorciaria... Ah! Eu era mais esperta do que ele pensava. Arranjei um detetive privado e descobri a verdade. Não há necessidade de explicar mais nada – acrescentou, olhando para Alex. – Tenho a certeza que sabe o que quero dizer. Um homem casado como você.

Alex fitou-a nos olhos.

– Eu nunca disse que era casado.

– Nunca disse que não era.

Ele sorriu.

– Esta é a sua história, não a minha, lembra-se?

Fen suspirou de novo.

– Oh, lembro-me muito bem. Algumas coisas gostaria de esquecer. Mas, lá está, cometemos erros e depois temos de viver com as consequências. Temos momentos maravilhosos, amantes maravilhosos e, como se diz hoje,

«relações significativas», que é o que *eu* chamaria simplesmente «estar apaixonado», viver para o «amor».

– E foi isso que fez? Ficou com o homem casado?

– Claro que não! Que tipo de rapariga acha que eu era! – Fen descalçou as botas e deslizou os pés descalços para baixo de si, afundando-se outra vez contra as almofadas, o copo de vinho apertado nas duas mãos, uma série de memórias escondidas atrás dos olhos. – Prossegui com a minha vida. Vivia em Nova Iorque, porque era onde *ele* morava. Estavam a fazer audições para um espetáculo em Paris. – Encolheu os ombros. – Que mais podia querer uma rapariga enganada e com o coração partido? Tinha dezanove anos na altura e tudo o que eles precisavam. Tiraria a roupa, perguntaram, depois de me avaliarem de uma maneira e de outra, tomarem notas, escolherem-me no alinhamento de jovens bailarinas ansiosos. Porque não?, pensei, tirei-as por motivos piores.

Alex riu-se outra vez e ela também.

– Deve ter sido muito bonita – observou, com os olhos a admirá-la.

Fen calou-se. Perguntou a si própria se ele seria sincero. Estaria a fazer papel de idiota? Uma mulher na casa dos cinquenta a recordar as suas memórias para um homem mais jovem, como uma personagem numa novela.

– Está a rir-se de mim – retorquiu, outra vez nervosa.

– Oh, meu Deus, não estou! – Alex levantou-se, deu a volta pelo outro lado da mesinha, sentou-se ao lado dela, pegou-lhe na mão. – Escute, minha salvadora da tempestade, eu nunca iria rir-me de si. Acho que é maravilhosa e também bonita. Para não dizer corajosa, assumir sozinha o controlo da sua vida aos dezanove anos, vivendo e falhando e voltando a recuperar e vivendo um pouco mais. Por que diabo estaria a rir-me de si? Quero *encontrar* uma mulher como você!

– Então não é casado – observou Fen, fazendo-o rir-se outra vez.

– É claro que sabe que você é impossível.

– E claro que eu tenho a mulher certa para si – retrucou Fen.

Ele revirou os olhos e passou as mãos pelo cabelo escuro e espesso, abanando a cabeça, suplantado.

– Uma «sobrinha» – adivinhou.

– Disse-lhe que tenho duas. Uma precisa de arranjar uma vida e a segunda é dedicada ao seu trabalho. Qual preferiria?

– Caramba! – Alex deu-lhe uma palmadinha na mão, depois levantou-se e encaminhou-se para a janela. – Acho que preferia escolhê-la a si – afirmou por cima do ombro, olhando lá para fora para a chuva.

Fen ficou em silêncio; quase podia ter pensado que ele estava a falar a sério, mas sabia que não podia ser; eles tinham acabado de se conhecer e, além disso, ele era demasiado jovem e ela era demasiado velha.

– Não quando ouvir o resto da minha história – comentou com ligeireza. – Agora volte para aqui, está bem, e sirva-me um pouco mais de vinho. – Ergueu a mão, descartando o que acabara de dizer. – Eu sei, eu sei, não há desculpas para ficar bêbado, mas eu vivi em França durante muito tempo, uma mulher habitua-se a beber um copo decente de vinho, ou ainda melhor, champanhe. Tenho uma garrafa de *Perrier-Jouët* a refrescar no frigorífico. Mudamos?

Alex foi ao frigorífico e tirou o champanhe.

– Diga-me onde estão os copos.

– Armário superior, terceiro à sua esquerda. Traga os que dizem *Moët & Chandon*. São uma lembrança de uma visita que fiz a essa vinha com o meu primeiro marido. Almoçámos lá, com a gente de Moët, o conde de Vogué, empregados de luvas brancas e um champanhe diferente para cada prato. Tão civilizado!

Ele voltou, dois copos numa mão, o champanhe na outra.

– Disse o *primeiro* marido?

Ela observou-o a tirar o invólucro e a proteção de arame e a remover a rolha habilmente. Era óbvio que estava habituado às melhores coisas da vida. Quem diabo era ele, afinal? Alex serviu e passou-lhe um copo. As suas mãos tocaram-se uma vez mais, e de novo a atração cintilou entre eles. Fen sentiu uma guinada familiar na barriga. Havia pelo menos duas coisas que sabia na vida, uma que um coração partido parecia um pedaço de chumbo no peito; a outra que a atração sexual parecia um choque no que se chamaria talvez o baixo-ventre.

Alex sentou-se de novo à sua frente.

– A esta noite – brindou Fen – que surgiu do nada ou suponho que da chuvada. Uma grandiosa surpresa.

– À *nossa* noite. – Alex fitou-a, com o rosto absolutamente sério. Um silêncio caiu entre eles. – Nunca me aconteceu nada assim – disse por fim, baixinho.

Fen não tinha a certeza do que ele queria dizer, não tinha a certeza se ele estava a sentir o que ela sentia, mas sabia que não teria perdido aquela noite por todas as tempestades do mundo. Aquilo era especial, um momento doce no tempo para adicionar àquele banco de memórias.

Mas era só isso. Tinha de regressar à realidade.

– Sim, disse o meu primeiro marido – afirmou, mudando rapidamente de assunto outra vez. – Quer dizer, o francês.

Passava da meia-noite e Brad estava deitado na cama, a olhar para o teto. Por trás dos estores, o brilho saturado dos candeeiros da rua desenhava em silhueta os ramos da pimenteira do lado de fora da sua janela. Algum primeiro filantropo, em sintonia com a natureza e depois do terramoto de 1906 e do grande incêndio, plantara árvores na pequena viela em Chinatown, onde os cavalos costumavam ser recolhidos no estábulo, para nunca sofrerem com o calor do verão. «Verão» e «calor» não eram palavras que se harmonizassem propriamente em São Francisco; talvez mais verão e nevoeiro, como o *boom* das sirenes de nevoeiro agora mostrava. Embora, claro, estivéssemos no outono, quando tudo podia acontecer e em geral acontecia. Como, por exemplo, a tempestade daquela noite.

Sem sono, Brad levantou-se. Andou de um lado para o outro na pequena sala de estar de *boxers* azuis, chávena de café na mão, com *Flyin'* a dormir sossegada no sofá. Nunca usava a cama de veludo acolchoado que ele herdara com a cadela, legado da sua ex. A cadela parecia desprezá-la e dormia sempre no sofá, um hábito que Brad não fizera nada para desencorajar segundo a teoria de que era melhor do que a cadela dormir na *sua* cama. Bem, lá estava ele, a andar de um lado para o outro na sala de vigas baixas, que fora originalmente um estábulo, mais tarde uma garagem e agora era a sua casa, escutando a chuva nas janelas e o vento a suspirar através da pimenteira. «A música da natureza», chamava-lhe Brad. Pensou que sem dúvida superava o *rap*.

Não conseguia tirar a imagem final da jovem da cabeça; na maca a ser levada, de rosto acinzentado como se estivesse moribunda; sangue, plasma, fármacos que a poderiam salvar em sacos de plástico e tubos ligados a ela; uma equipa cansada na urgência e uma médica exausta cujo nome alinhava na mitologia com o seu.

Pôs música na aparelhagem de som: chamassem-lhe antiquado, mas tinha um fraco por Neil Diamond, sempre tivera desde criança, bem, desde jovem. Adorava aquelas letras: percebia-se que um tipo como Neil Diamond passara por aquilo, sabia de onde vinha. Brad tinha na altura dezoito anos e andava atrás das raparigas na universidade. Isso certamente não o levava a lado nenhum; conseguira com dificuldade terminar os exames finais, considerara a hipótese de viver como vagabundo a trabalhar pelo mundo fora, surfando, bebendo cerveja, sentado em redor de fogueiras em praias remotas, fazendo amor como se o mundo estivesse prestes a acabar.

O pai fora polícia. Apanhara uma bala ali nas «selvas» de San Fernando Valley, em Los Angeles, vivera tempo suficiente para se sentir ressentido com a sua deficiência, para lamentar a perda de um modo de vida que *era* a sua vida. Essa fora uma das razões por que Brad se tornara polícia, não apenas porque estava a seguir as passadas do pai, mas porque era *como* o pai, com o desejo ardente de resolver os quebra-cabeças dos crimes, junto com o desejo de lutar contra esses crimes. Era o que ele fazia. Era quem era.

E agora vivia sozinho na ex-garagem ex-estábulo em Chinatown, bastante perto dos pequenos restaurantes de *dim sum* para ter sempre um bom pequeno-almoço, melhor do que os donuts que os outros tipos comiam, perto o suficiente para ouvir os pregões dos mercados de rua, perto o suficiente para manter um olho no negócio dos *Rolex* falsos e quaisquer traficantes a entrarem no seu território. Toda a gente o conhecia. Até os miúdos o conheciam; por esta altura, era quase um chinês honorário, aparecendo para as festas de Ano Novo e da Lua, aplaudindo a dança do dragão dourado e sorrindo para os rostos fascinados das crianças. Era um deles. Um vizinho. Um polícia.

Andara algum tempo nos carros pretos e brancos, a patrulhar as ruas do bairro Mission; casara-se e divorciara-se com a guarda de uma caniche. Conseguiu juntar o suficiente para comprar a dilapidada estábulo/garagem com um templo chinês no final da rua, porque mais ninguém a queria e, com a ajuda dos amigos, arranjava-a nos seus tempos livres. A pequena sala estava pintada de branco, não era criativo com as cores, considerava que isso era apanágio de uma mulher. Descobrira a velha lareira vitoriana de azulejos verdes, com a prateleira de madeira, numa loja de sucata e instalara-a com lenha falsa a gás por uma questão de conveniência. Não tinha tempo para lenha. Havia um sofá de microfibra acastanhado, um par de poltronas que

combinavam com ele (tão a condizer, zombara a sua ex quando aparecera lá em casa e os vira), uma mesa de centro feita a partir de um pedaço serrado de pau-brasil, que precisara de quatro tipos para a erguer; uma parede de estantes que continham a sua aparelhagem de som; uma TV ao lado da lareira; duas janelas com estores de vime, uma de cada lado da porta da frente lacada de um vermelho chinês, que tinha sido doada pelos seus novos vizinhos chineses, que estavam contentes por ter um polícia ali na sua zona; um tapete preto que mostrava todas as passadas, devia ter ido para o branco, mas, que diabo, estava a sentir-se na moda naquele dia.

No quarto, era o mesmo tipo de decoração, só que com uma cama. Havia uma pequena casa de banho de azulejos, uma pequena cozinha branca com um fogão normal, um grande frigorífico, um micro-ondas e, o seu favorito, a máquina de café. Quase tudo o resto não era usado.

A andar de um lado para o outro na sua sala de estar, dando a volta ao sofá, com Neil Diamond a cantar baixinho *Sweet Caroline* em pano de fundo, com a chávena de café na mão, Brad ainda não conseguira tirar a imagem da jovem da cabeça.

Afundou-se nas almofadas não afofadas do sofá ao lado de *Flyin'*, que se deslocou a contragosto para lhe dar espaço, fungando de irritação e fazendo-o sorrir. As mulheres eram todas iguais, estendia-se-lhes um dedo e elas tomavam logo a mão.

O café sabia a velho. Era do dia anterior. Pousou a caneca sobre a mesa, colocou os pés ao lado, braços atrás da cabeça, contemplando essas vigas baixas do teto, mas ainda a ver a cena do crime. Como essas palavras soavam de forma inócua, «a cena do crime». Era o cenário de uma atrocidade, de uma tentativa de assassinato tão selvagem, tão abominável, que ele e Jerusalem Guitierrez, que já tinham visto algumas «cenas de crime», haviam achado difícil encará-la. Ela era tão jovem. Fora tão violada. O medo ainda se via no seu rosto, tal como o grito que fora cortado, selado com um *post-it* verde e uma tira de fita adesiva enquanto o seu sangue escorria para o chão húmido dos bosques.

E depois havia a mensagem *Por favor, não contes*. Como diabo poderia ela contar? Estava morta. Ou fora o que o seu presumível assassino pensara. Teria sido apanhado em flagrante? Na *finalidade* do ato?

Tinham enviado de imediato uma brigada para passar o bosque a pente fino, mas a busca fora cancelada por causa da tempestade. Agora, porém, a

chuva abrandara para um chuveiro fino e o vento para rajadas irregulares. Se quisessem encontrar alguma coisa teria de ser já.

Brad rodou as pernas da mesinha de centro, pegou no seu *iPhone* e premiu o número de Guiterrez. A mulher atendeu passados três toques.

– Ele não está aqui – disse, respingona.

– Chiquitita, estou apaixonada por ti, mas preciso do teu homem.

Chiquitita era o nome carinhoso de Brad para Maria Carmen, porque, a primeira vez que a vira, ela estava a dançar a música dos Abba com esse nome, uma dança mexicana travessa muito própria que fez Brad entender por que razão o seu amigo se apaixonara por ela.

Agora, ela suspirou alto ao seu ouvido.

– Está bem, eu estava acordada com o bebé de qualquer maneira.

Como poderia ter esquecido que os Guiterrez tinham sido outra vez pais? O miúdo tinha dois meses. Ele era o padrinho, porra!

– Então, como vai o pequeno Sansão?

Não perguntara como tinham eles desencantado o nome de Sansão; com certeza que o menino ia ficar furioso com eles por causa daquilo quando fosse mais velho, a menos que crescesse e chegasse ao metro e noventa e fosse bastante musculado, mas, conhecendo os pais, Brad achava o facto improvável.

– Sansão sentir-se-ia melhor se conhecesse melhor o pai, se o seu pai passasse mais tempo em casa. E talvez o padrinho também. Vou acordá-lo.

Não disse adeus, foi bom falar contigo e Brad soltou um suspiro. Detestava fazer aquilo, mas ele e Jerry precisavam de ir para lá. Já.

– Já estou a vestir-me. – O seu parceiro veio ao telefone sabendo o que Brad queria antes de ele o dizer. – Mas é melhor levares as tuas galochas, vai estar enlameado.

– O que diabo são galochas?

– Botas de borracha, homem. Para andar no campo à noite depois de uma tempestade. Mantêm os pés limpos e secos.

– Não as fazem do meu tamanho – retorquiu Brad. – Passo em tua casa a buscar-te daqui a quinze minutos.

Apertou as suas botas de couro normais, pôs a *Sig Sauer* no coldre, vestiu um velho casaco de esqui, não fazia esqui desde o rompimento e cheirava a mofo, mas poderia protegê-lo da chuva, além de que tinha um capuz. Ele, de capuz!

Enfim. Enfiou um boné de beisebol no cabelo despenteado, fez uma festa carinhosa a *Flyin'*, disse-lhe que voltaria logo e pegou nas chaves da sua carrinha *Ford*. Estava satisfeito por ter gasto dinheiro nos pneus de alta qualidade, ia precisar deles numa noite como aquela.

Depois telefonou para o hospital. A rapariga ainda estava viva.

— Os homens franceses — dizia Fen a Alex, que fora outra vez olhar lá para fora pela janela e contemplava a tempestade — não se pode confiar neles com as mulheres. Em circunstância alguma.

Alex virou-se para a fitar.

— Está-lhes no sangue — continuou. — Tão simples quanto isso. E quanto mais cedo as mulheres perceberem melhor. Embora, claro, haja certas experiências que não se devem perder. Dependendo do homem, como é evidente.

— O homem *francês*.

— O meu primeiro marido. Era encantador, atento a todas as minhas necessidades e generoso com elas. Apaixonámo-nos um pelo outro à primeira vista.

Fen fez uma pausa, lembrando-se de Vivi a telefonar para perguntar o que significava um *coup de foudre*. Como ela, tinha a certeza que Vivi descobriria. Só esperava que, ao contrário dela, não se casasse com ele primeiro.

— Aposto que foi através das luzes do palco quando era uma dançarina — comentou o desconhecido, sentando-se de novo à frente dela.

Fen riu-se, a recordar-se.

— Eu devia parecer ter mais de dois metros de altura com aqueles saltos. Mas, enfim. — Arrancou-se às suas memórias, de volta ao homem que tinha vindo sentar-se outra vez diante dela. — Então esta é a minha história. Agora é a sua vez.

— Mas tenho de ouvir o resto, não pode deixar-me pendurado na primeira fila.

— Ele estava na terceira fila — retorquiu ela. — E isso não vem ao caso. Você está aqui, sentado no meu sofá, a beber o meu vinho e eu nem sequer sei

quem é. – Havia seriedade por trás do seu sorriso, bem como curiosidade. – Não acontece muitas vezes aparecerem homens à nossa porta a meio de uma tempestade – acrescentou. – Nem que o homem receba atendimento médico gratuito, um bom *daube* de vaca e uma camisola limpa, sem contar tudo.

Uma madeixa do cabelo castanho-escuro deslizou sobre os olhos de Alex e ele passou-lhe uma mão por cima, empurrando-a de volta ao seu lugar.

– Tudo bem, não queria contar-lhe, mas vou fazê-lo.

A expressão dela mudou de interessada para apreensiva.

– Comece pela sua idade.

– Trinta e nove. Quarenta no próximo aniversário.

– Que é?

– Em janeiro.

– *Hum*, Capricórnio ou Aquário. E...?

– Nascido em Boston. Agora vivo em Los Angeles. Estou no ramo da segurança, uma espécie de detetive privado.

Fen endireitou-se, olhando-o com interesse.

– Não é bom material para marido para uma sobrinha – acrescentou ele e riram-se os dois.

– Então porque está aqui, em Big Sur, detetive? Nunca conheci um detetive – observou.

Ele encolheu os ombros.

– Não por uma boa razão. Na verdade, por um motivo triste. Os meus clientes em Los Angeles têm uma filha. *Tinham* uma filha. – Entrelaçou as mãos, os cotovelos sobre os joelhos, os olhos baixos. – Ela vivia em São Francisco, trabalhava como hospedeira de bordo. Foi morta há quatro meses.

– Quer dizer num acidente? – Fen estava chocada.

– Quero dizer que foi violada e assassinada – respondeu Alex. – «Por pessoa ou pessoas desconhecidas», para citar o relatório da polícia. Não havia pistas na cena do crime, os polícias ainda não conseguiram desencantar qualquer suspeito; ela era jovem, popular, uma rapariga simpática.

– E filha de alguém. – A voz de Fen era cava. – Pergunto a mim mesma se os assassinos alguma vez pensam nisso.

Fen estremeceu, desejou não ter perguntado. Tomou consciência de um súbito silêncio. O vento tinha parado. A chuva era um mero tamborilar nas janelas; um toro de lenha caiu na lareira. A casa estava de repente muito sossegada.

– A polícia vai encontrá-lo. – Fen tinha fé na lei e na ordem; sempre haviam sido corretos com ela. Pequenas coisas, no entanto, por comparação com aquele horror; um arrombamento; um roubo de carro era mais ou menos tudo. – Os polícias preocupam-se – acrescentou. – Sei por experiência pessoal. Talvez seja porque sou uma mulher, mas cuidaram muito bem de mim quando o meu carro foi roubado, embora nunca tenham encontrado os culpados – acrescentou, pensativa.

– Os polícias estão nas ruas, em plena atividade – referiu Alex. – Os gangues, tiroteios, violência, assassinatos aleatórios, miúdos que se matam uns aos outros. Não sei o que é mais absurdo, mas sei que colocam as suas vidas em risco todos os dias. Conduzem esses carros brancos e pretos pelas zonas de gangues, sabendo o risco que correm, sempre com os olhos abertos, conhecendo onde estão os traficantes de *crack*; os miúdos chulos; as casas de *crack* com jovens de subúrbios bons que são roubados e violados. Todos os polícias merecem galardões e muitos acabam mortos.

– E muitos desses miúdos acabam em macas no serviço de urgência – retorquiu Fen. Sabia disso porque Vivi lhe contava como era aflitivo e que os feridos e moribundos daqueles tiroteios eram sempre jovens. – Eles são demasiado jovens para morrer – acrescentou.

– Somos todos demasiado jovens para morrer.

– Na minha idade fui forçada a considerá-lo – admitiu Fen –, embora prefira a alternativa.

Fê-lo rir-se de novo, trouxe-o de volta de um mundo de que não sabia nada e esperava nunca saber.

– Espero que apanhe o seu assassino, detetive – observou Fen.

Alex não lhe contara como a jovem cujo caso estava a investigar morrera e ela não queria saber.

Ele encaminhou-se para a janela, ficou em silêncio a olhar lá para fora. *Hector* levantou-se, pesadão, observando-o com cautela.

– Alex – chamou Fen e ele virou a cabeça.

– Que é?

Fen sorriu com o seu sorriso sedutor, afagou o cabelo prateado. Mandara fazer cortinas a condizer com aquela cor de cabelo. Considerassem-na vaidosa, ela assumia. Ele aproximou-se e ela afastou-se um pouco no sofá para ele se poder sentar a seu lado.

– Qual é o seu outro nome? – perguntou.

– Porque quer saber?

– Foi um desconhecido ferido que poderia até ser um assassino. Agora preciso saber quem realmente é.

– Porque não quis saber o meu nome, há pouco?

– Meu Deus, se ia matar-me, acha que *isso* seria a primeira coisa a vir-me à cabeça?

Alex olhou-a. De repente, estava muito sério. Disse baixinho:

– Já perguntei a mim mesmo o que passaria pela cabeça de uma mulher nessa situação, diante de um violador, um assassino, sabendo, como deve saber, o que lhe vai acontecer, o que está para vir..., que está totalmente impotente e que ele não tem misericórdia.

Fen estremeceu. Fechou os olhos, imaginando o horror puro daquilo. Replicou:

– Talvez, nessas circunstâncias terríveis, quando toda a resistência desapareceu e estão impotentes, talvez elas aceitem simplesmente, talvez se coloquem nas mãos de Deus. A sua única salvação.

Alex levantou-se, aproximou-se da mesa, puxou o blusão de motociclista das costas da cadeira, vestiu-o.

Ele ia-se embora. Alarmada, Fen desenrolou-se do sofá.

– O que está a fazer?

– O vento amainou, a chuva diminuiu, já não há dilúvio bíblico. E, graças a si, a minha cabeça ferida está ótima. Tenho de me pôr a andar.

– Mas podia ficar. – Queria tanto que ele ficasse... apressou-se em direção a ele. – De qualquer modo, o seu carro está destruído. Não pode ir.

– O para-choque dianteiro é que ficou pior. O meu palpite é que vai pegar bem, será só um pouco difícil de guiar.

– Vai deixar-me. – Fen não sabia de onde vinham aquelas palavras. Sentia-se abandonada.

Alex pegou-lhe nas mãos, levou-as aos lábios.

– Talvez eu não faça isto como um francês – disse –, mas fez-me sentir como um francês esta noite. – Passou um dedo pela face dela, quente de ter estado sentada perto da lareira. – Gostei imenso – murmurou com suavidade. – É uma mulher muito especial.

– Não foi assim que terminou no filme com o Bogart? – perguntou ela.

– Mas eu não sou Bogart.

Fen não o disse, mas sabia sem dúvida nenhuma que não era Bergman.

– Vou consigo até ao carro, certificar-me que está tudo bem.

Procurou as botas, mas Alex disse-lhe que não havia necessidade.

Ele abriu a porta da cozinha e *Hector* passou disparado por ele, para a noite. Alex tinha razão, a chuva já não batia contra a casa e o vento abrandara; até se conseguia ouvir outra vez o mar, a espumar e rebolar sobre as rochas no fundo da escarpa. O céu noturno parecia pesado de preto, não uma cor, apenas uma massa de nada. Nenhumas estrelas naquela noite.

As mãos de Alex estavam enfiadas nos bolsos do blusão e contemplava o céu, respirando o ar puro e frio. Virou os olhos para ela.

– Está a tremer – afirmou. – Tem de ir para dentro. Mas primeiro quero agradecer-lhe. Por tudo.

Fen encostou-se à ombreira da porta, de braços cruzados sobre o peito.

– Obrigada pela ótima companhia – respondeu. – Há anos que não me divertia tanto.

– Não acredito nisso! Uma mulher como você!

Desceu do alpendre e começou a andar pelo carreiro cheio de poças. Ela observou-o da porta.

Alex virou-se, a meio caminho, as mãos ainda enfiadas nos bolsos do blusão de motociclista. Disse:

– Não lhe contei tudo. Chamo-me Alex Patceвич e conhecia a jovem, a hospedeira de bordo que foi assassinada. Estava noivo dela. Devíamos ter casado em junho. Ela era uma rapariga maravilhosa. Não merecia acabar assim. Agora preciso descobrir quem fez aquilo.

Fen levou uma mão ao coração. Dizer que sentia muito parecia trivial. Não havia palavras. Ele virou-se e afastou-se pelo caminho de gravilha, de volta à escuridão, para fora da sua vida.

– Obrigada – exclamou baixinho atrás dele. – Obrigada, Alex Patceвич.

Depois *Hector* regressou aos pulos e Fen entrou e fechou a porta, trancando-a desta vez. A noite tinha acabado. Conhecera um homem com uma missão, um homem apostado na vingança. Um homem que lhe desassossegara o coração. Desejou-lhe sorte.

— **P**ergunta-me – disse Jerry Guterrez para Brad enquanto seguiam por uma estrada secundária estreita ainda inundada de lama – e dir-te-ei que preferiria estar em qualquer lugar menos aqui.

– Queres dizer comigo. – Brad, que ia a guiar, sorriu, mas manteve os olhos na estrada. – Parece que me recordo de já ter ouvido isso antes.

– Deve ter sido outra pessoa.

Guterrez abriu o telemóvel, verificou as mensagens. Havia uma mensagem da mulher; não conseguia que o bebé parasse de chorar. De gritar. Deveria levar o pequeno Sansão ao serviço de urgência? Ele não conhecia uma médica lá? Talvez o bebé tivesse algum problema grave?

– Preocupações de mãe recente – disse Jerry para Brad. – Dir-se-ia que este é o primeiro e não o quarto. O miúdo é um gritador, é tudo. Alguns são, outros não. – Encolheu os ombros. – É assim com as crianças.

Enviou uma mensagem em resposta a tranquilizá-la.

– Adoro aquele menino – comentou para Brad a sorrir. – Sabes que foi uma espécie de reflexão tardia, o que significa que deveria ter «pensado» antes de «agir». Mas vou dizer-te uma coisa, não passaria sem ele.

– Tem apenas dois meses – contestou Brad.

– Que bom que te lembraste. Também devias lembrar-te que os padrinhos devem dar alguns presentes. Sabes, um pequeno presente, como cinco mil ou isso, para começar um fundo para a educação universitária.

– Cá para mim, como padrinho, eu devia era protegê-lo, guiá-lo ao longo da vida, partilhar os meus conhecimentos com ele, levá-lo a almoçar no seu aniversário.

– Entendeste mal, precisas mais do apadrinhamento estilo Marlon Brando... sabes, com o dinheiro e o estilo...

– E vê o que lhe aconteceu. – O carro entrou em derrapagem na curva

alagada e Brad manobrou-o confiante.

– Uma coisa que tu és, um bom condutor – admitiu Jerry.

Avistou a viatura da brigada em frente, estacionada ao lado do caminho, junto às árvores onde a jovem tinha sido encontrada. Fita amarela da polícia isolava a zona e, quando se aproximaram, um polícia uniformizado saiu do carro e acenou-lhes que parassem.

Brad e Jerry baixaram os vidros das janelas e mostraram os seus crachás. Havia um segundo polícia atrás do primeiro, com a mão na arma.

– Inspetor – disse, respeitosamente. – Está tudo tranquilo por aqui. Podemos ajudar?

– Vamos só verificar mais uma vez.

Saíram os dois da carrinha. O caminho havia-se transformado num lamaçal por causa da chuva e de todos os carros da polícia e tráfego a pé. Jerry tinha razão em relação às galochas. Mais abaixo estava outro carro estacionado, um *Camaro* vermelho com uma antena no tejadilho.

– Temos aqui o telejornal? – perguntou Jerry.

– Os últimos, ainda persistentes, à espera.

– Ah! jornalistas. – Jerry bufou, irritado.

Uma mulher jovem com um fato de treino escuro e ténis muito brancos saiu do *Camaro* e aproximou-se deles, de microfone na mão.

– Inspetores, poderia falar convosco um minuto, perguntar-vos o que se passa, porque voltaram? Existe algum dado novo que possamos transmitir para os nossos telespetadores?

– Perdoe a linguagem – disse Jerry com frieza –, mas estou-me a borrifar para os seus telespetadores e a mulher que nos traz aqui, para fazer o que os polícias fazem, também se está a borrifar.

– Estava só a perguntar... – retorquiu ela.

Eles afastaram-se, ela correu atrás deles, escorregou e acabou de traseiro na lama.

– Merda – exclamou furiosa, a tentar levantar-se. Os ténis brancos imaculados já não eram brancos.

Brad voltou atrás para a ajudar. Ofereceu-lhe a mão, puxou-a para cima e disse no seu tom mais paternal, ainda não tinha quarenta anos e não era pai, mas às vezes funcionava:

– Minha senhora, por favor, volte para o seu carro e vá para casa. Isto não é lugar para si, nem para os seus telespetadores. Uma mulher jovem, não muito

diferente de si, foi barbaramente atacada aqui, encontra-se agora entre a vida e a morte. Não creio que a sua mãe quisesse que você estivesse perto desta cena, à uma da manhã numa noite de tempestade. Por isso diga ao seu operador de câmara, que muito sensatamente está à espera no carro, que não há notícias e volte para casa, onde devia estar.

– Merda – ouviu-a exclamar, outra vez furiosa, quando se virou.

– Vamos até lá – avisou Jerry para os tipos na viatura da brigada que estavam de guarda. Percebeu pelas suas expressões que eles pensavam que ele ia deparar-se com uma maré de azar. No entanto, levando a lanterna, encaminhou-se com Brad para a zona coberta de árvores.

O carreiro curto para a cena do crime estava remexido pelas botas do pessoal das urgências e da polícia e Jerry encontrou-o com facilidade. Apontou a lâmpada para o sítio debaixo da árvore onde ela estivera deitada.

A marca do corpo da rapariga ainda lá estava, debaixo de uma cobertura de plástico, sobre a massa encharcada de folhas mortas. Via-se com clareza onde os seus braços esticados tinham descansado, a moosa convexa onde repousara a sua cabeça; as pernas abertas; as manchas escuras do sangue. Os técnicos forenses tinham estado ali, a colher as suas amostras; haviam tirado fotografias e feito vídeos, todos os procedimentos necessários. Depois disso, a busca tivera de ser cancelada, até de manhã, informaram. Brad e Jerry estavam a lançar mãos à obra sozinhos.

– Ele foi interrompido – referiu Brad. – E assustou-se. Um homem assustado comete erros, esquece coisas.

Agachou-se por cima da cama de folhas comprimidas, perscrutando o terreno. As roupas dela tinham sido encontradas e levadas pelos técnicos forenses. Não havia identificação; até agora ninguém telefonara a dizer que a filha, a namorada, a companheira de quarto desaparecera. Logo, porém, alguém iria perguntar por que razão não aparecera no emprego, ou num compromisso, ou num encontro. Alguém viria à procura dela e Brad precisava muito de juntar as peças do quebra-cabeças para puderem encontrar a família dela, levá-los ao hospital antes que fosse demasiado tarde.

Entrevistara os dois homens jovens que a tinham encontrado, oito horas depois do ataque. Destroçados, tinham-se sentado em cadeiras de plástico rígido na esquadra, cabeça entre as mãos, a repetir vezes sem conta, *oh, pá, oh, pá, era bom que isto não tivesse acontecido, que eu não tivesse visto isto...*

Brad sentira pena deles, a serem interrogados pela polícia sobre um assassinato, quando tinha a certeza que haviam apenas tido a infelicidade de ter tropeçado numa coisa em que não estavam envolvidos.

Não tinham visto ninguém, haviam entrado no bosque apenas para urinar, pelo amor de Deus. Estavam ambos abaixo do limite de álcool, completamente sóbrios, queriam voltar para casa para junto das mulheres e filhos, nunca mais pensar naquilo outra vez...

– Nós não pensámos nada – referira um deles... – Quero dizer, porque iríamos pensar? Até que a vimos.

Nessa altura começou a chorar e então Brad mandou vir café para todos, explicou que os polícias estavam apenas a cumprir o seu dever, a fazer aquele interrogatório.

A lanterna apanhou um ramo baixo, galhos quebrados, um trilho escorregadio de folhas achatadas.

– Ele fugiu por aqui – comentou para Jerry, avançaram os dois em direção à árvore e apontaram as luzes para cima e em volta.

Jerry foi o primeiro a avistá-lo, um brilho de branco na base do tronco. Agachou-se.

– É um crachá com um nome – disse.

Brad agachou-se ao lado dele. O nome era Elaine.

– Aposto que era empregada de mesa. Considerando a saia preta e a camisa branca que usava, calculo que num café. As empregadas de mesa de sítios mais sofisticados usam tudo preto, estilo Versace.

Jerry estava a fotografar o crachá com o nome, de todos os ângulos. Brad continuou a andar, sentindo-se como um explorador no rasto de um animal, através da selva. Era quase uma brincadeira de criança, tão óbvio, de galhos quebrados, por onde o assassino em pânico abrira caminho até à estrada e ao carro, onde a tempestade removera com sucesso todas as marcas de pneus. No entanto, um pedaço de arame espetava-se na camada de folhas. No feixe de luz da lanterna, Brad viu que era um pequeno tripé, usado para sustentar uma câmara de vídeo.

– Caramba – gritou para Jerry. – O sacana estava a filmá-la. *A filmar* o que fazia! Porra, pá!

Chocado, percebeu que o tripé poderia muito bem conduzi-lo ao assassino. «Elaine» poderia não ter morrido, ainda, mas outras três mulheres tinham. Desta vez, o assassino tinha deixado a sua marca.

Vivi acordou com um telefonema às oito da manhã seguinte. Não JC, no entanto: continuou a ressonar, alheada. Não apenas isso. JC ocupara três quartos da cama, deixando Vivi deitada durante toda a noite direita como um fuso, não conseguindo sequer dobrar os joelhos, enquanto ela se aconchegava com uma almofada contra o peito, na confortável posição fetal.

Havia vestígios de lágrimas nas faces rosadas e arredondadas de JC. Olhando para ela, Vivi pensou que a irmã só precisava do polegar na boca para reverter por completo à infância. Mas Vivi *não* era a mãe de JC e agora estava bem capaz de a mandar de volta para casa da tia. *Ela* que a endireitasse. Alguém tinha de o fazer.

O telefone ainda estava a tocar. O que diabo teria acontecido ao seu atendedor de chamadas? E quem estaria a ligar tão cedo, afinal? Olhou para as horas. Não era *assim* tão cedo, só que se tinha deitado tarde.

Rodou as pernas para um dos lados da cama e examinou o visor para identificar a chamada. Era a tia.

– Fen – disse, agarrando o telefone. – Estás bem?

– É claro que estou bem, mas estava preocupada contigo. Pensei que pudesses ter ficado bloqueada na estrada no meio da tempestade.

– Nem sequer parti, era impossível por causa do tempo, e os teus telefones não funcionavam.

– Nunca funcionam, mesmo quando há apenas uma ligeira brisa.

Vivi sabia que a «ligeira brisa» da tia era o que a maioria das pessoas chamaria um vendaval. Perguntou se estava tudo normal na casa, como ia *Hector*, como estava ela; tinha pena de ter perdido o seu jantar favorito, mas pediu a Fen para, por favor, guardar o *daube* de vaca porque iria vê-la nos próximos dias e, desta vez, levaria alguém com ela.

– Espero que não seja outra vez o francês – respondeu Fen.

A desaprovação na sua voz fez Vivi dar uma gargalhada.

– Ele não. A tua miúda preferida.

– Ora bem, estás a referir-te a ti, não é?

Vivi conseguiu ouvir o divertimento na voz da tia.

– *Claro* que se trata de JC – retorquiu. – Apareceu ontem à noite, como um rato afogado, sem emprego, sem homem e, se não me engano, sem um tostão.

– Isso parece a minha miúda preferida – reconheceu Fen.

– Ela precisa de resolver a sua vida – Vivi virou-se quando ouviu o farfalhar dos lençóis.

JC estava sentada na cama, com a mesma *T-shirt* branca que usava quando aparecera na soleira da sua porta, o cabelo loiro a derramar-se sobre os ombros, os olhos azuis tão brilhantes, pensou Vivi com inveja, como um céu de verão. JC parecia um anjo quando estava a dormir e agora parecia ainda mais angelical acordada. Não era normal.

JC estendeu a mão para pegar no telefone, mas Vivi puxou-o para longe dela.

– Olá, Fen – gritou JC –, vou visitar-te.

– Diz-lhe que cá estarei – respondeu Fen a Vivi – quando ela quiser aparecer. Entretanto, tive umas horas muito emocionantes a noite passada. Um Intruso. – Deu à palavra uma significativa letra maiúscula.

– O quê! – Vivi pôs-se de pé de um salto, chocada.

– Não te preocupes, acabou por se revelar encantador, na realidade, pensei por alguns momentos que podia ser ideal para ti até que fiquei a saber de um pequeno problema que ele tem.

– É *gay* – tentou Vivi adivinhar.

– Não, não é. Calculo que se poderia chamar-lhe um «órfão da tempestade».

Vivi conseguiu detetar o tom de reminiscência na voz de Fen e sabia que era melhor ir até lá rapidamente. Ia resolver a questão do Intruso dela, descarregar-lhe JC em cima e depois voltar à sua própria vida. Dr.^a Vivian, sistema de suporte básico de vida. O trabalho suplantava sempre a solidão.

– Vamos tentar estar aí amanhã à tarde. – Despediu-se, desligou o telefone e olhou para JC, sentada na expectativa, a olhar para ela. – Podias ao menos ter começado a fazer o café.

– Oh, vamos sair para tomar o pequeno-almoço, vai ser muito melhor do

que qualquer coisa que eu faça. Além disso, nunca se sabe quem se pode conhecer. Sou a primeira a tomar banho.

JC saltou pela sala, toda ela pernas morenas e cabelo loiro. Afinal, como ficava ela tão castanha? A tentar adivinhar, Vivi apostou que a irmã gastava uma boa parte de todo o dinheiro que tinha em salões de bronzamento. Olhando para as suas próprias pernas pálidas, pensou que poderia não ser uma má ideia, mas sabia que nunca conseguiria manter esse compromisso. E, de qualquer forma, ninguém estava a olhar para as suas pernas.

– Mioslos – gritou para JC que estava a cantar no chuveiro (o ânimo daquela rapariga nunca se ia abaixo durante mais de meia hora de cada vez, independentemente do estado do seu coração ou das suas finanças ou do seu futuro.) – *Mioslos* são o que nos leva a algum lugar nesta vida, irmãzinha. Mioslos e trabalho duro.

JC afastou a cortina do chuveiro e estendeu uma mão para Vivi lhe passar uma toalha.

– Eu sei e estou tão orgulhosa de ti – retorquiu com humildade. Ou, pelo menos, Vivi pensou que poderia ter sido humildade.

JC saiu do chuveiro envolta na nova toalha creme de Vivi, comprada na semana anterior no Costco e lavada por Vivi, conforme as instruções, antes de a usar. Só que não tinha chegado a usá-la ainda.

Fitou JC nos olhos.

– Tréguas, Vivi – disse a irmã com nova humildade verdadeira. Vivi tinha quase a certeza disso.

Ali no minúsculo banheiro que, de qualquer modo, não era grande o suficiente para duas, Vivi sentiu-se ir abaixo; lágrimas de cansaço transbordaram e escorreram-lhe pelo rosto.

– Oh, JC, desculpa estar a ser má para ti; estou tão cansada e ontem foi tão horrível, uma rapariga com a garganta cortada...

– Chiu, chiu, não fales de assassinatos.

Os braços de JC envolveram-na: estavam de repente tão próximas como quando eram meninas.

– Precisas de uma pausa, só isso, precisas de conhecer um homem simpático...

– Oh, meu Deus, agora pareces Fen a falar.

– Aposto que te vai dizer para esqueceres o ex-noivo, para continuares com a tua vida. – JC riu-se. – Fen é assim, sempre «a seguir em frente com

energia».

– Ela foi casada três vezes, nenhum modelo de comportamento aí.

– Oh, sim, há! A nossa tia é um modelo de como viver a tua vida, de como devo viver a minha. Criou-nos como deve ser.

O telefone estava outra vez a tocar e Vivi correu a atender. Era o Dr. Ralph Sandowski.

– Olá – disse, surpreendida, a pensar logo sobre o trabalho e sobre quem precisaria dela no hospital. – Está tudo bem?

– Está tudo quase bem. Ficaré perfeitamente bem, no entanto, se me fizer um grande favor.

– Claro. Diga o que é. – Devia ser importante para lhe telefonar tão cedo.

– Lembra-se de ontem à noite, quando a encontrei nas escadas, lhe perguntar se gostaria de tomar uma bebida?

– Lembro.

Claro que se lembrava, era o segundo homem a oferecer-se para a levar para uma bebida naquela noite. O polícia corpulento de olhos azuis, com os pés grandes, era o outro, embora parecesse recordar-se que também incluía passear um cão.

– Recusou, por isso estou a ligar para perguntar outra vez se gostaria de tomar uma bebida comigo esta noite? Talvez qualquer coisa para comer depois?

JC tinha a orelha colada ao telefone, ao lado dela.

– Vai-te embora – sussurrou Vivi baixinho, mas JC saltava para cima e para baixo, a bater palmas.

– Vai – articulava com os lábios –, *vai, vai, vai...*

Vivi olhou para o seu pijama de flanela azul, os pés pálidos enfiados em chinelos peludos, a lembrar-se da Vivi que era namorada do francês, de sandálias de tiras e uma saia curta o suficiente para pelo menos mostrar que tinha pernas.

– Gostaria muito, doutor Ralph – respondeu.

– É *Ralph*, Vivi. – Lembrou-a da nova situação de ambos, amigos, talvez com uma certa relação, e não apenas colegas.

– Vou recordar-me disso – disse Vivi a sorrir, enquanto combinavam encontrar-se no bar Top of the Mark, em Nob Hill, famoso não só pela vista fantástica, mas, como dissera Ralph, também pelo seu menu de «100 Martínis».

– Ouvi dizer que era uma rapariga de martínis – acrescentou.
– Oh? Quem lhe contou? – Vivi não sabia que tinham amigos em comum que conheciam os seus hábitos, preferências e antipatias.
– Tratei de descobrir – respondeu ele em tom ligeiro. – Procuro agradar.
– Graças a Deus por isso – ouviu a irmã exclamar atrás dela, fazendo-a rir-se.

Ficou combinado encontrarem-se às oito. Ela iria diretamente do hospital e trocaria lá de roupa.

Claro que JC assumiu o comando e escolheu o conjunto que ela vestiria, dos pés à cabeça.

Brad estivera acordado a noite toda, passando o bosque a pente fino com lanternas e com o destacamento extra de polícias convocados para ajudar e depois regressara à esquadra. Seguindo o seu instinto de que a rapariga trabalhava como empregada de mesa num café, pesquisou na internet restaurantes de comida rápida e cafés num raio de trinta quilómetros. Havia muitos. Seria um trabalho longo contactar com todos e perguntar se tinham uma empregada de mesa chamada Elaine que se calhar não teria aparecido para trabalhar. Por fim, deixou outros a tratar do assunto, içou o corpo cansado da cadeira e foi para casa. No carro, ligou outra vez para o hospital. Elaine ainda estava em coma, a perda de sangue tinha sido grave, tal como o choque... mas estava a aguentar-se. De momento.

De volta a casa, *Flyin'* estava à espera atrás da porta nas patas traseiras, fazendo o seu melhor para parecer negligenciada e abandonada. Brad rodou-a nos braços, deu-lhe um abraço, agarrou na trela e disse:

– Vamos, caniche, vamos dar um passeio.

Para dizer a verdade, estava apenas contente por ter alguma coisa viva, calorosa e a respirar para abraçar depois da noite que tivera.

Deram um longo passeio, avançando por ruas apinhadas repletas dos sons e cheiros da China, passando por pequenos templos com telhados pontiagudos vermelhos e dourados e cafés de rua, onde velhos chocalhavam peças de majongue; passando pelas fábricas de biscoitos da sorte onde estampavam o nosso futuro em tiras de papel; por crianças da escola em fila indiana atrás da professora, todos com meias vermelhas pelo joelho, aos risinhos e a empurrarem-se umas às outras; por lojas de lembranças, que vendiam bonecos baratos abana-cabeça e casacos vermelhos bordados, e cafés onde patos dourados estavam pendurados na janela, destinados a transformarem-se em pato à Pequim à noite na mesa e cujo aroma maravilhoso fluía para a rua.

Os proprietários de lojas, a lavarem com mangueiras as suas calçadas, acenaram um cumprimento. A professora disse olá, as crianças riram-se mais um pouco e a moça bonita na banca dos legumes ofereceu a Brad um sorriso encorajador, mostrando covinhas amorosas. Conhecia-a desde que era criança, com as meias vermelhas até ao joelho. Brad fazia parte da comunidade, participava em comités para a manutenção da história chinesa na Califórnia. Gostava do sítio onde vivia.

Lembrando-se que não tinha dado de comer à cadela, parou num dos restaurantes de rua de *dim sum*. Era cliente habitual e eles sorriram-lhe, dando-lhe as boas-vindas. Pediu dois *sui mai* de porco e dois de camarão, cozidos no vapor, não fritos. A comida veio rapidamente, deu os de carne de porco a *Flyin'* e comeu ele os de camarão. Sem molho. Gostava dos seus *sui mai* simples. Na sua opinião, não poderia haver melhor pequeno-almoço. É claro que não devia estar a dá-los à cadela, mas a necessidade mandava; *Flyin'* estava com fome e ele também. Já passava bastante da hora do pequeno-almoço, mas quando um tipo estivera acordado a noite toda, quase que perdia a noção do tempo.

Viu o seu «amigo», Chang Liu, também conhecido como Charlie Lew, a abrir caminho através da multidão de clientes em direção a ele. Charlie tinha vinte e muitos anos, cabelo liso, falinhas mansas, um homem para raparigas que o adoravam por causa da sua maneira de ser vistosa e do seu sucesso, que lhe granjeara um *Mustang* descapotável vermelho personalizado com bancos de pele branca, raios cromados e um motor V-8 que rugia como uma *Harley* com cio.

– Inspetor... como vai?

Charlie sorriu e alisou o cabelo escuro já liso. Um diamante cintilou no dedo mindinho, mais dois nas orelhas. Era pequeno, magro, muito bem arranjado, a cheirar a brilhantina chinesa e perfume francês. O casaco de *tweed* estilo inglês e a camisa vermelha às riscas pareciam *Armani*, embora Brad calculasse que mandara copiá-los em Hong Kong, onde Charlie passava muito tempo. O resto do seu tempo, Charlie preenchia-o como proprietário de um par de lojas e bares, ali em Chinatown.

Brad sabia que Charlie estava sempre a aprontar alguma coisa que em geral não era boa, mas, embora ele contornasse a lei, também mantinha Brad informado quando coisas realmente más iam acontecer, ali mesmo no seu território; como gangues a trazer drogas de má qualidade, heroína misturada

com detergente em pó ou então tão pura que matava mal atingia a veia; ou quem andava a usar miúdos *punk* para entregar *crack* aos *hipsters* urbanos e cocaína aos moradores dos subúrbios. Sabia quem tinha armas, onde as obtinham e onde as guardavam. Charlie sabia quem estava a perder no *pai gow*, quem estava a trair a mulher; quem estava prestes a vender o negócio e a voltar para a China com rendimentos ilegais para começar uma nova vida na terra natal.

E Brad sabia que Charlie era um grande jogador, jogos ilegais em salas escondidas em vielas esquecidas, homens sérios, todos eles asiáticos e todos prontos a apostar tudo o que possuíam. Às vezes, ganhavam, outras vezes perdiam. Charlie contara isto a Brad, em segredo, à frente de chávenas de chá verde, com pequenas bolas redondas de sagu a flutuar, e grilos vivos, para venda em pequenas gaiolas de arame, para alimentar os pássaros que os chineses tinham como animais de estimação.

– Como vais, Charlie?

Brad deu-lhe uma palmadinha camarada no ombro, o que significava, sabia Charlie, que não havia problemas entre eles, isto é, de momento. Brad seguia a letra da lei e Charlie transgredia-a; ambos sabiam disso e respeitavam-se um ao outro pelo que podiam oferecer. Naquele preciso momento, Charlie estava a oferecer informações.

– Vi na televisão aquele caso da rapariga assassinada. Elaine – disse.

Brad revirou os olhos. O nome de Elaine ainda não fora mencionado nos telejornais e não seria até eles conseguirem entrar em contacto com a família.

– Onde ouviste esse nome?

Charlie encolheu os ombros.

– Não interessa. Também ouvi dizer que o assassino a filmou.

As sobrancelhas de Brad ergueram-se ainda mais; apertou a trela de *Flyin'* e, sentindo a sua tensão, a cadela sentou-se muito quieta a seus pés.

– Nós vendemos câmaras aqui. – Charlie indicou Grant Avenue, na esquina. – É preciso uma câmara muito cara para filmar isso à noite nos bosques. Talvez um tipo tenha entrado na nossa loja, consegue-se lá um bom preço, ninguém faz perguntas, o que quer comprar, para que quer a máquina. Quer visão noturna? Um tripé? Pode comprar o que quiser.

Brad agarrou o ombro de Charlie.

– Estás a dizer que tens a certeza disso? Que um homem entrou na tua loja recentemente e comprou esse tipo de equipamento?

– Inspetor, inspetor... – Charlie contorceu-se para se libertar da mão de Brad. – Tudo o que estou a dizer é que alguém vendeu tal coisa há uma ou duas semanas. E aposto que um homem como esse também teria comprado binóculos de visão noturna em algum lugar.

Brad voltou a colocar as mãos nos bolsos e fitou intensamente Charlie, que disse:

– Não quero um homem desses no meu território, no meu espaço. Não estou a dizer que era ele, não sei quem era, tudo o que sei foi o que ele comprou. Não o quero aqui – acenou com os braços em volta indiciando Chinatown. – Nós não matamos raparigas.

Brad entendeu. Charlie dera-lhe uma pista, talvez para lugar nenhum, mas era tudo o que conseguira até ao momento.

Agradeceu a Charlie e encaminhou-se apressadamente para a loja de material fotográfico na Grant. A vitrina era impressionante e era óbvio que o homem que se aproximou para falar com ele tinha sido avisado por Charlie que iria receber a visita de um polícia. Afirmou que não se conseguia lembrar muito bem da compra, havia tantos clientes a entrar na sua loja, mas recordava-se da câmara. A venda estava ali registada, na folha de vendas. Recordava-se dele sobretudo porque o homem pagara em dinheiro, mas, por outro lado, naquela zona, com os turistas e noctívagos, não era uma coisa invulgar. O dinheiro não deixava rasto, lembrou a Brad, que estava esperançado num cartão de crédito.

Mostrou-lhe a câmara, uma *Olympus Stylus Tough* com adaptador *Monocam* de visão noturna e o tripé, o mesmo que Brad encontrara no bosque.

Outra peça do quebra-cabeças.

Brad voltou através do mercado de peixe apinhado onde anfíbios vivos deslizavam com lentidão para a frente e para trás em tanques de vidro, contemplando a sua última visão deste mundo. Ao olhar para eles, Brad pensou outra vez na rapariga. Elaine. Enviou uma mensagem a Jerry. Telefonou para a esquadra, fez o mesmo. Alguém visitaria a loja e registaria a informação. Precisava de ir ao hospital ver o que se passava. Comprou um café numa loja local e apressou-se a regressar a casa.

Meia hora mais tarde, com o duche tomado, barbeado, o cabelo escuro penteado obedientemente no seu lugar, calças de ganga limpas, camisa xadrez, um novo par de sapatos que comprara apenas no outro dia, uns

mocassins de camurça castanha, muito confortáveis. Estava pronto para sair.

Engoliu o café, agora frio, como de costume, vestiu um blusão de lã, correu o fecho, estava nublado lá fora e ainda aquele vento cortante. Chamou *Flyin'*, que também estava pronta para sair, trancou a exótica porta chinesa lacada de vermelho, abriu a porta do passageiro da *Ford 250* para a cadela, que saltou para o seu lugar à frente; abriu a sua própria porta, subiu e partiu para o hospital.

Brad mandara Jerry para casa mais cedo na noite anterior, dissera-lhe para dormir um pouco, bem, eram *três* da manhã. Ele próprio não tinha dormido, mas o café e o duche haviam feito milagres. Pensou em telefonar a Jerry, avisando-o para onde ia, mas decidiu não o acordar. O homem precisava de estar com o seu bebé e com a mulher que, por esta altura, possivelmente, já não falava a Brad.

No hospital estacionou onde não devia, porque podia e também porque era conveniente, colocou a luz de emergência da polícia em cima do carro e abriu um pouco a janela de *Flyin'*.

Lá dentro, a rececionista indicou-lhe os Cuidados Intensivos. Apanhou o elevador e desceu um comprido corredor muito iluminado. Sabia para onde ir porque dois polícias uniformizados estavam de pé à porta do quarto, parecendo necessitados de um cigarro e cafeína. Eram ambos jovens, vinte e poucos anos, bem barbeados, decididos, entusiasmados. Brad lembrou-se de quando se sentira assim, antes da raiva perante a insensibilidade dos gangues e dos assassinatos. Ora, disse consigo próprio, o mundo sempre fora assim, tudo o que podia fazer era tentar remar contra a maré. «Estás apenas cansado da vida», disse para si, «devido a demasiado trabalho; uma noite demasiado longa; demasiados bandidos.»

– Boa tarde, inspetor. – Os jovens eram sempre educados, ansiosos por fazer as coisas corretas.

– Como vão, homens? Mais importante, como está ela?

– Está lá dentro uma enfermeira com ela, inspetor. «Está a aguentar», foi o que ela disse.

Brad olhou para a porta. O nome dela estava inserido na placa de metal. ELAINE.

Bateu e uma enfermeira veio abrir. Era jovem, mais ou menos da mesma idade que a rapariga na estreita cama de hospital, ligada a máquinas. Tinha a cabeça imobilizada, compressas de gaze sobre o pescoço, pulsos ligados onde

havam sido cosidos. Tubos introduziam líquidos vitais no seu corpo. Ziguezagues de um verde luminoso registavam as batidas do seu coração num pequeno ecrã, monitorizavam-lhe a pulsação, a pressão arterial. Os olhos estavam fechados com tanta força que as pestanas pareciam estampadas nas suas faces e os pés pequenos terminavam em ponta sob o lençol branco.

A enfermeira tinha chamado o médico responsável e ele entrou no quarto, de bata branca, mais velho. «Extenuado» seria como Brad o teria descrito: de cabelo grisalho, rosto fino, testa franzida. Apresentou-se como Dr. Harvey.

– Temos sorte – disse a Brad. – O pretenso assassino rasgou-lhe a garganta com gravidade, mas poderia ter atingido a torácica ou a jugular ou a carótida. Felizmente não atingiu, só fez um pequeno corte na artéria. Se podemos chamar a isso «sorte». – Fez uma careta, olhou para a doente, depois para as notas que tinha na mão. – Caso contrário, ela teria morrido quase de imediato devido à perda de sangue e choque. No entanto, eram cortes limpos, de um bisturi profissional.

– A doutora Vivian das urgências disse-me isso – retorquiu Brad.

Era a primeira vez que pensava na Dr.^a Vivian desde a noite anterior, quando ela lhe tinha praticamente dito para se pôr a andar. E com razão. Era descabido pedir o número de telefone a uma médica das urgências, de serviço, e ela própria semimorta depois de ter lidado com o que acabara de lidar.

– Agora tudo depende dela – continuou o Dr. Harvey. – Quero dizer, de Elaine. Depende se é bastante forte. Se vai falar ou não? – Encolheu os ombros. – Poderá ser impossível com este tipo de lesão. – Olhou para Brad. – Não sabemos ainda quem é? Estou a pensar na família, claro.

– Até agora, doutor, é apenas «Elaine». Mas estamos a trabalhar nisso. Sei que Elaine não pode agradecer-lhe neste preciso momento, mas tenho a certeza que o faria se pudesse. E à doutora Vivian também.

– A doutora Vivian é a heroína deste drama. Salvou a vida desta jovem antes mesmo de eu entrar em cena.

– Ela é uma rapariga e tanto – concordou Brad.

O médico não sabia se ele se referia à rapariga na cama ou à médica das urgências, mas, de qualquer modo, assentiu.

– Mantê-lo-emos informado, inspetor – disse quando saiu.

Brad demorou-se mais um instante. Estava a pensar na cena no bosque, a marca do corpo dela sobre as folhas molhadas caídas, o tripé onde uma

câmara de vídeo tinha filmado o que parecia poderem ser os últimos momentos da sua vida e a sua brutal violação. Estava a pensar no quebra-cabeças do crime, as pequenas peças que poderiam levá-lo ao assassino. No crachá do café que poderia dar uma pista sobre o local onde o assassino a tinha conhecido. No tripé, pequeno o suficiente para aguentar uma poderosa câmara de visão noturna. Estava a pensar no tipo de carro em que o homem fugira, como, para começar, enfiara Elaine nesse carro.

Pegou no telefone e ligou para a equipa forense. A mulher de serviço disse-lhe que Elaine tinha primeiro sido deixada inconsciente com um golpe no pescoço, depois tinham-lhe espetado uma agulha no braço, possivelmente *Rohypnol*, afirmou em resposta a uma das suas perguntas. Teriam a certeza mais tarde. O homem usara um preservativo, não havia sémen, nenhum ADN. E uma faca de vinte centímetros. As roupas ainda estavam a ser examinadas para ver se encontravam mais qualquer coisa. Tudo levava tempo.

Brad desligou e o telefone tocou outra vez. Era Jerry.

– Chama-se Elaine Mary McCarthy. Vinte e dois anos. De Portland, no Oregon. Os pais viram a notícia, acabaram de telefonar. Tinham combinado vir hoje de carro visitá-la, mas ela não lhes ligou a confirmar... eles estavam preocupados...

– Porra! – Brad ferveu de fúria, mas dominou-se.

– Tinha um namorado; também trabalhava como empregado de mesa, só que num dos nossos cafés mais finassos.

Brad pensou que só Jerry teria usado uma palavra como «finassos».

– Ele telefonou ou quê? – perguntou.

– Os pais telefonaram-lhe primeiro, preocupados sabes. Tinham combinado ir jantar todos hoje à noite. Agora estão no voo de Portland. Vamos mandar buscá-los ao aeroporto, levá-los ao hospital. – Jerry fez uma pausa. – Diz-me só que não vão chegar demasiado tarde.

– Talvez.

Jerry suspirou. Deu a Brad o endereço do apartamento de Elaine e disse-lhe que iria lá ter com ele.

Brad fez um aceno de cabeça para se despedir dos dois polícias ainda de guarda, agradeceu à enfermeira e apanhou o elevador. A campainha retiniu quando parou no rés-do-chão. As portas abriram-se e, ali a olhar para ele, toda ela grandes olhos castanhos, boca bonita com batom rosado e, um oh de

surpresa, o cabelo castanho puxado para trás num coque bem arranjado, bata branca imaculada, tamancos brancos gastos, encontrava-se a Dr.^a Vivian.

– Ei. – Brad sentiu o sorriso vindo de algum lugar bom; ela tinha esse efeito nele.

– Ei para si também – retorquiu ela, com ar recatado.

Quase jurava que ela estava a corar.

– Que tal aquela bebida esta noite? – perguntou ele, saindo do elevador e aguentando a porta para ela.

– Lamento, é demasiado tarde, já tenho um encontro marcado.

– Pode sempre desmarcá-lo.

– Não sou esse tipo de pessoa.

– Que pena, conheço um bom restaurante chinês, o melhor pato à Pequim da cidade, um espetáculo e o arroz de jasmim...

Ela ria-se.

– Oh, vá passear o seu cão, inspetor – retorquiu enquanto as portas do elevador se fechavam.

Ele virou-se para ir embora, mas as portas abriram-se de novo. Parecia que a Dr.^a Vivian tinha mudado de opinião. Sorria-lhe.

– Escute, inspetor – disse, mantendo a porta aberta –, apanhou-me de bom humor. Há qualquer coisa em si que me faz sorrir.

Brad estava a sorrir-lhe em resposta.

– Espere até ver a minha cadela. *Flyin'* vai fazê-la rir-se.

– *Flyin'*? – Ela inclinou a cabeça para um dos lados.

– É uma longa história.

– Então gostaria de ouvi-la. – Fitou-o bem-disposta, uma resma de notas apertadas contra o peito da bata branca. – Estou livre amanhã à noite, se você estiver?

– Quer dizer que temos um encontro marcado? – Era estúpido, mas apetecia-lhe dar saltos de prazer, nada assim tão bom, tão positivo, lhe acontecia há muito tempo. Contentou-se com um sorriso.

– Podia apanhar-me aqui, por volta das oito? Está bem?

Parecia que Vivi sabia como usar um sorriso quando queria.

– Mais do que bem. – Deixaria Jerry no comando, isto era importante.

– Vou trazer a minha irmã também. Ela está de visita, não posso deixá-la sozinha – explicou Vivi.

Brad fitou-a, inexpressivo, durante um segundo, sem encontrar palavras.

Depois:

– Tudo bem. Está combinado. E eu vou trazer *Flyin'*, seremos quatro. Pato à Pequim para toda a gente.

– Perfeito.

Ela ainda lhe sorria quando as portas do elevador se fecharam de novo, deixando Brad a pensar se estaria a ser levado. Talvez a programar-lhe um arranjinho para a irmã, era mais provável. Porra!

O telefone tocou. Era outra vez Jerry.

– Já descobrimos o lugar onde ela trabalhava. Bobo's; a cerca de trinta quilómetros de distância de onde foi encontrada. Fechei-o, isolei o parque de estacionamento, tenho tipos lá a vasculhar tudo e estamos a interrogar o pessoal.

Brad anotou o endereço e disse que passaria lá mais tarde. Primeiro, porém, iriam examinar o apartamento de Elaine.

Vivi ainda levava um sorriso no rosto a pensar em Brad Merlin quando saiu do elevador e caminhou a passos largos de volta às urgências. Ele era tão amoroso... bem, não, não se podia propriamente chamar *amoroso* a um homem tão grande, todo ele masculinidade, de queixo azulado! *Sexy* talvez, com aquele sorriso que lhe iluminava os olhos, a passada larga e rápida de ombros amplos, os pés grandes. Reparara nos mocassins quando ele estava ali a conversar com ela no elevador: camurça castanha e tão obviamente novos. Pensou que tinham muito melhor aspeto do que os grandalhões que usava na noite anterior. Meu Deus, fora apenas há uma noite? O tempo parecia ter perdido a sua sequência, com aquele longo dia nas urgências, a vítima de assassinato a entrar de maca, a equipa do serviço de traumatologia a substituí-la, a rapariga agora a aguentar-se na UCI, onde Vivi calculava que Brad Merlin estivera a fazer-lhe uma visita.

«Elaine» era ainda tudo o que Vivi sabia sobre ela, embora tivesse ouvido dizer que agora já tinham uma identificação concreta e que os pais vinham a caminho de avião. Também sabia que Elaine estava meio cá, meio lá, e que esse tipo de meio-termo não augurava nada de bom. Esperava que os pais chegassem logo. Também não queria dizer «antes que fosse demasiado tarde»; pensamento negativo, pelo menos em termos médicos, não era o seu estilo. Dava o máximo até ao último momento, quando o tempo e a vida se esgotavam. Era esse o seu trabalho.

Entrou no serviço de urgência e quase esbarrou com um homem que vinha na sua direção. Tinha uma mão na cabeça. O sangue escorria-lhe por entre os dedos.

Vivi parou, afastou-lhe a mão e deu uma olhadela no corte profundo de cinco centímetros, unido, de forma amadora, com tiras de adesivo.

– Precisa já de pontos – disse. – Siga-me, por favor.

Ia tratar dele antes dos outros que esperavam em cadeiras de plástico, a falar alto, a bebericar café de copos de papelão ou *Coca-Cola* da máquina que nunca esgotava. Os bebés agitavam-se e choravam; um garoto com um rebuçado enfiado no nariz foi levado para o cubículo seguinte; uma mulher grávida queixava-se que a barriga lhe doía.

– Claro que dói – disse Vivi, oferecendo-lhe um sorriso quando passou. – Vai ter um bebé. Vou mandar alguém com uma cadeira de rodas para a levar à obstetrícia.

O homem seguiu-a até ao cubículo e ela fechou as cortinas.

– Sente-se, por favor. – Indicou a maca com a sua cobertura de papel branco e limpo. – Agora, vamos lá ver o que se passa.

Até ao momento, ele não dissera uma palavra. Vivi olhou bem para ele pela primeira vez. Alex Patceвич devolveu-lhe o olhar.

– Sou a doutora Vivian – explicou, com bastante calma pensou, considerando que estava a olhar para um homem muito atraente, cujos olhos castanhos muito bonitos fitavam os dela.

– Sei quem é – retorquiu ele.

Surpreendida, Vivi ergueu as sobrancelhas. Ele apontou para o nome bordado no bolso da bata de médico. Claro.

– Então? O que aconteceu?

– Um acidente de carro. Na tempestade, a noite passada.

Vivi calçou luvas cirúrgicas, depois puxou as tiras de adesivo, fazendo-o retrair-se.

– Desculpe. É melhor um puxão rápido do que tentar tirá-los com cuidado. Bem, onde bateu?

Estava a limpar o corte agora, examinando os bordos rasgados de pele. Chamou uma enfermeira para trazer o equipamento necessário para suturar a ferida.

– No cipreste no caminho da casa da sua tia Fen Dexter.

Vivi afastou-se para trás, com a agulha na mão. Percebendo quem ele era, exclamou:

– Deve ser o *Intruso*!

Alex soltou uma gargalhada, enrugando a testa, fazendo com que a ferida comesse outra vez a deitar sangue.

– Foi *isso* que ela me chamou? Pensei que ela ia matar-me e ela pensou que eu ia matá-la.

Vivi levantou uma mão.

– Espere só um minuto – pediu e carregou no número de Fen.

Fen nem se incomodou com os cumprimentos iniciais.

– Não me digas que JC foi casar com alguém não aconselhável esta manhã.

– Seria muito dela fazer isso – admitiu Vivi –, mas, Fen, tenho aqui o teu «Intruso».

– Queres dizer aí mesmo, no serviço de urgência? Disse-lhe que aquele ferimento precisava de pontos. Como foi sensato da parte dele seguir o meu conselho.

– Veio porque estava a sangrar e tens razão, precisa de pontos, vou fazer isso agora. Entretanto, quero saber se estás bem, quer dizer... o que *aconteceu* a noite passada? – Vivi lançou um olhar cauteloso ao Intruso, que lhe sorriu de forma encantadora em resposta.

– Oh, divertimo-nos muito, eu contei-lhe a história da minha vida e ele... bem, ele quase me contou a sua. – Fen estava ciente que Alex conseguia ouvir o seu suspiro veemente pelo telefone. – Receio que o meu amigo Alex... ele disse-te que se chamava Alex Patceвич, não disse? Sim, bem, meu amigo... creio que posso chamar-lhe «meu amigo», embora nos conheçamos há tão pouco tempo... bem, Vivi querida, acho que devia avisar-te que ele pode ter... bem talvez não tenha, mas nunca se sabe... quero dizer...

– FEN! Pelo amor de Deus, *diz-me* o que queres dizer!

– Bem, querida, ele tem um Passado.

Vivi revirou os olhos, às vezes Fen conseguia pô-la louca.

– Todos temos um passado. Vai direta ao assunto – pediu com firmeza. – Diz-me *exatamente* o que queres dizer.

– O que quero dizer é que ele apareceu à minha porta com uma faca e uma cabeça ensanguentada, assustou-me quase de morte, até que esclarecemos ambas as nossas histórias. Então... – Vivi conseguiu ouvir o sorriso na voz de Fen. – Depois disso, foi só navegar em águas calmas, como se costuma dizer.

Vivi lançou um olhar cauteloso ao Intruso; era melhor ele não ter nenhuma facas escondidas ali.

– Bem – Fen de repente foi direta à questão. – Ele está no negócio da segurança, um detetive privado, e está a investigar a morte de uma jovem que vivia onde tu estás, em São Francisco. Ela era o que eu chamaria hospedeira,

mas que creio chamar-se agora assistente de bordo. Era jovem, linda, e ele estava prestes a casar-se com ela. Foi violada e assassinada há quatro meses. O meu novo amigo, Alex Patceвич, anda numa missão para descobrir esse assassino. Deves lembrar-te, saiu em todos os jornais, na televisão, de forma contínua.

Vivi fitou o seu doente.

– Ele ia a guiar de Los Angeles para São Francisco, acabou em Big Sur, teve o acidente à minha porta a meio da tempestade. Poder-se-á dizer – acrescentou Fen em tom pensativo – que nos «encontrámos um ao outro».

O coração de Vivi parecia ter-se afundado na sua barriga, não medicamente, mas com certeza emocionalmente. Respondeu:

– Obrigada, depois telefono-te. – Desligou o telefone e olhou para Alex Patceвич.

Ele devolveu-lhe, calmo, o olhar.

– Desculpe – disse. – Eu acabaria por lhe contar, mas só vim aqui para ser cosido.

– Vou já tratar disso.

Vivi arrastou o banquinho com rodas e sentou-se ao lado dele, atarefando-se com a injeção de lidocaína para a anestesia local; em seguida, a agulha; a linha fina. Era uma especialista, fizera isto um milhar de vezes ou mais, dando pontos minúsculos, muito perfeitos.

– Não quero deixar cicatriz – explicou, inclinando-se para ele, concentrando-se.

– Reconheço o seu perfume – exclamou ele de repente. Ela chegou-se para trás, sobressaltada, e ele pediu desculpa. – Desculpe, só que estava tão perto que reconheci o aroma.

Vivi lançou-lhe um olhar cético; não seria o primeiro a atirar-se a ela no serviço de urgência. Ele tinha muito bom aspeto, ali sentado à sua mercê, com a sua camisa azul, magro e estreito nas calças de ganga. Gostava do formato do queixo, das maçãs do rosto altas sob olhos castanhos de *golden-retriever*. O cabelo escuro até crescia em bico. Cabelo desgrenhado de estrela de *rock*. Ao contrário do inspetor Brad Merlin, sem dúvida que se poderia chamar «amoroso» a este tipo.

– O perfume é da minha irmã – retorquiu Vivi em tom seco, inclinando-se para ele de novo, voltando ao seu trabalho.

– *Bright Crystal* de *Versace* – disse ele, encolhendo-se sob a agulha.

– Eu sou geralmente mais uma mulher de *Chanel N.º 5*. – Vivi deu o ponto final. – Meio-termo. Sabemos que *Chanel* é sempre bom, porque existe desde sempre e toda a gente o afirma. E, de qualquer modo, essas mulheres nos anúncios devem estar a dizer a verdade, caso contrário não teriam tão bom aspeto.

Alex Patcevitch fitou-a, confuso.

– Essa é a lógica feminina, suponho – replicou em tom duvidoso. – Mas o perfume de *Versace* diz bem consigo e a minha irmã também o usa.

Vivi soltou um suspiro de alívio. Tivera receio que ele fosse dizer que a noiva assassinada o usara.

– Passei uns momentos maravilhosos com a sua tia a noite passada – continuou Alex, fazendo-a sorrir.

– Mais ninguém tem uma tia como Fen – admitiu Vivi com orgulho.

– Sabe que mais? Acho que sai a ela. É franca, como ela é, quase se afeioou a mim, apesar de no início estar com medo.

– Eu não sou *exatamente* como ela – retorquiu Vivi com cautela. – Estou só a coser-lhe a cabeça, não a afeioar-me a si. E sem dúvida que não tenho medo de si.

Bateu ao de leve nos pontos, a certificar-se que estava tudo bem, passou uma receita de analgésicos.

– Podia tomar apenas *Tylenol*, mas poderá ter uma dor de cabeça enorme, visto ter deixado esse corte assim durante tanto tempo.

Alex deslizou para fora da maca.

– Obrigado, doutora Vivian. Operou milagres. Sinto-me muito melhor.

– Acabou-se o sangue – disse ela com brusquidão.

– Estou a pensar... Quero dizer, toma, por favor, um café comigo? Há uma coisa que preciso dizer-lhe.

Pois! Não era só o seu cabelo lavado e perfume *sexy*; o pobre homem queria falar sobre a sua querida noiva desaparecida. Vivi disse consigo própria que estava a ser má, claro que o ajudaria.

– Precisa de falar com o inspetor Merlin – aconselhou. – Ele conhece todos os detalhes do caso mais recente e tenho a certeza que vai ajudá-lo. Quero dizer, a descobrir quem fez isto – terminou sem jeito, corando porque sabia que dissera demasiado, interferira mesmo.

– *Por favor?* – suplicou ele, tal e qual como fizera na noite anterior, quando pedira a Fen que o ajudasse.

Vivi derreteu-se. Disse-lhe que, de qualquer modo, estava na hora de fazer um intervalo, que ia arranjar alguém para a substituir e que iria ter com ele ao parque de estacionamento fora das urgências. Iriam ao Starbucks da zona e faria o possível para o ajudar.

Tal como Fen, pensou, despindo a bata branca de médico e penteando o cabelo. Devia estar nos genes.

Jerry estava à espera de Brad à porta do apartamento-estúdio de Elaine Mary McCarthy, no terceiro andar das traseiras de um pequeno complexo económico cujas rendas baratas tinham aliciado jovens. Como Elaine, trabalhavam em empregos menores ganhando apenas o suficiente para cobrir as despesas e permitir uma ou duas noites num bar, para que pudessem considerar estar a «viver a vida», o que os tinha atraído para São Francisco para começar.

Um par de viaturas brancas e pretas já se encontrava estacionada cá fora e polícias uniformizados tinham vários moradores alinhados e faziam-lhes perguntas. Brad calculou que tivessem todos menos de vinte e três anos e apostava que a maioria abandonara a universidade. Quase se conseguia sentir o cheiro a erva quando se passava. Sem dúvida que se receberia com ele em cheio na cara quando se entrasse dentro dos apartamentos.

A porta do estúdio de Elaine estava aberta. Um polícia de uniforme estava postado ao lado e pôs-se em sentido quando os dois inspetores entraram. Disse-lhes que estava tal e qual como ela o deixara, ninguém tinha lá posto os pés. Os técnicos forenses e o fotógrafo estavam à espera no corredor, a fumar em ambientes fechados, ilegal na Califórnia. Quando viram os inspetores, enfiaram as cabeças para fora das janelas.

– Porra, rapazes, o que são vocês? Viciados ou algo assim? – reclamou Jerry. – Não podiam esperar?

– Vocês demoraram.

A técnica forense, que eles conheciam bem, seguiu-os para a pequena divisão que fora a casa de Elaine durante sete meses, desde que chegara a São Francisco, vinda de Portland, Oregon, em busca de uma vida boa, divertimento, um homem bom, o sonho de qualquer jovem. Acabara como empregada de mesa num café desinteressante frequentado por reformados

locais. Ainda assim, pagara sempre a renda no primeiro dia do mês. Jerry tinha todas as informações. O proprietário do edifício enviara um representante para controlar as coisas e certificar-se que a sua propriedade não era danificada de maneira nenhuma.

Os dois inspetores deram a volta ao pequeno espaço em forma de L. Havia um *futon* preto baixo coberto com um xaile azul de croché; uma televisão de dezanove polegadas numa prateleira ao lado da única janela, uma mesa de café de tela de arame com duas cadeiras a condizer em frente de uma pequena bancada de cozinha, que continha um micro-ondas, uma única placa de fogão elétrica e uma cafeteira. Debaixo do balcão havia uma prateleira com duas panelas, uma frigideira pequena e uma embalagem de detergente *Palmolive*. Na prateleira de cima, um prato raso de pirex, dois pratos de cerâmica e duas canecas, uma das quais de um laranja brilhante com *I-Pott* impresso a branco; a outra era da Disney World com orelhas de Mickey e ELAINE em letra desenhada.

Um tapete branco fofo cobria a carpete verde coçada e a cama de solteiro estava escondida no canto do L. Era óbvio que alguém dormira nela e que Elaine não se preocupara em fazê-la. Uma confusão de roupa interior e sapatos no chão; um cabide de metal com a sua roupa. Na pequena mesa de cabeceira havia uma foto de um casal com bom aspeto, sentado em cadeiras de jardim, com um cão a seus pés. Uma lembrança de casa.

– Provavelmente com pressa de chegar ao trabalho – disse Jerry, enquanto olhavam os dois para a tristeza e a intimidade da vida de uma jovem mulher solteira, ambos a pensar nas suas esperanças e sonhos perdidos.

Examinaram a minúscula casa de banho. O mesmo tipo de coisa: azulejos antigos cor-de-rosa que datavam de outra época; as coisas habituais de uma rapariga empilhadas numa cesta debaixo do lavatório. Não havia nenhuma janela; não chegava aqui nenhuma luz do dia.

Voltaram para a parte principal da sala, vasculharam as revistas empilhadas sobre a pequena mesa de café, perscrutaram a pilha de papéis num canto. Currículos; candidaturas a universidades menores e a melhores empregos.

Não havia telefone; Elaine não pagara uma linha fixa.

– É mais barato usar apenas o telemóvel – calculou Brad. – Quem me dera que conseguíssemos encontrá-lo, mas não havia nenhuma mala, nada.

– O que significa que o assassino deve tê-la guardado.

– Se calhar caiu quando ele a agarrou. Tê-la-ia posto no seu carro. – Brad

virou-se para olhar para Jerry. – Não tens a sensação de que ele esteve aqui? Quero dizer, *aqui dentro*. A olhar para as coisas dela, a tocar nas coisas dela? Ele é um psicopata, suficientemente louco para fazer isso também.

Jerry acariciou o queixo com a barba por fazer, pensativo.

– Não há nada de aleatório neste assassinato. Ele sabia quem ela era e o que queria. As outras três mulheres eram do mesmo tipo físico. Aposto que ele *esteve* aqui.

Entregaram o apartamento aos técnicos forenses na esperança que encontrassem impressões digitais, cabelos, qualquer pista que pudesse ajudar, e foram até lá fora, onde fotógrafos e câmaras de televisão tinham de repente aparecido.

– Diga-nos o que está a acontecer, por favor, inspetor – gritou alguém e os *flashes* dispararam-lhes nos olhos.

– Mais tarde, nada a dizer ainda. Por favor. – Brad escudou os olhos. O seu telemóvel tocou. Atendeu, ouviu, desligou e virou-se para Jerry.

– Têm marcas de pneus no estacionamento do café, na parte sombreada, onde a chuva não bateu tão forte. É o parque de estacionamento do pessoal e estão a verificar os carros todos, embora o gerente tenha dito que o pessoal nunca estacionava aí, estacionavam sempre na luz. Por uma questão de precaução, sabes.

– Aposto que sim – concordou Jerry.

Era mais uma peça no quebra-cabeças.

Quando entrou, Vivi viu Alex à espera, duas chávenas de café já em cima da mesa.

Ele levantou-se, estendeu-lhe a mão e disse:

– É bom vê-la de novo.

– Acabámos de nos conhecer há quinze minutos, não pode ser *assim tão* fantástico. – Vivi deslizou para o assento em frente dele, inspecionou o seu café e acenou com a cabeça, em aprovação. – Preto, sem açúcar. Acertou.

– Tal e qual o que o médico ordenou.

– Oh, meu Deus. – Vivi colocou a cabeça entre as mãos. – Se soubesse quantas vezes já ouvi isso.

Ele sorriu-lhe.

– Desculpe, desculpe. Que tal qualquer coisa para comer? Um *muffin*? Uma sanduíche?

Vivi pensou num *muffin*, mas a saia cinzenta direita já estava tão apertada que mal conseguia respirar. Era de JC claro. A irmã convencera-a a usá-la para o seu encontro da noite com o Dr. Ralph... merda, não podia ir a um encontro a tratá-lo por «doutor». Era *Ralph*. E agora era Alex Patceвич, o Intruso/ /amigo da sua tia e com uma noiva morta. Lançou-lhe um olhar por cima da borda da chávena de café. Ele era sem dúvida giro, porém, obviamente indisponível devido ao luto.

– Doutora Vivian?

Levantou os olhos, sobressaltada.

– Desculpe, perdi-me nos meus pensamentos. Como posso ajudá-lo?

– Vou começar pelo princípio – disse Alex e ela recostou-se para trás, a olhar para ele na expectativa. – Ela chama-se... chamava-se Julia Mastro. Tinha mais ou menos a sua altura. Um metro e sessenta? Pequena, cabelo castanho comprido, que usava em geral num puxo. Como você também.

Vivi apanhava sempre o cabelo atrás no trabalho.

– Conhecemo-nos há quatro anos num voo de Los Angeles para Nova Iorque. Não sou do tipo de conversar com assistentes de bordo, mas avistei-a no aeroporto, a arrastar a sua pequena mala de hospedeira. Uma das rodas ficou presa, por isso, naturalmente, parei para a ajudar.

– E calculo que começou assim. – Vivi terminou a história por ele.

– Eu tinha uma casa em Los Angeles. Ela tinha uma casa perto de Nob Hill. O meu trabalho prendia-me a Los Angeles ou então estava a viajar. Não sou propriamente um detetive, tenho uma empresa de segurança, trato da segurança de clientes importantes, seja no Dubai ou em Paris. Afinal – acrescentou com amargura – nem consegui manter a minha namorada em segurança.

Os olhos cruzaram-se de ambos os lados da mesa. Os de Vivi estavam repletos de compreensão.

– Não tinha razão nenhuma para pensar que ela poderia não estar em segurança – lembrou-lhe.

– Em todo o caso... – Alex recompôs-se. – Mais café?

– Tenho de voltar em breve.

– *Okay*, bem, o que queria perguntar-lhe era, em relação a esta nova vítima, quero dizer, ouvi dizer que ela ainda estava viva.

– Ela encontra-se estável – respondeu Vivi. – Isto é jargão hospitalar para dizer que pode evoluir em qualquer sentido. Vamos esperar, por si e por ela, que viva para contar a história. Entretanto, há polícias uniformizados à porta do seu quarto, ninguém tem acesso a ela. Está em absoluta segurança, posso garantir-lho. – Pensou por um instante na tristeza dele, depois inclinou-se e deu-lhe a mão. Ele prendeu-a entre as suas, fitando-a com intensidade. – Não é comigo que precisa falar, é com o inspetor Merlin. Se alguém o pode ajudar, é ele. – Recordando o bom e sólido Brad Merlin, um homem que amava o seu cão, teve a certeza disso.

– Obrigado. Mais uma vez. – Alex hesitou. – Escute, doutora Vivian...

– Vivi. – Sorriu. – No final de contas, conhece a minha tia, o que faz com que seja quase família.

Alex sorriu.

– Está bem, então Vivi... Gostaria de estar consigo outra vez.

Sobressaltada, lançou-lhe um longo olhar ponderado. Ele era atraente, simpático, perturbado, tudo o que ela gostava num homem. Então porque não

se sentia entusiasmada por poder marcar um encontro? Ele estava demasiado perturbado, calculou. Talvez devesse ajudá-lo a recuperar. Não era isso que fazia sempre, no seu trabalho? E na sua vida pessoal? Não fora isso que fizera com o francês e a maioria dos outros homens que tinham vindo antes dele? E agora com a sua irmã? Não era propriamente a Madre Teresa, mas tudo o que parecia fazer era oferecer uma mão amiga. Um pequeno pensamento melancólico insinuou-se na mente de Vivi: como seria bom se alguém olhasse por ela para variar.

Lembrou-se de repente do seu encontro para jantar naquela noite com o Dr. Ralph, oh, por amor de Deus, tinha de se lembrar de lhe chamar *Ralph* e do encontro duplo com Brad Merlin, a cadela dele e a sua irmã na noite seguinte. Para uma mulher que não tivera nada para fazer durante semanas, os encontros estavam, de repente, a amontoar-se. Além disso, tinha de levar JC para Big Sur para que Fen tratasse dela.

– Escute, Alex – sorriu-lhe quando proferiu o nome dele. Os olhos dele não largavam os dela. – A questão é que estou ocupada nos próximos dias, o trabalho e... bem, sabe como é...

– É claro que sim, não estava à espera que estivesse livre tão em cima da hora.

Não disse «uma mulher como você», mas Vivi pensou que era isso que queria dizer e sentiu-se lisonjeada. Impetuosamente, sugeriu:

– Mas porque não nos encontramos para uma bebida amanhã à noite? Eu tenho uma espécie de encontro para jantar mais tarde, bem, não é de facto um encontro *romântico*, apenas tipo uma coisa de amigos, com a minha irmã e, na realidade, com o inspetor Merlin. Talvez possa vir também, ficar a conhecê-lo, ver o que ele pode fazer para o ajudar?

Agora Alex sorria.

– Fantástico, eu ia entrar em contacto com ele de qualquer modo, mas isso vai ser muito melhor, a um nível mais pessoal, em vez de ser só uma coisa de polícia, não apenas mais um parente à procura de ajuda. Quando o que eu quero fazer é ajudá-lo a ele. De qualquer maneira que puder.

Vivi recordou a jovem quase morta, Elaine, na maca, e pensou na noiva de Alex que não tivera a sorte de sobreviver.

– Todos nós queremos ajudar – disse com simplicidade.

Escreveu o seu número de telefone nas costas de um guardanapo e levantou-se com rapidez para se ir embora.

– Eu saio do trabalho mais cedo amanhã, por isso vamos combinar por volta das seis? Sim? Telefone-me primeiro. Se eu não estiver em casa, JC estará lá, ela trata de si. – Com uma ponta de apreensão, Vivi apostava que JC o faria.

O homem estava no jardim estreito, nas traseiras da sua casa a limpar a confusão provocada pela tempestade. A trepadeira clematite fora arrancada da parede onde estava aprumada há vinte anos; agora não haveria flores na primavera. Além disso, a sua estimada oliveira sem frutos perdera as folhas prateadas e vários ramos tinham-se quebrado, apresentando feridas de um branco-cinza. Não era fácil fazer crescer oliveiras no clima imoderado de São Francisco; no inverno, cobria o tronco, para protegê-lo do frio. À pequena estufa, onde cultivava as suas belas orquídeas, faltavam alguns painéis e vários dos seus exemplares mais espetaculares tinham sofrido danos.

Acariciou os caules despedaçados com dedos ternos, os botões rosa e brancos. Teria de se desfazer delas. Não era um homem sentimental. Podiam ser substituídas. O suor irritou-lhe o pescoço. A temperatura na estufa estava a aumentar por causa do vento a soprar através das vidraças quebradas.

Procurou «vidraceiro» nas páginas amarelas, depois telefonou, salientando a importância da tarefa. O vidraceiro disse que mandaria alguém naquela tarde.

– *Esta* tarde – disse o homem. – Já é *tarde*. – Não podia esperar; tinha planeado uma noite movimentada.

Varreu os cacos de vidro, limpou a terra derramada das prateleiras de tábuas, verificou se os vasos tinham humidade. Estavam tão bem quanto se poderia esperar.

Não muito diferentes, pensou com um suspiro amargo, da jovem no hospital que, segundo todos os seus cálculos, por esta altura já deveria ter morrido. O facto de não ter, perturbava-o muito; sentia o medo persistente de que poderia acordar e falar. Seria capaz de descrever o seu atacante? Contar a história de como ele entrara no café, como a chamara para o seu carro? Iria

ter de fazer alguma coisa para evitar isso? Poderia ser melhor. Mesmo assim, esperaria, deixaria as coisas arrefecerem, manter-se-ia informado sobre as suas melhorias ou o seu enfraquecimento. Depois, se necessário, agiria.

Colocou a vassoura no seu sítio próprio, no canto, arranjou os vasos para ficarem perfeitamente alinhados, deu um passo atrás para se certificar que estava tudo como devia ser e foi lavar as mãos debaixo da torneira.

Também se preocupava com o tripé. Quando se apercebera que estava em falta, sentira aquele aperto no peito, como uma corda que lhe comprimisse as costelas; o maxilar cerrara-se, o suor jorrara.

Fora a meio da noite e saltara da cama num frenesi. Cambaleara até à mesa onde tinha deixado o saco leve e vasculhara-o como um louco. Foi à garagem, revistou o carro. Nada, exceto a mala de Elaine. Tinha-a agarrada na mão quando a salvara. Chamava sempre ao que fazia «salvar». Isso significava que ele era o mais forte e que as «salvava» de uma vida que não deviam viver. Os seus estudos diziam-lhe isso.

Começara a «salvar» raparigas após a morte da irmã mais velha, com quem vivera durante mais de dez anos. Tinha duas irmãs e a mais velha era tudo o que ele não era: desleixada, barulhenta, bêbada, promíscua. Mas era família, não havia mais ninguém, por isso acolhera-a quando ela batera no fundo, pô-la na reabilitação, arranjou-lhe tratamento psicológico, proibiu álcool e homens em casa. Foi uma espécie de inferno, mas era o seu dever. Por fim, há cinco anos, ela fora atropelada por um camião, à saída de um bar em Salinas. Ele tratara de tudo, mandara-a cremar e espalhara as suas cinzas sobre as rosas. Pelo menos na morte, ela podia muito bem ser útil.

Quando era rapaz percebera que era diferente. O que ele *era*, não era uma coisa que se desenvolvesse ao longo dos anos, resultado de maus tratos ou complexo de inferioridade ou perseguição e intimidação. Nascera assim. «Psicopata», chamara-lhe a própria mãe apavorada, quando ele lhe lançara um daqueles olhares parados e vazios que sabia inspirarem medo. Tinha apenas cinco anos de idade na altura, mas sabia. Aprendera cedo o poder do medo; sabia que era uma emoção que conseguia inspirar simplesmente com um olhar. Porque atrás desse olhar encontrava-se um assassino.

Os especialistas chamavam-lhe hoje «comportamento insensível e frio» quando o encontravam em crianças. E tinham razão, todos esses psicólogos que queriam tanto mudar o que ele era. Porém, enganara-os, porque tinha nascido não só com um sentimento em falta, mas também com o dom do

«charme».

Era uma criança bonita, quando estava a portar-se bem e não a destruir a casa da família numa vila com quartel militar no Midwest, a ter ataques e acessos de raiva, gritando, arremessando cadeiras, sufocando as irmãs.

Hoje em dia, toda a gente conhecia as classificações na Escala de Psicopatia Infantil e no Inventário das Características Insensíveis e Não Emocionais em crianças, que se equiparavam ao mesmo comportamento frio e predatório encontrado em psicopatia adulta.

O fraseado descrevia-o de forma perfeita quando criança, apesar de ter tido a esperteza de o disfarçar quando confrontado com um teste. Ele era inteligente e conseguia acionar o seu encanto num segundo. «Tal como um menino normal», tinham dito os psicólogos à mãe.

O momento decisivo surgira numa viagem de comboio. Ironicamente, num comboio rumo à Disney World na Flórida. Ele tinha onze anos. Era um daqueles comboios especiais bonitos com compartimentos separados e sem corredores de ligação. A mãe e as irmãs estavam com ele; iam de férias. Sentou-se, a pontapear as pernas, olhando para o trio sentado em frente: um homem, uma mulher e a filha de dez anos que evitou o seu olhar insistente. Os pais observavam-no, no entanto, o homem desconfiado, a mulher nervosa. Pôs-se de repente de pé de um salto, os punhos cerrados à sua frente, com a pose de um lutador pronto para defrontar esta família estúpida; aquele olhar no seu rosto; pronto para matar. O pai da menina sabia-o, mas a sua própria mãe e irmãs ficaram ali sentadas com as cabeças baixas, evitando olhar, evitando a questão, sem vontade de saber o que podia acontecer, embora, claro, receassem sabê-lo.

Foi a primeira vez que entendeu o verdadeiro poder que tinha sobre as pessoas. O poder do medo. Aquele pai estava na beira do seu assento, um homem alto, pronto para proteger a sua família, pronto para o enfrentar. Ele desejara ter a sua faca, mas a mãe tirara-lha... poderia ter tratado do pai e do resto deles. Fácil. Um prazer, de facto. Um corte suave na garganta e aquela filha seria uma filha morta.

O comboio tinha parado com um solavanco, fazendo-o cair para trás. O homem levantara-se logo, reunindo a sua pequena família. Tinham saído dali. E ele rira-se. «Eu só queria falar com eles», dissera com meiguice à mãe. «Sabes que eu sou um bom menino.»

Esta cena na Disney World permanecera clara na cabeça do homem,

mesmo passados todos esses anos. Fora a primeira vez que compreendera o que podia fazer. Do que era capaz. A primeira vez que percebera a emoção da intimidação, do medo e do medo *deles* do que ele *poderia* fazer. Bem como a excitação sexual que retirava do medo de uma mulher, a ideia de uma faca na sua garganta macia, o sangue a derramar-se.

* * *

Olhando agora para a mala de Elaine, hesitou, sem saber o que fazer com ela. É claro que teria de se livrar dela. Mas como? Onde? O que seria mais seguro? O rio era uma escolha óbvia, mas os rios podiam ser vasculhados à procura de provas; às vezes as coisas iam ter às margens. Havia sempre o oceano, poderia ir de carro para sul, escolher um lugar tranquilo, solitário, atirá-la de um penhasco. Porém, neste preciso momento, não havia tempo. Colocou a mala de Elaine no porta-bagagem e continuou a sua busca infrutífera pelo tripé. Não valia a pena, teria de arranjar um novo.

Voltou para dentro de casa, procurou o recibo de venda da loja na Grant Street. Era tentador lá voltar, conseguira um bom preço. Duvidava que se lembrassem dele, pagara em dinheiro e o empregado de balcão contara as notas à sua frente, levando imenso tempo. A paciência não era uma qualidade que possuísse, a não ser que andasse à caça, a observar, à espera.

Caso contrário, a sua vida era tão normal como a de qualquer outra pessoa. Tinha um trabalho que envolvia viagens internacionais; o respeito dos seus colegas; uma boa vida social. Possuía a sua casa; a sua Mrs. Meade, que era a melhor governanta e a menos curiosa, e que aparecia duas vezes por semana para manter a casa arrumada. Não que ele fosse alguma vez desarrumado; ela queixava-se que ele era o homem mais asseado para quem já trabalhara.

Não era apenas asseado: era obsessivo-compulsivo. Tudo tinha de estar no seu lugar; todos os rituais tinham de ser respeitados; todas as mulheres perfeitamente escolhidas.

Com a Dr.^a Vivian concebera uma coisa diferente. Esta seria difícil, mas intrigava-o e ele gostava de um desafio. Sem pressa, no entanto. Trataria de limpar tudo do caso de Elaine, comprar um novo tripé, talvez até uma nova câmara... gostava de todas as engenhocas envolvidas. Só uma coisa continuava a mesma, certa e verdadeira. A sua faca de *chef* de vinte centímetros. Pura, flexível e forte como o seu coração.

O que lhe recordava que era melhor marcar uma consulta com um cardiologista; fazer um exame.

Foi fácil para Alex encontrar o número de telefone de Fen Dexter; ela vinha na lista. Sentado no *Range Rover* preto batido, no parque de estacionamento do hospital, marcou-o no seu telemóvel. Ela respondeu logo, parecendo sem fôlego e bastante irritada.

– Quem quer que seja, não reconheço o seu número e estou a passear o cão, por isso não posso falar agora.

Alex sorriu; aquela era sem dúvida a mulher que conhecera na noite anterior.

– Aposto que vai falar comigo – disse.

Fez-se um pequeno silêncio, depois Fen perguntou:

– Quem é? E porque deveria falar consigo?

– Eu sou o homem da sua vida? Já me esqueceu?

Estava a brincar e ouviu o sorriso de resposta na voz dela quando ela retorquiu:

– Ora, ora, se não é o meu Intruso. Estou a pensar se, afinal de contas, deveria ter chamado a polícia. Tê-lo-ia feito se *Hector* não lhe tivesse realizado um exame rápido e declarado seguro com mulheres mais velhas.

Foi a vez de Alex se rir.

– Então devo a minha vida a *Hector* e aos seus pensos rápidos. Queria agradecer-lhe mais uma vez e dizer-lhe que acabei de conhecer a sua menina.

– Qual delas? Rezo para que diga Vivi.

– A doutora Vivian Dexter. Conheci-a a título profissional. Coseu-me muito bem.

– E beijou-o melhor?

– Devia ter mais juízo. A sua menina é uma excelente profissional.

– Fico contente por ouvir isso, mas gostaria que ela tivesse mais uma vida particular adequada, como um encontro para jantar, dança, flores, perfume.

– Tipo como você, na verdade.

– Exato. Eu sou o melhor exemplo que qualquer mulher pode ter.

– Acho que nisso tem razão. – Alex estava a falar a sério. – De facto, ela convidou-me para jantar, amanhã à noite.

– O quê! – Fen estava estupefacta. Vivi nunca tinha, em toda a sua vida, convidado um homem para um encontro. – Você aceitou?

– Sim, mas é com condições. Ela vai jantar com o inspetor encarregue dos assassinios em série. Conheceu-o no hospital onde a última jovem... – Alex fez uma pausa recordando a sua noiva... –, onde está a última jovem que foi atacada. Chama-se Elaine e está a aguentar-se. Vivi pensou que seria uma boa oportunidade para eu conhecer o inspetor Merlin e talvez falar sobre o meu próprio envolvimento, ver se eu poderia oferecer algumas ideias. Ou, se calhar – acrescentou –, ando só atrás de sonhos, de «bem poderia ser», de «quem dera que fosse» e não há nada que possa fazer para ajudar.

– Depois do que aconteceu, quer você dizer – retorquiu Fen. – Mas vale a pena tentar – acrescentou, com suavidade. – É um bom rapaz, Alex Patceovich, e a vida tem de continuar. Descobri isso da maneira mais difícil, há anos, por isso não me desiluda. Além disso, vai ficar mais tranquilo. Saberá que fez tudo o que pôde e o resto é com o homem no céu e com a polícia.

Alex calculava que ela tinha razão.

– Vou fazer o melhor possível – prometeu. – Embora, se calhar, seja aquele que leva um tiro. Bem, queria cumprimentá-la de novo, agradecer mais uma vez e dizer-lhe que é uma mulher mágica, Fen Dexter.

– Sou demasiado velha para si – lembrou-o ela. Só para o caso de ele ter esquecido.

Alex ria-se quando disse:

– Para mim é uma rapariga. Passo por aí para a ver de novo, quando voltar para Los Angeles, talvez na próxima semana?

– Telefone-me primeiro – replicou Fen, desenhando. – A minha vida social anda sempre num turbilhão.

Ele ouviu gargalhadas quando ela desligou. Levou a mão aos pontos na testa que ainda doía. Pensou que a família Dexter era impressionante. Mal podia esperar para conhecer o outro membro do clã, a irmã travessa, JC.

Mais tarde, Fen encontrava-se no seu terraço a limpar a confusão provocada pelo vento da noite anterior. Telhas quebradas, um velho ninho de pássaro, um vaso de terracota lascado que era o seu vaso de gerânios favorito. Nos doze anos que ali vivera, nunca tinha havido uma tempestade tão selvagem. A sua pequena casa estava aninhada atrás de um pequeno grupo de árvores que a abrigavam, exceto quando o vento soprava do mar.

O vento ainda apresentava alguma intensidade, mas o céu mostrava-se tão inocente e sem nuvens como o rosto de uma criança quando acabava de fazer diabruras e voltava outra vez a ser um anjo.

Envergara um antiquíssimo casaco corta-vento da *Barbour*, um cachecol comprido de caxemira vermelho enrolado duas vezes ao pescoço; um boné de caçador de pele de carneiro, protetores de orelha atados com firmeza debaixo do queixo, calças de ganga enfiadas em botas de borracha de um rosa-framboesa, as mãos enluvadas de um rosa a condizer, óculos escuros contra a claridade. Com a vassoura de cerdas compridas, empurrou os detritos para a extremidade do terraço, onde *Hector* estacionara o seu grande traseiro, mesmo no seu caminho.

– Oh, sai daí seu cão idiota – resmungou Fen em voz alta, mas *Hector* lançou-lhe apenas o seu olhar «vazio» que significava que não se ia mexer para ninguém. Então, claro, Fen varreu em volta dele.

O telemóvel tocou de novo e largou a vassoura e remexeu no bolso com uma mão enluvada. Quando por fim o encontrou era demasiado tarde. Verificou a mensagem; era outra vez Vivi. Fen ligou de volta.

– Fico preocupada quando não atendes – foi a reação imediata de Vivi.

Cansada, Fen deixou-se cair no banco de madeira que dava para a sua vista particular do oceano, hoje turbulento e de um azul com franjas de espuma branca. Dava-lhe sempre prazer. Aquele lugar era a melhor coisa a seguir a

Paris. Paris, claro, era sempre o máximo. Cidade de ouro; cidade das luzes; cidade do amor...

– *Fe... en?*

– Oh, desculpa – respondeu Fen. – Estava a pensar em Paris.

– E eu estava a meio de falar contigo. – Vivi parecia desconfiada. – E não estás a pensar em partir outra vez para Paris, estás?

– Não. Claro que não. Porque iria fazer isso? – Fen soava deliberadamente inocente; estava sempre a pensar em partir para Paris. Um pouco de diversão nunca fizera mal a uma mulher, não é? – De qualquer modo, se fosse, o que faria com *Hector*?

– *Fen!* Para com isso. Não podes partir assim a correr para Paris sozinha e, além disso, tens de pensar na tua outra «menina».

– Oh! Essa. – Fen considerou JC em silêncio durante um momento. – Suponho que irás trazê-la até cá para eu lhe pregar um sermão.

– Uma conversa de encorajamento. Ela precisa endireitar-se. – Vivi estava genuinamente preocupada.

– Suponho que poderia sempre levá-la comigo para Paris – retorquiu Fen. A ideia não lhe parecia assim tão má; ela e JC a divertirem-se em Paris.

– Bem, esta conversa não está a chegar a lugar nenhum!

Fen suspirou; tinha a sensação que Vivi era demasiado parecida com ela para seu próprio bem. Fen cuidara sempre das suas amigas, dos seus parentes, dos destroçados. Uma «mulher para qualquer tempestade», cogitou a sorrir, enquanto pensava em Alex e na ligação que se estabelecera entre os dois, como o tinha apreciado.

– Então, o que dizes de Alex Patceovich afinal? – perguntou, recordando-se que Vivi o vira naquela manhã. – Giro, hein? E mesmo do teu género, um homem que precisa de conserto.

– Não estou a «consertá-lo». Mas convidei-o para uma bebida amanhã à noite.

– Uma *bebida*? – Fen ficou chocada com a ignorância de Vivi. – Não se convida homens assim «para uma bebida»... pões-te toda sedutora no teu melhor vestido e vais sair para tomar uma bebida, depois jantar e depois, talvez, dançar um pouco, quer dizer, o *meu* tipo de dança, juntinhos, não o teu rodopiar, os dois separados. Todo o interesse da dança é que se trata de uma desculpa para se agarrarem um ao outro.

Vivi agora ria-se. Disse que o havia convidado também para jantar e que

tinha um encontro naquela noite com outro médico, um psiquiatra. Fen não ficou impressionada.

– Aposto que ele é mais velho, usa aros de tartaruga e guia uma carrinha *Volvo* – avisou. – Tem cuidado, também é provável que tenha uma mulher e três filhos escondidos nos subúrbios.

Vivi assegurou-lhe que o Dr. Ralph não era nada disso, embora Fen não estivesse muito enganada na sua descrição.

– Ele é simpático – retorquiu Vivi, na defensiva. – Bom para as mulheres, sabes, amável, atencioso...

– Chato! – Fen não foi no «amável e atencioso». Onde estava a emoção? – Onde te vai levar?

– Ao Top of the Mark para Martinis, depois jantar em algum sítio.

– Então vais misturar-te com os tipos dos congressos que vão divertir-se à noite! Minha querida, Vivi, tinha melhor opinião de ti.

Vivi pensou que, de facto, parecia um pouco aborrecido.

– Foi a sugestão dele.

– Uma mulher pode sempre mudar de ideias. Descobrir um lugar mais emocionante – ordenou Fen. – Isto é, se achas que ele consegue aguentar o ritmo, sendo tão velho e tudo isso.

– Fen, ele *não* é velho. Tem talvez quarenta e oito...

– Toda a gente tem quarenta e oito. Eu própria já tive algumas vezes. – Fen ouviu Vivi soltar uma risadinha. – Anima-te, querida. Podes sempre passá-lo para JC. Um pouco de psicoterapia grátis pode ser mesmo do que ela precisa.

Hector levantou-se, pesadão. Aproximou-se e encostou o corpo contra as pernas de Fen. Ela fez-lhe uma festa distraída, ouvindo Vivi falar-lhe do seu outro encontro com Brad Merlin, o inspetor que investigava a mais recente «tentativa» de assassinato em série, e que também dissera a Alex para entrar em contacto com ele.

– Também disse a Brad Merlin que ia levar a minha irmã, pensei que poderia passá-lo para ela – admitiu. – Ele é do género forte, firme, do tipo em que todas as mulheres podem confiar.

– Nenhuma mulher pode confiar em nenhum homem. – Fen passara por isso, sabia tudo sobre o assunto. Recordando, alterou aquilo um pouco. – Na maioria dos homens, de qualquer modo.

– Este tem uma cadela chamada *Flyin'*.

– *Hum*, um tipo letrado, lê Dorothy Parker.

Era óbvio que Vivi não fazia ideia do que Fen estava a falar, mas depois contou-lhe o que o inspetor tinha dito sobre os seus próprios nomes Vivian e Merlin na corte do rei Artur.

– Definitivamente, um homem interessado em literatura – retorquiu Fen. – Deves dar-te com ele, para alargares os teus horizontes. Ou os de JC – acrescentou. – Se não for demasiado tarde para isso.

Vivi disse que pretendia levar JC para lhe fazer uma visita dentro de um par de dias, para que Fen a «endireitasse». Fen respondeu que descongelaria mais *daube* de vaca, bem poderia livrar-se dele enquanto podia ou iria ficar no seu congelador para sempre. Prepararia o quarto de hóspedes e haveria alguma coisa especial que elas quisessem?

– Só tu – respondeu Vivi e a sua voz era tão doce, tão sincera, que trouxe lágrimas inesperadas aos olhos de Fen.

– Até lá então – disse, enxugando-os com uma mão enluvada de cor-de-rosa.

Depois desligou, beijou o nariz de *Hector* e voltou à sua tarefa de limpeza. Nada como um bom trabalho difícil para fazer desaparecer o sentimentalismo. Embora nunca o amor.

Dizer que o Dr. Ralph Sandowski estava ansioso pelo seu encontro com a Dr.^a Vivian era, pensou ele, o eufemismo do ano. Tinha-a visto por ali desde que começara as suas consultas no hospital onde tratava os doentes com transtorno mental, que às vezes eram trazidos algemados, muitas vezes se mostravam violentos e praguejavam e, com bastante frequência, se encontravam em estado grave, fosse por causa da bebida, drogas ou vida de sem-abrigo. O hospital internava-os, ele e outros funcionários faziam o possível por os pôr bons e encarreirá-los e enviavam-nos depois outra vez para o mundo. Prontos ou não, pensou com um sorriso triste. Havia limites para o que podia fazer; a sociedade teria de realizar o resto do trabalho.

Depois, claro, havia o outro tipo de doentes, os silenciosamente desesperados, muitas vezes com tendências suicidas, abatidos por uma depressão tão profunda, tão intangível, que parecia não existir saída. Ele tentaria descobrir essa saída para eles. Era bom no que fazia, tinha renome internacional, era um conferencista solicitado para conferências médicas em todo o mundo.

O Dr. Ralph tinha, de facto, quarenta e oito anos de idade, tal como a tia de Vivi predissera; usava os óculos de aros de tartaruga que ela também predissera; mas era também atraente daquela forma pouco convencional, com um rosto magro e um casaco de *tweed*, que os académicos por vezes têm e preocupava-se de forma genuína com o seu trabalho e os seus doentes.

Conhecera a Dr.^a Vivian quando fora chamado às urgências há quase um ano. O hospital era um lugar grande e os seus caminhos, regra geral, não se teriam cruzado, mas havia uma criança com problemas, um pai truculento, uma mãe oprimida em silêncio. A Dr.^a Vivian suspeitava de maus tratos infantis e o Dr. Ralph também. A criança tinha sido colocada sob assistência, o pai fora preso e a mãe fora-lhe enviada para tratamento. Não foi um dos

melhores momentos do Dr. Ralph; não gostava de ter de lidar com agressores de crianças, a ideia em si era um anátema para ele e aquele homem era inferior a um animal.

Mesmo assim, a Dr.^a Vivian tinha tratado do caso na perfeição e haviam-se tornado «Dr.^a Vivian» e «Dr. Ralph» um para o outro. Na verdade, depois, dera por si a desviar-se do seu caminho para a apanhar no refeitório e sugerir um café, mas, quando ela lhe dissera que tinha acabado de ficar noiva do francês, recuara de forma abrupta, embora tivesse mantido o seu interesse. De facto, a Dr.^a Vivian tinha um fascínio especial para ele, era a sua mulher ideal: forte, destemida, perita no seu trabalho, dedicada e atraente. Gostava do seu corpo ligeiramente roliço, dos olhos castanhos perspicazes, do seu sorriso pronto, mesmo quando estava cansada no final de um longo dia. Mas nunca tivera a coragem de arriscar convidá-la para sair até que ouvira dizer no hospital que o noivado dela fora anulado.

O seu sentido de oportunidade dera certo; a Dr.^a Vivian, Vivi, podia agora chamar-lhe com segurança, aceitara e ele estava no carro, à espera dela à porta das urgências. Eram oito horas; «a hora das bruxas», pensou com um sorriso, porque, embora não fosse meia-noite, apostava que Vivi poderia ser um tipo especial de bruxa quando o quisesse. Mulheres calmas e solícitas como ela, com a sua aparência, eram o que ele preferia.

Viu-a atravessar as portas de vidro e saiu do carro para a cumprimentar.

– Aqui, Vivi – chamou, levantando o braço para que ela o pudesse ver.

Ela aproximou-se, faces rosadas da pressa, surpreendentemente elegante numa saia direita cinzenta, camisola de gola alta cor de alface e saltos altos.

– Desculpe, Ralph, um caso de última hora, uma jogadora de basquete feminino, um metro e oitenta e com um fémur partido. Pobre rapariga, receio que não vá jogar de novo durante muito tempo.

Ralph abriu a porta do carro e Vivi entrou, traseiro primeiro, joelhos juntos da maneira senhoril apropriada que Fen lhe ensinara (para não mostrares a tua roupa interior, dissera Fen, fazendo Vivi soltar uma risadinha, mas nunca esquecera e nunca tinha inadvertidamente mostrado a sua roupa interior em toda a sua vida).

– Um *Range Rover* – disse em tom de aprovação. – A minha tia disse que devia ter um *Volvo*.

Ralph, que estava agora no banco do condutor, virou-se, atónito, para olhar

para ela.

– Por que diabo teria pensado isso?

– Disse-me que é o que os psiquiatras escolhem. Também disse que, possivelmente, teria uma mulher e três filhos algures nos subúrbios.

O rosto de Ralph, geralmente austero, suavizou-se num sorriso.

– Lamento desapontá-la: nada de mulheres, nem filhos, nem subúrbios. Moro sozinho, aqui em São Francisco, quando não estou a viajar em trabalho. Nada de responsabilidades, nem sequer um cão, não tenho tempo.

Vivi soltou um suspiro de compreensão. Inclinando-se deu-lhe uma palmadinha no joelho e declarou:

– Eu também não. Quer dizer, nem sequer tenho um cão, mas tenho uma irmã que de repente me caiu em cima com uma infinidade de problemas que *tenho* de resolver.

Ralph não perguntou quais eram os problemas, mas perguntou o que pretendia fazer a esse respeito.

– Vou mandá-la para a minha tia. Ela vai resolver.

– A fonte de toda a sabedoria.

Vivi riu-se.

– Fen é mesmo isso.

Tinham passado pelos carros elétricos e tróleis que retiniam a subir California Street, rumo ao Mark Hopkins. Vivi reconheceu o percurso, mas não teve coragem de pedir para irem a outro sítio; ele parecia estar tão ansioso por isto, já a perguntar que tipo de martinis ela preferia.

Ralph entregou o carro ao arrumador e pousou ao de leve uma mão nas costas de Vivi para a guiar quando atravessaram o sumptuoso *hall* de entrada e esperaram pelo elevador, que os transportou rapidamente, num único movimento suave, para o *cocktail* bar lá em cima com uma vista de 360 graus sobre as luzes de São Francisco. Conduziram-nos a uma mesa junto à janela e ofereceram-lhes menus de *cocktails*. Havia uma escolha enorme, mas Vivi pediu o que sempre pedia: vodka *Grey Goose* com gelo, um salpico de água tônica e duas azeitonas.

– Gosto de uma rapariga que sabe o que quer – comentou o Dr. Ralph em tom de aprovação.

Vivi ainda tinha de continuar a lembrar-se de lhe chamar Ralph e não Dr. Ralph.

– Quer dizer «mulher» – retorquiu e ele riu-se.

– Não tivemos já esta conversa? Nas escadas do estacionamento, lá no hospital?

– É claro que podia sempre chamar-me apenas «doutora».

Vivi lançou-lhe um pequeno sorriso sedutor, embora não tivesse a certeza se lhe apetecia namoriscar com ele, ele era tão «crescido», tão sério, muito diferente de qualquer pessoa com quem já tivesse saído antes. Era a sua primeira experiência com um homem «mais velho».

– Caso esteja a pensar nisso, tenho quarenta e oito anos – disse ele, lendo-lhe o pensamento, mas depois fitou-a perplexo quando ela desatou a rir-se.

– Desculpe, mas é que Fen disse que teria quarenta e oito. Até disse que ela própria já tinha tido quarenta e oito anos algumas vezes.

Ralph levou uma mão ao coração.

– Juro por Deus, juro que tenho quarenta e oito. E às vezes sinto todos esses anos.

– Por causa do que faz? Do seu trabalho?

– Provavelmente.

Não disse mais nada e Vivi ficou contente quando um grupo de jazz começou a tocar. A sala estava agora lotada e a atmosfera era agradável; afinal, fora uma boa escolha, um sítio não muito pequeno, não muito íntimo. Podia manter aqui uma distância segura, embora não soubesse porque queria fazê-lo. Claro que era porque nunca tinha saído com um homem mais velho; a diferença entre os trinta dela e os quarenta e oito dele parecia grande.

Ralph pedira um *Jack Daniel's* com gelo e bebeu um gole, fitando-a por cima da borda do copo.

Vivi olhou para ele, observando-o, neste novo local longe do hospital. Ele tinha uma bela aparência com aqueles aros de tartaruga, uma espécie de *Mad Men*... talvez afinal isto corresse bem. O telefone de Vivi apitou e ela desculpou-se, acanhada, explicando que não costumava atender quando estava acompanhada, mas que era a irmã.

– A irmã que a mantém permanentemente preocupada? – perguntou Ralph e ela assentiu a confirmar.

Ele virou-se para olhar pela janela, oferecendo-lhe alguma privacidade e ela sussurrou:

– JC, porque me estás a telefonar agora?

– Estou a dar em louca aqui sozinha. Não posso ir ter com vocês aí ao Top

of the Mark? Caramba, Vivi, não vou aí desde que era adolescente.

– E *não* devias ter vindo a um bar quando eras adolescente. – A expressão carrancuda de Vivi expressava a sua contrariedade. – Não é justo para o doutor Ralph, estamos a tomar umas bebidas – acrescentou.

– Vou ter com vocês, podemos jantar todos juntos. Na verdade, Vivi – admitiu JC –, menti-te. Estou aqui em baixo no átrio, toda aperaltada e sem ter para onde ir.

Vivi lançou uma olhadela a Ralph, que fitava, estoico, a vista cintilante, a bebericar o seu uísque. Como ia explicar-lhe isto? Só havia uma maneira. Para seu mérito, ele aceitou aquilo calmamente; era por isso que era um bom psiquiatra, calculou Vivi.

– Quantos mais, melhor, não é isso que dizem? – Ralph levantou o copo para ela, mas Vivi pensou que o seu sorriso se tinha tornado bastante tenso. Não o censurava, JC não tinha o direito de fazer aquilo, mas a irmã era assim.

– Vou mandar-lhe JC, Ralph, ela precisa mesmo da sua ajuda profissional – disse, mas ele apenas sorriu.

– Parece-me que o que a sua irmã precisa é de um pouco mais de autodomínio e de um comportamento muito menos egoísta. O que ela está a fazer agora é não se preocupar nada consigo nem com a sua noite, nem mesmo comigo ou com o que eu esperava desta noite.

Vivi baixou a cabeça. Ele tinha razão. Bem, o que esperara *ele* daquela noite? Com certeza que não era um par de bebidas, a seguir jantar e depois uma queca rápida? Olhou-o com atenção, mas o rosto dele mostrava-se tranquilo, os lábios selados. Não conseguia perceber se estava furioso, mas de repente ficou contente por JC ter aparecido.

E lá vinha ela, fascinante num vestido curto de seda vermelha com um plissado do ombro até à bainha e um movimento na saia que exibia as suas pernas bronzeadas perfeitas. Vivi sentiu-se de repente desinteressante na saia direita cinzenta e camisola de gola alta cor de alfavaca com que se sentira tão bem ainda há pouco.

O cabelo loiro de JC caiu para a frente quando se inclinou para beijar Vivi e depois virou os grandes olhos azuis para Ralph.

Ele estava de pé, a puxar-lhe uma cadeira e depois sorriu-lhe. Quem não sorriria, pensou Vivi? A irmã estava deslumbrante, ligeiramente maquilhada, um batom magenta que contrastava na perfeição com o vermelho do vestido,

um toque de rímel preto e a sua pele dourada, era tudo.

– Desculpem – justificou-se JC de novo, deslocando o olhar entre a irmã e Ralph. – Estava tão entediada em casa, nada na TV, exceto todas aquelas notícias sobre raparigas assassinadas, fiquei bastante assustada, por isso pensei que podia vir ter com vocês aqui. Só por alguns minutos, porém, quero dizer, não sonharia em ficar...

Claro que ficaria e Vivi sabia disso. Bebidas, jantar, JC estaria lá. Decidiu que afinal não era tão mau a irmã ter vindo, porque tinha chegado a uma espécie de impasse com o Dr. Ralph. Era mesmo muito velho para ela. Este seria o seu primeiro e último encontro.

JC percebeu que a irmã estava irritada com ela e, portanto, dirigiu todo o seu charme, assim como o seu sorriso radiante, para o Dr. Ralph.

– Sei tudo sobre si – comentou.

Ralph fitou-a com frieza; achava que ela era adorável. Mesmo assim, não estava propriamente entusiasmado por ela ter perturbado a sua noite com Vivi. Chamou o empregado e JC pediu um *Cosmopolitan*, não muito doce e muito frio. Ralph pensou que, apesar da aparência frívola e feminina, JC era uma mulher que sabia exatamente do que gostava.

– E *como* sabe tudo sobre mim? – perguntou.

– Pesquisei-o no Google, claro. – JC sorriu outra vez, satisfeita com a sua previdência. – Gosto de saber com quem vou jantar.

Vivi lançou-lhe um olhar furioso: quem diabo a tinha convidado para jantar?

– Sei que é um psiquiatra eminente – prosseguiu JC –, um dos melhores no seu campo; sei onde se formou, todos os seus graus académicos, e sei que é convidado em todo o mundo para fazer palestras. Deve ser muito divertido, todas essas viagens. Sabe, só estive em Paris uma vez, em toda a minha vida, quando tinha dezasseis anos, com Fen.

– Tenho a certeza que vai conseguir ir outra vez.

Vivi não deixou de detetar o tom seco de Ralph, porém, JC não o percebeu. Nada nem ninguém a conseguia abater. Se Fen era a «fonte de todo o conhecimento», então JC era a «fonte de todo o divertimento» e levava todos com ela.

– Então, Ralph. – JC dirigiu-se-lhe de novo, chamando-o pelo nome, claro, e sorrindo por baixo das pestanas. – O que acha deste assassino em série? Faz com que uma rapariga tenha medo de sair sozinha.

– Uma *mulher* – corrigiu-a Vivi de forma automática. JC lançou-lhe um olhar interrogativo. – És «uma mulher», JC, não uma «rapariga» – explicou.

– Vivi e eu já discutimos este ponto antes. Claro que ela tem razão – disse o Dr. Ralph.

JC continuou:

– De qualquer maneira, quero dizer, qualquer *mulher* poderá estar em perigo, só de andar na rua, ou no seu carro, até mesmo aqui. – Acenou com o copo de martíni para o bar apinhado. – Quero dizer, nunca se sabe. Pelo menos *eu* não sei, mas o doutor Ralph deve ser capaz de nos dizer que tipo de homem faz isso? O que o torna um assassino? E porque odeia *tanto* as mulheres?

Ralph cruzou os braços sobre o peito. Recostou-se em silêncio para trás na sua cadeira, de olhos baixos, obviamente a refletir no que ela dissera.

JC olhou para Vivi. Será que puxara o assunto errado para um jantar? O empregado aproximou-se e pediram os pratos. O Dr. Ralph pareceu voltar à vida tempo suficiente para pedir um bife e depois silenciou outra vez, ainda a pensar, parecia, na pergunta.

As irmãs fitaram-se sem falar: assassinato não era propriamente um assunto para discutir com novas amigas, a beber *cocktails* e à mesa de um jantar agradável; deviam falar sobre o filme mais recente ou sobre o que estava em cena no teatro ou sobre a abertura de uma exposição.

O Dr. Ralph disse de repente:

– Um homem como esse poderia ser igual a qualquer homem que se encontre por aí. Isto é, à superfície. Poderá ser um homem casado, até com filhos. Qualquer que seja a sua situação, é, sobretudo, um «solitário». A compulsão para violar é, acima de tudo, porque o que procura é poder sobre uma mulher.

– Quer dizer que odeia assim tanto as mulheres? – perguntou JC atónita.

– Ele não «odeia mulheres». Ou talvez odeie uma mulher e essas outras sejam substitutos para esse ódio.

– Mas ele mata-as, rasga-lhes a garganta... – disse Vivi. A imagem de Elaine estava indelevelmente cravada na sua mente.

– Claro. Acredito que seja apenas porque não quer que elas possam contar. Os mortos não falam – acrescentou Ralph, com um sorriso forçado. – De qualquer modo, se serve de alguma coisa, esta é a minha análise da situação.

Vivi pensou que «situação» era uma descrição muito clínica de um

assassinato, mas calculava que o que ele dissera correspondia à verdade. E, além disso, agora JC estava interessada noutra coisa... como degustar o seu jantar. Declarou que estava a morrer de fome.

Nem Vivi nem o médico tomaram uma segunda bebida, visto que ambos iam conduzir. Mas JC bebeu outro *Cosmopolitan* e depois comeu um bife suculento com o maior número de batatas fritas que conseguiu. A conversa girou à volta de trabalho, do de JC, é claro, da sua falta dele e da sua intenção de descobrir uma nova carreira.

Ficaram surpreendidas quando o Dr. Ralph lhes disse que, como uma espécie de biscate e por causa do seu amor pelas antiguidades, geria uma sofisticada loja de antiguidades em Nob Hill ali perto. Referiu que precisava de uma assistente e perguntou se isso interessaria a JC.

JC voltou-se, encantada, para a irmã.

– Não te disse que ia aparecer alguma coisa?

«E para ti, JC, sempre aparece», pensou Vivi.

Fen não ficou surpreendida quando o telefone tocou por volta das onze naquela noite. Nem ficou surpreendida por ser JC a ligar.

– Tenho a certeza que estás com problemas – disse, dispensando, como sempre, as formalidades do olá como estás. – O que queres?

– *Eu?* – JC pareceu espantada e um pouco chorosa. – Ora, nada. Quero dizer, tipo, o que *havia* de querer?

– Apreciaria, JC, que, durante esta conversa, pudesses eliminar a palavra *tipo* do teu vocabulário. É irrelevante; é calão de betinha e não tem absolutamente nenhum significado, pelo menos para o que precisas de dizer.

– Caramba! Quero dizer, *tipo*, como se eu só estivesse a ligar para me queixar.

– *JC!*

– Oh, *meu Deus!*

Fen conseguiu visualizar o revirar de olhos. Disse:

– Vamos começar de novo, está bem? Sei que estás em casa de Vivi, sei que estás sem trabalho, sei que estás sem homem e sem dinheiro. Então? Qual é a novidade?

Fez-se um longo silêncio e depois JC retorquiu:

– Já alguém te disse, que eras... tipo... *má*?

– Pensando bem, se calhar uma ou duas pessoas. Sim. Poderás ter razão em relação a isso, JC. – Cedendo um pouco, Fen sorriu. – Tipo, então, está bem, o que se passa? Conta-me os teus novos problemas. – *Outra vez*, acrescentou em silêncio, porque com JC eram quase sempre os mesmos três tópicos: homens e dinheiro, ou falta dele, e como a vida era difícil para uma cantora.

– Fen, eu só pensei, aposto que estavas a *dormir*! Oh, meu Deus, acordei-te, não foi?

– Estou na cama, sim, e não me acordaste, mas acordaste *Hector*, que se

ressente quando a sua rotina é perturbada. Ele está a envelhecer um pouco agora, sabes, a sentir a idade.

– Como tu, calculo – disse JC.

Fen ficou em silêncio por um instante e depois respondeu com mordacidade:

– Se eu não fosse uma senhora, que sabes que sou e sempre serei, poderia ter dito «vai-te lixar». Um dia vais ter cinquenta e oito anos e então saberás como a idade se sente.

– Eu sei, eu sei, és uma eterna franguinha.

JC ria-se e Fen sentiu-me melhor em relação a ela; estava mesmo preocupada com a sobrinha, que vivia sempre para o momento e nunca olhava o futuro de frente.

– Então conta à Fen, querida – disse agora com meiguice –, o que se passa contigo?

– Está tudo acabado comigo. A música, quero dizer. Sei que não sou suficientemente boa, na realidade nunca fui, só que agora elas são todas mais novas do que eu. Estou demasiado velha para me safar sendo apenas bonita e escandalosa, usando todas aquelas coisas de rapariga *rock*, tatuagens...

– Tu tens *tatuagens*? – A indignação coloria a voz de Fen.

– Só um par delas, verdade, nada de mais, embora tenha o nome dele...

– *Onde* tens o nome de *quem*? – Fen ouviu a hesitação na resposta de JC.

– Só, sabes, tipo...

– *JC!*

– Está bem, então é o tipo com quem eu estava e é na parte inferior das minhas costas, bem, na verdade, mesmo por cima do rego do traseiro, se queres saber.

Fen pensou que ia desmaiar; pavonear-se pelo palco de plumas e lantejoulas não era nada comparado com tatuagens nas nádegas.

– E o próximo homem com quem fizeres amor? – perguntou, porque tinha sido o seu primeiro pensamento. – O que vai pensar?

– Posso mandar refazê-la, alterá-la para uma rosa, algo terno assim.

– JC, vou pedir-te uma coisa neste preciso momento, um favor para a tua tia. *Por favor*, nada de mais tatuagens.

– Está bem.

JC soava demasiado prestativa.

– Uma *promessa* à tua tia significa alguma coisa. Quero que te lembres

disso.

Desta vez, JC parecia sincera quando disse que sim, claro que sim e que nunca mais o faria.

– De qualquer modo, não tenho dinheiro para isso – acrescentou. – Mas, Fen, tenho um novo emprego. Talvez até uma nova carreira.

Fen escutou enquanto JC falava com entusiasmo do jantar com o famoso psiquiatra que também era dono de uma loja de antiguidades onde ela se ia tornar assistente.

– Quanto paga ele? – Fen foi direta à questão; trabalho era uma coisa pela qual nos pagavam, não uma coisa de debutante, onde se passava o tempo entre as compras e a caça ao marido.

JC respondeu que não haviam chegado tão longe durante o jantar, mas que tinha a certeza que no dia seguinte tratariam disso e que ele era um homem rico, disso também tinha a certeza.

– Os ricos nem sempre pagam bem – avisou Fen, mas desejou-lhe sorte, feliz por, pelo menos, Vivi deixar de ser responsável pela irmã, embora JC sem dúvida ainda ficasse a morar com ela.

JC não contou a Fen como interrompera o encontro de Vivi, porque se sentia sozinha, mas disse-lhe que Vivi a convidara para ir com ela na noite seguinte. Iam jantar com o inspetor Brad Merlin, que estava encarregue do caso do assassino em série; aquele de cuja última vítima Vivi tratara nas urgências.

– E também – acrescentou, num momento de triunfo – com o teu *Intruso*. Alex.

Fen disse-lhe para se divertir, para manter um olho na irmã que nunca sabia como se sentia com um homem, a menos que conseguisse encontrar um de quem cuidar, acrescentando que tinha receio que o Intruso fosse um excelente candidato nesse aspeto.

– Amo-te – disse JC ao desligar. – Vou visitar-te depois de amanhã.

– Descongelou qualquer coisa – retorquiu Fen, a sorrir. – E também te amo, és a minha menina mais louca e preciso de tratar de ti.

– Oh, bem gostava que tratasses – respondeu JC, a sério.

Depois do telefonema de JC, Fen achou que a casa parecia de repente muito sossegada. JC exercia esse efeito nas pessoas, nos sítios; era fonte de vida, mesmo que não tivesse jeito nenhum para lidar com a sua própria vida. Fen amava-a por isso.

Empurrou *Hector*, que estava, é claro, a dormir em cima da cama, atirou as cobertas para trás e encaminhou-se descalça, com a sua *T-shirt* cinzenta e a parte de baixo do pijama de algodão cor-de-rosa, para a cozinha, onde pôs a chaleira ao lume para fazer uma chávena de chá. Camomila é evidente, aquela hora da noite.

Sentou-se à mesa onde o Intruso se sentara, onde lhe limpara a cabeça com o corte fundo que, mais tarde, a sua outra sobrinha suturara. Nada como manter a coisa em família. Sabia que Alex estava de coração partido por causa da noiva, mas talvez Vivi pudesse cuidar dele.

Não poderia ser melhor união, pensou Fen e depois pediu rapidamente a Deus que a desculpasse por não colocar a pobre rapariga assassinada em primeiro lugar.

– Tens de entender – disse-Lhe em voz alta –, sou tia delas por adoção.

Mas não era na sobrinha que estava a pensar. Era em Alex e na ligação especial que se estabelecera entre eles. Disse consigo própria que precisava de o ver de novo, libertar-se desse «sentimento» ridículo por ele. Mesmo assim, não pôde deixar de pensar se Alex sentiria alguma coisa por ela. Talvez devesse telefonar-lhe, descobrir. Oh, meu Deus, afinal estava louca. Louca por um tipo mais adequado para as suas meninas do que para ela. Terminou o chá e ainda estava a pensar nele quando foi para a cama e, por fim, adormeceu.

O homem não fizera tenção de apanhar a mulher, assassinatos aleatórios não eram o que procurava. Precisava de escolher com cuidado para corresponder ponto por ponto, fisicamente, ao aspeto que tinha a mulher que amara. É claro que houvera variações sobre o tema. Sorriu, gostando bastante da forma como se expressara... semelhante a uma fuga de Bach, as variações sobre um tema. Musicalmente, era muito entendido. Assistia às prestigiadas noites de estreia da Ópera de São Francisco e divertia-se muito. Eram eventos formais, de cerimónia, para os quais mandara fazer roupa à medida. Na realidade, em Hong Kong, onde era muito mais barato e onde a alfaiataria era de primeira classe, isto é, se se conhecesse o homem certo. Também comprava aí as suas camisas personalizadas, a Ascot Chang: tinham as suas medidas e enviavam-lhe por FedEx os pedidos semianuais, a não ser que estivesse em viagem oficial e pudesse ele próprio levantá-las.

Esta noite, no entanto, a conduzir pela North Beach nunca sossegada, em São Francisco, sentia-se inquieto, tal como as multidões que formigavam na rua. Passava bastante da meia-noite e ainda dançavam; ainda havia música aos berros; bares de *strip*, tipos a vadiarem nas esquinas e mulheres a pavonearem-se. De forma alguma o seu tipo. Exceto talvez uma.

Prendeu-lhe a atenção quando parou no semáforo, veio a saltitar em direção ao seu carro, um ombro erguido numa pergunta. Pequena, de saltos altos, casaco a imitar leopardo, aberto, revelando um sutiã preto rendado e uma saia tão mínima que possivelmente nem sequer era permitida. A pele tinha um tom de café, o cabelo uma confusão flamante de minúsculas tranças vermelhas que se espetavam como petardos e a boca cheia estava pintada de um laranja sumarento. De repente, desejou-a. Não era costume, não era assim que ele se comportava... isto era diferente. Puxou um gorro de esquí por cima do cabelo, colocou os óculos escuros, baixou o vidro da janela e disse:

– Entra.

A mulher encostou-se ao carro.

– Não queres saber quanto é?

– Podes dizer-me no carro.

Ela hesitou, lançando um olhar por cima do ombro para o chulo à espreita na esquina, depois entrou, fechando a porta com força atrás dela. Virou-se para avaliar a sua presa, oferecendo-lhe um grande sorriso. Ele sabia que ela não conseguiria descrevê-lo, com o gorro e os óculos, mas ela também sabia, por causa do carro, que ele era de uma classe melhor do que a dos seus clientes habituais.

– Gosto de ti, menino rico – comentou. – Podes ter tudo o que quiseres.

– Quanto pela noite? – perguntou ele e ouviu-a ofegar.

– Queres dizer, a noite *toda*? Querido, isso é caro, isso é... – Remexeu-se no assento, procurando o telefone no bolso.

Ele colocou a mão sobre a dela para impedi-la.

– Nada de telefonemas. Dou-te já o dinheiro, se fizeres o que eu digo.

Guiava já para longe daquela rua, para outra, menos iluminada, menos movimentada.

– Então, quanto estás a pensar por uma noite inteira, querido? – Aninhou-se contra ele. – Queres duas raparigas? Tenho a minha amiga loira que gosta de trios. Só que tenho de te avisar, não faço anal. Tu és do tipo S&M? – Fitou-o desconfiada e ele riu-se.

– Às vezes – retorquiu, colocando o pé no acelerador, dirigindo-se com rapidez para a zona perto do parque.

– Para! – berrou-lhe ela ao ouvido. – Onde pensas que vais? Ainda não vi o dinheiro, nem sequer ouvi dizer quanto.

– Quanto queres?

Ela ficou em silêncio durante um instante, a pensar, depois disse:

– Mil pela noite toda. Em dinheiro.

Sabia que não tinha hipótese de o conseguir, mas, de repente, precisava de sair dali, desenfreadamente. Ia custar-lhe um maldito táxi de volta, o homem já se afastara tanto, mas estava a comportar-se de forma estranha.

Ele tirou um maço de dinheiro do bolso interno do casaco e, sentado à luz, contou uma dezena de notas de cem dólares e passou-lhas.

– Merda – exclamou ela. – Sou tua, amor. – Ria-se agora quando ele arrancou. – Então, afinal, para onde vamos? – Recostou-se outra vez de

forma confortável no banco de pele. – Belo carro, amor, mas também és um rapaz rico, não és?

– Para minha casa – respondeu ele calmamente.

O seu coração estava tão gelado quanto a sua voz. «Aleatório» não era o seu estilo, mas nesta noite seria útil; poria os polícias atrás de uma pista diferente, retiraria a pressão de cima dele e afastaria os seus pensamentos de Elaine, embora já tivesse planeado como iria tratar dessa situação. Rapidamente, essa «situação» deixaria de existir.

E também esta deliciosa jovem prostituta com o brilho nos olhos quando vira o dinheiro, as pernas cor de café e o cabelo espiralado. Ela era tal e qual o que lhe apetecia naquela noite.

Quando estava neste estado de espírito, arriscava tudo. Primeiro, porém, tomou algumas precauções. Parou o carro num local escuro junto ao parque. Ela virou-se para olhar para ele.

– *Aqui?* – perguntou intrigada. – Queres um broche ou quê? – Pensara que ele queria mais pelos seus mil que, naquele preciso momento, lhe ardiam no bolso do casaco de imitação de leopardo.

Ele abriu o compartimento central, tirou um gorro de esqui de lã preta, como o que estava a usar, disse-lhe que o pusesse e puxasse para baixo por cima dos olhos. Percebeu pelo olhar que ela lhe lançou que ficara desconfiada, mas queria aqueles mil. Pensou em amarrar-lhe uma corda em volta do pescoço para se certificar que ela mantinha o gorro de lã puxado para baixo para não poder ver onde ele a levava, mas isso iria assustá-la de mais. Não queria que ela morresse. Queria-a muito viva.

– Não vou magoar-te – disse. – Vou levar-te a uma casa, vais adorar, mas não ficarás a saber onde fica. Entendeste?

– Sim, senhor.

De repente, ela parecia muito jovem. Num semáforo, ele voltou a olhar para ela com atenção. Quantos anos teria? Dezassete, talvez? Território perigoso. Sorriu, a pensar naquilo. Gostava daquele toque de perigo, da emoção daquilo, de planejar, de executar. Mesmo assim isto era diferente, novo. O que ele queria da rapariga era sexo e não ia fazê-lo no banco de trás do carro, nos assentos de pele que se reclinavam, em alguma rua lateral com talvez algum polícia a apontar-lhe uma lanterna às janelas, se bem que esfumadas. Levaria esta para casa e, quando lá chegasse, pôr-lhe-ia uma máscara adequada sobre os olhos, mandá-la-ia despir a roupa, por mínima

que fosse; ordenar-lhe-ia que praticasse determinados atos em si mesma, não nele, enquanto assistia. Talvez tirasse algumas fotos com o telemóvel, não com o equipamento caro que usava para as outras «variações».

Tinham chegado. Fez rolar a porta da garagem para cima e entrou com o carro, fechou-a atrás dele, ouviu-a ofegar de medo.

– Está tudo bem – tranquilizou-a, correndo a ajudá-la a sair. Pegou-lhe na mão, estava muito fria.

Assustada, de repente, ela pulou para trás.

– Não quero o teu dinheiro – berrou. – Só quero sair daqui, deixa-me ir embora ou vou gritar...

Gritou. Ele bateu-lhe no rosto com a palma da mão e ela cambaleou para trás, as mãos pressionadas no porta-bagagens do carro.

– Deixa-me ir, por favor – sussurrou ela.

Preocupado com o barulho que ela estava a fazer, os gritos a plenos pulmões, ele percebeu que aquilo era um grande erro. Os vizinhos podiam ouvir, podiam chamar a polícia, podiam vir ver qual era o problema. Rapidamente, agarrou-a pela cintura, atirou-a de novo para o banco do passageiro, entrou ele próprio no carro, ligou a ignição, premiu outra vez o botão para abrir a porta da garagem e fez marcha atrás para a rua. Fitou-a. Ela ainda usava o capuz improvisado.

– Cala-te ou mato-te – advertiu, em tom de conversa, como se estivesse a sugerir um chá da tarde.

A rapariga calou-se. Deixou-se cair contra a porta do carro, fazendo com que o casaco de imitação de leopardo lhe escorregasse sobre a mão para a esconder enquanto procurava, às apalpadelas, a maçaneta da porta. Saltaria quando ele parasse num sinal, mas ele estava a guiar demasiado depressa... De repente, travou e ela disparou para a frente, bateu com a cabeça no para-brisas e gritou de dor.

– Sai – ordenou ele, destrancando a porta.

Ela saiu. Rápido. Correu sobre os grandes saltos altos, os tornozelos a dobrarem-se, estava agora na relva... ouviu o carro arrancar, afastar-se a tropejar. A soluçar, afundou-se no chão, arrancou a horrível máscara de lã da cabeça, piscou à luz escassa que se derramava de um antiquado candeeiro de rua. Encontrava-se num parque. Estava viva. E ele desaparecera.

Tinha de se esconder, caso ele voltasse. Começou a correr num passo rápido pelo caminho de cimento que levava a uma rua onde havia luzes,

peessoas... depois lembrou-se. Tateou o bolso. Ainda tinha os mil dólares! Enfiou o gorro de esqui de lã no bolso por cima do dinheiro para o manter a salvo.

Respirou fundo, sorriu, pensou no que fazer. Apanharia um táxi; não contaria a ninguém o que acontecera; diria ao chulo que o tipo só lhe pagara cem, dar-lhe-ia os cem. Guardaria o resto do dinheiro. Porra, ganhara-o. De facto, fora o dinheiro mais difícil que já ganhara.

Brad passou a noite em claro, a preocupar-se com Elaine e com quem poderia ser a próxima na lista do assassino tresloucado. Porque tinha a certeza que o homem tinha uma lista: quatro ataques idênticos; a violação; os pulsos cortados; a garganta rasgada e, claro, o mesmo *post-it* com a mesma mensagem *Por favor, não contes*. Todas as quatro tinham o mesmo tipo de corpo: arredondado, ligeiramente roliço, de pele clara, cabelo comprido castanho. Só a faixa etária era diferente. A primeira vítima tinha andado pelos quarenta e poucos anos, as outras duas vinte e muitos anos, esta, Elaine, vinte e dois. Depreendia-se que a idade não era um fator decisivo nas necessidades do assassino: o que ele queria era uma mulher que tivesse determinado aspeto.

Porquê?, perguntou Brad a si próprio de novo e surgiu-lhe a mesma resposta. Porque isso lembrava ao assassino uma mulher que ele conhecia. Talvez fosse uma mulher que o tinha rejeitado, humilhado. Poderia até ser uma esposa que o havia menosprezado, o tinha feito sentir inferior, insignificante e, com certeza, sexualmente inadequado.

Este assassino estava apostado na vingança, em desforrar-se e sentir-se bem com isso.

Eram cinco horas da manhã. Brad suspirou. Não valia a pena, bem poderia levantar-se, ir tomar um café, passear *Flyin'*, que, sempre alerta aos seus movimentos, já estava a saltar do sofá, esticando-se numa espreguiçadela indolente, pronta para o que desse e viesse.

Deixou a cadela sair durante alguns minutos; deu-lhe de comer e depois escovou-lhe o pelo encaracolado. Tomou banho, olhou-se no espelho, passou a mão na barba do queixo, decidiu não se barbear, fá-lo-ia à noite, quando tivesse o seu «encontro» com a Dr.^a Vivian. Já não lhe chamaria «doutora». Quando ela estivesse de folga, seria «Vivi». Pronunciou o nome dela em voz

alta, sorrindo para si mesmo no espelho. Era bom.

Em poucos minutos encontrava-se lá fora nas ruas de Chinatown, onde os mercados já estavam a ser montados. Parou para comprar umas laranjas, voltou ao pequeno templo tipo pagode no final da sua rua e pousou-as, com uma vela, como oferenda aos deuses do lar que, tinha esperança, pudessem olhar por Elaine. O café abria às seis e ele foi o primeiro cliente. Havia uma espera de cinco minutos para a infusão escura ficar terminada, mas ele estava impaciente e bebeu-a «assim mesmo», o que significava antes de estar pronta. Era grosso, escuro, amargo, carregado de cafeína e maravilhoso. Tal e qual o que precisava para o preparar para o longo dia que sabia teria pela frente.

Ligou para o hospital. O estado de Elaine não se alterara. Ninguém tinha entrado no quarto dela para além das enfermeiras de serviço, que haviam sido controladas, e o médico responsável, junto com outros que ele poderia consultar. E, claro, os pais da rapariga, que estavam agora hospedados num Holiday Inn nas proximidades, extenuados, a rezar pela filha e à espera da bênção do sono, onde não se lembrariam que aquilo tinha acontecido.

Jerusalem fora pessoalmente esperar os pais ao aeroporto; tratara-lhes da bagagem, consolara-os na medida do possível, assegurara-lhes que a filha ainda vivia.

Brad estava no hospital quando eles lá chegaram, um casal normal e simpático dos seus cinquenta e poucos anos; ele de cabelos grisalhos, encorpado; ela loira, sem maquilhagem; ambos exaustos.

Não tinha sido fácil mostrar-lhes o que restava da filha sem dúvida outrora animada, a vida sustentada por máquinas que eles não entendiam.

Tivera uma bandeja de café preparada, com sanduíches, que eles não comeram. Sentaram-se em silêncio, durante horas, lado a lado, apenas a ver a filha respirar, estendendo de vez em quando as mãos para lhe tocar no braço, acima de onde as compressas de gaze cobriam os cortes nos seus pulsos.

– Quem faria uma coisa destas a uma jovem? – perguntou o pai, Jim McCarthy, a Brad, antes de partirem para o hotel para descansar um pouco. – Uma mulher na primavera da vida. Porquê a minha Elaine?

Essa era a pergunta que Brad colocara a si mesmo toda aquela noite sem dormir. Ele também não entendia, mas o que sabia era que tinha de impedir que aquilo acontecesse. Tinham de encontrar o assassino antes que ele matasse de novo.

Passeou *Flyin'* até o relógio marcar as sete, depois deu meia volta e

regressou, parando para comer o *dim sum* de carne de porco e camarão no restaurante de rua ao lado do restaurante de pato à Pequim, onde, provavelmente, levaria a Dr.^a Vivian no seu encontro à noite. *Com a irmã! Porra!*

O telefone tocou. Era Jerry.

– Verificámos todas as marcas de pneus nos parques de estacionamento do café, a parte da frente para os clientes, a de trás para o pessoal. Não tivemos muita sorte com os clientes, demasiada exposição à chuva e ao vento. Mas verificámos todos os pneus dos carros dos funcionários, os que estavam de serviço e os que não estavam, conseguimos combiná-los bem, com exceção de um, esborratado mas bastante novo, por isso a marca era legível. Tendo em conta o tamanho e distribuição de peso, seria um grande *SUV*, um *Escalade* talvez, ou um *Range Rover*, esse tipo de viatura. Nenhum dos funcionários tem alguma coisa do género, mas o carro encontrava-se no parque de estacionamento do pessoal, debaixo da beirada onde estava mais escuro.

– Foi aí que a apanhou, a sair do trabalho, a encaminhar-se para o seu carro, à chuva.

– Também examinaram o carro dela; uma lata velha, com toda a probabilidade nem deveria sequer andar a conduzi-lo, mas sabes como são essas raparigas...

– Mulheres – retorquiu Brad de forma automática. – São *mulheres*, certo?

– Estás a armar-te em feminista comigo?

Jerry parecia queixoso e Brad soltou uma risada.

– É só porque o pai lhe chamou mulher jovem a noite passada. «Uma mulher na primavera da vida», referiu o pobre coitado. Não chorou; nenhum dos pais chorou, ficaram apenas ali ao lado da filha, cheios de esperança, a rezar.

Jerry enunciou o que Brad estava a pensar.

– Ela nunca mais vai ser a mesma, quero dizer, se sair desta. Como poderia?

– Vamos ter esperança num milagre.

Brad ficou em silêncio durante um minuto, a pensar, e depois disse:

– Jerusalem, não podemos deixar que esse sacana faça isto outra vez... agora temos outra pista. *Range Rovers* e *Cadillacs* não são baratos, ele guia uma viatura cara, compra equipamento fotográfico caro, paga em dinheiro.

Não se trata de um operário suburbano, um marido psicopata oprimido. O nosso homem tem dinheiro e está disposto a gastá-lo. Esquece os cafés, ele só lá foi para atrair Elaine. Temos de procurar em sítios mais requintados, meu amigo. Este tipo tem dinheiro, tem uma posição na vida e não tem problemas em descobrir mulheres.

– Portanto, agora estamos à procura de um assassino em série com bom aspeto e rico?

– Algo assim – admitiu Brad. – Sem dúvida que aposto que tem um bom emprego e que está cheio de confiança. Exceto uma coisa.

– Tem medo que Elaine acorde e seja capaz de o identificar.

– Acertaste, Jerusalem – respondeu Brad.

Brad tinha sido convocado para uma entrevista com o chefe da polícia: o presidente da câmara estava a ficar inquieto, o público andava ansioso, havia um assassino em série entre eles e queriam saber o que os polícias andavam a fazer.

Explicou ao chefe a sua teoria do quebra-cabeças, os pequenos detalhes que acabariam por esclarecer o quadro geral; disse que estavam na pista de um homem com dinheiro, um homem confiante, que sabia o que estava a fazer e que, suspeitava Brad, sabia por que razão o fazia.

Informou também o chefe da sua teoria dos «maus tratos», referiu acreditar que o homem teria sido submetido a maus tratos, talvez até quando criança, com certeza quando jovem.

– Apesar de um exterior confiante – afirmou Brad –, aposto que não é um daqueles assassinos «nascidos-para-isso», os que matam o que podem já em tenra idade, as crianças que decapitam gatos, atam cães, estrangulam bebês. Penso que o nosso assassino chegou ao seu... – hesitou, à procura da palavra certa – ...*ofício* é a única maneira de o descrever, chefe... por um processo longo e lento de maus tratos. Não puramente físicos, talvez tenha sido a mãe que, mentalmente, «brincou com a sua mente».

O chefe estava sentado atrás da sua secretária em mangas de camisa, a revirar uma caneta entre os dedos. O cabelo grisalho crescia como o dos irlandeses, grosso, volumoso, a tornar-se prateado, assim como as sobrancelhas. Era um homem mais velho, atraente, que tinha começado onde Brad começara, nas ruas, embora as suas ruas fossem as de Filadélfia. A sua experiência era ilimitada. Disse:

– Alguma vez pensou que o assassino pudesse ser uma mulher? Alguém com rancor contra as mulheres?

Brad refletiu na pergunta e depois respondeu:

– A única mulher assassino em série de que me recordo é Aileen Wournos.
– Calculo que tenha havido mais, mas sem dúvida que ela nos fica na memória.

– Sinceramente, não creio que isto tenha toque de uma mulher – disse Brad.
– Sexualmente, houve violação, embora pudesse ter sido com um objeto, ainda não sabemos o que diz a medicina forense. Não havia sémen, nem ADN. Bem, mas vamos ter isso em consideração.

– Está a trabalhar com Jerusalem Guitierrez, certo?

– Sim, chefe.

– Vou sugerir-vos uma coisa, a ambos. Precisamos deitar a mão a esse assassino, homem ou mulher. Sabemos que ele planeia as coisas com cuidado. Escolhe as suas vítimas por um certo aspeto, um estilo. Porquê?

– Já refleti bastante nisso – admitiu Brad – e até agora não desencantei nenhuma resposta.

– Então sugiro que perguntemos a um profissional.

O chefe pegou no lápis e escreveu qualquer coisa no bloco de notas à sua frente. Arrancou a página e entregou-a a Brad.

– Este é o nome do melhor psicoterapeuta de São Francisco – disse. – Telefone-lhe, diga-lhe quem é e que quer a opinião dele. O seu *conselho*, suponho. – O chefe sorriu enquanto Brad se levantava para sair. – Homens como este gostam sempre que se lhes peça «conselho» – acrescentou. – Por isso, vamos resolver esta confusão antes que todos nós percamos os nossos empregos. O presidente da câmara não está nada contente e você, meu amigo, está na linha de fogo.

Jerusalem esperava, perto da máquina de café, a morder um donute com doce. Açúcar em pó polvilhava-lhe a parte da frente da camisa azul e os olhos escuros fitaram, interrogadores, os de Brad. Não falou, ergueu apenas uma sobrancelha.

Nem Brad respondeu: encolheu um ombro, entregou-lhe o pedaço de papel com o nome do Dr. Ralph Sandowski e disse:

– É melhor marcarmos logo uma consulta com o médico ou vamos ficar os dois sem trabalho.

Jerry pesquisou o nome do médico no Google, ergueu as sobrancelhas de novo, desta vez de admiração.

– Este tipo tem qualificações que nunca mais acabam. Renome mundial.

Sorriu, olhando para Brad que tirara o último donute e estava a comê-lo ao

mesmo tempo que fazia uma careta e perguntava *porquê*, quando até os *noodles* de Singapura, o seu prato chinês menos favorito, sabiam melhor e, possivelmente, tinham menos calorias.

– Sabes quanto açúcar há numa destas coisas? – perguntou erguendo no ar o pedaço final, antes de o colocar na boca.

– Tudo o que sei é que tem açúcar suficiente para me aguentar até à próxima chávena de café.

Jerry imprimiu a informação sobre o Dr. Sandowski e entregou-a a Brad, que a leu por alto, viu o número de telefone, ligou e apanhou uma mulher brusca, tipo sabe-tudo, que lhe disse que a agenda do Dr. Sandowski estava cheia, que tinha uma viagem de trabalho planeada para o Extremo Oriente e não aceitava quaisquer novos doentes nos próximos dois meses.

– A nós aceita – retorquiu-lhe Brad suavemente, não querendo ser tão incorreto como ela. – Somos polícias. Inspetor Brad Merlin e inspetor Jerry Guitierrez. O chefe da polícia pediu-nos para entrar em contacto com o doutor e falar com ele o mais breve possível. O que significa, de facto, neste preciso momento.

– Ohh.

Ela parecia perturbada e Brad sorriu; calculou que não recebesse muitas chamadas de polícias. Jerry informou-o depois que ele estava enganado; o Dr. Sandowski lidava com um monte de criminosos, fazia um bom trabalho, parecia, a tentar reabilitá-los.

– Na realidade, o doutor Sandowski está no hospital esta manhã – informou ela, ansiosa agora por ajudar. – Não costumo fazer isto, mas vou dar-lhe o número do telemóvel; tenho a certeza que pode contactá-lo neste número.

Brad ligou. Sandowski atendeu ao primeiro toque e surpreendeu-o, já que era o seu telemóvel pessoal, ao responder com o seu nome. *Sandowski?*, disse o médico, quase como uma pergunta.

Brad apresentou-se, pediu desculpa por incomodar um homem tão ocupado, perguntou se havia alguma forma de se poderem encontrar naquele dia. O chefe de polícia tinha-lhe pedido para ligar, dissera que se alguém podia ajudar seria o doutor.

Piscou o olho para Jerry, que estava encostado à secretária, de braços cruzados, a ouvir o seu colega dar graxa ao psiquiatra. Ouviu Brad concordar que se encontrariam no consultório do médico depois do almoço.

– *Depois* do almoço? – perguntou Jerry, as sobrancelhas outra vez erguidas,

quando Brad desligou. – Qual é o problema de ser *agora*?

Foi a vez de Brad encolher os ombros.

– Psicoterapeutas famosos almoçam – explicou a Jerry. – Tu e eu comemos dónutes. – Lembrou-se de *Flyin'*. Estava esticada no seu próprio tapete especial de lã xadrez, onde gostava de dormir uma soneca quando Brad estava ocupado. – Se alguém perguntar por mim, estou a passear a cadela – disse por cima do ombro quando empurrou a porta.

– É isso que digo ao chefe quando ele perguntar o que andas a fazer para apanhar o assassino em série? – gritou Jerry e levou com um dedo erguido em resposta.

Jerry acompanhou Brad à sua entrevista das duas e trinta, depois do almoço. O consultório médico do Dr. Sandowski era surpreendentemente modesto para um homem que, tinha Jerry descoberto, possuía graus académicos de Harvard, bem como de John Hopkins, e que era considerado como um dos especialistas em quase todas as perturbações de personalidade conhecidas até ao momento.

– De esquizoide a esquizotípica; de limite a esquiva, de dependente a dissociativa – explicou Jerry quando saíram da carrinha de Brad e deixaram *Flyin'* dar uma corrida rápida.

– Fizeste o trabalho de casa – comentou Brad. Deu à cadela um empurrão para dentro do carro, onde ela se esparramou com elegância. Com a cabeça de lado, admirou-a. – Olha para *aquilo*; a classe diz tudo, Jer, meu rapaz.

Jerry enfiou a mão no bolso à procura de uma barra de mastigar que atirou à cadela. *Flyin'* apanhou-a antes que pudesse resvalar, mas Brad reagiu com a mesma rapidez.

– Não dês essas coisas à minha cadela. *Flyin'* só come boa comida que eu escolho para ela.

– Pois, como *dim sum* de camarão. – Jerry sabia tudo sobre as caminhadas matinais.

– *Sui mai* de porco – corrigiu Brad, fechando a porta com força e encaminhando-se para o elevador.

Tinham sido forçados a parar no estacionamento de vários andares, uma coisa que detestava, mas, devido à confusão de tráfego, estacionar na parte da frente era impossível naquele dia, mesmo para polícias. Tendo em conta o número de ambulâncias a uivar, Brad calculava que a Dr.^a Vivian devia estar muito ocupada. Nunca mais chegava às oito horas.

– Em relação à doutora Vivian – disse a Jerry enquanto os dois se dirigiam

a passos largos (trotavam seria mais o termo, visto que Brad tinha pernas compridas e era rápido e Jerry quase tinha de correr para o acompanhar) para o elevador.

– Lembro-me, tens esse encontro com ela esta noite.

Não o disse, mas pensou como poderia Brad ter achado que ele o esquecera, já que mencionara o «encontro» praticamente sempre que tinham falado naquele dia. Olhou para o colega: vestia uma camisa de manga curta cinzenta aos quadrados, sem gravata, calças de ganga e um cinto de tecido muito usado com uma fivela de prata com a cabeça de um índio. A cabeça tinha um olho azul-turquesa. Brad comprara-o num mercado turístico em Taos, no Novo México, há muitos anos, e, de facto, tinha um aspeto velho.

– Vais assim vestido? – Jerry olhou para ele enquanto esperavam pelo elevador.

Brad esfregou a mão no queixo, pensativo.

– Pensei em ir a casa primeiro. Guardei o barbear para mais tarde. – Lançou um sorriso a Jerry. – Tenho de causar uma boa impressão no primeiro encontro, mesmo que seja um encontro duplo. Merda, Jer – queixou-se –, porque terá a doutora Vivi feito isso comigo?

O elevador chegou. Jerry entrou primeiro e segurou a porta para Brad.

– Talvez tenha adivinhado que ias aparecer vestido dessa maneira e não quis ser humilhada sozinha. – Sorriu para Brad que entrou e carregou no botão. O elevador subiu aos sola-vancos.

– Bem, disse-lhe que ia levar *Flyin'*, encontro duplo a sério.

– É bom esperares que ela goste de caniches – foi tudo o que Jerry conseguiu dizer.

O elevador parou e as portas abriram-se. Encontravam-se num corredor verde pálido típico de hospital forrado com portas, cada uma com o número do gabinete, a sua função e os nomes dos médicos envolvidos. O de Sandowski era para a esquerda, mesmo no final.

– *Hum* – comentou Brad. – Deve ser tudo que disseste que ele era, Jerusalem, meu amigo. O nosso médico tem o gabinete de canto com as janelas grandes.

Bateu na porta e entraram. Estavam três pessoas sentadas na fila de cadeiras com aspeto desconfortável dispostas ao longo das paredes. Lançaram uma olhadela aos dois polícias, repararam nos crachás e voltaram a baixar os olhos. Brad sabia que alguns dos doentes de Sandowski vinham

através do serviço de urgência ou diretamente das ruas ou diretamente da cela de detenção.

Jerry deu-lhe uma cotovelada e sussurrou:

– Achas que alguns destes são violentos?

– Acredito que o doutor observe os criminosos noutra sítio qualquer onde possam lidar com esse tipo de coisa – respondeu Brad.

A rececionista que tinha sido tão arrogante ao telefone era toda sorrisos; na casa dos cinquenta, cabelo loiro-acinzentado com raízes escuras atado com austeridade atrás; saia bem abaixo dos joelhos fortes. Parecia o que era: eficiente, capaz. E protetora do seu estimado médico.

– Está à vossa espera – informou, pegando numa pasta azul que continha algumas folhas de papel.

Ignorando as três pessoas que esperavam e que os fitaram furiosas, bateu à porta do gabinete interior.

– O inspetor Bradley Merlin e o inspetor Jerusalem Guiterrez, doutor – disse, acenando para que entrassem e pousando a pasta azul sobre a mesa em frente do médico.

Sandowski saiu de trás da sua secretária, a mão estendida, para cumprimentá-los.

– Inspectores, espero poder ajudá-los. Não em pormenores, é claro. Aí são vocês os especialistas. Eu sou apenas especialista em «tipos».

Indicou as cadeiras em frente da sua secretária. Os dois inspetores sentaram-se. Olharam para ele do outro lado da secretária impressionante, uma placa de vidro preto do tamanho de três caixões e grossa o suficiente para estropiar quem quer que a tentasse levantar. O médico devia ter usado um guindaste para pôr aquela coisa ali dentro. E não tinha quase nada em cima: um telefone branco; um *MacBook Air* de treze polegadas; um bloco de linhas amarelo com uma esferográfica *Bic* pousada em cima. As cadeiras eram do género *Eames*; plástico preto com uma almofada preta fina que pouco fazia para proteger o traseiro de quem se sentasse.

Brad não viu nenhum dos certificados habituais emoldurados, ordens de mérito, diplomas médicos. Não havia fotos de família, nem desenhos de miúdos, nenhuma coisa de avô, mas Sandowski devia ter quê? Cinquenta anos? Cabelo escuro a ficar grisalho, atraente por trás dos aros quadrados, nenhum anel na mão esquerda, nem, se observando melhor, na outra mão. Havia apenas um relógio de ouro muito fino, um modelo caro da *Blancpain*

com as fases da lua. Não usava a bata branca de médico sobre o fato cinzento-escuro de bom corte, embora Brad divisasse as suas iniciais bordadas nos punhos da camisa azul quando o médico estendeu o braço para lhe apertar a mão. Afinal, havia alguma vaidade, alguma noção de que o Dr. Sandowski podia ter um ego e talvez até uma vida pessoal, que não estava ansioso por mostrar aos seus doentes. Brad não o censurava; devia aparecer por ali um monte de tarados.

Apercebeu-se daquilo tudo no espaço do minuto que levava a cumprimentá-lo, a sentar-se, a dizer obrigado por nos receber, sabemos que é uma grande interrupção do seu dia.

– Ora bem. – O Dr. Ralph recostou-se na sua própria cadeira, muito mais luxuosa, uma antiguidade *Eames* de pele preta (Jerry explicou mais tarde a Brad que reconhecera que era autêntica, a coisa verdadeira, devia ter custado uma pipa de massa). – Como posso ajudá-los?

Sem revelar as investigações policiais, Brad explicou a sua teoria, que se baseava em pequenos detalhes que levavam a uma conclusão.

– E posso perguntar que conclusão é essa?

Brad hesitou, os seus olhos cruzaram-se com os de Jerry.

– Doutor, estávamos de certo modo à espera que nos pudesse dar algumas dicas em relação a isso. Que tipo de homem cometeria crimes como estes, contra mulheres jovens que suspeitamos que ele nem sequer conhece.

O Dr. Sandowski apoiou os cotovelos sobre a mesa, com as dedos das mãos em arco à sua frente e fitou diretamente os olhos de Brad.

– O que quer saber é por que razão anda a fazer o que faz.

– Isso mesmo, doutor – respondeu Jerry.

Sandowski abriu a pasta, leu as duas páginas de notas que continha e depois olhou outra vez para eles.

– Creio que posso afirmar que chegaram à conclusão que o assassino procura o mesmo tipo de mulher jovem. Não há nada aleatório nisso. É quem ele quer. É a quem quer fazer mal. A dificuldade em apanhá-lo tem a ver com o facto de existirem milhares de mulheres jovens, aqui em São Francisco, que devem corresponder de forma aproximada a essa descrição. O nosso assassino pode escolher à vontade, deliciar-se, na verdade.

Brad estava perplexo.

– Então, embora diga que não foi aleatório, a escolha que ele faz é de certo modo aleatória. Estou a pensar que ele escolhe uma mulher, persegue-a,

planeia o ataque...

– Tem alguma razão. O nosso assassino tem uma personalidade passiva-agressiva grave, provavelmente combinada com uma perturbação de personalidade limite. Diria que é um homem jovem, um solitário, é claro, embora possa ter um trabalho e possa desempenhar esse trabalho de forma eficiente.

– Um trabalhador, um operário, doutor? – Jerry estava a tomar notas.

– Ou pode ser um homem de negócios de algum tipo, se calhar com o seu próprio negócio, onde tem liberdade de entrar e sair. Um executivo teria de tomar parte mais concreta no trabalho de escritório do dia a dia. É claro que o homem também pode ser casado. Dificuldades nesse campo, sobretudo sexuais, podem levar à violência. Violência descontrolada, do tipo que têm entre mãos.

O Dr. Sandowski empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Caminhou até ao canto da sala e ficou de pé, a olhar lá para fora, pela janela.

– Tive um caso como esse há anos. Um jovem. Sofrera maus tratos familiares, era um solitário, nunca conseguira ter uma namorada, trabalhava como mecânico numa garagem, escondia os corpos em porta-bagagens de carros antigos. Matou quatro antes de finalmente o apanharem.

Brad lançou uma olhadela a Jerry, que ergueu as sobrancelhas num gesto de «estamos-a-chegar-a-algum-sítio?». Ambos fitaram outra vez o médico que pegara num pequeno objeto de uma mesa lateral e estava a comprimi-lo entre as palmas das mãos. Brad viu que era um pisa-papéis redondo de vidro, do tipo que faziam em Murano, Veneza. A luz da janela cintilava através dos seus azuis e verdes brilhantes, uma coisa bonita que não teria esperado que o médico possuísse, muito menos acariciasse. Mais ou menos como contas relaxantes, calculou. Talvez o doutor também tivesse problemas.

– Diga-me, doutor. Acha que esse tipo, esse *assassino*, pode ter um trabalho com outras pessoas? Andar, de alguma forma, misturado com a sociedade, a tratar dos seus assuntos até que... bem, até que se passa, suponho.

– Disse bem, inspetor. E ele é mais inteligente do que pensam. Lembrem-se disso.

Sandowski sorria ao dizer aquilo. Aproximou-se e colocou o pisa-papéis na grande secretária de vidro que era larga o suficiente para três caixões. Parecia muito pequeno ali.

– Vejo que está a admirar o meu pisa-papéis de Murano – comentou, afável. – Na minha outra vida, o meu *alter-ego*, poder-se-ia dizer, sou comerciante de antiguidades. É uma paixão minha, que me afasta das situações deprimentes e desagradáveis de todos os dias. Sinto que estou a cuidar de coisas, móveis, pinturas, objetos que as pessoas estimaram em vida. Poder-se-á dizer que estou a salvá-los.

– Que bom para si, doutor Sandowski. – Brad levantou-se. – E eu e o meu parceiro agradecemos-lhe pelo tempo que nos dispensou para nos oferecer pistas sobre como o assassino pode estar a pensar e porquê.

Ele e Guitierrez puxaram para trás as suas desconfortáveis cadeiras *Eames* de plástico, que Brad tinha a certeza nunca ninguém estimara na sua vida inteira e podiam muito bem não ter sido salvas, mas sorriu a agradecer a Sandowski, que os acompanhou até à porta.

Sandowski parou, com a mão na maçaneta da porta.

– Ouvi dizer que conhece a doutora Vivian – disse, olhando diretamente para Brad.

– Na verdade sim, doutor. – Brad escondeu a sua surpresa e sorriu para o médico que não sorria. – De facto, vou estar com ela esta noite. Vamos comer um pato à Pequim juntos, creio. Quer dizer, a doutora Vivian e a irmã – acrescentou e ficou outra vez surpreendido quando o médico se riu.

– Jantei com as duas a noite passada – retorquiu Sandowski, em tom pesaroso. – Era para ser só Vivi, mas depois JC intrometeu-se e não foi possível livrar-me dela. *E* ela come por dois – acrescentou, como se, pensou Brad, estivesse a recordar-se do tamanho da conta.

Brad e Jerry agradeceram-lhe de novo. Acenaram um adeus à rececionista que lhes ofereceu um breve sorriso torturado. Havia agora uma meia dúzia de pessoas de aspeto tenso encostadas às paredes nessas cadeiras duras de plástico.

– Ah, a propósito – chamou Sandowski atrás deles.

Viraram-se em uníssono para o fitar.

– Levei Vivi ao Top of the Mark. Ela disse-me que gostou do sítio.

– Certo – respondeu Brad e Sandowski fechou a porta.

Lá fora no corredor, Jerry perguntou:

– Que merda foi aquela?

– Aquilo, inspetor, foi um pouco de ciúme doutoral. O nosso Sandowski está todo interessado na doutora Vivian e estava chateado porque sou eu que

a vou levar a jantar esta noite.

– Embora com o raio da irmã – comentou Jerry, fazendo Brad rir-se.

– Tudo bem – replicou Brad. – Tenho *Flyin'* para equilibrar as coisas.

– A propósito, tenho razão quando digo que o doutor tem razão e nós estamos enganados? – perguntou Jerry.

– Tens razão! E calculo que *ele* tenha razão. Podemos estar agora à procura de um solitário homem de negócios com problemas sexuais e uma esposa. O que nos deixa – terminou Brad com melancolia – em sítio nenhum.

– Ou até – respondeu Jerry, ainda mais taciturno –, mais uma vez, de volta ao sítio onde começámos.

Vivi terminou o seu turno dez minutos atrasada, o que não era mau. A hora de ponta em geral mantinha-os ocupados desde as cinco, as pessoas nas estradas a guiar para casa vindas do trabalho, a fazer coisas estúpidas como enviar mensagens de texto ou telefonar ou beber café quente e fumar ao mesmo tempo, sem as mãos no volante, muito obrigado. Agradeceu aos céus por não ter ficado com o turno mais tarde, quando chegavam os bêbados, os gângsters, os membros de gangues que se queriam estripar uns aos outros, os gangues lá fora à espera, vigiados pela segurança, enquanto um dos seus membros era operado para lhe tirarem uma bala e um gangue rival era dispersado, escoltado para fora do local pela polícia.

Nervos de aço não faziam parte da formação longa, árdua e muito cansativa de um médico, mas, de alguma forma, adquiriam-se, pequenos apêndices nervosos extra que davam força para aguentar, para excluir tudo o que acontecia em volta, exceto o que dizia respeito ao doente, a vítima, cuja perda de sangue se ia tentar remediar ou cuja dor de ouvido se ia diagnosticar. O trabalho nas urgências não era apenas sangue e tripas; era também uma quantidade de criancinhas com tornozelos quebrados, bebês com febres altas, jovens mães com os nervos arrasados por causa de adolescentes, avós preocupadas com um avô que caíra. Era pura e simplesmente uma fatia de vida real todos os dias, sem exceção.

Naquele momento, Vivi trocou a roupa do hospital e os tamancos, envergando um *top* preto de malha, de manga comprida e decote à barco, uma saia preta de algodão, que, claro, estava demasiado apertada porque era de JC, mas que a irmã jurara que ficava muito bem a Vivi. «Bem o suficiente para te comer», fora tal e qual o que JC dissera com um sorriso malicioso que lhe valera um olhar furioso e depois uma risada de Vivi. Vestiu o casaco bom de caxemira preta, enfiou os sapatos vermelhos com saltos altos de JC e deu

um passo vacilante. De certo modo, gostava deles.

Tirou o elástico que prendia o cabelo comprido castanho e escovou-o com suavidade, deixando-o cair sobre os ombros. Infelizmente, o efeito era um pouco afetado pela marca, onde o elástico prendera o cabelo atrás, mas, que diabo, uma rapariga só podia fazer o que conseguia. Passou pó no rosto, uma linha preta fina sobre as pálpebras superiores, um pouco de rímel, depois o batom *Rouge Coco Shine Deauville*, da *Chanel*, comprado de forma impulsiva no Macy's, de manhã, a caminho do trabalho; e agora estava satisfeita. Gostava mesmo dele.

Recuando, viu-se no meio-espelho, que era tudo o que lhes forneciam no hospital. Pensou que teria de ser suficiente, mas faltava ainda uma coisa. Um borrifo do seu novo perfume, também comprado naquela manhã, *Jasmin Rouge*, de *Tom Ford*.

JC ia encontrar-se com ela lá fora, tal como Brad Merlin, só que o inspetor ainda não chegara. Claro que JC sim, com um aspeto lindo, de calças de ganga brancas e sandálias rasas prateadas, adornadas com o que pareciam ser diamantes grandes, e que eram totalmente inadequadas para o tempo (os pés deviam estar congelados, mas para JC a aparência vinha sempre em primeiro lugar) e um pequeno casaco alaranjado de imitação de coelho sobre uma camisola de gola alta preta.

– Parece que acabaste de matar esse coelho. – Vivi olhou em volta à procura de qualquer sinal do seu par. – Afinal, onde está ele?

JC encolheu um ombro.

– Porque não descobres? Verifica o teu telemóvel.

Foi o que Vivi fez. Havia uma mensagem de Brad. Dizia: *Desculpe, atrasado, por favor, vá ter comigo ao Pato Virgem*. Dava um endereço em Chinatown e dizia que chegaria lá quase tão depressa quanto ela.

– É preciso o raio de uma lata – comentou JC, quando Vivi lhe contou. – Num primeiro encontro? Quero dizer, quem pensa esse tipo que é?

Vivi não disse nada, estava a pensar se deveria cancelar toda a noite, mas depois lembrou-se que Alex também vinha. Verificou as mensagens de voz; lá estava ele: *Olá, é o Alex, estou ansioso por a ver esta noite, diga-me só onde e a que horas*.

Seguia-se um número e Vivi telefonou logo.

– Estamos a sair do hospital agora – disse. – Estamos lá daqui a meia hora. Fica em Chinatown – deu-lhe o endereço. – É o Pato Virgem – acrescentou e

ouviu JC, ao seu lado, desfazer-se em risos.

– O *Pato Virgem*!

JC ainda se ria quando se encaminharam para o carro de Vivi, mas depois esta decidiu não o levar, pois nunca conseguiria estacionar e assim apanharam um táxi. Alguém as traria de volta ao carro.

O táxi deixou-as no seu destino vinte minutos depois; claro que tinha havido muito trânsito. Estava a preparar-se para ser uma daquelas noites, Vivi sabia-o.

Saiu do táxi, com elegância, os joelhos juntos, deslizando no assento, sem mostrar qualquer vislumbre de roupa interior, ao passo que JC se atirou simplesmente lá para fora, sem quaisquer preocupações em relação a quem via o quê, se é que alguma coisa. Vivi alisou a saia, ajeitou o casaco e as mangas compridas do *top* preto, olhou para os saltos, preocupada com a rua empedrada, e depois levantou os olhos para a tasquinha que era o Pato Virgem.

Atrás das janelas embaciadas de vapor, pendia uma fileira de patos dourados.

– Virgens todos eles – admirou-se JC, fazendo Vivi rir-se.

Cá fora, à esquerda da porta, sentava-se uma caniche cor de alperce. Bem, uma caniche mais para o cor-de-rosa. Vivi calculou que fosse uma caniche, embora não tivesse nenhum dos aprestos habituais nos caniches: a cauda felpuda em bola, o topete em pompom. Aquela cadela não tinha sido tocada por enfeitadores humanos. Tinha o seu espaço naquele passeio e um olhar frio dos seus olhos castanhos redondos dizia isso mesmo.

– Atrevemo-nos a passar por ela? – JC vacilava, nervosa, atrás de Vivi. – Achas que ela pode morder?

– Aposto as minhas botas em como essa caniche se chama *Flyin'* – retorquiu Vivi. A cadela, ouvindo o seu nome, levantou-se e abanou o rabo. – É a cadela que o inspetor tem sempre de passear – acrescentou Vivi, dando à dona da cauda que abanava uma palmadinha rápida quando entrou a passos largos no restaurante, reparando, de passagem, como era suave o pelo grosso.

Brad mantinha a cadela em boa forma; o homem tratava dela, além de a passear. No entanto, embora a sua cadela lá estivesse, o inspetor Merlin não estava.

Um chinês jovem, agradável e sorridente, avançou para as cumprimentar,

as mãos juntas numa saudação oriental.

– Boa noite, boa noite, meninas. – Inclinou a cabeça sobre as mãos com os dedos em arco. – Bem-vindas ao Pato Virgem. Eu sou Charlie Lew, este é o meu restaurante e eu cuidar bem de vocês esta noite.

Charlie sorriu radiante, ao mesmo tempo que lhes lançava um olhar dissimulado de avaliação: pensou que Brad Merlin se tinha saído bem. Também achava que já era mais que tempo, depois daquela cabra de esposa o ter abandonado de forma tão pública. Toda a gente em Chinatown sabia daquilo e toda a gente admirara a forma como Brad recuperara, bem como a cadela, e simplesmente prosseguira, a fazer o que fazia e, como Charlie sabia, a fazê-lo bem. Quase demasiado bem do ponto de vista de Charlie, mas conseguia sempre manter-se um passo à frente. E ajudava sempre quando as coisas corriam mal. Era assim que Charlie devolvia à comunidade a boa sorte que lhe coubera, de formas pouco convencionais, com certeza, mas também a cavalo dado não se olha o dente. Por assim dizer.

– O inspetor Merlin ainda não chegou, mas tenho uma mesa pronta para vocês.

Conduziu Vivi e JC a uma mesa redonda, mesmo no centro. Tinha uma toalha branca, um centro de mesa rotativo, uma rosa vermelha de plástico numa jarra de vidro e seis cadeiras.

– Seis? – perguntou Vivi, surpreendida, quando se sentou. – Pensei que éramos quatro. E um cão.

– O Merlin disse seis, menina doutora.

Vivi lançou a Charlie um olhar penetrante. Aquele homem sabia mais do que ela. Aquilo não começara como um encontro romântico? Apenas ela e «o Merlin», como lhe chamava Charlie Lew, um nome que, pensou, se adequava de forma estranha ao inspetor; grande, de ombros largos e parecia sempre com necessidade de fazer a barba. Sem dúvida que não se parecia muito com um mago mitológico. *Este* Merlin era definitivamente desta terra e não da do rei Artur.

Um empregado muito jovem com um casaco vermelho trouxe chá de jasmim a ferver em pequenas chaleiras brancas, com pequenas chávenas sem asas.

– Como copos para ovos – disse JC.

Charlie pediu-lhes para, por favor, lhe chamarem Charlie, acrescentou que era muito amigo de Merlin e perguntou o que queriam beber.

– Temos bar completo – afirmou, acenando com uma mão jovial para uma prateleira abastecida com o habitual.

JC pediu uma *margarita* que, perceberam pelo vazio repentino nos seus olhos, perturbou um pouco Charlie. *Margaritas* mexicanas não eram a bebida de eleição num restaurante chinês, mas Charlie era dono do bar ao lado e, dentro de alguns minutos, um copo enorme gelado, de um limão pálido, mais uma taça na verdade, foi colocado à frente de JC, que o fitou boquiaberta de admiração.

– Calculo que um destes seja suficiente para dar cabo de qualquer rapariga – comentou, bebendo um gole pela palhinha e revirando os olhos de apreciação.

Ergueu o polegar para Charlie, que a observava ansioso, e ele sorriu e foi postar-se ao lado da porta, elegante no seu fato *Armani* de Hong Kong, para aguardar os seus convidados de honra. No entanto, foi Alex que cruzou o vão da porta.

Charlie acompanhou-o até à mesa, disse-lhe que o Merlin estava atrasado, perguntou o que gostaria ele de beber. Quando Alex respondeu que um copo de vinho branco seria bom, correu a mandar um subordinado trazer a carta de vinhos e voltou a rondar a porta enquanto Alex decidia que vinho escolher.

– Desculpem o atraso – disse Alex, depositando um beijo rápido na face de Vivi e virando-se depois para sorrir para JC, que ainda não conhecia. – Sei que é a irmã de Vivi – continuou, a admirá-la com o olhar. – Contou-me que estava a morar com ela.

– E você é o «Intruso» da minha tia – replicou JC. – Quando ouvimos falar de si, pensámos que pudesse ser o assassino em série, sabe, com a faca na mão, toda essa história.

– Então espero que a vossa tia tenha explicado que foi tudo um acidente.

– Explicou – retorquiu Vivi. – De facto, disse que não se divertia assim tanto há anos. Bem, a sua cicatriz está com bom aspeto.

Alex atirou a cabeça para trás e riu-se. Contou a JC que a irmã tinha feito um bom trabalho de costura e passou uma mão pelo cabelo ondulado castanho-claro. Vivi achou que ele era espetacular, este Alex, e, com a sua história triste, afetava-lhe sobretudo o seu coração sempre vulnerável.

– Fen é impossível – comentou Alex. – É sem dúvida a mulher mais divertida que já conheci. Contou-me que tinha sido dançarina em Paris.

– Oh, contou-lhe toda a história dos toucados de plumas, lantejoulas e

saltos altos, não foi? – perguntou Vivi, a rir-se.

– A história toda não. Só tive direito ao primeiro episódio.

JC bebeu outro gole da sua *margarita*. Despiu o casaco de imitação de coelho e os braços bronzeados cintilaram bonitos no *top* de verão decotado de linho branco que usava, apesar de estarem dez graus lá fora. Na verdade, pensou Vivi, a irmã parecia estar preparada para uma praia mexicana, não para um pequeno restaurante fumegante no húmido mês de novembro na Chinatown de São Francisco.

– Ah – JC dirigiu-se a Alex –, então levou com o *primeiro* marido. O francês.

Alex apreciou o bronzeado, o loiro e o rosa dela, os seus olhos azuis redondos, as pernas compridas e esbeltas e o toque de *flirt* na sua voz. Não havia dúvida que JC era uma bênção para os olhos; e, de alguma forma, sabia que era também um desafio.

– Levei com o marido francês – concordou. – Bem como uma palestra sobre o perigo que todos os homens franceses representam para qualquer mulher.

– Posso confirmar. – A voz de Vivi tinha uma veemência que fez Alex virar-se para olhar para ela, surpreendido. – Desculpe. – Vivi encolheu os ombros. – Não quis ser desagradável, foi apenas como me saiu.

– Vivi teve um noivado infeliz com um francês – explicou JC ao atento Alex. – Fen disse-lhe que dois numa família era mais que suficiente.

JC riu-se, agradecendo a Deus quando Vivi se riu com ela; talvez, afinal, estivesse a superar François. Entretanto, examinou a porta à espera de um sinal de Brad Merlin.

A cadela ainda lá estava, como uma espécie de guarda. Vivi perguntou a si própria se a caniche rosada poderia mesmo ser o cão do musculoso inspetor. Sorriu com a ideia, quase a ouvir Alex dizer a JC que gostara muito da sua noite com Fen. Pensou nele, parecia tão simpático e encantara Fen, mas... Mas? O quê? Vivi encolheu os ombros, não sabia. Ele estava ali para ficar a conhecer o inspetor que trabalhava no «caso» da sua noiva assassinada. Ele estava ali para tentar ajudar a encontrar um assassino em série, cuja última vítima ainda jazia numa unidade de cuidados intensivos obscurecida, a vida preservada por máquinas. Vivi lembrou a si própria que aquilo não era propriamente uma noite de um «encontro romântico», a pensar de novo, perplexa, se não teria de algum modo começado assim. Ela e Brad Merlin?

Nalgum tipo de «encontro»?

E lá vinha ele, a entrar a passos largos, os ombros amplos quase a encherem a porta, a passar uma mão pelo cabelo grosso soprado pelo vento para tentar acalmá-lo, a cumprimentar Charlie, que lhe sorria radiante, a estalar os dedos para o ajudante de empregado de mesa do casaco vermelho para pôr o chá quente em cima da mesa, depressa, antes que o inspetor se sentasse. A caniche vinha ao lado de Merlin e, atrás dele, um homem de aspeto latino, baixo, magro e com um sorriso que ofuscava mesmo à distância de dez metros.

– Lá vêm eles – disse Vivi para os outros, embora não soubesse quem era o segundo homem e, sem dúvida, não estivesse à sua espera.

O seu «encontro» crescia a cada minuto que passava. Eram agora cinco, o que significava que ainda havia uma cadeira para alguma outra pessoa. A menos que fosse para a cadela, é claro.

Alex levantou-se enquanto Vivi apresentava JC. Detetou um lampejo de surpresa no rosto de Brad, assim como no do seu companheiro, que Brad apresentou como inspetor Jerusalem Guiterrez.

– O meu parceiro no crime, poder-se-ia dizer. A propósito, a maior parte das vezes, chamamos-lhe Jerry.

– Exceto a minha mulher. Maria Carmen chama-me sempre Jerusalem, diz que me dá um pouco mais de classe. – Jerry mostrou os dentes num sorriso ofuscante e eles sorriram em resposta.

Brad sentou-se ao lado de Vivi. A cadela deslizou para baixo da mesa a seus pés.

– Um *encontro* muito íntimo, hein, Merlin? – segredou Vivi ao ouvido de Brad. – A caniche rosa é mesmo sua?

– Todos os pelinhos encaracolados cor-de-rosa. E chama-se *Flyin'*.

– Já me disse. Também me disse que ia contar como arranjou esse nome.

– Mais tarde.

Sorriu-lhe. Ela notou que se barbeara recentemente, que o queixo estava de um azul macio e usava uma camisa branca lavada, calças de ganga e um casaco escuro. Estava com bom aspeto.

Mais chá quente apareceu em pequenas chaleiras brancas com outros copos e, embora ninguém tivesse pedido, pequenas tigelas de um caldo perfumado, cada uma com um único *dumpling* macio de carne de porco. O vinho branco que Alex escolhera foi apresentado e servido; *Flyin'* recebeu, de forma

furtiva, um *dumpling* debaixo da mesa e Brad Merlin ergueu a taça num brinde.

– Prazer em conhecê-la, irmã de Vivi – disse, dirigindo-lhe um sorriso que JC achou de morrer.

Meu Deus, havia aqui dois homens impressionantes! Era melhor descobrir para que lado pendia Vivi, não queria tomar nenhuma atitude errada. Bem, Merlin era amoroso e também a caniche cuja respiração ofegante sentia nos tornozelos. Pensou se deveria empurrá-la para longe com o pé, mas depois lembrou-se que estava a usar sandálias. A cadela podia morder-lhe os dedos dos pés. Assim, manteve-se muito quieta.

Brad ainda estava a brindar e a sorrir.

– Muito contente por a ver, doutora Vivian, embora como isto começou como uma espécie de encontro prefira chamar-lhe Vivi.

Vivi sentiu-se ruborizar, mas também sorriu. Todos aqueles dentes a faiscarem numa mesa podia ser de mais.

– Com certeza – retorquiu com formalismo, embora gostasse do sorriso de Brad, agora que pensava nisso.

– Então, para quem é a sexta cadeira? – perguntou JC.

Vivi quase sentiu esperança que Brad não dissesse que era para a sua mulher. Não tinha a certeza de qual era a situação nesse campo, embora os homens casados não costumassem convidar outras mulheres para encontros. Será que convidavam? Ah! Segundo Fen, convidavam e, dissera a Vivi, com mais frequência do que ela imaginava.

– Visto que Brad me disse que a doutora Vivian ia trazer a irmã, pensei que seria simpático se a minha mulher Maria Carmen se juntasse a nós. – Jerry explicou a sexta cadeira vaga. – Isto é, se ela conseguir que a mãe tome conta dos miúdos.

Conhecendo a sua sogra infernal, Jerry não tinha nada a certeza de que a Señora Angelita fosse aceitar o trabalho e dar à filha uma noite de folga. Estava tão longe de ser um anjo como a irmã de Vivi, JC, estava perto. Ora *essa* é que era uma jovem de bela aparência. Olhou para Brad para avaliar a sua reação a JC, mas o amigo encontrava-se em animada conversa com a Dr.^a Vivian, alto o suficiente para Jerry perceber o que ele estava a dizer e também para Alex, do outro lado da mesa, que escutava com atenção.

Jerry bebeu um gole do chá de jasmim e ergueu a mão para pedir uma *Heineken*. Teria preferido uma *Modelo* mexicana, mas, num restaurante

chinês como aquele, sabia que era uma causa perdida.

– Inspetor Merlin – dizia Vivi, mas Brad retorquiu que deveria chamar-lhe Brad, ou mesmo Merlin se preferisse, visto que, afinal, aquilo era um encontro.

– É melhor chamar-lhe apenas inspetor – respondeu Vivi – porque isto é mais do que um encontro. Alex estava noivo e quase a casar com a assistente de bordo que foi a terceira vítima do vosso assassino em série.

Os olhos de Brad escureceram. Lançou um olhar a Alex e disse:

– Lamento – estendeu a mão por cima da mesa. – Uma tragédia. Só posso prometer que estamos a fazer tudo para apanhar o... – Não queria usar a palavra «assassino». – Para apanhar o homem responsável.

Alex inclinou-se e disse ansioso:

– E eu quero ajudar-vos.

– Tenho a certeza que já fez tudo o que podia – comentou Jerry. Sentia pena de Alex, mas estava a bater à porta errada se achava que poderia ajudar na investigação. Lembrava-se agora de Alex: era o namorado que fora investigado na altura do assassinato. Estava em Los Angeles, quando acontecera, a rapariga em São Francisco. Não havia a mínima suspeita em relação a este tipo.

– Ela contou-me que estava a ser seguida – observou Alex.

Brad recordava-se daquilo nos ficheiros do caso.

– Disse-me que sentia que estava a ser vigiada semanas antes de isso acontecer. Tinha medo, sabem, mas nunca viu ninguém, nunca foi abordada, nunca ninguém a ameaçou.

– Mas eu também me senti assim, na outra noite – lembrou-se Vivi de repente. – Estava sozinha no estacionamento vazio, à espera do elevador. Era como se... – encolheu os ombros, enregelada. – Como se houvesse olhos a rastejar por cima de mim.

– Viu alguém?

– Ninguém. Mas depois ouvi passos na escada. – Sorriu, lembrando-se. – Era só um colega, o doutor Sandowski. Acompanhou-me até ao carro, só para se certificar que estava tudo bem.

Não lhes disse que a convidara para jantar, mas JC comentou:

– É agradável, o doutor Ralph. Levou-nos a jantar e depois ofereceu-me emprego na sua loja de antiguidades. Dois coelhos com uma cajadada só – acrescentou.

– Para si ou para ele? – Brad estava a pensar no encontro do Dr. Ralph com Vivi e como o médico dissera que JC se tinha intrometido.

– Para mim, é claro. Eu precisava de um emprego. Tive sorte, é tudo.

– Eu também me interesso por antiguidades – contou Alex, parecendo emergir da sua tristeza por ter falado na noiva. – Terei de fazer uma visita à vossa loja.

A cabeça da caniche espreitou por baixo da toalha de mesa entre eles e Vivi acariciou-a distraída, a pensar como era suave o pelo da cadela.

– O que come ela? – perguntou a Brad, que estava a lançar a Vivi esse tipo de olhar íntimo que significava que naquele momento não queria saber do que a cadela comia: estava mais interessado nela.

Nessa altura chegou o pato à Pequim, dois patos dourados trazidos com grande cerimonial numa bandeja prateada: com um monte de pequenos crepes redondos fofos; cebolinho e pepino cortados e tigelas de molho de ameixa. E tudo a cheirar como se o próprio Buda reinasse sobre a refeição.

Ooohs e aahs elogiaram Charlie, que fez as suas vénias habituais com as mãos postas e, depois, numa mesa lateral, começou a trincar com mestria os patos enquanto o seu assistente fazia os pratos com a carne assada no vapor e camadas de pepino e cebolinho enrolados no crepe, adicionando tiras muito finas e compridas de pele estaladiça, com o molho ao lado.

Vivi pensou que a pele era o melhor. Estalava quando a trincava. Os crepes eram etereamente leves e a carne de pato regada com um pouco de molho de ameixa fazia crescer água na boca.

Olhou para Brad. Tinha molho peganhento no queixo e, instintivamente, ela pegou no guardanapo e limpou-o. Os olhos dele fitaram os dela, um olhar longo e profundo que abriu caminho até ao seu «lá em baixo», como Fen lhe chamava. E Fen sabia do que estava a falar. Os dedos de Vivi tremeram quando tentou montar outro crepe.

– Com licença.

Enquanto Brad o fazia por ela, a conversa pareceu flutuar sobre a cabeça de Vivi; sentia-se sozinha com Merlin, o Mago, consciente do tamanho dele, do seu ombro que quase tocava no dela, dos olhos azuis que, definitivamente, tocavam nos dela.

– Acho que gostaria de um copo de vinho – disse, afastando-se rapidamente.

Brad pediu o vinho. Charlie veio e serviu. JC também quis um copo e Alex

um segundo. Brad ficou-se pelo chá e Jerry já tinha bebido a sua dose de cerveja.

– Lamento que a tua Chiquitita não pudesse vir, Jerry – disse Brad ao seu parceiro.

– Problemas com a sogra – explicou Jerry, desapontado.

– *Chiquitita*? – perguntou Vivi.

– O meu nome para Maria Carmen. É uma longa história – respondeu-lhe Brad.

– Eu sei, como *Flyin*’.

Ele riu-se, depois lançou uma olhadela à janela embaciada e exclamou, espantado:

– Bem, Jerusalem, meu amigo, olha só quem o vento trouxe em vez dela.

Toda a gente se virou para olhar para o Dr. Ralph Sandowski quando este entrou. Ele avistou-os, pareceu surpreendido e encaminhou-se para a mesa deles, transportando um estojo de pele, comprido e estreito.

– Por falar em coincidências – disse, parecendo pasmado. – Tive de ir buscar uma coisa ali na esquina, pensei em entrar para comer qualquer coisa.

– Escolheu um bom lugar. Porque não se junta a nós?

Brad levantou-se, tal como Alex e Jerry, bem como *Flyin*’, que olhou desconfiada para Sandowski. O médico conhecia toda a gente, exceto Alex, e Brad apresentou-o. Também lhe disse *quem* era Alex.

– Sinto muito – lamentou o médico – É uma tragédia. Os meus pêames. – Sentou-se na cadeira vazia destinada à mulher de Jerry e colocou o comprido estojo de pele usada no chão a seu lado.

Brad lançou uma olhadela a Jerry. O estojo parecia conter uma espingarda.

Jerry explicou a Alex:

– Tivemos uma longa conversa hoje com o doutor Ralph sobre o tipo de pessoa que deveríamos procurar neste caso. No *seu* caso – acrescentou em tom de desculpa.

Os olhos de Vivi cruzaram-se com os de JC. Estavam ambas a pensar que o Dr. Ralph era bastante simpático, a mostrar-se tão gentil para o pobre Alex.

– Eu queria tentar ajudar o inspetor – explicou Alex, encolhendo os ombros. – Mas acho que não tenho nada a oferecer.

– Receio que tenha pouco para oferecer também – retorquiu o Dr. Ralph. – Apenas algumas orientações sobre a natureza mental do tipo de pessoa de que poderão estar à procura. Também não sou polícia, nem inspetor treinado da

polícia. Penso que o que todos podemos fazer agora, meu amigo, é deixar o assunto com eles. Tenho a certeza que os inspetores desencantarão a resposta.

– Se não o fizermos o presidente da câmara retirar-nos-á o emprego – observou Jerry.

Entretanto mais pratos de comida seguiram o pato à Pequim. Feijão verde chinês comprido e cozido no vapor com óleo de sésamo; carne de vaca estufada com brócolos e, a pedido especial de Vivi, o seu prato favorito da infância, frango agri-doce, que aqui deixava de ser indigesto. Mais arroz de jasmim. Mais chá. Mais vinho.

O telefone de Vivi tocou. Procurou-o na mala.

– Espero que não seja do hospital – disse, pedindo licença e encaminhando-se para a porta para atender a chamada.

Era Fen, claro, morrendo de vontade de saber como estavam a correr as coisas.

– O meu Intruso está aí? – perguntou.

– Merda, Fenny! – exclamou Vivi.

– Por favor, não uses essa palavra tão alto no meu ouvido – replicou Fen com brusquidão. – Só perguntei se ele estava aí?

– Estás a referir-te a Alex, suponho?

– Estou a falar sobre o Papa? É claro que me estou a referir a Alex. O meu *Intruso*. E o que eu quero saber é, *tu* queres «cuidar» dele?

– Não. Eu não quero «cuidar» dele.

– Bem, isso sem dúvida muda as coisas. Como está a correr o encontro, então?

– O meu *encontro* não era com Alex, ele também veio porque queria conhecer os inspetores. O meu *encontro* a sério era com Brad Merlin.

– *Hum*, muito apropriado. Vivian era a amante de Merlin, sabes, na mitologia.

– Oh, Fen, é mesmo verdade? – Vivi estava a recordar-se dos espasmos que sentira antes. – Quero dizer, quando se pensa que vamos gostar de alguém, quero dizer, sabes, *gostar*, é aí que temos esses espasmos? Ou é apenas atração sexual do tipo que se encontra em qualquer sítio?

– Querida menina, há espasmos e *espasmos*. Só tu podes perceber a diferença. Certifica-te apenas que sabes o que estás a fazer desta vez. E, bem, como se está a dar JC com o meu Intruso?

Vivi olhou por cima do ombro para a mesa. De onde se encontrava, de pé, junto da porta, conseguia ver JC em calorosa conversa com o Dr. Ralph. Disse consigo própria, mais uma vez, que tinha de lhe chamar Ralph.

– Não creio que haja muita atividade aí – respondeu. – Tenho de ir, estamos a comer. Amo-te.

Desligou e foi sentar-se à mesa.

– Fen manda beijinhos para o seu «Intruso» – disse para Alex, por isso ele teve de contar a história de como a conhecera na noite da tempestade.

Bebeu-se o resto do chá, abriram-se os biscoitos da sorte. O de JC dizia que novos planos levariam à felicidade e o de Vivi que trabalho e um bom coração faziam uma boa alma. Nenhum dos homens abriu os deles, por isso JC agarrou-os e comeu os biscoitos ao mesmo tempo que lia as mensagens, nenhuma das quais dizia que alguém ia ficar rico muito depressa ou encontrar a pessoa dos seus sonhos.

– Diga a Charlie Lew para arranjar melhores adivinhos – observou, sorumbática, para Brad.

– Nem se devia dar ao trabalho de os ler – disse o Dr. Ralph. – São piores do que ler o horóscopo do dia nos jornais.

– Ah, mas eu leio – confessou JC, fazendo-os rir-se.

– E *você, doutora Vivian?* – perguntou Brad.

Vivi encolheu os ombros.

– Sei muito bem qual é o meu dia a dia, não preciso do jornal para me dizer o que vai acontecer.

– Podiam ter-te dito que ias conhecer Alex – comentou JC.

Vivi sempre pensara que JC era uma fervorosa crente no amor; numa época anterior, teria sido uma *hippie*, cabelo comprido, colares e amor livre.

Brad pediu a conta. Naquela noite ele pagava, disse-lhes, entregando a Charlie a capa de plástico preto com o seu cartão de crédito. Depois, olhando para o Dr. Ralph, afirmou em tom descontraído:

– A propósito, doutor, esse estojo que traz, estou a pensar que poderia conter uma espingarda.

– Ah. Bem. Sim. Sim, na verdade, é uma arma. Tenho um par de *Purdey*. Comprei-as em Londres há alguns anos, embora datem dos anos setenta. Um par perfeito, com gravação de prata, mecanismo de gatilho duplo, alinhamento certo. Não sou grande atirador, mas com essas armas é difícil falhar.

– E dispara contra quê? – Jerry recostou-se na cadeira, a pensar se ele teria uma licença.

– Não se preocupe, tenho uma licença – retorquiu o Dr. Ralph. – Fui buscá-las ao armeiro que as limpa e tenho licença para a transportar no meu carro.

Brad viu que o médico não deixava escapar nada, mas era muito diferente um pisa-papéis iridescente de vidro *Murano*, que usava no seu gabinete como se fossem contas relaxantes, e um par de armas antigas caras da marca *Purdey* que podiam matar alguém com um disparo.

– Então, o que caça mesmo, doutor? – perguntou. – Só por curiosidade, sabe, não sendo eu um caçador.

– Com as *Purdey*, apenas na época de caça, gosto de ir a Inglaterra para o faisão, à Escócia para a galinha-brava. É a melhor caça no mundo. A nível local, tenho uma cabana no bosque. Não é muito fantástico, mas consigo alguns veados, não com uma *Purdey* é claro, com um rifle. Gosto daquilo. Antes de vir a neve, há lá toda a paz e tranquilidade que um homem poderia desejar.

– Que maravilhoso. – JC inclinou-se sobre a mesa e tocou-lhe na mão. – Não sei nada sobre caça, mas a ideia de uma cabana nos bosques parece maravilhosa, todo aquele ar fresco e limpo, o cheiro a pinheiro da floresta.

Vivi perguntou a si própria, desconfiada, por que razão a irmã estaria de repente toda entusiasmada com a natureza. Será que JC estava a *atirar-se* ao Dr. Ralph?

– Então, se gosta tanto, vai ter de vir um destes fins de semana. – O doutor Ralph tirou um cartão do bolso interior do casaco, entregou-a a JC. – Telefone-me amanhã por causa do trabalho.

Vivi olhou para ele, espantada. Primeiro ele oferecera um emprego a JC, agora estava a convidá-la para um fim de semana.

Brad assinou o talão, empurrou a cadeira para trás, enfiou um punhado de notas na mão discreta de Charlie, mais nas mãos dos dois jovens empregados de casaco vermelho e chamou *Flyin'*. O restaurante ainda estava cheio, os aromas ainda tentadores.

– Voltaremos – disse a Charlie, que fez outra vénia enquanto segurava a porta e respondeu que esperava que sim.

O Dr. Ralph içava o estojo de pele *vintage* da sua espingarda pela correia gasta.

– Tudo bem aí? – perguntou Jerry.

– Tudo bem, obrigado. Tenho o carro num parque de estacionamento aqui perto.

– O meu carro está no hospital – disse Vivi.

– Levo-a lá – ofereceu Alex imediatamente.

– Ou posso eu levá-la – sugeriu o Dr. Ralph.

Brad perguntou a Alex, casualmente, que carro tinha.

– Um *Range Rover*. Sempre gostei desse carro. Ainda que o tenha enfaixado contra a árvore de Fenny Dexter.

– E você, doutor, que carro tem? – Jerry sentia curiosidade a respeito do médico com as suas armas *Purdey* caras, a cabana no bosque e a sua loja de antiguidades. Onde diabo arranjava o homem o dinheiro? Faria assim tanto como psicoterapeuta de renome mundial?

– O mesmo – respondeu o Dr. Ralph. – Sempre o achei rápido e de confiança.

– Pois, bem, cuide das *Purdey*, doutor – aconselhou Brad. Virou-se para olhar para Vivi. – Quer ir a algum sítio?

Os olhos de Vivi iluminaram-se, pensara que o «encontro» tinha acabado.

– Quer dizer, tipo uma discoteca? Mas tenho de ir trabalhar amanhã cedo.

– Só uma bebida num lugar que eu conheço. Há alguém que gostaria que conhecesse.

– Está bem. Claro. – Vivi sentiu outra vez aquele espasmo «lá em baixo». Estaria mesmo no *flirt* com Brad?

Acordou-se que Alex levaria JC ao hospital, onde ela apanharia o carro de Vivi, e o Dr. Ralph foi-se embora sozinho, carregando as suas armas caras.

Enquanto o observavam a afastar-se, os olhos de Brad cruzaram-se com os de Jerry.

– Então o que achas? Coincidência? – perguntou baixinho para Vivi não conseguir ouvir.

– Não acredito em coincidências – retorquiu Jerry. – Aposto que ele sabia onde Vivian ia esta noite e veio também.

– Um homem que luta pelo que quer – comentou Brad, pensativo, e depois pediu a Jerry para verificar a licença de porte de arma de Sandowski, saber um pouco mais sobre aquelas *Purdey* caras.

– Farei isso – assentiu Jerry, desaparecendo no meio da multidão, de regresso a casa para uma sogra infernal, um bebé a chorar e uma mulher que adorava. Sentira a falta dela naquela noite.

Vivi e Brad viram Alex e JC partir de braço dado para o parque de estacionamento, ela de pés gelados, claro, nas suas sandálias rasas de verão, ornamentadas com bijutaria, e pernas morenas nuas, com o seu casaco alaranjado de imitação de coelho; ele alto e elegante de calças de algodão, mocassins e um casaco preto assertado. Viram Alex dar a JC o seu cachecol de caxemira que ela pôs ao pescoço, tremendo enquanto se afastavam.

– E ficamos só nós. – Brad sorriu para Vivi que também lhe sorria.

– E *Flyin'* – lembrou.

– Nós três temos um encontro – referiu Brad, enfiando o braço no seu enquanto se encaminhavam para o seu carro.

Se Veronica ficou surpreendida por ver Brad entrar com uma rapariga pelo braço, disfarçou-o bem e apenas disse:

– Como vais, Merlin? – dispensando a Vivi um aceno de cabeça frio.

Após o tratamento duro que ele sofrera às mãos da ex-mulher, Veronica era protetora. Não exatamente *maternal*; nunca o fora, mas considerava Brad como seu amigo e isso queria dizer para a vida toda. Nenhuma mulher ia lixá-lo outra vez, se Veronica pudesse evitá-lo.

Bateu com um copo de *shot* de *Maker's* em cima do balcão de zinco, uma *Kirin* a espumar ao lado, e depois continuou a limpar as coisas com o pano branco sempre imaculado, ignorando Vivi de propósito.

Brad colocou a mão sobre a de Veronica, interrompendo-a a meio da limpeza.

– Vou bem, Veronica. E também a doutora Vivian Dexter, a quem te estou a apresentar, já que não tiveste tempo de perguntar.

Veronica lançou um olhar a Vivi e voltou à sua limpeza.

– Uma médica, hein. Sério? Ou uma daquelas doutoradas que andam por aí a chamar-se doutoras e depois, quando partimos uma perna, não sabem como tratá-la, nem que estivéssemos a morrer.

Vivi entendeu a mensagem: de algum modo, Veronica considerava Brad propriedade sua.

– Uma médica a sério – retorquiui, oferecendo a Veronica um sorriso doce, que ela ignorou, mas que Brad sem dúvida notou.

Adorava aquele sorriso, adorava os lábios macios de Vivi pintados de um rosa pálido acetinado. Já se passara muito tempo desde que quisera tanto beijar uma mulher e, definitivamente, naquele preciso momento, queria beijar a médica. Apostava que ela não permitiria isso. Não num primeiro encontro. Se se podia chamar à alegre reunião múltipla daquela noite um «primeiro

encontro». Vivi não era esse tipo de rapariga.

– Uma médica de verdade – dizia Vivi a Veronica. – Serviço de urgência. Alguém lhe dá um tiro, vem ter comigo.

Veronica parou de limpar e fitou-a, a avaliá-la.

– Nã – observou, após um longo minuto. – É muito jovem. Provavelmente, ainda na faculdade de medicina ou algo assim. – Olhou para Brad – Verificaste?

Brad sorriu.

– Vi-a em ação no outro dia – garantiu. – Só que ela tem aquele aspeto de menina, as faces rosadas e aqueles olhos dourados inocentes...

Veronica perscrutou com intensidade os olhos de Vivi. Esta pestanejou. Veronica disse:

– Aqueles olhos são castanhos, Merlin. Estás a descontrolar-te.

– Oh, espero que sim – ouviu-se Vivi dizer, corando ao mesmo tempo. – Quero dizer, um homem como Brad, um inspetor, todo esse stresse e problemas à procura de assassinos, sabe... bem, como médica, acho que ele precisa de relaxar.

– A tomar uma bebida com uma mulher bonita – concordou Brad. – Agora, para com isso – ordenou a Veronica – e traz à doutora Vivian um copo de qualquer coisa que ela queira. – Ergueu um dedo em advertência. – Lembra-te que ela está encarregue do serviço de urgência, nunca se sabe quando podes precisar dela.

– Sim, como da próxima vez que um cliente quiser disparar sobre a empregada do bar.

Mas Veronica estava a sorrir, a passar a mão pela sua peruca platinada, a puxar o peito para cima antes de perguntar à Dr.^a Vivian o que gostaria ela de beber.

– Oh, uma vodca tônica, com duas azeitonas, por favor, isto é, se as tiver – acrescentou Vivi.

Veronica lançou-lhe um olhar de «Oqueéque acha» e respondeu que claro tinha azeitonas. Com queijo *blue* ou normais?

Vivi escolheu as normais, reparou que a vodca que Veronica serviu era boa, *Belvedere*, que as azeitonas vinham de um frasco e que a bebida era generosa.

– Estás a esquecer-te da pobre *Flyin'* agora que tens uma mulher – censurou Veronica, atirando um biscoito na direção da caniche.

Brad olhou para a cadela sentada ao lado de Vivi, que lhe passava os dedos no pelo encrespado e raios o partissem se a cadela não olhava com adoração para ela, da forma como outrora olhara para a sua ex. Sentiu os olhos de Veronica postos nele. Assentiu com a cabeça, com ar de entendida, na direção da cadela.

– Parece que *Flyin'* já tem o futuro todo resolvido – comentou, virando-se para polir copos com um novo pano branco. – Um pouco precipitada, diria eu.

– Eu não. – Brad chegou o seu banquinho de bar para mais perto do de Vivi e apoiou um braço informal nas costas do dito. Ela virou-se para lhe sorrir e, de repente, a sua vida passada passou-lhe diante dos olhos e depois desapareceu para sempre. Ele *estava* a olhar para o seu futuro.

Observou Vivi a saborear a sua bebida. Pegou nas duas azeitonas e comeu-as.

– Com fome? – perguntou ele. Tinha o braço em volta dela, a mão apoiada agora no seu ombro. Esquecera-se que haviam acabado de comer comida chinesa.

Vivi bebeu outro gole, maior desta vez, lembrou-se das palavras de sabedoria de JC naquela manhã: *Luta pelo que queres, rapariga. Funciona sempre com um homem.*

– Acho que talvez quisesse ser beijada – ouviu-se dizer... seria mesmo *ela*? Mas queria tanto beijar aquele homem, porque não deveria dizer-lho? – JC tinha razão – acrescentou.

Brad pareceu perplexo.

– Em relação ao beijo?

– Talvez.

Ele levantou-se, pegou-lhe na mão, ajudou-a a descer, acenou boa noite para Veronica que estava agora ocupada na extremidade do balcão do bar. Não houve necessidade de chamar *Flyin'*, a cadela já vinha nos seus calcanhares.

– Para onde vamos? – perguntou Vivi, sem fôlego, com amor ou desejo ou talvez ambos.

– Para minha casa – respondeu ele.

– Ohh, porquê?

– Porque a tua irmã está na *tua* casa. Na minha casa, podemos estar sozinhos. Se é isso que queres.

Era. Vivi sabia-o.

Dentro de poucos minutos estavam a estacionar numa viela em Chinatown e Brad abria a porta da frente lacada de vermelho. *Flyin'* foi a primeira a entrar. Seguiu-se Vivi e depois Brad, que fechou a porta atrás de si. Acendeu as luzes, ligou a lenha a gás na lareira de azulejos verdes, a música... não Neil Diamond, mas sim os velhos Roxy Music, uma canção favorita: suave, *sexy*, sentimental.

Vivi observou a sala com vigas escuras, o sofá um pouco maltratado de microfibra cinzento-acastanhada, horrível, mas com certeza melhor do que o seu próprio de pele preta, a cozinha obviamente não utilizada, a televisão de cinquenta e cinco polegadas, as estantes a transbordar, a aparelhagem. Sentiu o cheiro doce do incenso que vinha a flutuar do pequeno templo no final da rua, olhou para a moça no sofá onde era evidente que a cadela dormia, embora houvesse uma cama de cão aveludada castanha perfeitamente boa em frente da lareira. Aquilo não era uma casa de solteiro; era um lugar onde um homem vivia sozinho.

– Simpático – disse, virando-se para Brad.

Ele passou-lhe os braços em volta, abraçou-a com força. Vivi gostou daquilo. Gostou da largura dele, da força, da pressão dos seus braços musculados, gostou do cheiro dele, um toque de *aftershave*, um pouco de ar fresco, algum *bourbon*...

– Ainda bem que não fumas – comentou. – Faz-te mal.

E depois estava a beijá-lo e tudo o que queria era que a vida continuasse assim, tal e qual como era naquele momento, com aquela sensação premente «lá em baixo» e a pressão dos lábios dele nos seus, a mão dele a empurrar-lhe a parte inferior das costas, chegando-a para mais perto, o corpo dele contra o seu...

Não devia estar a fazer aquilo. Era contra as regras. Desviou o rosto, afastou-o.

– O que aconteceu? – perguntou Brad, espantado.

– Acabei de me lembrar, isto é um primeiro encontro.

Parecia tão afetada e virtuosa que ele se riu.

– Tens razão, é – concordou. – O que estou a pensar é como arranja um tipo um segundo encontro contigo?

– Telefona-me. – Vivi sorriu, todo o perigo sexual evitado. Brad nunca saberia, pelo menos não por enquanto, quão perto ela estivera de dizer «toma-

me, sou tua», no verdadeiro estilo de uma mulher perdida.

– Tenho de trabalhar amanhã – lembrou a Brad, sabendo que era puramente uma manobra dilatória, porque queria muito ficar, desejava-o muito.

– E eu também tenho de trabalhar, suponho – respondeu ele, embora, desta vez, a sua mente não estivesse de forma alguma concentrada no trabalho.

Ele pegou-lhe na mão. Fê-la recordar o primeiro rapaz que a levara ao cinema; pensara na altura que ia desmaiar, apenas por causa do toque da mão dele na sua.

Disse:

– Sabes que Vivian e Merlin eram amantes. Isto é, na mitologia.

– Já tinha ouvido dizer. – Brad parecia pensativo.

– Estou só a dizer. – Apesar de tudo, sorria. Os seus olhos fitaram os dele.

– Beija-me um pouco mais. Por favor. – Era sempre uma rapariga educada.

E, claro, Brad obedeceu e Vivi queria tanto tocá-lo e ser tocada por ele, queria os lábios dele «lá em baixo», queria usar a sua boca nele, sentir a textura suave do corpo dele, aspirá-lo, tal como ele estava a fazer agora com ela.

O seu último pensamento antes de se afundar no delicioso oblívio do sexo, quando todo o tempo parava, foi que estava contente por ter vestido as cuecas pretas da *Victoria's Secret* e o sutiã a condizer, e que se ele parasse de a beijar, parasse de a acariciar, ela simplesmente morreria, ou talvez estivesse agora a morrer de puro prazer.

Horas e muito sexo depois, coberta por uma película de suor doce e ainda nos braços musculosos de Brad, ela disse «obrigada», fazendo-o rir-se. Depois lembrou-se que tinha de estar no trabalho na manhã seguinte. Não! *Nessa* manhã.

– Não foi aqui que começámos? – perguntou Brad quando ela pegou nas roupas e se dirigiu para o chuveiro dele, quase tropeçando na cadela, que estava de guarda perto do sofá, do qual eles não se tinham afastado.

Vivi lançou-lhe um sorriso por cima do ombro nu. Com certeza que esperava que não fosse onde iria acabar.

Mais tarde, à porta do seu apartamento, sentados na carrinha *Ford* preta, viraram-se para olhar um para o outro. Os seus olhos cruzaram-se. Não se beijaram. Não precisavam.

Brad saiu e foi abrir a porta do carro. O rosto dela estava limpo de maquilhagem e o cabelo comprido castanho esvoaçava ao vento. Ergueu a

mão para tocar no rosto dele, os dedos a demorarem-se na boca. Depois, com um «boa-noite», virou-se e apressou-se a descer os degraus para o seu apartamento.

Brad esperou até ouvir a porta bater. Passou uma mão pensativa pelo queixo, a recordar o gosto da boca dela. Era uma coisa impressionante, a sua Dr.^a Vivian. Uma coisa maravilhosa.

JC estava à espera de Vivi, a ver, já bastante tarde, um filme de vampiros na televisão. Bem, não assim *tão* tarde: eram apenas duas e meia e, de qualquer modo, queria falar com a irmã sobre o trabalho na loja de antiguidades.

Ouviu os passos de Vivi nas escadas, ouviu-a também tropeçar no terceiro degrau a descer, o que estava um pouco desgastado na borda, e dizer: «Oh, raios.» Era tão típico de Vivi não ter dito «oh, merda», como qualquer outra pessoa diria. Vivi sempre tinha sido demasiado educada para o seu próprio bem.

– O que estás a fazer, ainda acordada? – perguntou Vivi quando entrou, parecendo, reparou JC, ter as faces rosadas e os olhos brilhantes, como uma mulher que tivesse acabado de ser beijada.

– Então o Merlin beijou-te? – comentou, desenrolando-se do obnóximo sofá de pele preta e abrindo espaço para a irmã.

– JC! – Vivi parecia chocada. – Foi um primeiro encontro! E não só isso, não era sequer um encontro de verdade, sabes que acabou por ser um todos-ao-molho, todos bem-vindos.

Vivi atirou a carteira para o chão e sentou-se ao lado da irmã, descalçando os sapatos de salto alto de camurça vermelhos que quase tinham precipitado a sua queda nas escadas.

– Estes sapatos estão a dar cabo de mim.

– E devem. É assim que ficamos bem com eles. Os homens confundem a expressão de dor no nosso rosto por paixão.

Vivi lançou-lhe um longo olhar irado e depois desataram as duas à gargalhada.

– A propósito – disse JC –, há uma mensagem para ti do hospital. Querem que faças antes o turno da noite amanhã.

– Caramba, isso significa da meia-noite às oito. – Vivi estremeceu. – Chamam-lhe o turno do cemitério e é mesmo a sério. Recebemos mais tiroteios, esfaqueamentos, violência doméstica e bêbados do que noutra altura qualquer.

Detestava a ideia do turno da noite, sobretudo porque agora podia atrapalhar quaisquer planos futuros com que estivesse a contar com Brad.

– Bem, pelo menos, significa que posso dormir até tarde amanhã – disse.

– Já é amanhã. – JC lançou-lhe um olhar cauteloso. – Afinal, o que há contigo e Alex?

Vivi olhou para ela e depois, percebendo onde JC queria chegar, respondeu:

– Alex é simpático, quero dizer, gosto muito dele.

– *Hum*, eu também. Passámos uns bons momentos juntos. Antes de me levar ao hospital para ir buscar o teu carro, fomos tomar uma bebida num barzito em North Beach, um pouco sórdido, música muito alta, divertido. Mas sabes que mais? Acredito que Alex está meio apaixonado por Fen, contou-me que lhe telefonou e não parava de falar sobre ela, afirmando que ela era fantástica.

– Fen chama-lhe o seu «Intruso». – Vivi bocejou. – E ele chama-lhe «Fen». Vê lá! A nossa tia arranjou um novo sobrinho.

– *Hmmm*, espero bem que seja isso. – JC parecia um pouco duvidosa.

Vivi lançou-lhe um olhar exasperado.

– Viste demasiados filmes, JC. Enfim, de que falaram os dois para além de Fen?

– Da noiva, claro. Foi por causa dela que ele veio, mas agora percebe que não há nada que possa fazer. Julia, era assim que se chamava, morreu e cabe ao teu inspetor e ao meu psiquiatra resolver o problema e encontrar quem a matou. Bem como todas as outras. – JC parou de falar e olhou para a irmã. – Oh, Vivi, Alex chorou. Quero dizer, lágrimas verdadeiras, pelo amor de Deus. Diz que já superou o facto de a ter perdido, mas que sente necessidade de vingá-la. Contou-me que era uma mulher tão boa, tão doce, tão feliz.

– Tal como Elaine – retorquiu Vivi, a pensar na rapariga ainda em coma, os pais desesperados à sua cabeceira. Afastou os pensamentos sombrios e tentou recordar-se da sua noite com Brad.

JC descruzou as pernas e levantou-se.

– Chá?

– Obrigada.

Vivi bocejou de novo, a recordar o que tinha acontecido entre eles, a pensar nesses espasmos «lá em baixo» quando fitara os olhos de Brad e o beijara. Recordou-se do «noivo» francês e que deveria estar a «seguir em frente»; a concentrar-se no trabalho e não, como Fen a avisara, a cuidar de mais outro homem. De algum modo, porém, não tinha a sensação de que Brad Merlin precisasse que cuidassem dele. Havia um núcleo de aço no coração compassivo dele, sabia que era verdade porque ele adotara aquela caniche estranha que parecia saber todos os segredos do mundo. Aquela cadela tinha examinado todas as pessoas à mesa e achara algumas insatisfatórias, possivelmente Alex, sem dúvida o Dr. Ralph. *Ralph!* Lembrou-se.

– O que foi aquilo de te piores a namoriscar com o doutor Ralph? – perguntou.

JC estava a fazer o chá, o que envolvia água *quase* a ferver (era demasiado impaciente para esperar que levantasse fervura) e um único saquinho de chá arrastado entre duas canecas, o que deixou um rasto acastanhado na bancada de azulejos brancos.

Virou-se para olhar para a irmã, espantada por Vivi não entender.

– É o que se faz quando se quer alguma coisa de um homem – explicou. – Namoriscas-te um pouco, damos-lhe a entender que achamos que ele é fantástico, o que, na verdade, o doutor Ralph é. Quero dizer, ele é um psicoterapeuta bastante famoso, talvez eu até consiga ajuda psicológica de graça, junto com o emprego na loja de antiguidades. Bem, acho que ele é amoroso.

– Ele é demasiado velho para ti – protestou Vivi. – Até é demasiado velho para mim – acrescentou, pensando bem.

JC trouxe o chá, entornando um pouco no chão pelo caminho e limpando as gotas com os dedos dos pés descalços. As unhas estavam pintadas de prateado.

– Bem talvez tente Alex então – disse com um sorriso malicioso para a irmã. – E, claro, há sempre Merlin.

– Cala-te, JC! – Vivi levantou-se.

Não queria o chá. Não queria que a irmã interferisse na sua vida. Não queria cuidar de JC, mas sabia que tinha de o fazer porque fora sempre assim, desde meninas, e era assim que seria sempre, para todo o sempre, ámen.

– Sei que não estás a falar a sério – afirmou.

JC achou que havia um toque de esperança na voz de Vivi e teve pena da irmã.

– Estou só a brincar – retorquiu.

Vivi esperava que sim.

Muito mais tarde, o homem parou numa bomba de gasolina. Verificou se havia mensagens no telemóvel; encheu o depósito e depois foi à casa de banho. Ia a sair quando viu uma mulher jovem a deambular à porta da casa de banho das senhoras, a olhar desesperada para os camiões que passavam, obviamente a precisar de uma boleia, de um cliente, de dinheiro rápido na cabina de um camião; mulheres como esta frequentavam estes sítios.

– Queres uma boleia? – perguntou.

Estava outra vez a agir por impulso, embora soubesse que era errado. Ela virou a cabeça e o cabelo roçou-lhe pelo rosto na brisa. Examinou-o, dos pés à cabeça. Sabia o que estava a fazer e ele também. Mulheres como esta ganhavam a vida com homens como ele. Disse consigo próprio que aquilo não era propriamente comportamento aleatório; ele estava a escolhê-la agora. Com cuidado.

– Belo carro – foram as primeiras palavras que ela proferiu quando entrou.

E as últimas. O golpe rápido da agulha no seu braço, os olhos dela arregalaram-se e soltou um oooh que parecia de exaustão... e foi só isso.

Empurrou-a para baixo do assento, cobriu-a com um cobertor, viu que ela trazia uma carteira, atirou-a para a parte de trás para junto da outra, a de Elaine, de que tinha feito tenção de se desfazer.

Conduziu até se embrenhar no campo, terra plana salpicada aqui e ali com quintas isoladas, conduziu até a última quinta ficar bem para trás, fez deslizar o carro grande por entre algumas árvores, estacionou.

Saiu, levantou a porta traseira, tirou a sua máscara com capuz, despiu o casaco, vestiu a camisola de gola alta preta, calças desportivas pretas, as botas com sola de borracha das quais raspava, meticulosamente, com uma faca afiada, as marcas identificadoras. Atou a outra faca, a que interessava, na bainha à volta da canela. Puxou a câmara e o tripé. A sua rotina estava em andamento.

Levantara-se vento. Assobiava nas árvores, soprou uma chuva de folhas mortas quebradiças para cima dele. Levantou a cabeça encapuçada e farejou o

ar, como um caçador. Em seguida foi buscar a sua presa.

Na manhã seguinte, pontualmente às onze e sem qualquer ralhete de Vivi a perguntar se sabia que horas eram, JC apareceu na Verily Antiques no elegante Jackson Square, uma zona que nos tempos duros e difíceis da corrida ao ouro costumava ser conhecida como Barbary Coast. Era na altura refúgio de marinheiros, agora albergava as instituições financeiras da cidade, nos seus grandes arranha-céus.

A Verily Antiques, porém, situava-se num prédio antigo. A sua montra com moldura de madeira estava pintada de um verde-cinza, a cor das árvores em setembro, pensou JC com aprovação. Havia apenas um item em exibição na montra de vidro resistente, por isso sabia-se que tinha de ser caro: apenas uma mesa de abas baixa, redonda, construída numa madeira com nós de aspeto exótico. A mesa repousava sobre um tapete de franjas pálido que JC adivinhou vir da Pérsia, quando ainda era a Pérsia e quando os artistas criavam à mão tais obras de arte para serem pisadas por mulheres do harém, envoltas em *chiffon* e com escarpins de veludo, cujos passos leves não deixavam rasto.

Ainda estava a admirá-lo quando alguém disse:

– É de seda, claro. Esse tapete.

JC virou-se, sobressaltada, e encontrou o Dr. Ralph a seu lado.

– Oh! – exclamou. – Sim, claro, tem de ser, é tão acetinado e de aspeto tão macio.

– Data do princípio do século XIX e é um exemplar perfeito do seu género. Observe a subtilidade das cores, a suavidade dos azuis, os corais pálidos, o brilho do creme.

JC estava a fitar o médico, de olhos arregalados.

– Mas como sabe isso tudo?

– Vamos entrar – retorquiu ele –, dar uma olhadela às coisas, tenho de lhe

falar do *stock*. Vai precisar de saber tudo, se quer conseguir vendê-lo por mim, porque os meus clientes sabem o que querem e muitos deles sabem exatamente o que procuram.

Abriu a porta e JC entrou num reino encantado de tapetes macios, cortinas sedosas de damasco atadas com cordões dourados e cadeiras como tronos. Havia uma mesa de jantar comprida de nogueira, JC sabia que era de nogueira com aquele brilho rico especial porque a tia tivera uma coisa parecida, só que menor. Esta, porém, vinha com um conjunto de oito cadeiras de costas trabalhadas.

– Inglês autêntico, não cópias de Massachusetts – instruiu Ralph. – E aqui, na parede, encontra alguns bons exemplos de paisagistas americanos do princípio do século XIX. Não que eu esteja no negócio das galerias de arte, mas as pessoas trazem coisas para vender e eu compro-as ou, regra geral, fico com elas à comissão.

Atraída pelas cores vistosas, JC parou diante de uma exibição de borboletas emolduradas, presas atrás do vidro, parecendo tão perfeitas como quando estavam vivas.

– Alguém as trouxe no outro dia – explicou Ralph, passando um dedo por uma das molduras para remover uma linha de pó. – Se fosse apenas uma, possivelmente não conseguiria vendê-la, mas, visto que é uma coleção – encolheu os ombros –, as pessoas gostam de coleções «instantâneas».

– Poupa-lhes o tempo e a dificuldade de a construírem elas próprias, suponho.

JC voltou a sorrir-lhe. Ele de facto tinha bom aspeto... não era propriamente *atraente*, mas... bem, era agradável, com o seu rosto comprido e estreito, a testa larga. O cabelo estava a enfraquecer um pouco, da idade, calculava, embora não tivesse uma ideia definida da idade que ele poderia ter. De qualquer modo, parecia esguio e em forma, era muito inteligente e, para ela, isso fazia a diferença.

– Fico com o emprego? – perguntou, incapaz de esperar. – Prometo vestir-me como deve ser – acrescentou, fazendo-o rir-se.

– Vamos beber um café, falar sobre dinheiro – sugeriu ele. – E, por favor, não me chame doutor Ralph. Aqui, na minha loja, sou Ralph.

À mesa no Café Amici, onde o empregado desenhara um coração na espuma do *cappuccino* de JC, lançando-lhe um olhar demorado que dizia que a apreciava, ficou decidido que JC começaria a trabalhar na semana seguinte.

Ela explicou que ia visitar a tia em Big Sur naquele fim de semana e que não poderia começar mais cedo. Foi acordado um salário modesto. Não era generoso, mas JC calculou que era considerada uma aprendiz e, quando adquirisse mais experiência, poderia pedir um aumento.

– Doutor Ralph – disse. *Oh, merda*, estava a ser como Vivi, a chamar-lhe doutor. – Ralph – emendou, bebendo um gole do *cappuccino*, que lhe deixou uma linha de espuma doce no lábio superior. Lambeu-a e sorriu-lhe com as pestanas a adejarem.

Ralph não retribuiu o sorriso. Pelo contrário, disse, muito sério:

– Se ainda estiver interessada, tem de vir visitar a minha cabana na floresta. Faço-lhe uma chávena de café tão bom como este.

Surpreendida, JC fitou-o nos olhos.

– Convites como esse têm em geral condições – respondeu cautelosamente.

Ele assentiu, a concordar.

– Na minha profissão, como psiquiatra, descobri que isso só acontece se a pessoa envolvida *quer* condições. Caso contrário, é perfeitamente razoável que um homem e uma mulher, reconheço que uma bela mulher, tenham uma amizade. Companheiros, poder-se-ia dizer. Além disso – empurrou os aros de tartaruga ainda mais para cima no nariz. – Estou a ajudá-la a encontrar-se.

JC sorriu, satisfeita. Mesmo o que ela precisava: ajuda psicológica gratuita.

O Dr. Ralph empurrou a cadeira para trás, pediu licença, precisavam dele no hospital. Tirou uma chave do bolso do seu casaco de *tweed*, um casaco de *tweed* muito bom, não deixou JC de reparar, mas também reparava sempre nessas coisas, como o tapete persa de seda. A chave estava presa num porta-chaves de prata *Tiffany* em forma de coração. JC sabia que era *Tiffany* porque o vira num dos seus passeios pela loja. Mesmo assim, pensou que um coração era uma escolha estranha para um homem, e, com certeza, para uma chave de loja.

– Vou guardá-la bem – prometeu, colocando-a na sua enorme mala de pele verde, onde logo se perdeu no emaranhado de coisas que lá tinha permanentemente.

– Estamos fechados às segundas-feiras – disse-lhe Ralph. – Portanto, digamos que de terça a sábado, das onze às cinco. E eu parto amanhã para a China, estou de volta dentro de uma semana, por isso vai ficar por conta

própria. Está bem?

– Está bem. *Ralph*.

JC sorriu radiante quando ele saiu do café sem olhar para trás. Estava empregada. Estava a ganhar dinheiro. Tinha responsabilidades. Poderia até considerar passar aquele fim de semana nos bosques, embora nunca fosse caçar veados. Satisfeita, virou a sua atenção para o empregado giro com o cabelo até aos ombros e uma *T-shirt* preta que se encaminhava para ela com uma chávena de café expresso.

– Por conta da casa – disse ele e JC ofereceu-lhe um sorriso angélico.

Vivi não soube de Brad durante todo o dia e não lhe telefonou porque, como tratou de se recordar a si própria, no final de contas era apenas um primeiro encontro. Mas sentia-se inquieta quando chegou para o seu turno de oito horas naquela noite. Estacionou na garagem, reparando de novo que estava quase vazia. Ainda estava desconfiada depois do episódio assustador com os passos na escada que acabaram por ser só do Dr. Ralph. O mesmo Ralph que estava agora envolvido com a irmã. Estranho, pensou Vivi, com melancolia, como a vida era: JC a ter sorte com o trabalho com Ralph, mais um convite para jantar de Alex, naquela noite, embora Vivi não tivesse tanta a certeza de que não fora JC a fazer ela própria o convite.

– Então, o que se passou entre ti e o doutor Ralph? – perguntara Vivi.

Mas JC sorria apenas e dissera que iria começar a trabalhar na terça-feira, embora o médico estivesse fora e ela não o fosse ver senão quando ele regressasse. Remexeu na sua cavernosa mala de mão, tirou uma chave num porta-chaves de prata em forma de coração, da *Tiffany*, e abanou-o, triunfante.

– Ele foi para a China, deixou-me como responsável – retorquira com jovialidade. – Das onze às cinco, de terça a sábado.

– O pobre homem não sabe em que se meteu – retorquira Vivi enquanto JC marcava o número de Alex e combinava o seu encontro.

Vivi desejou ter um encontro, mas Brad não telefonara e ela estava preocupada por se ter comportado como uma mulher perdida num primeiro encontro.

No hospital, despiu o casaco e pendurou-o no seu cacifo, as calças e camisola pretas que vestira para o caso de Brad ligar e convidá-la para tomar um café ou até, na manhã seguinte, para o pequeno-almoço. Envergou a roupa desbotada do hospital e os seus tamancos brancos raspados. Os dedos

dos pés ainda doíam dos sapatos vermelhos de salto alto e retraiu-se ao caminhar a passos largos para o serviço de urgência, transformada em minutos: de uma mulher preocupada a recordar, macambúzia, o sexo que tivera com um homem, numa médica eficiente e sempre alerta. Pelo menos, essa parte da sua vida controlava por completo.

O serviço de urgência estava bastante movimentado naquela noite. Macas alinhadas nos corredores com vítimas de acidentes ou de violência ou simplesmente pessoas doentes. A equipa de urgência trataria de todas, só que algumas tinham de esperar.

Era já tarde quando a mulher, vestindo um casaco de imitação de leopardo manchado de sangue, entrou sem ajuda. Trazia na mão um saco de plástico de supermercado. O rosto estava inchado, marcas pretas e azuis a ficarem roxas, tinha um olho fechado e escorria-lhe sangue de um ferimento no couro cabeludo, quase escondido sob uma massa de minúsculas tranças que se espetavam como saca-rolhas na sua cabeça.

– Violência doméstica, aposto – disse Vivi para um colega.

Sabe Deus que já tinham visto exemplos daquilo demasiadas vezes. Vivi pegou no braço da rapariga, guiou-a para um cubículo fechado com cortinas, fê-la tirar o casaco e deitar-se na maca coberta com papel enquanto avaliava os estragos.

A mulher fitou-a em silêncio através de pálpebras roxas inchadas.

– Tem o nariz partido – declarou Vivi passado um minuto. – Entre outras coisas.

– Merda.

Outros membros da equipa vieram tomar o pulso da mulher; a temperatura; retirar-lhe os sapatos de salto alto; examinar as pernas, os braços, avaliando se havia fratura, outros ferimentos. Ela ainda agarrava o saco de plástico de supermercado que se recusava a entregar.

– Então o que aconteceu? – perguntou Vivi, inspecionando o ferimento no couro cabeludo. Bastante grave, mas já vira pior.

– O sacana atacou-me.

– O sacana que fez isto?

Vivi começou a limpar o ferimento no couro cabeludo e a jovem soltou um grito de dor. Vivi mandou alguém buscar o polícia que vira antes a interrogar o membro ferido de um gangue. A violência doméstica precisava de ser denunciada. Uma enfermeira estava a desabotoar as calças da mulher, mas

esta sentou-se e empurrou-a para longe.

– Ei, ei, tenha lá calma – disse a enfermeira.

O polícia chegou, considerou a cena, as contusões e o nariz partido.

– O que está a esconder nesse saco afinal? – perguntou, mas a mulher só praguejou e Vivi mandou-o embora.

Empurrou a mulher com suavidade para baixo, na maca, disse-lhe que ia ficar tudo bem, que iria pô-la como nova. É claro que estava a mentir, mas era uma daquelas inverdades que tornavam mais fácil a vida da vítima e ela era a favor disso. Temporariamente, é evidente. Logo esta mulher iria ver-se ao espelho e ainda estaria a arengar sobre o «sacana» que fizera aquilo e para quem, Vivi não tinha dúvidas, voltaria. Elas voltavam sempre.

– Não vou dá-lo – murmurou a mulher, ainda a agarrar o saco de plástico contra o peito, mas estava cansada e ferida e não teve forças para protestar quando Vivi por fim o retirou das suas garras e deu uma espreitadela lá para dentro.

– Ora, é só um gorro de esqui – disse, surpreendida; quase esperara encontrar uma arma e estava contente por o polícia ainda ali se encontrar.

– Há uma coisa dentro dele – desabafou a mulher através de lábios que inchavam rapidamente. – Ele queria o meu dinheiro – continuou, parecendo incapaz de parar de falar agora que começara. – Eu tinha-o escondido nesse gorro. Ganhei a porra desse dinheiro, mil dólares pagou-me o cliente. A mim! Quer apostar que eu nunca tinha visto um milhar de dólares antes na porra de um molho inteiro? E aquele tipo que me apanhou no seu carro tirou-o assim para fora e contou-o em notas de cem dólares. Por uma noite inteira, disse-me. Por isso eu disse sim, querido, vamos e, depois o filho da puta pôs-me esse gorro de lã sobre os olhos para eu não poder ver, levou-me para uma casa esquisita e pensei que ia matar-me e, quando saí do carro, comecei a gritar... a gritar como louca... pensei, se vou morrer, vou fazer tanto barulho que os vizinhos vão ouvir... Então ele empurrou-me outra vez para o carro, mandou-me calar ou de certeza que me matava e eu fiquei ali sentada com o gorro ainda puxado sobre o meu rosto para não o conseguir ver e com os mil dele ainda no bolso do meu casaco... de certeza que vou morrer... de certeza... de certeza...

Começou a chorar, agarrando com força a mão de Vivi na sua luva de látex. Vivi estava a pensar quantas vezes já ouvira uma história semelhante, quantas vezes este tipo de situação passava pelas portas do serviço de

urgência, como se sentia triste por causa de mulheres como esta, que não tinham a menor hipótese na lotaria incerta da vida.

– Está tudo bem, vai ficar bem – tranquilizou-a.

– Esse cliente é a porra de um louco – gritou a mulher. – A porra, porra de um louco... ia matar-me...

Vivi percebeu que o gorro fora usado como máscara para que a mulher não conseguisse identificar o seu agressor, nem ver para onde ele a estava a levar. Quando puxou o gorro do saco caiu uma pilha de notas de cem dólares; os «mil dólares» de que a vítima estava a falar. Havia também um pedaço de papel. Um *post-it* verde, onde estavam cuidadosamente registadas as palavras: *Por favor, não contes*.

Os joelhos de Vivi ameaçaram ceder; agarrou a borda da maca, recordou-se de que era uma médica de serviço, que o seu trabalho era tratar destas pessoas, não desmaiar em cima delas. Fitou a jovem patética ali deitada, que levava uma tarefa mestra, percebendo que poderia com facilidade estar a olhar para um cadáver. Tinha sido por pouco.

Certificou-se que a mulher estava bem entregue nas mãos da sua equipa, entregou o gorro, o dinheiro e o *post-it* ao polícia, depois pegou no telemóvel e ligou a Brad.

Jerusalem Guiterrez estava a organizar a coleção de facas em cima da secretária de Brad, espalhando-as para poderem observar os respetivos detalhes.

– São todas facas de *chef*, facas para cortar carne para ser mais preciso, umas de vinte centímetros, outras de vinte e dois. Aproximadamente o tamanho que o nosso assassino usou. Segundo os técnicos forenses, podia ter usado qualquer uma destas.

Brad era todo trabalho, todo concentração. Estudou as facas, formadas a partir de uma única peça de aço que começava no cabo e ia diminuindo para uma lâmina fina destinada ao corte delicado de lombo de vaca, não a garganta de uma jovem. Olhar para aquelas facas dava-lhe volta ao estômago; era inconcebível que algum homem se ajoelhasse sobre uma vítima drogada e a matasse de forma tão brutal e sádica e alcançasse com isso alguma sensação perversa de satisfação sexual.

– Deus sabe que o sexo é responsável por muita coisa – disse a Jerry que estava de pé, braços cruzados sobre o peito, também a estudar as facas.

– Podia ter sido outra coisa, uma lâmina de uma navalha de mola ou um canivete. Esta faca é do tipo que a mulher do sacana poderia ter usado para cortar o frango de domingo, para alimentar os filhos.

Brad ergueu uma mão.

– Não quero pensar neste tarado com uma mulher e filhos.

– Foi o que o doutor Sandowski nos disse que podia ser – lembrou Jerry. – Os assassinos em série nem sempre se encaixam na categoria de «solteiros» e nem sempre são encontrados em bares a enganar mulheres jovens, num estilo normal.

– Sandowski também disse que o homem *conhecia* as mulheres que matou, talvez não a um nível pessoal, mas sabia quem eram, observara-as.

– Porra de *voyeur* – retorquiu Jerry. – Observa-as e ao mesmo tempo planeia matá-las.

– O que significa que tinha acesso a elas. E, contudo, eram todas de diferentes meios, diferentes empregos, mulheres jovens e simpáticas, que ganhavam a vida. Duas estavam noivas, uma só se mudara para São Francisco há seis meses, todas levavam vidas normais.

– Ele escolheu-as, disse-nos Sandowski. Estava obcecado por elas.

Brad levantou uma faca de vinte centímetros, a analisar-lhe o peso, a pensar nas mulheres jovens que tinham sido cortadas com aquilo, as gargantas rasgadas como pedaços de carne. Estava a pensar em Elaine, que jazia muda, ainda em coma, numa cama de hospital, e que poderia nunca ser capaz de lhes dizer o que acontecera, estava a pensar quem seria o homem, como fizera aquilo. E as únicas pistas concretas eram o crachá com o nome de Elaine, o tripé e o parecer de um psiquiatra de topo, que declarara que o homem podia ser casado, poderia até ter filhos. Mas, então, sem dúvida que a mulher saberia de alguma coisa?

Pela experiência de Brad, as mulheres sabiam *sempre* que alguma coisa se passava. Viam televisão, liam os jornais, sabiam em que noites o seu homem se encontrava em casa e em que noites não estava, sabiam a que horas voltava, sabiam, porra, que estavam a viver com uma aberração, uma pessoa esquisita e, contudo, todas se apegavam à sua pretensão de que não sabiam de nada. *Alguém sabia alguma coisa*. Faltavam algumas peças a este quebra-cabeças e cabia-lhe a ele encontrá-las.

Os telefones tocavam por todo o lado. Jerry pegou num. Brad atendeu o seu telemóvel.

– Oh, olá, Vivi – disse, regressando ao mundo real com um sobressalto. – Tinha intenção de te telefonar. – Mas depois parou e ficou à escuta.

Quando ela terminou, declarou:

– Vou já para aí.

Olhou para Jerry, que já estava a agarrar no seu casaco; o polícia no hospital telefonara ao mesmo tempo. Em segundos, puseram-se a caminho.

Brad nem sequer se preocupou com o parque de estacionamento: travou com uma chiadeira de pneus à porta do serviço de urgência, pôs as luzes azuis e vermelhas da polícia a piscar e ele e Jerry correram lá para dentro.

Nas urgências, a Dr.^a Vivian, com a sua roupa de hospital, o cabelo puxado para trás, encontrava-se junto à maca. O polícia estava do outro lado. A

mulher na maca virou os olhos inchados para Brad e gemeu.

– Merda, mais polícias não – sussurrou com os lábios ainda a sangrar, onde os dentes tinham penetrado quando o chulo lhe batera. – Eu não devia ter vindo, não devia ter feito isto, agora vão dizer que roubei o dinheiro, vão pôr-me na cadeia por aliciar clientes na rua... não, não, não, não vou dizer nada...

Virou a cabeça para se desviar de Brad, que fora postar-se ao lado dela. Jerry estava do outro lado. Não havia como escapar e a mulher sabia disso.

– Não te preocupes, querida – disse-lhe Jerry calmamente. – Vamos apanhar o sacana que te fez isso. Ele é que vai para a prisão não tu, rapariga. Então porque não nos contas o que se passou, afinal?

– Vamos começar pelo seu nome – sugeriu Brad.

Mas ela fechou os olhos, para não o ver. Brad observou o rosto destruído, pensou que ela teria sorte se conseguisse uma cirurgia plástica para reparar o nariz, sorte se conseguisse sequer ficar a ver como deve ser.

– Não há problema – continuou. – Estamos do seu lado neste caso, tudo o que tem de fazer é ajudar-nos um pouco e trataremos de tudo por si. E a doutora Vivian aqui certificar-se-á que vai ficar tudo bem, por isso não se preocupe nesse aspeto. – Lançou uma olhadela à Dr.^a Vivian, que lhe lançou um olhar em resposta com um pequeno encolher de ombros que significava que esperava que sim.

– Chamo-me Lawanda – respondeu a mulher, com os olhos ainda fechados. – Lawanda Willis. Costumava ser Lawanda Lavinia Miller, quando era criança. Uma boa miúda, sabe, faltava às aulas e ia buscar uma dose para a minha mãe... todas as crianças que eu conhecia costumavam fazer isso. Bem, isso era nessa altura...

– Então e agora? – Jerry puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da maca. – O que aconteceu *exatamente* na noite passada?

– Eu andava por ali, em North Beach, a minha rotina habitual; um carro para, eu pergunto o que ele quer, prometo-lhe o mundo nuns rápidos dez minutos... mas ele diz-me para entrar...

– Lembra-se que tipo de carro era? – perguntou Brad.

Lawanda franziu a testa, soltando um pequeno suspiro quando os pontos na cabeça repuxaram de forma dolorosa.

– Um *SUV*, grande, preto; com bancos de pele preta, com aquele cheiro a carro novo, sabe. E o homem cheirava bem também, como limonada, lembro-me de pensar quando ele estava a contar os mil. Usava um gorro de lã puxado

para baixo e óculos escuros, mas, sabe, os tipos nem sempre querem que nós vejamos quem são... Estou a recordar-me do carro agora, estávamos na casa dele, na garagem, e ele tinha o gorro no meu rosto, só que diferente do dele, o meu era a máscara. Eu estava inclinada para trás contra o porta-bagagens, as mãos atrás das costas... Senti as letras cromadas sob os meus dedos... coisa engraçada de me lembrar num momento como aquele, quando pensei que ia morrer, mas os meus dedos leram *Range Rover*. Só mostra que afinal de contas vale a pena ir à escola...

Os olhos de Brad cruzaram-se com os de Jerry. Tinham encontrado a viatura.

Lawanda Willis voltou a contar a sua história, o cliente a contar os mil dólares, a levá-la para uma casa, como se assustara, não era normal, ele não estava a agir de forma normal, vendara-lhe os olhos e tudo isso... como fugira a correr pelo parque, com os mil ainda no seu bolso, como empurrara para cima das notas o gorro de esqui preto que tinha sido a sua máscara.

– Voltei para casa, dei ao meu chulo cem, disse que fora tudo o que recebera. Não funcionou. Ele descobriu o resto, deu-me uma tarefa de merda e eu fugi. Outra vez – acrescentou com amargura.

Os inspetores tinham agora o endereço de Lawanda e já haviam lançado um alerta para apanhar o chulo. Enviaram o gorro preto de esqui para a equipa forense procurar vestígios de cabelos, de saliva, de suor, que não fossem os de Lawanda. Procurariam lojas que vendessem esse tipo de gorro de lã. Enviaram também o casaco de imitação de leopardo, onde tinham sido enfiados os mil dólares que o assassino contara. Lawanda dissera-lhes que a viatura cheirava como um «carro novo». Investigariam junto de comerciantes locais vendas recentes de *Range Rovers*. Verificariam a água de colónia que ele usava e que cheirava a limonada. E tinham outro *post-it* com aquela terrível mensagem, esta destinada a Lawanda.

Brad sabia que o contorno do *puzzle* era sempre a parte mais difícil e agora tinham-no. Só precisavam de preencher o meio. Mas, por outro lado, também sabia que havia sempre uma peça que não fazia sentido. Uma peça que simplesmente não se encaixava.

Tinha consciência de Vivi lá atrás, de olho na sua doente. Por fim, conseguia falar com ela.

Aproximou-se, pegou-lhe na mão entre as dele, acariciou-a com suavidade, fitando-a. Pensou que ela não estava com bom aspeto, tinha os olhos

sombreados, a boca tensa, o cabelo puxado para trás, pálida na sua roupa de hospital e bata branca.

– Vivi, lamento que tenhas tido de ver isto – disse.

Ela encolheu os ombros.

– É o meu trabalho.

– Eu sei, eu entendo. Aqui vês de tudo. Enfim, quero agradecer-te por teres apanhado isto, por me teres chamado.

Havia um olhar derrotado nos olhos dela quando perguntou:

– Será que ajudou?

– Sim – respondeu ele. – Oh, sim. Ajudou.

Ficaram ali embaraçados, um súbito silêncio entre eles.

– Telefonas-me? – perguntou Vivi ao mesmo tempo que Brad dizia:

– Depois telefono-te.

– Sei que estás ocupado agora – retorquiu Vivi.

Ele sorriu, encolhendo os ombros para desvalorizar as suas preocupações, pensando agora nela, na mulher que queria ver de novo, que queria conhecer melhor. Disse:

– Até podia passar aqui para te levar a tomar um café quando saíres do trabalho.

– Às oito horas – respondeu ela rapidamente – e transforma isso num pequeno-almoço.

– Está o encontro combinado.

– O nosso segundo encontro – declarou ela.

Ambos sorriam quando ele acenou e se afastou.

Brad e Jerry iam a caminho do bar de Veronica, quando Jerry comentou:
– Afinal, que tipo de viatura aquele tipo Alex disse que conduzia?

Brad lançou-lhe um olhar surpreendido.

– Estás a referir-te ao amigo de Vivi?

– O «Intruso» da tia da doutora Vivian, se entendi bem. Surgiu assim do nada. – Jerry encolheu os ombros. – Só uma ideia.

Brad pensou naquilo.

– Ele tem um *Range Rover* preto novo, bateu contra a árvore da tia ao cimo da entrada para a garagem dela.

– E a namorada, a *noiva*, foi uma das vítimas. – Jerry olhou para Brad, que estava a virar para a Mission. – Coincidência? – Encolheu os ombros. – Só mais uma ideia.

Brad suspirou. Nem nunca sequer pensara naquilo.

– Parecia um tipo decente – disse, ainda duvidoso.

– Ele aparece por aqui, para encontrar o assassino da noiva, diz ele... e, *ups*, lá se vai mais uma. Outra rapariga morta em São Francisco.

– Caramba – resmungou Brad.

Não parecia certo, mas, de alguma forma, tudo se encaixava. Pensou em JC a sair com Alex na noite anterior, de braço dado; em Alex a emprestar-lhe o seu cachecol, parecendo que se conheciam um ao outro desde sempre. E o que dizer da noite da tempestade em casa da tia? Alex tinha simplesmente aparecido, ferido; cativara-a, dera-lhe a volta com uma história qualquer, passara lá a noite.

– Então, vamos investigar Alex – decidiu, implacável. – E vou ter de avisar Vivi para manter a irmã longe dele, sem que ela perceba o que estou a pensar.

– Não podemos ter JC a estragar tudo – concordou Jerry. – E nós não

podemos avisar Alex. Vou já tratar disso, verificar o seu passado, os seus movimentos.

– Ele dirige uma empresa de segurança privada em Los Angeles – retorquiu Brad. – O homem sabe como encobrir os seus movimentos.

– Isso veremos – replicou Jerry.

Estacionaram sob o letreiro oscilante de néon cor-de-rosa que exibia o nome de Veronica, a acender e a apagar como se fosse Las Vegas.

Já era tarde e havia apenas um outro casal no bar, de mãos dadas sobre a mesa num dos cubículos de vinil vermelho remendados, enquanto Veronica passava um espanador sobre as suas garrafas de gim.

Lançou-lhes um olhar sobre o ombro macio de angorá branco.

– Já estou fechada – anunciou.

Brad e Jerry subiram para os seus banquinhos habituais e *Flyin'* assumiu a sua posição normal de espera ao lado deles, de olhos esperançados fixos em Veronica, que suspirou e disse:

– Se não fosse por essa maldita cadela punha-vos fora. Uma rapariga tem de dormir um pouco, sabem?

– E o que fazias com *elas*? – Jerry espetou o polegar na direção do casal apaixonado, um Romeo de cabelos grisalhos e uma Julieta loira mais velha.

– Dizia-lhes que arranjassem um quarto, é claro. – Veronica desapareceu na cozinha e voltou com um prato de frango aos pedacinhos que entregou a Brad. – Para *Flyin'*, pobre cadela, aposto que ainda não jantou esta noite.

Brad baixou a cabeça de vergonha.

– Tens razão. E muito obrigado.

– Então e nós? – perguntou Jerry em tom queixoso.

– A cozinha está fechada. – Veronica limpou o balcão com firmeza. – Já vão com sorte se conseguirem uma bebida.

– Obrigado, quero uma *Bud Platinum*, na garrafa, por favor – pediu Brad. – E tenho a certeza que Jerry também quer o mesmo.

– O que aconteceu ao uísque e à *tequila*? – Veronica mostrou-se surpreendida.

– Temos muita coisa na cabeça – respondeu Jerry enquanto Veronica tirava as cervejas do frigorífico e colocava as garrafas azuis geladas diante deles. Depois, cedendo um pouco, empurrou também uma tigela de amendoins.

– Não gosto de ver um homem beber sem um pouco de nutrição – disse-lhes. – Tenho de vos manter a pensar. Afinal, é de vocês que precisamos na

hora do aperto.

Brad inclinou a cabeça para trás, a cerveja gelada escorreu-lhe pela garganta, glacial como um ribeiro de montanha. De certa forma, limpou os cheiros de desinfetante do hospital, limpou-lhe a cabeça, durante um instante, da visão do rosto pisado de Lawanda, da Dr.^a Vivian Dexter na sua capacidade profissional a assumir o controlo da situação, embora pudesse jurar que estivera prestes a desmaiar quando vira aquele *post-it* com a sua mensagem sombria.

A pensar outra vez no que Jerry sugerira em relação a Alex Patceovich, disse a Veronica:

– Deixa-me perguntar-te uma coisa, querida, sabendo que és uma fonte de sabedoria. E se tivesses conhecido alguém...

– Um homem – interrompeu Veronica, ainda a limpar o pó.

– Um homem. Conheceste-o através de alguém que sabes que é decente.

– Uma mulher. – Veronica sabia como eram as coisas.

– Aceitas o homem com base na palavra dela, porém, parece que ela só o conhece há um dia ou dois, embora ele conheça a tia dela, que tinha respondido por ele.

– Como conheceu ele a tia? – Veronica apoiou os cotovelos no balcão, agora interessada. O seu peito angorá branco largou pelo, fazendo Jerry espirrar. – Fracote – comentou.

– Foi numa noite escura e tempestuosa – começou Jerry.

Veronica revirou os olhos.

– O tipo bateu numa árvore na entrada da casa da tia perto de Big Sur. Ela estava sozinha, ficou com medo, mas então verificou-se que o tipo era porreiro, ou parecia porreiro.

– Até agora – retorquiu Veronica. – Então o que aconteceu para vos fazer mudar de ideias?

– Ele tem o carro certo, tinha a noiva certa que apareceu morta e está sempre no sítio certo à hora certa.

Veronica voltou à limpeza do seu pó.

– Elementar, meu caro Watson, como Robert Downey Jr. diz sempre nesses filmes. Eu trataria de o investigar.

– Sim, exceto que Brad não é Sherlock e eu não sou Watson – replicou Jerry, mesmo na altura em que o telefone de Brad tocava.

Brad não reconheceu o número, mas atendeu.

– Fala o inspetor Merlin.

Ouviu uma risadinha do outro lado.

– Aqui é o doutor Sandowski.

– Doutor? Como posso ajudá-lo? – Brad olhou espantado para o relógio. – Não é um pouco tarde para si?

– Tarde para *você*, meu amigo. Não para mim. Estou a telefonar de Hong Kong. Encontro-me a participar aqui num simpósio, regresso no próximo fim de semana. Entretanto, estive a pensar na nossa conversa da outra noite, sobre o homem que procura.

– O assassino – afirmou Brad.

– Tenho estado a refletir no assunto e pergunto a mim mesmo se não o terei orientado na direção errada. Não sou infalível, sabe, a psiquiatria não é uma ciência, existem várias maneiras diferentes de analisar esta questão.

– Estou interessado – respondeu Brad. E Jerry também estava, percebeu Brad, pois pedia outra *Bud*, bem como Veronica, cujo ouvido estava praticamente colado ao seu telefone.

– Levei-o a crer que ele poderia ser um homem de negócios, se calhar bem na vida. Confiante com certeza. Talvez até atraente. Afinal de contas, tem havido assassinos que, quando olhamos para eles, nos perguntamos por que razão precisarão de violar uma mulher e matá-la, quando, com o seu bom aspeto, poderiam com facilidade ter ido a qualquer bar e engatado uma rapariga bonita e... bem, você sabe o resto.

– Sim, senhor.

Brad revirou os olhos para Jerry. Entediada, Veronica foi limpar a mesa quando os românticos Romeu e Julieta mais velhos saíram, demasiado perdidos nos olhos um do outro para se despedirem. Apagou as luzes, virou o letreiro da porta para «Fechado», trancou-a e voltou para a mancha de luz sobre o bar, onde Brad estava sentado à escuta.

Sandowski dizia:

– Estou agora a pensar de outra maneira, a pensar de que forma um homem como esse escolheria a próxima mulher, a pensar que, se for um operário, trabalha nalgum lugar onde conhece essas mulheres por acaso e depois persegue-as. Um sítio como uma garagem. Um homem assim teria acesso a mulheres, mas nunca lhes pediria para saírem com ele, nunca conseguiria um encontro com elas. De qualquer maneira, calculo que seja casado.

– Então a mulher sabe? – perguntou Brad.

– Não. Ah, não, não sabe. Poderá *suspeitar*, mas afasta o assunto da cabeça. Tem a família em que pensar, a sua posição na comunidade, não vai ser a mulher de um assassino violador. Além disso, ele trata-a bem, não lhe bate, dá-lhe dinheiro para as despesas da casa, mantém um teto sobre a sua cabeça.

– Doutor Sandowski, o que posso dizer? – Brad passou a mão pela testa, cansado. Toda aquele conceito de um assassino homem de negócios confiante tinha acabado de ser aniquilado.

– Só queria transmitir-lhe os meus pensamentos e desejo-lhe o melhor. Está a fazer um trabalho importante em prol da comunidade, inspetor. Espero ter conseguido ajudar.

– Tenho a certeza que sim, doutor. E obrigado por se ter dado ao trabalho de me ligar.

Brad desligou o telefone, fitou Jerry.

– Mas que porra – disse, encolhendo os ombros. – Ainda estamos a investigar Alex.

Fen quase *não* se surpreendeu quando Alex telefonou; estivera tão presente na sua mente, ou pelo menos no seu inconsciente, que pensou que ele devia ter sentido isso. Uma parvoíce, é claro, mas estava a sentir-se tola. *Idiota* era mais o termo, a pensar de forma romântica num homem muito mais jovem, um homem mais adequado para Vivi do que para si. Mas agora ele encontrava-se ao telefone a dizer-lhe que também andara a pensar nela.

– Estás na minha cabeça, Fen Dexter.

Fen sabia que ele estava à espera de uma resposta. Não devia encorajá-lo, mas não sentia aquilo por um homem há que anos e, idiota que ela era, respondeu:

– Também andei a pensar em ti.

Era um passo em frente no que, definitivamente, era a direção errada, mas não se conteve. Agora, o silêncio do outro lado da linha era ensurdecador. Fen torceu uma mecha de cabelo, nervosa, em volta do dedo, como uma colegial apaixonada. Nem mesmo as suas sobrinhas se teriam comportado daquela forma.

– Quero ver-te outra vez – dizia Alex e o coração de Fen saltava como um louco.

– Bem, porque não – percebeu que respondia. – Vem cá jantar, eu cozinho qualquer coisa. O que gostarias?

– Tu – disse Alex.

Oh, meu Deus. Aquilo não podia ser verdade, não podia estar a acontecer. Tinha de se lembrar dos seus anos, da sua dignidade... Em vez disso, retorquiu:

– Esta tarde, às seis. Estarei à tua espera.

– E eu lá estarei.

Fen disse consigo própria que não havia necessidade de explicações. Alex

queria vê-la e ela queria vê-lo, era tão simples quanto isso. Eles gostavam um do outro, gostavam da companhia um do outro. Ela gostava de cozinhar. Prepararia uma grande refeição para ele. E usaria a sua roupa interior de Paris. Meu Deus, porque estava sequer a pensar em roupa interior? Mostrava que o seu corpo tinha vontade própria! Não usaria de certeza sapatos de salto alto; sabrinas rasas serviriam, uma saia simples direita e uma camisola de caxemira cor-de-rosa, que estivera a guardar para uma ocasião especial, mas que achava que era demasiado jovem para ela. Devia dá-la a Vivi, embora fosse mais o estilo de JC. Esta ficaria melhor com ela. Em que estava a pensar! Tinha cinquenta e oito anos!

Porra. O sexo era uma opção em qualquer idade e, de qualquer modo, quem dissera que Alex *queria* sequer ter relações sexuais com ela?

Fen tentou recordar-se de novo que Alex vinha só conversar com ela. Possivelmente sobre Vivi ou sobre a sua pobre noiva assassinada. Quase se esquecera daquilo. Esperava que ele não fosse, de facto, falar sobre isso; era muito assustador e demasiado íntimo. Bem, ia a correr às compras, inventar alguma comida deliciosa, pôr outra garrafa de champanhe a gelar e parar de pensar como uma idiota. Tudo estava normal. Tudo estava bem. Não era?

Ele chegou pontualmente às seis, trazendo flores, peónias cor-de-rosa lindas envoltas em papel prateado, e uma garrafa de *Perrier-Jouët*.

– Venho melhor preparado do que da última vez que me abriste a porta – disse, ali de pé, a segurar no ramo e no vinho.

– E muito mais seco – respondeu Fen, lembrando-se do aspeto dele, encharcado e a sangrar a meio da tempestade.

Hector veio a rosnar ver quem era. Deixou de resmonear e abanou o rabo quando viu que era Alex.

– É sempre um bom sinal quando o cão gosta de nós – comentou Fen.

– Na realidade, estou mais interessado no que a dona do cão pensa de mim – replicou ele.

Fen pousou os presentes com cuidado em cima da mesa da cozinha e virou-se para olhar para ele. Ainda lá estava, aquela ligação entre eles, nos olhos dele, nos seus. Disse:

– A dona deste cão está muito contente por te ver de novo.

Deu um passo prudente para trás, oferecendo-lhe um sorriso por cima do

ombro e conduziu-o à sala de estar, onde aguardavam uma garrafa de vinho rosé e dois copos.

– Pensei que pudesses gostar do rosé, apesar de ser inverno – explicou, instalando-se no sofá enquanto ele se sentava em frente. – Além disso, condiz com a minha camisola.

– Maravilhoso.

Sabia que ele a estava a observar enquanto servia o vinho. A mão tremeu-lhe.

– Deixa-me servir eu. – Estendeu o braço, tirou-lhe a garrafa fria da mão trémula, encheu os copos, pegou num, estendeu-lho, ergueu o seu num brinde.

– A nós – disse.

Fen baixou os olhos, bebeu um gole, quase se engasgou... *Aquilo não podia estar a acontecer-lhe, não estava a acontecer-lhe...*

– Porque voltaste? – perguntou, fitando-o outra vez nos olhos. – A sério? *Porquê?*

– Disse-te que nunca conheci uma mulher como tu. Estava a falar a sério. Preciso de te conhecer.

O coração de Fen ficou ainda mais nervoso. Conseguia perceber pelo olhar dele que Alex estava a falar a sério.

– Tenho caviar pronto para nós – comentou. – Triturei gemas de ovos cozidos com nata fresca e fiz eu própria os *blinis*... depois tenho *fettuccini*, vou ralar queijo parmesão fresco em cima... não fiz salada, não me parece um homem de saladas..., mas, para surpresa, fiz um arroz-doce, verdadeiro arroz-doce *de homem*... só arroz integral cozido lentamente com natas e noz-moscada e um pouco de manteiga e tenho uma seleção de cafés...

Alex aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Abraçou-a.

– Não quero comida – disse. – Quero-te a ti.

Fen já tinha feito amor num sofá, mas não naquele. Já dormira com um homem, mas não naquela cama. Fizera amor muitas vezes, conhecia a magia do sexo com uma pessoa nova, um novo corpo no dela, uma nova boca exigindo a dela, novas mãos a procurá-la... mas não aquele. O mais novo.

Na manhã seguinte, encontrava-se sozinha, contudo, naquela cama, sem acreditar muito nas sensações do seu corpo, as novas contusões do amor e o

esplendor recordado de prazer. Sabia que a primeira vez que se fazia amor com um homem por quem nos sentíamos atraídas era sempre especial, a novidade do seu corpo, das suas carícias, da sua língua, das suas mãos. Mas agora o homem não estava ali. Em vez disso, havia uma única peónia cor-de-rosa sobre a almofada onde a sua cabeça descansara. Com um bilhete junto.

Não conseguia esquecer-te depois de te conhecer. Agora nunca te esquecerei.

Fen deixou-se cair para trás, com o bilhete comprimido contra os lábios. Outra vez a comportar-se como uma colegial idiota, pegou na almofada onde a cabeça dele descansara, apertou-a contra o rosto procurando o cheiro dele. Depois abriu os olhos e fitou o seu corpo nu à plena luz fria e cinzenta de uma manhã de inverno.

As suas coxas ainda estavam boas, tão longas e tão esbeltas como quando era uma dançarina; os seios eram pequenos, sem aquela tendência para descair, mas a barriga estava muito mole, as mãos pareciam velhas e desgastadas por causa de toda a jardinagem e a pele tinha o tom pálido do inverno. Com um sorriso irónico, recordou a canção de Leonard Cohen: *Dear Heather with your legs all white in the winter...* Leonard Cohen era um homem que conhecia bem as suas mulheres e as apreciava, de um tom branco de inverno ou de outra forma qualquer. Talvez Alex fosse igual, talvez Alex não tivesse notado os seus defeitos à luz do candeeiro. Ou talvez Alex não se tivesse importado.

Fechou os olhos de novo. Era tudo um sonho, tudo luz de velas e vinho, fumaça e espelhos, uma coisa do momento, a fantasia de um jovem que se tornara realidade durante apenas uma noite. Podia aceitar isso. Bem, *talvez* pudesse aceitar isso. Oh, Deus, não! *Teria* de aceitar isso. Tudo o que podia fazer era guardar aquela recordação para sempre.

Com uma farpa rápida de choque, lembrou-se de ter outrora pensado que Alex seria bom para Vivi, mas graças a Deus que Vivi não estava interessada; estava apaixonada pelo inspetor Merlin. E JC andava a sair com o psiquiatra rico. Não, Alex não estava comprometido, mas isso não significava que pudesse ficar com ele. Ele pertencia ao seu próprio mundo, dedicava-se a procurar o assassino da sua noiva, tinha o seu negócio, a sua vida, ao passo que ela pertencia aqui ao seu próprio pequeno mundo privado. Ela e *Hector*.

Rolou sobre si e olhou para o cão, que estava de pé a olhar para ela e, calculou Fen, prestes a rebentar. A vida continuaria. Apesar de não exatamente como fora antes.

* * *

Passaram alguns dias. Fen olhava para o telefone, a desejar que tocasse. Não tocava, por isso levava outra vez *Hector* para um longo passeio. O pobre cão devia andar exausto com todas as caminhadas que ela fazia para evitar ficar à espera da chamada que nunca veio.

Não via Alex desde a noite que tinham passado juntos. Guardou as flores com o bilhete que ele lhe deixara na gaveta superior da cómoda, junto com outros tesouros antigos, como os primeiros sapatos de balé de Vivi, a primeira gravação de JC, fotografias esbatidas dos seus pais e as suas próprias fotos quando era menina.

Ele desaparecera da sua vida, tão certo como o Sol pôr-se todos os finais de tarde, e não voltaria. É claro que doía; sentia-se traída, porque, se Alex não sentira nada por ela, pelo menos, poderia ter respeitado a sua dignidade. Seduzira-a e levava-a para a cama como se ela fosse uma miúda, tão apaixonada por ele que não se importava. Não havia futuro com ele, sabia-o agora. Nunca mais teria notícias de Alex. Que assim fosse.

Fen assobiou para o cão que se estava a aproximar demasiado da borda do penhasco.

Hector veio num galope, com a língua de fora. Sabia que não deveria, mas Fen ainda desejava poder falar com Alex.

Brad não estava à espera de Vivi à porta do hospital às oito da manhã seguinte, mas *Flyin'* sim, e havia um bilhete preso à sua coleira de couro vermelho. Sorrindo, Vivi acariciou a cadela, que baixou a cabeça, nervosa. Vivi não tinha a certeza, mas pensou que *Flyin'* podia ter ciúmes. Puxou o bilhete da coleira e leu-o.

Volto dentro de cinco minutos, podes esperar, por favor? Brad.

É claro que o faria. A cadela encostou-se, sociável, contra a sua perna. «Que ternura», pensou Vivi, «talvez, afinal, ela goste de mim», depois lembrou-se que tinha umas calças pretas vestidas e *Flyin'* estava certamente a largar pelo sobre elas. Mas então lembrou-se também que os caniches não largam pelo ou largavam? Meu Deus, já nem conseguia sequer pensar direito. Considerou a hipótese de não esperar por Brad; estava com um aspeto infernal e sentia-se ainda pior.

Dobrou-se, exausta. Havia atingido o limite das suas forças. Tinham acontecido demasiadas coisas nos últimos dias; muitas pessoas magoadas, demasiadas mortes, demasiados doentes de quem cuidar quando tudo o que queria era alguém para cuidar dela. A noite anterior deixara-a de rastos e agora ia ter algum tipo de encontro para o pequeno-almoço com Brad. Nunca deveria ter concordado com isso. Calma, não fora *ela* que sugerira? De qualquer forma, era um erro. Nenhum homem queria olhar para ela do jeito que ela estava. Como preparação, tinha apenas lavado o rosto; nada de maquilhagem, nem sequer brilho nos lábios, nem um toque de perfume. O cabelo estava um nojo, as calças pretas se calhar tinham pelos de cão e havia-se esquecido de trocar o raio dos tamancos brancos. O casacão acolchoado de um verde camuflado tinha três anos e estava a usar o cachecol de caxemira de

JC. Não. JC não tinha um cachecol de caxemira. Claro, era de Alex, JC devia ter ficado com ele quando ele lho emprestara, ao saírem do restaurante chinês. Vivi pensou que JC não parecia assim tão interessada em Alex, mas com a irmã nunca se sabia bem o que ela estava a sentir. Não acabara de dizer a Vivi como conseguir que um homem fizesse coisas por ela: lisonjeia-o, diz-lhe que é maravilhoso e ele vai transformar-se num gatinho, era mais ou menos a síntese.

A cadela saltou de repente, fazendo com que Vivi perdesse o equilíbrio, e, logo, Brad apareceu. Os seus braços envolveram-na, firmando-a:

– Olá, querida, pareces cansada. Aposto que não comeste nada desde a noite passada.

Era verdade, Vivi não engolira sequer uma barra de *Snickers*. Descontraiu-se contra ele, grata pela sua presença corpulenta. Era tão reconfortante encontrar-se nos seus braços. Ele cheirava a vento fresco, pele limpa e um toque de *aftershave*, embora o seu queixo já estivesse outra vez a ficar azulado. Tinha o cabelo espetado de passar as mãos por ele e os olhos azuis mostravam um sorriso.

Com o braço em volta dos seus ombros, caminharam juntos até ao carro dele e Vivi deixou Brad cuidar dela. Deixou-o sentá-la no banco da frente, pôr-lhe o cinto de segurança, fechar a porta. *Flyin'* entrou para o banco de trás e depois Brad levou-a a Chinatown ao seu restaurante favorito de *dim sum*.

Vivi afundou-se com gratidão numa pequena cadeira dura a uma mesa com tampo de plástico enquanto Brad lhe trazia chá e pequenos petiscos deliciosos.

Sentado em frente, ele parecia muito sério.

– Não podes continuar assim – disse. – A trabalhares tantas horas e a descansar pouco.

– Ainda só trabalhei muitas horas – protestou ela. – Ainda não tive oportunidade de descansar pouco.

– Ainda há tempo – retorquiu ele, fazendo-a sorrir e pensar no que queria dizer. – Vamos.

Pegou na caixa de *sui mai* de porco para *Flyin'*, que esperava pacientemente lá fora, como sempre, aguentando a indignidade de desconhecidos que passavam a dar-lhe palmadinhas na sua cabeça macia e rosada de caniche. Deu um salto quando Brad apareceu, lançando a Vivi um

olhar que esta pensou ser calculista, antes de liderar o caminho para a carrinha de Brad.

Em poucos minutos tinham chegado a casa dele. Brad fechou a porta, acendeu a lareira, ligou um candeeiro, correu as cortinas. Despiu o casaco de Vivi e pendurou-o. Ela afundou-se no sofá. Brad levantou-lhe os pés para ela poder esticar-se. A caniche esparramou-se no chão, com os olhos atentos nela.

– Vou fazer o café, está bem? – perguntou Brad.

– Ótimo. – Vivi fechou os olhos.

Minutos depois, tinha uma caneca de café na mão e Brad estava sentado a seu lado. Pegou-lhe nos pés e pô-los no seu colo, massajando-lhe os tornozelos.

– Há uma coisa que preciso dizer-te – declarou numa voz séria que fez Vivi acordar e prestar atenção. – Trata-se de Alex.

– O que se passa com ele?

– Precisamos de lhe fazer algumas perguntas, sobre onde se encontrava na noite em que a noiva morreu, onde estava no dia em que Elaine foi sequestrada.

Vivi deu um pulo, entornando o café. A cadela recuou, nervosa.

– Não podes estar a falar a sério. Alex nunca poderia fazer uma coisa dessas, porque o faria? Um homem como ele, atraente, bem sucedido, encantador...

– É um homem que consegue cativar qualquer mulher. Também se sabe que às vezes homens assim têm *problemas* com as mulheres. Problemas sexuais. Sabe-se que homens assim podem ser assassinos em série. Não temos nada de concreto em que nos apoiar, estou apenas a avisar-te para onde nos pode levar a situação.

O primeiro pensamento de Vivi foi para a tia. Fen adorava Alex. Depois pensou em JC e Alex a saírem de braço dado na outra noite, o cachecol de Alex no pescoço de JC; esta com as suas sandálias patetas de verão, toda ela pernas compridas bronzeadas, cabelo loiro comprido e inocência, porque, raios, a irmã era uma inocente. JC achava que o mundo a adorava, bom ou mau.

Disse:

– JC tem um encontro com Alex esta noite.

– Telefona-lhe e diz-lhe para cancelar – retorquiu Brad.

Daquela vez, JC acordou com os passarinhos. Ou teria, se tivesse havido alguns passarinhos. Na sua opinião, gaivotas não contavam; eram simplesmente acessórios do litoral.

Saiu da cama, a cama de Vivi, claro, não ia dormir em mais nenhuns sofás se pudesse evitá-lo, e encaminhou-se descalça até à janela. Puxou a cortina para o lado e deu uma espreitadela ao dia. Não parecia promissor. Cinzento, ventoso e, apostava, frio. Merda. Deixou cair a cortina, a pensar que devia dizer a Vivi para fazer compras em Pottery Barn. Eles tinham cortinados muito melhores do que aquela seda frágil que não era seda verdadeira e que, de qualquer modo, apostava que pertencera ao inquilino anterior do apartamento da cave. O que andaria Vivi a pensar? Não podia arranjar algum sítio *decente* para viver? Mais perto do hospital, em melhores condições e com uma banheira sem manchas de ferrugem e um chuveiro como deve ser, onde não se escorregasse na parte curva da banheira. JC odiava cortinas de chuveiro. Lembravam-lhe o filme *Psico*, que lhe provocava sempre calafrios.

Foi até à cozinha e olhou, taciturna, para a bancada imaculada com a máquina de café antiquada. JC não suportava café feito em casa; sabia diferente. Estava tudo na sua cabeça, como, sem dúvida, lhe diria a sua própria «psico», isto é, a sua psicóloga. Psicoterapia grátis poderia vir junto com o trabalho na loja de antiguidades do Dr. Ralph. Sorriu, a lembrar-se do médico a dizer que ia «endireitá-la». Vivi devia estar satisfeita com aquilo.

Sentou-se na beira da cama, a contemplar o verniz prateado das unhas e a sentir-se muito sozinha. Para Vivi não havia problema; tinha o seu trabalho. Era tudo para ela, sempre fora. JC invejava isso. Com um suspiro, recordou-se que agora tinha um emprego; ia começar na próxima semana, seria a única responsável por uma loja de antiguidades com o seu tesouro de mobiliário valioso e pinturas. A coisa surgiu-lhe como um relâmpago. Claro, era o que

devia fazer naquele dia; ir até à loja, familiarizar-se com o *stock*; tirar apontamentos sobre datas, proveniências e preços; preparar-se para que, quando terça-feira chegasse, pudesse aparecer como uma «profissional», uma mulher que sabia do que estava a falar com os seus clientes, que, dissera-lhe o Dr. Ralph, em geral sabiam o que estavam a ver e do que estavam a falar.

Saltou da cama, animada com a ideia de estar sozinha na loja e com o seu novo trabalho. Ia a deslizar pelo chão a meio caminho para a casa de banho quando lhe ocorreu que Vivi estaria em breve de regresso a casa, do seu turno da noite. Precisaria de um bom descanso.

Rapariga simpática que era, tirou rapidamente a roupa da cama, pôs lençóis lavados e alisou o edredão de algodão branco por cima. Sacudiu as almofadas e acrescentou a tudo um borrito da sua água de colónia favorita, o *Paris*, de Balenciaga. Em seguida, arrumou as mesas de cabeceira, colocou os copos de água na máquina de lavar, afofou as almofadas cor de laranja da *Target*, bastante simpáticas de facto, no sofá desconfortável de pele preta; e limpou a mesinha de café. A seguir foi tomar um duche e limpou a casa de banho depois de a usar.

Sentindo-se virtuosa, vestiu as calças de ganga habituais e uma camisola de caxemira verde de Vivi que encontrou na gaveta superior da cómoda, um sítio onde a maioria das mulheres geralmente guarda a roupa interior, não as camisolas, mas isso era típico de Vivi. A gola alta era suave na sua pele. Com o cabelo loiro puxado para trás para o proteger da força do vento, JC sentiu-se maravilhosamente quente quando subiu os degraus traiçoeiros do apartamento da cave e desceu a rua, em direção à estação de metro BART mais próxima.

Meia hora depois, encontrava-se do lado de fora da loja, a admirar a mesa na montra e a forma como uma única cortina de seda azul pesada estava puxada para um lado, para a exhibir melhor, tal como o tapete persa com os seus azuis suaves, damascos e cremes. O Dr. Ralph mostrara-lhe a conta de vidro azul na franja, que mostrava que alguém, há muito tempo, tinha feito aquele tapete e afixara ali a marca da sua identidade, para que pessoas como ela pudessem ficar a conhecer a sua arte.

Procurou a chave no fundo da mala, no seu coração de prata *Tiffany*, abriu a porta e entrou no seu novo domínio. De olhos fechados, aspirou o cheiro do passado, do luxo, de seda desbotada, de madeira com centenas de anos. Estranho como vivera todos aqueles anos e nunca percebera que tal mundo

existia, sobretudo visto que a tia tinha uma casa cheia de tesouros de que, de algum modo, nunca se apercebera. Estavam apenas lá e, tal como Fen, não se esperava que mudassem.

Tinha acabado de fechar a porta, fazendo deslizar o trinco quando o seu telemóvel tocou. Era Vivi.

– Olá – disse JC –, como vão as coisas, doutora?

– JC – retorquiu Vivi –, quero que canceles o teu encontro com Alex esta noite.

– O quê? Porquê? – JC pousou a mala de mão em cima da mesa antiga, depois puxou-a outra vez com receio de ter feito algum arranhão. Colocou-a no chão.

– Nada de importante – respondeu Vivi, com demasiada descontração, pensou JC. – É só melhor se o fizeres. Até as coisas se resolverem.

– Vivi, de que estás a falar? Que coisas? – Despiu o casaco e atirou-o para o lado da mala.

– Brad está, bem, está tipo a manter um olho em Alex por causa dos assassinatos. Quer que fiques em segurança, é tudo. É só por um tempo, um ou dois dias...

JC percebeu de repente o que Vivi queria dizer.

– Podes dizer ao teu inspetor Merlin para ir à merda, para ficar longe da minha vida, para ficar longe da vida de Alex. Vou fazer o que eu quero e ele também. Ah, e a propósito, podes dizer-lhe também da minha parte que não é nenhum grande mago mitológico, nem sequer consegue acertar nisto. Meu Deus, Vivi, também estás louca?

Furiosa, bateu com o telemóvel em cima da mesa antiga e depois olhou para ela, atordoada. Oh, Deus, agora é que a tinha mesmo riscado. O que se devia fazer com os riscos na madeira? Fen dissera certa vez qualquer coisa sobre uma metade de noz que se esfregava no sítio. Entretanto, cuspiu nos dedos, esfregou no risco, espreitou cheia de esperança. Duas grossas lágrimas inesperadas derramaram-se sobre a mesa. Caramba! Duzentos anos ou mais de afetuosos cuidados e em segundos ela destruíra aquela peça.

Deixou-se cair no grandioso cadeirão trono de damasco de seda cor-de-rosa, apoiando as mãos nos braços que terminavam em cabeças de leões esculpidas, endireitou as costas, levantou o pescoço, puxou o queixo para cima, como uma princesa. Devia voltar ao ioga, fazer meditação, ajudava a lidar com situações como esta.

Como podiam eles *pensar* sequer que Alex podia ter matado alguém? Tinham de estar a gozar! Claro que não estava apaixonada por ele, mas gostava de Alex. Bem, mas havia uma duvidazinha lá no fundo da sua mente. E se eles tivessem razão? O que deveria fazer? Se alguma vez precisara de aconselhamento, JC sabia que era naquele preciso momento.

Olhou em volta, ali na Verily Antiques, para as coisas queridas do Dr. Ralph. Apostava que ele não ficaria muito feliz por ver qualquer delas vendida; pressentira que gostava muito delas, calculava que tinha escolhido tudo pessoalmente durante um longo período de tempo. *Claro!* Devia telefonar ao Dr. Ralph, pedir o seu conselho. Aquele homem tinha resposta para tudo.

Marcou o número do telemóvel dele.

– Doutor Sandowski – atendeu ele com prontidão.

De repente, JC lembrou-se que ele estava em Hong Kong.

– Oh, merda, doutor Ralph, esqueci-me que deve haver uma diferença horária.

– É JC, é claro. – O Dr. Ralph percebeu logo que era ela, embora não se tivesse anunciado.

JC pensou que ele parecia um pouco distante, impaciente mesmo.

– Claro que sou – respondeu com rapidez. – E, doutor Ralph..., quero dizer *Ralph*, eu não estaria a telefonar se não fosse importante. Afinal que horas são aí, em Hong Kong?

– Não sei – disse ele.

– Oh! – JC foi apanhada de surpresa. Por que razão o homem não olhava para o relógio? – Quer dizer que não sabe que horas são?

Ele estava mesmo impaciente.

– As cortinas estão fechadas, estou a trabalhar no meu discurso.

– Há relógios nos quartos de hotel – retorquiu JC, ainda surpreendida por um homem tão organizado como ele poder ignorar a hora, mesmo com a diferença horária e o *jet lag*.

– Tenho permanente aversão a relógios – explicou.

Às vezes, o Dr. Ralph era tão pomposo que JC perguntava a si mesma se poderiam ser amigos.

– Mas vive a sua vida pautado pelo relógio. Quer dizer, uma hora aqui, uma hora acolá, um doente aqui, outro acolá.

– Exato – respondeu ele com calma. – É por isso que não gosto deles. Nos

hotéis, coloco o relógio debaixo da cama.

Oh, meu Deus, o psicoterapeuta estava louco!

– Debaixo da cama – repetiu JC, atordoada.

– Para não ser perturbado por esses números digitais verdes a piscar.

– Oh! – Agora percebia. – É a coisa visual que o perturba. Consigo entender isso.

– Fico muito contente que consiga – replicou ele. – Não gosto de ser incomodado.

A sua voz teria um tom cortante ou seria o seu sentimento de culpa por lhe ter telefonado à hora tardia que pudesse ser em Hong Kong?

– Na realidade, estou a telefonar-lhe para lhe pedir o seu conselho – explicou e depois contou-lhe o que se passava com Brad, a questão de Alex e a irmã a dizer-lhe para não sair com ele. – Doutor Ralph, por favor, diga-me que não pode ser verdade essa coisa de Alex – implorou. – É tudo demasiado horrível.

Fez-se um silêncio. JC pensou que era evidente que o Dr. Ralph estava a pensar. Aguardou, esperando que ele ficasse do seu lado. O que queria dizer com *do seu lado*? Seria Alex um bom rapaz? Ou era um assassino? O Dr. Ralph poderia dar-lhe a resposta?

Por fim, ele falou:

– JC, não posso dizer-lhe se é verdade, só posso repetir o que o inspetor disse, que Alex precisa ser investigado e também os seus movimentos nestes últimos dias; é preciso saber quem é na realidade.

– Mas eu *sei* o que Alex é! Sei *quem* ele é. Fen sabe quem ele é, responderá por ele.

– Fen?

– A minha tia. Ah, claro, não conhece a história. – JC fez-lhe um rápido resumo da noite tempestuosa de Alex em Big Sur. – Já sei o que vou fazer – declarou no final da história. – Vou levar Alex até lá baixo, a Big Sur, para falar com Fen, ajudar a fazer com que o inspetor de Vivi deixe de implicar com ele. Quero dizer, oh, *Ralph*... – (quase lhe chamara «Ralphie») – Eu *gosto* dele.

Houve uma longa pausa. Oh, meu Deus, agora tinha ferido os sentimentos de Ralph.

– Escute – disse, de repente inspirada –, porque não vamos à sua cabana um fim de semana quando voltar, o ar fresco vai de certeza livrá-lo do seu *jet*

lag e a mim das minhas preocupações.

– Ótimo – respondeu ele.

Outro longo silêncio.

– Volto dentro de um par de dias – respondeu ele por fim. – Como vão as coisas na loja?

– Ótimas, fantásticas, estou aqui a limpar o pó, a encerar, a arrumar, sabe, todas essas coisas que uma rapariga como eu sabe fazer bem.

– É melhor do que isso, JC, mas obrigado de qualquer maneira. Passe um bom dia – retorquiu e, de repente, desligou.

Um minuto depois, JC recebeu uma mensagem dele. *Temos um encontro marcado na cabana no próximo fim de semana. Tudo bem para si?*

JC sentiu-se desanimar; tinha-se comprometido. Não só comprometido, ela é que havia sugerido! Agora, porém, não queria ir e não sabia como livrar-se daquilo.

Fen voltava de Carmel, onde almoçara com umas amigas. Desta vez, não levava *Hector* com ela; ele teria tido de esperar no carro e ela nunca gostara disso. Conduzia depressa, ansiosa por chegar e deixá-lo sair para correr um bocado.

Embora fosse ainda novembro, Carmel já tinha um aspeto tão natalício, toda engrinaldada de luzes coloridas, enfeites pendurados entre os edifícios antigos, uma árvore ornamentada com fitas decorativas. Fen perguntava a si mesma se seria só ela que achava que o Natal parecia chegar mais cedo todos os anos. No entanto, sentira-se inspirada a adquirir umas novas luzes multicoloridas. Claro que já tinha algumas, mas, quando acabava de as passar em volta da árvore, parecia haver sempre uma luz que faltava, de forma que nada se acendia. Melhor prevenir do que remediar era a sua ideia.

As raparigas tinham prometido estar lá na véspera de Natal, comeriam ostras e ela faria a sopa de peixe tradicional francesa. À meia-noite, assistiriam à missa com os cânticos de Natal na igreja local. Assariam o peru juntas no dia de Natal com recheio especial de Fen: maçã, salsicha, salva e cebola, regados com brande. Usaria o resto da garrafa que ela e o Intruso tinham bebido juntos, naquela famosa noite da grande tempestade.

Permitiu-se pensar de novo em Alex. Neles. Não havia como voltar atrás e não havia com certeza como avançar.

Passava das três quando virou para a sua entrada. *Hector* ouviu o ruído dos pneus e estava atrás da porta a saltar de alegria por ela estar de regresso. Deu-lhe um abraço, caramba, era um cão grande. Beijou-lhe o focinho grisalho e disse:

– Não te preocupes, *Hector*, meu rapaz, estamos a envelhecer juntos, tu e eu. Sozinhos aqui, no nosso retiro tranquilo.

Despiu o casaco cor de vinho, comprado em Paris há uma ou duas décadas.

Tinha sido caro, mesmo na altura, mas a caxemira durava.

Desenrolou o cachecol, laranja, azul e amarelo, tricotado à mão e comprado numa venda de caridade para animais resgatados; sempre que o usava pensava noutros cães, como *Hector*, que precisavam de casas e um pouco de dinheiro, e que, numa permuta inestimável, ofereciam amor e lealdade em troca daquele pequeno investimento. Descalçou as botas pontiagudas que ainda lhe davam cabo dos pés, calçou galochas *Hunter* verdes e um casacão impermeável e seguiu *Hector* pela porta fora. O pobre cão merecia um passeio depois de ter esperado todo aquele tempo.

Escolheu o caminho, bem calcado pelos seus pés e as patas de *Hector*, através da pequena mata, até ao penhasco mais à frente e, enquanto *Hector* corria a esgotar a sua energia, ficou ali parada por um minuto ou dois, a contemplar o Pacífico, rolando suave, inevitavelmente para a costa. Naquele dia não havia grandes ondas sibilantes; apenas uma calma profunda que nos fazia pressentir as braças escuras que se escondiam sob o brilho da superfície verde.

Continuou a andar, contornando a beira do penhasco, o som do mar nos seus ouvidos e o ladrar de *Hector*.

O ladrar de *Hector*?

Parou, olhou em volta. Afinal, onde estava *Hector*? Lá estava ele, a correr em direção a um homem, de pé perto da borda do penhasco, mais ou menos a uma centena de metros de distância.

– *Hector*! – chamou.

Encontrava-se muito longe para reconhecer o homem, embora tivesse a certeza de que, de qualquer modo, era um desconhecido. Ninguém ali iria vestir um fato para um passeio nas falésias.

Era óbvio que o homem não tinha reparado neles, mas, observando, Fen viu-o tirar dois objetos de baixo do braço e lançar primeiro um, depois o outro, sobre a borda da falésia. Virou-se para olhar para o cão que ia ter com ele. Fen viu-o agachar-se, inclinar-se para o cão, que latiu com alegria; toda a gente ficava sempre contente por ver *Hector*. E então viu o homem pontapear *Hector* na garganta.

Estacou paralisada. A mão voou-lhe para a boca.

– *Hector*! – gritou.

O cão jazia no chão. O homem deu-lhe outro pontapé, um empurrão e ele cairia da ribanceira, mas então o homem avistou Fen e partiu a correr...

Fen cambaleou até à beira do penhasco e caiu de joelhos ao lado de *Hector*.

Embalou a grande cabeça do cão nos braços, sufocando com os seus próprios soluços. Os olhos de *Hector* estavam fechados, ele estava mole, não se mexia. Abaixo da falésia, a maré verde cintilante rolava suave para a costa, profundezas desconhecidas, onde o segredo do que o homem atirara permaneceria oculto.

Fen encontrou o telemóvel e ligou para o veterinário. Ele iria de imediato. Depois telefonou para o 112.

Fen seguia na parte de trás da ambulância veterinária com a cabeça de *Hector* no colo. Este tinha uma máscara de oxigénio atada ao focinho e ela conseguia ouvi-lo a respirar, mas tão devagar que desesperou.

– Por favor, dê-lhe mais oxigénio – pediu à enfermeira, sentada ao seu lado com o seu uniforme alegre de enfermeira veterinária com um motivo de cães e gatos azul e rosa.

– Estamos a fazer o nosso melhor, Mistress Dexter – retorquiu a enfermeira com simpatia. – E *Hector* também.

É claro que estava. *Hector* sempre fizera o seu melhor. Fen conteve as lágrimas, tinha de ser forte, passar essa força para *Hector*! «Nunca desistas» fora sempre o seu lema na vida; de facto, às vezes pensava que deveria tê-lo gravado como um sinal heráldico sobre a sua porta, tal como nos portões para o inferno estava escrito: «Abandonai toda a esperança, ó vós que aqui entraís.» Que era onde aquele sacana que tinha pontapeado *Hector* iria acabar.

– Mato eu própria aquele sacana se alguma vez o encontrar – exclamou em voz alta.

A enfermeira olhou para ela, surpreendida.

– Eu não me preocuparia, Mistress Dexter. Os polícias apanham-no, eles são bons nesse tipo de coisa.

– Tenho a certeza que são, mas nunca nenhum cão foi pontapeado até à morte por um desconhecido. – Fen acariciou o pelo macio de tom bege de *Hector* que, quando era jovem, tinha sido tão dourado como o seu próprio cabelo.

Depois chegaram ao hospital veterinário e o grande *Hector* foi passado para uma maca, tal como os doentes deviam ser no hospital da sua sobrinha, pensou Fen, e prestaram o mesmo tipo de cuidados ao seu cão. Ele era muito

mais do que o «seu cão». *Hector* era o seu amigo. O seu mais querido. *Hector* era um membro da sua família.

Fen e o veterinário conheciam-se bem. Consultava-o para as vacinas e doenças menores de *Hector* desde que ele era cachorrinho e encontravam-se às vezes em eventos sociais, num concerto em Carmel ou nalgum jantar. Era uma comunidade pequena e toda a gente se interessava. Deu-lhe um abraço, disse que iria tratar de *Hector*, insistiu para que ela fosse para a sala de espera, tomasse um café, mantê-la-ia informada.

Fen estendeu a mão para parar a maca quando *Hector* passou. Olhou para o rosto familiar, acariciou a prega suave da pele sobre o nariz. Ele parecia estar a dormir.

– Obrigada – disse ao veterinário e às enfermeiras. – Sei que vão fazer o vosso melhor.

Depois foi sentar-se num banco lá fora, ao sol incerto, e telefonou a Vivi.

O telefone de Vivi não tocou; era óbvio que tinha sido desligado, por isso Fen não conseguiu sequer deixar uma mensagem. Ligou então para JC, que atendeu ao primeiro toque.

– Fen, ia mesmo telefonar-te – disse, surpreendida. – Preciso da tua ajuda.

– Não – retorquiu Fen, ainda a pensar em *Hector*.

– *O quê?* Não estás a perceber. Posso estar em apuros.

– É *Hector* – explicou Fen e, apesar de não querer, as lágrimas surgiram. – Estou no veterinário agora. *Hector* foi ferido. Oh, JC, não sei se ele vai aguentar.

– Caramba! – gemeu JC. *Hector* significava tudo para a tia. – Estás bem? – perguntou. – O que estou a dizer? – acrescentou depois. – *Claro* que não estás bem. Quero dizer, conta-me o que aconteceu.

– Foi um homem, um desconhecido. Sei disso porque estava de fato e ninguém vai dar um passeio nas minhas falésias de fato. Vi-o a atirar qualquer coisa pela borda fora. Bem, sabes como é *Hector*, tinha ido ter com ele para dizer olá. Não sei se o homem pensou que ele ia atacá-lo, de qualquer modo pontapeou *Hector* mesmo na garganta... oh, meu Deus, JC, o meu rapaz caiu como um cão morto...

JC ficou em silêncio, a tentar interiorizar a imagem horrível de um homem a pontapear *Hector*, de *Hector* terrivelmente ferido... da tia em lágrimas... Fen *nunca* chorava...

– Vou telefonar a Vivi – disse por fim. – Vamos logo que pudermos.

Aguenta aí, vamos ter contigo em breve, amamos-te... e lembra-te, *Hector* é forte.

– JC, *Hector* é velho – respondeu Fen, esgotada. – Mas obrigada. Vemo-nos mais tarde então.

Quando JC ligou para o telemóvel de Vivi não obteve resposta.

Visto que sabia que os médicos quase nunca desligavam os telemóveis, calculou que a irmã devia estar envolvida no seu romance com o inspetor. Não tinha o número de Brad, mas conseguiu-o quando ligou para a esquadra e falou com o parceiro dele, Jerusalem. Os inspetores nunca desligavam os seus telemóveis e, quando telefonou a Brad, ele atendeu logo.

JC pensou que era melhor explicar-lhe a ele a história toda, para ele poder contar a Vivi, em vez de repetir tudo de novo ao telefone. Além disso, queria falar ao inspetor do desconhecido que a tia vira a atirar qualquer coisa pela borda da falésia, mesmo antes de ter pontapeado *Hector* na garganta.

– Estou a dizer-te tudo isto porque esse homem precisa de ser apanhado – esclareceu, a tentar não chorar. – A minha tia disse que ele estava a atirar qualquer coisa pela borda da falésia e, fosse o que fosse, era suficientemente importante para ele para atacar o cão e depois fugir. Fen sabia que era um desconhecido – acrescentou – porque estava vestido com um fato. Quero dizer, quem veste um fato para ir fazer uma caminhada nas falésias? E o que estaria a atirar ali que era assim tão importante?

– JC, falhaste a tua vocação – replicou Brad. – Devias ser detetive. É claro que não sei o que estava a atirar, e talvez nunca saiba, mas prometo que faremos tudo para tentar encontrar essa pessoa.

– E, quando o encontrares, vais prendê-lo? – perguntou JC com premência. – É melhor, antes que Fen o mate.

– Entendo – respondeu Brad com simpatia. – E não te preocupes, vou contar a Vivi. Ela depois telefona-te.

JC ainda se encontrava na loja. Apagou as luzes e recolheu as suas coisas. Estava a fechar a porta quando Vivi ligou.

– Vou buscar-te – preveniu Vivi. – Vamos até Big Sur. Encontramo-nos em minha casa, vou telefonar a Fen agora.

JC respondeu que tudo bem; depois, porque sentia medo no seu coração pela tia que estava prestes a perder o seu querido amigo e estava a sentir-se

muito sozinha, telefonou a Alex.

Já não queria saber do que os inspetores pensavam ou não pensavam de Alex. JC sabia que Fen gostava dele e isso bastava-lhe. E sabia que Alex se preocupava com Fen. Esta tinha sido uma rocha no meio da tempestade para Alex, naquela noite, e agora ele podia ser essa rocha para ela.

Charlie Lew, impecável num fato preto às risquinhas de lã leve e fina, com uma camisa de algodão preta *Sea Island* e gravata de seda prateada, estava sentado nas traseiras de um dos seus cafés menos conhecidos e muito pequeno, escondido atrás de uma fábrica de *noodles* no final de um beco estreito e escuro, a assistir a um jogo de *pai gow*. As apostas eram maiores do que o normal e pelo menos um jogador estava a apostar tudo o que tinha. O rosto de Charlie permanecia impassível. Na realidade, não havia nenhum sinal de emoção na pequena sala das traseiras, que continha apenas uma mesa de repes verde, seis cadeiras de verga de costas direitas e mais ou menos uma dúzia de garrafas vazias de cerveja. Um candeeiro em cima balançava baixo, diretamente sobre a zona de jogo, deixando os cantos da sala na penumbra. Redemoinhos azuis de fumo enrolavam-se sob a lâmpada. O único som era o do bater das cartas e o grunhido ocasional de confirmação quando alguém perdia. Ou ganhava.

Charlie não estava a jogar. Fornecia as instalações, o crupiê e a segurança e recebia uma percentagem dos ganhos. Charlie sabia o que estava a fazer.

Não ficou por isso satisfeito quando o telemóvel vibrou com urgência no bolso da camisa. Não era bom *chi* interromper o fluxo do jogo. Deslizou em silêncio para fora da sala, saindo para o café atrás do balcão de azulejos brancos, onde um jovem asiático com um boné de beisebol dos Yankees estava a mexer um caldo de galinha numa panela de aço inoxidável, acrescentando as cabeças e os pés para dar sabor. Não havia clientes e Charlie sentiu-se à vontade para verificar a sua mensagem de texto.

Era de um empregado da loja de material fotográfico. Dizia a Charlie que alguém tinha acabado de entrar e comprara o mesmo tripé que o assassino usara quando filmara as suas vítimas.

Charlie não se excitava com facilidade, mas desta vez a adrenalina fluiu.

Podia ser uma pista importante. Pensou se deveria alertar Brad primeiro ou ligar para o vendedor e dizer-lhe para manter lá o cliente até a polícia e Charlie chegarem.

Apressou-se a carregar no número da loja e foi-lhe dito que o cliente já saíra.

– Vai atrás dele – ordenou Charlie. – Segue-o já.

– Senhor, era uma mulher – retorquiu o vendedor. – E saiu daqui há cinco minutos.

O suor orlava o lábio superior de Charlie quando saiu do café e ligou para Brad Merlin. Intensificou o ritmo da passada até que quase corria. As pessoas viravam-se para olhar. Nunca ninguém vira Charlie Lew a correr e perguntavam-se se a lei o teria por fim apanhado.

Quando Brad atendeu, Charlie contou-lhe a história, ele disse que já estava a caminho da loja.

– Não se preocupe – acrescentou –, as nossas câmaras de segurança devem tê-la apanhado. É por isso que as temos.

Brad e Jerry encontraram-se com um chiar de travões à porta da loja, saindo, precipitados, das suas duas viaturas. Observando-os, Charlie pensou que eram tal e qual como os polícias da série *CSI*, embora preferisse muito mais a velha *Miami Vice*. De facto, tinha o conjunto completo dos vídeos e baseara o seu próprio «visual» em Don Johnson.

Alisou para trás o cabelo já liso, enxugou o suor do rosto e disse, todo formal:

– Bem-vindos à minha loja, inspetores.

– Oh, deixa-te de merdas, Charlie – retorquiu Brad, impaciente. – Onde está o tipo que vendeu o tripé?

O jovem vendedor achava-se no meio da loja, radiante de excitação.

– Eu topei-a – disse a Brad, com confiança, porque, embora fosse um emigrante recente da China, já vira uma quantidade de séries de investigação e sabia o que se esperava dele.

Era jovem, talvez vinte e três anos. Brad sabia que, na cabeça daquele tipo, naquele dia seria uma estrela no seu próprio firmamento na comunidade chinesa; o homem que ajudara a capturar o assassino em série.

– Descreva-a – pediu.

– Caucasiana. Médio de idade. Cabelo castanho, talvez cinzento. Óculos, círculos grossos.

– Aros – corrigiu Charlie.

O vendedor ignorou-o. Este era o seu momento.

– Nenhum sorriso – continuou. – Meio alta, meio baixa. Uma saia e tornozelos gordos.

– Reparaste nos tornozelos? – protestou Charlie. – Devias estar a vender um tripé a um cliente!

– Casaco cinzento, blusa azul em baixo. nenhuns anéis.

– nenhuns anéis? – repetiu Brad. – Foi uma boa observação.

– Obrigado.

O jovem vendedor sorriu enquanto um Charlie preocupado perscrutava a sua loja verificando os clientes que podiam estar distraídos e incomodados com a presença dos inspetores.

– Talvez possamos falar na sala das traseiras – sussurrou atrás da mão para Brad, que abanou a cabeça.

– Como pagou a mulher? – perguntou Brad.

– Dinheiro, inspetor. A senhora paga em dinheiro. Eu ponho de lado, a pensar que talvez precisa fazer testes para impressões digitais.

– Bem pensado – elogiou Brad. Perguntou-lhe como se chamava e foi-lhe dito que se chamava Keanu.

Jerry fitou-o, espantado.

– Como em Keanu Reeves?

O jovem pareceu envergonhado.

– Eu escolho nome do ator que eu gosto. É melhor para mim do que o meu nome chinês, aqui em São Francisco. E as raparigas gostam – acrescentou.

Estavam definitivamente a afastar-se do assunto. Charlie andava de um lado para o outro, nervoso entre a porta e o balcão, atrás do qual os três outros membros da sua equipa observavam o que se passava. Brad colocou o dinheiro num saco de plástico.

– A propósito, Keanu – disse descontraído –, que tipo de mala de mão trazia ela? Era uma mala grande de pele ou qualquer outra?

Keanu fechou os olhos, a pensar.

– Eu sei – respondeu, um instante depois. – Era uma bolsa de palha, uma cesta como as mulheres levam quando vão fazer compras, ou talvez até para a praia. Tamanho médio. Tinha pequenas contas na parte da frente, contas

brilhantes. Ela colocou lá o tripé quando saiu.

Charlie interrompeu.

– O vídeo de segurança está pronto para ver – disse, parecendo animado.

E bem devia, pensou Brad, embora por aquela altura duvidasse que a compradora do tripé fosse o assassino em série. Não com aquela bolsa de palha com as contas... uma mulher assim não andaria por ali a matar outras mulheres e a sentir prazer nisso.

– Mentos notáveis pensam da mesma forma – observou Jerry, sabendo que Brad também não acreditava que a mulher fosse a pessoa que procuravam.

Brad encolheu os ombros e passou a mão pelo cabelo, pensativo.

– Talvez o assassino a tenha mandado cá comprá-lo para ele? É um tripé pequeno especial, o mesmo tipo que se encaixaria na pequena câmara que o assassino deve ter usado.

Esperaram na sala escura das traseiras enquanto Charlie passava o vídeo. Como a maioria dos vídeos simples de segurança, não apresentava detalhe suficiente, embora se visse a mulher tanto a entrar como a sair da loja. Brad pensou que Keanu fizera um bom trabalho: ela tinha tal e qual o aspeto que ele descrevera. Não era possível ver-lhe o rosto, ela andava muito rápido e a câmara apanhara apenas uma mancha. Pela sua passada determinada, porém, Brad calculava que ela tivesse talvez cinquenta e poucos anos, com o cabelo grisalho preso severamente atrás.

Não era quem ele procurava, mas era um passo na direção certa. Mais uma peça no quebra-cabeças.

O homem estava sentado num café de Big Sur com vista para o oceano. Um copo de vinho branco gelado pousava na mesa à sua frente, junto com um cesto de pão quente. Tinham trazido azeite em vez de manteiga, com um pouco de vinagre balsâmico adicionado, uma coisa um pouco desatualizada, pensou o homem. Não tinha fome, mas estava acordado há quarenta e oito horas seguidas e precisava de abrandar, fazer um balanço. As coisas não corriam bem.

Pegou num pedaço de pão do cesto e mergulhou-o no azeite. Quando o levou à boca, viu que a sua mão tremia. Um calafrio de dor percorreu-lhe o braço, como agulhas minúsculas. Pousou o pão, estendeu antes a mão para o vinho, bebeu um gole grande.

Tirou os óculos de sol *Ray-Ban*, puxou o lenço branco limpo do bolso interior e enxugou a testa, surpreendido por descobrir que estava a suar. Era um dia frio e ele escolhera sentar-se cá fora, o único pequeno restaurante que o permitia. Considerou despir o casaco, mas, visto que usava fato, pensou que poderia parecer um pouco conspícuo. E não o queria.

Esvaziou o copo de vinho, ergueu a mão para chamar a atenção do empregado e pedir outro, avisando-se a si próprio ao mesmo tempo para não beber demasiado; os empregados de mesa hoje em dia estavam avisados para a questão de beber e conduzir: vigiavam os seus clientes. E com razão. Não se devia ser imprudente na estrada.

Mas imprudente era o que ele se tornara. Perdera o domínio. *Permitira-se* perder o domínio, seria mais a realidade. A mão tremeu de novo quando levou o copo aos lábios. Desta vez, beberricou, saboreando o *chardonnay* de Sonoma. Conhecia bem a zona de Sonoma, de facto conhecia a vinha; pequena, bem tratada, um desses lugares com um nome bonito e um rótulo ainda mais bonito na garrafa. Calculava que era assim que funcionava a

competitividade no mercado dos vinhos nos dias de hoje, não tanto a qualidade do vinho, mas o rótulo chamativo. Qualquer truque numa avalanche de marcas. Voltou a pensar em si próprio e na sua situação.

Claro que Jekyll e Hyde tinham sido sempre usados como a imagem psicológica da personalidade dupla, embora ele se considerasse muito mais inteligente. Era instruído, encantador quando necessário; usava bons fatos, conduzia um carro bom, ganhava bem. Tinha o tipo de casa discretamente cara que um homem na sua posição devia ter e frequentava todas as inaugurações de exposições, concertos e galas certas, na companhia certa. Entretanto, ao longo dos anos, matava pessoas. O seu charme fácil e boa reputação como homem caritativo eram conhecidos e nunca mostrava a ninguém qualquer vislumbre do que se encontrava por baixo.

O seu estado era patológico? Claro que era, não precisava de um psicoterapeuta para lhe dizer isso. Era quem era. E gostava. Só que agora era diferente. Agora, estava a ficar descontrolado, tornara-se descuidado, já não era o *voyeur* que escolhia as mulheres com cuidado, que as perseguia, que as filmava quando caminhavam pela rua, tratavam das suas vidas diárias. Ficar a conhecê-las tornava o final muito mais deleitável.

Mas agora havia Elaine que, caramba, ainda não morrera e podia a qualquer momento acordar e lembrar-se do que acontecera. Depois a prostituta, com quem corraera tudo mal e onde cometeu o erro triplo de não só a apanhar e pagar-lhe, mas também de a levar para sua casa. E, agora a mais recente, descoberta por acaso na casa de banho da bomba de gasolina, ainda lá no bosque, com a garganta cortada e talvez, porque ele não estava preparado e fora muito descuidado, com o seu próprio ADN dentro dela, pois não tivera nenhum preservativo à mão. Claro que a limpou o melhor possível, mas aquilo trouxera-lhe à memória a irmã mais nova, que tinha quinze anos, e a noite em que a matara. A sua primeira.

A história que contara à polícia fora que a irmã desaparecera. Mais tarde, eles encontraram o corpo dela nos bosques. Ele ajudou a procurar, é claro, o pobre irmão atormentado, tinha treze anos, era sexualmente precoce e a irmã tentara-o com os seus *tops* curtos e o cabelo castanho comprido, esparramada no sofá, a rir-se dele.

Fora o seu primeiro grande prazer cortar-lhe a garganta e violá-la. Atraíra-a para os bosques, dizendo-lhe que um rapaz de quem ela gostava estava à espera dela. Também falara à polícia desse rapaz e tinham-no prendido e

investigado. Fora antes do ADN ser usado para definir com precisão a identidade do criminoso, eles não tinham qualquer prova e o rapaz havia sido libertado. Nunca ninguém ia para a cadeia. A mãe estava morta, o pai militar há muito desaparecido nalguma briga de bar em Seul, na Coreia do Sul. Ninguém se importava.

Após esse primeiro «prazer», fora «celibatário», como gostava de lhe chamar, por um longo período de tempo. Fora para a universidade, conseguira os seus graus académicos na universidade, convivera pela primeira vez como igual em termos sociais com colegas e, depois, com professores e homens de negócios. Convidava raparigas para sair, encantava-as, deixava-as cair. Como pedras quentes, pensou agora. Elas não eram para ele. Quando precisasse escolheria com mais cuidado. E ela seria de um certo tipo, teria um determinado aspeto: o cabelo comprido castanho macio como o da irmã; o pescoço branco delicado. Seria pequena, com olhos brilhantes e um sorriso largo. Seria uma rapariga boa, crédula e, claro, confiaria nele.

Mas agora, como um idiota enlouquecido, estragara tudo. Tinha ficado louco de desejo irresistível. Não de sangue, não era nenhum vampiro de filme, embora adorasse o cheiro do sangue, mas da excitação da perseguição, da montagem da câmara, da impotência de uma mulher nua esparramada à sua frente. A excitação do seu poder.

Tomou, de repente, consciência do empregado que lhe fazia uma pergunta, recordou-se que estava no café, recordou-se de pontapear o cão e da mulher estúpida a gritar com ele, recordou-se que não dormia há dois dias e noites. A exaustão abateu-se sobre ele e as mãos tremeram-lhe quando aceitou a conta numa capa de plástico, inseriu o seu cartão de crédito e entregou-a outra vez ao empregado. Assinou, deixou uma gorjeta decente, vinte por cento era sempre apreciado e saiu para o parque de estacionamento.

Não havia necessidade de verificar o indicador do combustível, enchera o depósito na noite anterior. Era um trajeto bastante longo, mas estaria de volta a São Francisco à noite. De volta a casa. A salvo dos impulsos estranhos que tinham tomado conta dele. No dia seguinte, começaria outra vez a trabalhar na sua vítima escolhida. A Dr.^a Vivian. Ora, *ela* era simplesmente perfeita.

Brad fitou a mensagem no seu *iMac* não querendo acreditar. Levou uma mão cansada aos olhos. Outra mulher morrera e ele não conseguira impedi-lo. O peso da responsabilidade vergava-lhe os ombros largos. Quem poderia saber quantas mais haveria antes desse louco parar. Se alguma vez parasse. Duvidava: este assassino encontrava-se numa maré de sucesso e estava a gostar.

Estudou outra vez as informações no ecrã. Porém, este assassinato era diferente. Primeiro, e mais importante, não havia mensagem no *post-it* verde a dizer *Por favor, não contes*. Além disso, a mulher estava disposta de forma diferente, não com o cuidado meticuloso do costume, com os braços estendidos, as mãos daquela maneira, as pernas abertas. Fora violada, mas desta vez nenhum preservativo fora usado e havia sémen. Haveria ADN. Se fosse o mesmo assassino e não um imitador (uma coisa que não era invulgar em casos de múltiplos assassinatos sexuais como este, apenas algum outro «louco» a querer os seus quinze minutos de fama), então o homem deles tinha ficado descuidado. A suposição de Brad era que desta vez ele agira por impulso. E os impulsos conduziam a erros.

A mulher fora encontrada pela polícia de trânsito a sul de São Francisco, perto de Big Sur. Ainda não conheciam a sua identidade, mas com toda a probabilidade saberiam dentro de pouco tempo, visto que a sua fotografia já se achava na televisão e circulava na zona. Ninguém estava a perder tempo. O medo varria a cidade. Era como na época do Estrangulador de Boston, quando as mulheres se mantinham em casa ou saíam apenas em grupos, tentando nunca ficar sozinhas, trancando portas e janelas com cuidado, sempre cientes que o assassino podia ser alguém que conhecessem.

Brad atendeu a chamada seguinte, uma de centenas de supostas testemunhas que achavam que poderiam ter informações úteis. Esta era do

gerente de uma bomba de gasolina na Route 1, a meia hora de carro de onde o corpo fora encontrado.

– Tenho algumas informações – declarou o homem, em tom importante, como todos eles faziam.

Brad carregou de imediato no botão de gravação e avisou que o fizera.

– Ainda bem – disse o tipo que telefonara – porque vão precisar desta informação nos vossos registos. Conheço a mulher. O que quero dizer é que não sei o nome dela, mas já a vi aqui na minha bomba de gasolina muitas vezes, a meter-se com os motoristas de camião, se percebe o que quero dizer.

– Uma prostituta. – Brad colocou os pés em cima da mesa, interessado.

– Ela ficava por aí, sabe, até eu ter de lhe pedir para ir embora. Os clientes habituais não gostam, mulheres como ela na vadiagem, a mirar os maridos enquanto eles estão a encher o depósito. Ela ria-se para eles, mas era mais velha, parecia que estava a ter dificuldades em prestar serviço aos tipos que lhe davam boleia e se iam embora.

– Vá direto ao assunto – pediu Brad.

– A questão é que a vi engatar esse tipo a noite passada. Não um camionista, um tipo normal que conduzia um *Range Rover* preto. Ele vinha a sair da casa de banho e ela também. Ele faz-lhe olhinhos e ela entra no carro. Tão simples quanto isso.

Brad já estava a vestir o casaco.

– Tem câmaras de segurança?

– Temos. Pode apostar que está lá tudo.

– Como se chama?

– Hank, Hank Brandolini. – Deu a Brad o endereço.

– Vamos ter consigo daqui a meia hora, Mister Brandolini, e obrigado pela informação. Tenho de lhe pedir para não falar com a imprensa – acrescentou e recebeu a garantia de que claro que Hank não o faria. Brad não acreditou nele. Toda a gente queria ser uma celebridade.

Foi quando Jerry e ele estavam prestes a embarcar no helicóptero que recebeu o telefonema do departamento do xerife. Uma mala de mão dera à costa em Carmel. O conteúdo estava alagado, mas a carta de condução era plastificada. Pertencia a Elaine Mary McCarthy.

A segunda chamada veio logo a seguir de um colega agente. Uma gravação da equipa de segurança no aeroporto de São Francisco identificara o número de um *Range Rover* aí estacionado como pertencente a Alex Patcevich.

Estivera lá estacionado na noite em que a sua noiva fora morta, tinham-no recolhido dois dias depois.

– É o nosso homem com certeza – disse Brad ao mesmo tempo que prendiam os cintos para o voo. – Esteve ontem nessa zona. A tia de Vivi viu-o a atirar qualquer coisa pela borda da falésia. Estou disposto a apostar que eram as malas de mão das vítimas. O nosso predador alterou o seu método; já não está a procurar a sua vítima e a persegui-la primeiro. Está a comportar-se de forma irracional, apanhando uma mulher como esta na bomba de gasolina, por impulso. O nosso assassino está perturbado, Jerry, e estou a pensar no que terá acontecido para o mudar.

– Ele não mudou assim tanto – retorquiu Jerry. – O filho da puta continua a matar.

Jerry sentia-se nervoso. Precisava dos filhos para acalmar a sua alma. Não conseguia estar sem eles por muito tempo e agora ligou o telemóvel e puxou uma fotografia do filho bebé.

– Está a crescer e a ficar muito parecido com o pai – disse com orgulho, mostrando a foto a Brad.

– Então esperemos que o pai dele se revele alguém de quem se pode orgulhar porque apanhou o assassino em série da década – replicou Brad, brusco.

– Ei, só estou a mostrar o miúdo. – Jerry guardou o telemóvel, agastado. – Não há necessidade de te chateares comigo.

– Porra, pá, desculpa. É que estou a pensar em Vivi lá em Big Sur. A tia, Fen Dexter, vive numa *cottage* isolada sobre as falésias. O nosso assassino estava mesmo ao lado quando Mistress Dexter o viu a atirar essas malas ao mar. O homem pontapeou o cão dela na garganta. Ela afirmou que o animal caiu como uma mosca, poderá não se safar. O homem fugiu, mas ela estava tão perturbada por causa do cão que não pensou em ver para onde ele ia ou que carro conduzia. Mas podes apostar as tuas botas, Jerusalem, que era um *Range Rover* preto.

Jerry estalou os dedos.

– E posso igualmente apostar que a tia esteve bem perto de ser atirada da borda do penhasco também. Merda, Brad, isto está a ficar muito pessoal.

O gerente da bomba de gasolina, Hank, estava à espera deles no seu gabinete,

junto com um par de xerifes locais e seus ajudantes, já contactados por Brad. Esperaram que Hank passasse de novo o vídeo de segurança.

Brad desejou, como sempre, que as câmaras de segurança tirassem melhores fotografias; estavam sempre aos saltos, com movimentos rápidos, os rostos obscurecidos. Pediu para Hank passar outra vez em câmara lenta.

O *Range Rover* preto estacionara nas sombras, na parte de trás da bomba de gasolina. Era impossível ver o número da matrícula ou identificar o condutor, mas viram o homem sair e encaminhar-se para a casa de banho. Usava um gorro preto de esqui e *Ray-Bans*, embora estivesse escuro.

Brad pediu a Hank para parar o filme e examinaram-no. O homem era de estatura média, constituição física esbelta e vestia um fato, que parecia deslocado com o gorro preto puxado sobre a testa que também lhe obscurecia as feições.

Hank continuou a passar a fita e viram o homem avançar a passos largos em direção à casa de banho, uma passada comprida e confiante.

– Espere um minuto – exclamou Brad. – Pare aí mesmo, Hank. – Virou-se para Jerry. – Dá uma olhadela aos sapatos do nosso homem. Diz-me o que vêes.

Jerry perscrutou o ecrã, viu a fivela de metal reconhecível.

– Caramba – disse, passado um momento. – Estou a olhar para uns *Gucci*.

Lançou um olhar a Brad e bateram com as palmas das mãos no gesto de «dá cá mais cinco».

– O doutor Sandowski acertou, Jer – disse Brad. – O nosso assassino é um homem de posses, usa sapatos caros, conduz um carro caro e apostou que vai jantar a sítios caros. Não é um mecânico de garagem. Estamos a olhar para um homem que conhece o mundo.

Fez sinal a Hank para continuar a passar a gravação. E lá estava ela, a ruiva, a sair da casa de banho com uma saia de ganga tão curta que não fazia sentido tentar puxá-la para baixo como estava a fazer no filme. Levantou os olhos quando viu o homem que saía da casa de banho dos homens ao mesmo tempo. Em segundos, estava a encaminhar-se com ele para o *Range Rover*. Ela fechou a porta. E ele arrancou.

Hank desligou a gravação. Ficaram em silêncio, todos a pensarem que tinham acabado de ver os últimos momentos da vida da mulher.

Brad combinou que a gravação fosse enviada de imediato para a sede enquanto ele e Jerry iriam a Carmel para recolher a mala de mão que fora

pescada do oceano.

– Reparaste se Alex Patceovich usa sapatos *Gucci*? – perguntou Jerry, no banco traseiro de um carro da polícia, a caminho de Carmel.

– Eu nunca o vi usar óculos escuros à noite – comentou Brad.

– Também não o viste a perseguir mulheres à noite.

Brad estava a pensar em Vivi e na irmã, ali sozinhas com a tia, no cão pontapeado pelo assassino ali mesmo, na falésia perto da *cottage*.

Inclinou-se, bateu ao de leve no ombro do condutor e perguntou:

– Sabe onde fica Cliff Cottage, algures entre Big Sur e Carmel?

– Está a referir-se à casa de Mistress Dexter? Claro que sei, toda a gente por aqui conhece Mistress Dexter. Temos todos muita pena do cão.

Brad pensou que as notícias viajavam depressa nesta região. Disse-lhe para ir até lá primeiro. Precisava de ver Vivi. Precisava de ver se a tia estava bem. Precisava de lhe fazer algumas perguntas. E precisava de ver se Alex lá estava.

Vivi ficou contente quando Alex se ofereceu para ir com elas para Big Sur. JC ia com ele no *Range Rover* e Vivi seguia-os no seu *Jeep*.

Vestira calças de ganga e uma camisola azul com o casacão de camuflado e botas pretas rasas. A irmã, claro, usava a camisola de gola alta de caxemira verde da própria Vivi, as calças de ganga rasgadas e sapatos de salto alto vermelhos. Roupa perfeita para o campo, pensou Vivi, resignada. Não havia hipótese de mudar JC.

Estava tão cansada que desejava apenas poder dormir, excluir os trágicos eventos que aconteciam à sua volta e recordar-se de como as coisas costumavam ser não há muito tempo. De alguma forma, a violência invadira a sua vida, não só no hospital, mas também agora a nível mais pessoal.

Chegaram em tempo recorde. Quando saíram dos carros, Alex apontou a árvore danificada em que batera na noite da tempestade.

– Sem aquela tempestade, sem esta árvore, eu nunca teria conhecido a vossa tia – ouviu-o Vivi dizer, mas esta pensava em Brad, em ter estado nos seus braços há apenas algumas horas, em como se sentira segura com ele, protegida, acarinhada.

Fen ouviu os carros e correu ao encontro deles. Envolveu as duas raparigas nos braços. Ao levantar os olhos, avistou Alex encostado ao carro.

– Bem-vindo de novo – disse baixinho e levou-os para dentro de casa.

JC pensou que Fen parecia cansada.

– Como está *Hector*? – perguntou.

– Está a aguentar-se, como eles dizem.

Vivi reconheceu a expressão consoladora; tinha esperança que desta vez correspondesse à verdade.

– O homem não conseguiu partir a traqueia de *Hector* – acrescentou Fen. – E ele não partiu o pescoço, embora da forma como pontapeou o meu pobre

cão, eu tivesse a certeza que sim. Operaram-no, remendaram-no, acho eu. – Olhou suplicante para Vivi, a sobrinha médica. – Tu entendes tudo isso, é o que fazes todos os dias.

– Não propriamente, mas vou telefonar ao veterinário agora, descobrir o que se está a passar e se podemos ir ver *Hector*.

A cabeça de Fen descaiu. Afundou-se numa cadeira à mesa da cozinha.

– Eu despedi-me dele – disse em voz baixa. – Pelo sim pelo não. Somos amigos há doze anos, sabem. É muito tempo.

A chaleira ferveu e Vivi fez um bule de chá, o *lapsang souchong* que a tia sempre usava. Nunca nada mudava ali, mas agora mudara. Perguntou-se se as coisas seriam outra vez as mesmas.

Alex tinha estado de pé, calado, a ouvir. Foi então sentar-se ao lado de Fen. Pegou-lhe na mão e prendeu-a entre as suas.

– Ele vai ficar bem – disse.

Fen fitou-o com um olhar perscrutador.

– Como sabes?

– Confia em mim, desta vez sei.

Vivi foi para a outra sala telefonar ao veterinário. Se fosse uma má notícia não queria que a tia o adivinhasse pela conversa telefónica, mas logo a informaram que *Hector* recuperara forças.

– Resistiu bem à cirurgia – dizia o veterinário. – É um velhote, mas está desperto e pronto para sair daqui. De facto, penso que estaria melhor em casa. Diga a Mistress Dexter para manter o colar de plástico para ele não poder coçar os pontos e ele vai ficar ótimo. Está um pouco sedado para não sentir dor. É todo vosso; tragam-no apenas de volta depois de amanhã para um *check-up*.

– Nós pensámos que ele estava morto – retorquiu Vivi, aliviada.

– Eu também quando o vi pela primeira vez, mas, hei, trata-se do cão de Fen Dexter. Ele não desiste assim com tanta facilidade. Vamos aí deixá-lo dentro de meia hora, se quiserem.

Vivi agradeceu e foi transmitir à tia a boa notícia.

Fen pareceu atordoada por um instante e depois claro que chorou.

– É tão idiota – soluçou. – Disse a mim mesma que não podia chorar, que tinha de ser forte por *Hector* quando ele precisava de mim e agora estou a chorar como um bebé. – Alex foi abraçá-la.

Observando-os, Vivi pensou que ele era muito terno, a cuidar de Fen como

ela devia ter cuidado dele na noite em que aparecera ferido à sua porta.

– Vou arranjar umas sanduíches – declarou JC, surpreendendo Vivi, porque imaginara que uma sanduíche fosse uma coisa que JC pensasse que se comprasse numa loja. Mas a irmã já estava a remexer no frigorífico.

– Não sabia que tinhas talento para sanduíches – comentou Vivi.

– Trabalhei num bar de sanduíches em Napa quando estava sem dinheiro. Num par de semanas qualquer rapariga pode aprender a fazer uma sanduíche decente.

– Aposto que a tua é especial – comentou Alex para JC, mas estava a olhar para Fen.

Depois a carrinha do veterinário chegou e *Hector* foi levado para a cozinha com um grande colar de plástico em volta do pescoço, como uma touca de bebé vitoriano.

– Podia jurar que ele está a sorrir – observou Fen, preocupando-se com a almofada onde o cão estava agora deitado, com a cauda a bater devagar no chão da cozinha.

Precisava do parecer médico de Vivi e, para a confortar, esta verificou o pulso de *Hector*. Ele lambeu-lhe a mão, agradecido por estar em casa, depois suspirou e deitou-se para trás na sua cama.

Ouviram-se pneus a chiar na gravilha.

– Estás à espera de alguém? – perguntou JC, quando bateram à porta.

Fen abanou a cabeça.

– Talvez seja um vizinho ansioso para saber como está *Hector*.

Mas, quando Vivi abriu a porta, viu Brad ali parado, a olhar para ela, sem sorrir, sério.

Quase se esquecera de como ele era grande, como era vigoroso, com a sua beleza pouco convencional. A mulher devia ter estado louca para o deixar por umas férias havaianas grátis.

– Oh, és tu – exclamou, satisfeita.

Mas, desta vez, Brad não se inclinou para lhe beijar a face.

– Lamento muito – declarou –, mas estou aqui em serviço. Sei que Alex Patceovich está aqui. Precisamos de falar com ele.

– Sobre o quê? – JC apareceu na porta, ao lado de Vivi.

Brad disse:

– Este é o meu parceiro, o inspetor Jerusalem Guiterrez.

Jerry acenou um cumprimento. O seu rosto estava tão frio como o de Brad.

Depois foi Fen que se acercou da porta.

– Porque não dizem a esses senhores para entrarem? – perguntou, surpresa.

– Sejam eles quem forem.

Brad fez uma pequena vénia.

– Sou o inspetor Brad Merlin.

Vivi viu a carranca preocupada de Fen transformar-se num sorriso.

– Brad Merlin – exclamou calorosamente. – Ouvi falar de si. Bem-vindo à minha casa. Suponho que tenha vindo ver a minha sobrinha, Vivian.

– Na realidade, não senhora. Não desta vez. O inspetor Guterrez e eu estamos aqui em serviço. Estamos aqui para fazer algumas perguntas a Alex Patceвич.

– E que tipo de perguntas seriam essas?

Alex avançara. Agora, estavam todos amontoados na pequena porta.

– Mister Patceвич, poderá preferir falar em privado – sugeriu Brad.

– Pode perguntar tudo o que precisa perguntar aqui mesmo, na frente das minhas amigas – replicou Alex.

– De facto – explicou Jerry –, *nós* preferimos falar em particular consigo.

Alex assentiu com a cabeça e saiu. Virou-se para olhar para Fen, ainda de pé na soleira da porta, parecendo atordoada.

– Não há problema – disse ele com um sorriso. – Está tudo bem.

Mas, de alguma forma, Fen sabia que não estava.

Alex permaneceu em silêncio durante o trajeto para a esquadra do xerife local, sozinho no banco de trás. Também mais ninguém falou.

Brad observou-o no espelho. Alex estava sentado, de cabeça baixa, ombros caídos, o sobrolho franzido no rosto. Parecia um homem em apuros.

Quando chegaram à esquadra, Alex entrou entre Brad e Jerry. Não o tinham algemado porque não tinha sido acusado de qualquer crime.

Na pequena sala usada para o efeito, Brad assumiu o seu lugar atrás da mesa e indicou que Alex devia sentar-se em frente. Jerry preferiu ficar de pé de um dos lados, no papel do «polícia bom», encostado à parede, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças de ganga, observando, escutando.

– Mister Patceвич – começou Brad –, recordar-se-á de ter sido interrogado na altura em que a sua noiva foi assassinada. Temos isso registado e vou lembrá-lo do que disse. Perguntámos-lhe qual o seu paradeiro naquele dia. Respondeu que estivera em Los Angeles durante toda a semana, que tinha planeado vir ter com a sua namorada naquele fim de semana, a São Francisco. Iam fazer uma excursão à região do vinho.

– Napa Valley. – concordou Alex. – Tínhamos reservado para o Auberge.

– Mister Patceвич, esse hotel fica no condado de Sonoma. Não em Napa.

Alex encolheu os ombros.

– Desculpe, esqueci-me, não percebo muito de regiões de vinho, nunca lá estive.

– Comprou um carro novo nessa semana.

– Sim. O *Range Rover*. O que viram mesmo agora à porta da casa de Mistress Dexter. Poderão não saber da história, mas Mistress Dexter e eu conhecemo-nos na noite da grande tempestade. Derrapei para fora da estrada e bati na árvore dela.

– Eu sei – retorquiu Brad. – E era a primeira vez que conduzia o *Range*

Rover para São Francisco?

Alex esperou apenas tempo suficiente antes de responder para Jerry detetar a hesitação.

– Sim – disse Alex por fim. – Quando recebi a notícia sobre a minha noiva, estava demasiado perturbado para conduzir. Apanhei antes o avião. Fiquei alguns dias, tempo suficiente para tratar de coisas que precisavam de ser tratadas, incluindo falar com o vosso pessoal.

Fitou Brad nos olhos e acrescentou:

– Ainda estou a tentar perceber tudo isto. Faz ideia de quantas vezes pergunto a mim mesmo porquê? Porquê *ela*? – Atirou as mãos ao ar. – Ainda não tenho resposta.

– Então talvez tenha resposta para isto. O seu *Range Rover* foi recentemente identificado pelo número de matrícula, estacionado no parque do aeroporto na noite em que a sua noiva foi assassinada. Também foi apanhado nas câmaras de segurança a ir buscá-lo dois dias depois. Estava em São Francisco quando ela morreu, Mister Patceвич, e preciso que nos diga porquê.

Alex baixou a cabeça, em silêncio agora.

– Vou buscar café – disse Jerry. Olhou para Alex. – Quer açúcar? Leite?

Alex não disse nada e Jerry encolheu os ombros.

Brad ficou a observar Alex, que parecia incapaz de se mover.

Jerry voltou com as canecas de café morno, reforçado com açúcar. Tinha a certeza que iam precisar. Pousou uma delas em frente de Alex, depois deu outra a Brad e voltou à sua posição encostado à parede, a bebericar a bebida e a observar.

– Por favor, prove o café – disse Brad para Alex, agora com mais suavidade. Afinal, não tinha nenhuma prova consistente contra este homem, nada de concreto de que o acusar: podia apenas fazer perguntas, obter reações e, esperava, respostas. Alex havia mentido à polícia e tinha de existir uma razão para isso.

Alex ignorou o café, ignorou Brad, ignorou Jerry.

– Uma viatura, igual à sua, foi identificada numa bomba de gasolina não muito longe daqui, na noite passada, quando outra mulher foi assassinada.

A cabeça de Alex disparou para cima e fitou Brad.

– O homem usava mocassins de camurça castanha da *Gucci*, identificáveis pelo bridão. Tal e qual como os que está a usar agora.

– Não fui eu. – Alex falou pela primeira vez.

– Não estou a dizer que foi.

– Está bem, então eu estava em São Francisco, quando Julia foi assassinada. Ia fazer-lhe uma surpresa com a viagem a Napa, mas depois ela foi assassinada e eu sabia que seria suspeito. Talvez não tivesse sido a coisa certa a fazer, mas eu não queria isso. E dir-lhe-ei *porquê*, inspetor Merlin. Porque queria encontrar o homem que matou a minha noiva e queria matá-lo eu mesmo. Queria vingança e ainda quero. Se está à procura de um futuro assassino, está a olhar para mim. – Alex deixou-se cair para trás na pequena cadeira de madeira.

Brad olhou outra vez, paciente, para ele. As provas eram puramente circunstanciais. Alex admitira ter mentido à polícia e agora apresentara uma razão para o ter feito. O *Range Rover* e o homem dos sapatos *Gucci* na bomba de gasolina poderia ser qualquer outro homem com um carro daqueles e sapatos daqueles. Não tinham números de matrícula, nenhuma imagem de segurança viável. Não tinham nenhuma prova de que Alex tivesse comprado uma câmara de visão noturna e um tripé ou sequer possuísse algo do género. Não tinham nenhuma razão válida para manter Alex ali.

– Obrigado, Mister Patceвич – disse – por responder às nossas perguntas. Compreende porque tivemos de as fazer de novo, visto que induziu o xerife em erro a primeira vez.

– Sim. Admito. E lamento muito. – Alex levantara-se.

– Vamos mandar alguém levá-lo de volta a casa de Mistress Dexter.

Observou Alex a sair a passos largos da sala, como se estivesse ansioso para se ir embora. Não o censurava. Não podia ser uma boa sensação ser suspeito de alguns dos crimes mais abomináveis da década.

JC não queria acreditar, nem Fen, quando Alex regressou a casa, disse-lhes que tinha de partir de imediato para Los Angeles, sem proferir uma palavra sobre o que se passara na esquadra do xerife. Depois foi-se embora, sem sequer um até breve, depois telefone ou mesmo um agradecimento.

Não era nada como o Alex que pensava que conhecia e Fen ficou preocupada.

– Não podes, pelo menos, perguntar a esse inspetor o que se está a passar? – pediu a Vivi.

– Poder podia, mas sei que ele não me vai dizer. Ele estava aqui em serviço, não para me visitar.

JC voltou para dentro e fechou a porta.

– O «serviço» dele era Alex. – Deixou-se cair numa cadeira, com os cotovelos sobre a mesa, a cabeça entre as mãos. – Eles acham que foi ele.

– Vai correr tudo bem, vais ver – retorquiu Vivi, tentando parecer encorajadora, embora lá por dentro estivesse morta de preocupação.

Fen foi até ao lava-loiça e começou a lavar as chávenas de chá. Pela primeira vez, não sabia o que dizer. Eles suspeitavam que Alex fosse o assassino. Claro que não era verdade, mas podia ele provar isso? Ele poderia tê-la matado a *ela* com facilidade naquela noite da tempestade, quando estava sozinha. Mas, por outro lado, ela não era o tipo do assassino: ele matava mulheres com cabelo comprido castanho, jovens e vulneráveis, não mulheres mais velhas como ela, demasiado espertas para o seu próprio bem.

Hector roncou, de repente, fazendo-as rir, quebrando a tensão. JC foi deitar-se ao lado dele.

– Estás bem, *Hector* – disse com meiguice. – O assassino não te apanhou. – Depois pensou numa coisa. Soergueu-se e olhou para Vivi e para a tia. – Mas não foi Alex que pontapeou *Hector*. Não podia ter sido. Ele estava em São

Francisco.

Fen empilhou as chávenas no corredor e secou as mãos.

– Como sabes, JC? De certeza, quero dizer.

– Porque ele me disse. – JC baixou a cabeça, percebendo é claro que não tinha prova nenhuma, era só o que Alex dissera. Ele poderia ter estado em São Francisco, ou aqui, ou em qualquer outro lugar.

Fen foi sentar-se no chão ao lado dela em frente da lareira e Vivi veio juntar-se a elas.

– Olhem, minhas queridas – disse Fen, sabendo que tinha de ser forte, tinha de ter certezas, mesmo que a sua vida estivesse a desfazer-se aos poucos. – Não podemos permitir que isto interrompa as vossas vidas. O que acontece com Alex é uma coisa que tem de ser *ele* a resolver. Algo está errado, mas a história dele vai esclarecer-se e o inspetor Merlin irá certificar-se que tem a resposta certa.

– A peça certa no quebra-cabeças – murmurou Vivi, a pensar em Brad a dizer que, para ele, a resolução de crimes era como um quebra-cabeças, colocar todas as peças juntas para obter uma imagem completa. Então, e somente então, poderia saber com que estava a lidar e o que fazer.

Olhou para a irmã, toda ela olhos azuis tristes e cabelo loiro comprido. Disse:

– Temos de regressar à cidade. Eu trabalho esta noite. Além disso, não devias estar na loja de antiguidades do doutor Ralph, a verificar o *stock*, ou algo assim?

Tinham acabado de se despedir e partir quando o telemóvel de Vivi tocou. Estava ligada ao *Bluetooth* e atendeu.

Era Brad. A sua voz era baixa e premente. Disse-lhe que estava preocupado com ela e não queria que fosse a lugar nenhum sozinha, sobretudo à garagem do hospital.

– Mas porque não? – perguntou Vivi, surpreendida. – Ninguém quer saber de mim.

– Eu quero – retorquiu Brad. – E quero que mo prometas.

De repente nervosa, Vivi prometeu. Queria muito perguntar sobre Alex, mas sabia que Brad não lho diria. Em vez disso, inquiriu:

– Quando te vou ver?

A voz de Brad suavizou-se.

– Posso tirar algum tempo de folga amanhã. E tu?

– Troco de turno – respondeu Vivi, com um sorriso no rosto. – Poderia cozinhar um jantar como deve ser.

– Na minha casa ou na tua?

– Na minha. JC vai para a cabana do doutor Ralph durante um par de dias.

– Vai?

Brad parecia espantado e, olhando para JC, Vivi percebeu que a irmã também; era óbvio que se esquecera que se tinha comprometido com aquele «encontro» e estava arrependida. Disse a Brad para aparecer na sua casa às seis e meia e, depois, com um olhar de soslaio para o rosto glacial de JC, comentou:

– Vai fazer-te bem ires para fora uns dias.

– Não, não vai – respondeu JC. – Como é possível, quando acabei de ouvir dizer que Alex pode ser um assassino?

– Ele só foi *interrogado* – lembrou Vivi, mas percebia o que JC queria dizer. As coisas não pareciam boas para Alex. – Então está bem – continuou, a tentar mostrar-se alegre –, vais para casa do doutor Ralph e fazes um pouco de psicoterapia grátis.

– Bem que preciso – respondeu JC.

Mais tarde naquela noite, em São Francisco, Vivi conseguiu chegar ao hospital a tempo do seu turno. Deu a volta ao parque de estacionamento e depressa encontrou um espaço livre no terceiro piso. Só quando saiu do *Jeep* e o trancou se lembrou que prometera a Brad nunca estar ali sozinha. Olhou, nervosa, por cima do ombro. Aquilo era ridículo; agora ele tinha-a assustado quando estava perfeitamente em segurança. Aquilo era um *hospital*, pelo amor de Deus!

No entanto, verificou os outros carros quando passou por eles com cautela, mantendo-se no centro do corredor para que ninguém pudesse saltar-lhe em cima. Era uma idiotice, sabia, mas mesmo assim sentia-se apreensiva, recordando os passos que tinham afinal acabado por ser apenas do Dr. Ralph.

Encontrava-se quase no elevador quando ouviu o chiar de pneus e um carro acelerou dobrando a esquina, direto a ela. *O coração pulou-lhe no peito. Saltou com rapidez para um dos lados. Deveria fugir a correr? Escadas? Ou elevador? O carro estava atrás dela agora, e ela corria...*

Alguém chamou o nome dela.

– *Vivi!*

Encostou-se à parede, aliviada; era o Dr. Ralph.

– Oh, meu Deus, outra vez! – exclamou. – Pensei que estava em Hong Kong.

– Regressei mais cedo. – Inclinou-se e abriu-lhe a porta. – Entre um minuto, Vivi, preciso de falar consigo.

Vivi hesitou; estava atrasada para o trabalho, não tinha tempo para conversar e, além disso, o que poderia ser assim tão urgente que precisasse de ser discutido no parque de estacionamento? Queria o Dr. Ralph dizer-lhe que estava apaixonado pela irmã? Parecia um homem enamorado; tinha feito tanto por JC, oferecendo-lhe o emprego, um fim de semana na cabana e tudo o mais. Olhou para o relógio.

– Desculpe, mas já estou atrasada. – Fez-lhe um pequeno aceno e apressou-se em direção ao elevador. – Podemos falar mais tarde. Porque não me telefona?

– *Por favor*, Vivi. – O *Range Rover* deslizou para mais perto, quase lhe bloqueando o acesso. – Preciso de falar consigo sobre a sua irmã.

Vivi parou. Ele abriu mais a porta e ela sorriu, hesitante.

– Sei que quer falar sobre JC, mas lamento muito, não posso. Não agora. Porque não me telefona mais tarde? Tenho mesmo de ir agora.

Com um tinido, o elevador parou no andar de Vivi; saíram pessoas, ela entrou e, com um pequeno aceno final, carregou no botão. As portas fecharam-se. Que amoroso, pensou, JC tinha um «pretendente». Pelo menos seria isso que Fen chamaria ao Dr. Ralph.

Dois dias depois, JC estava a fazer as malas para a sua visita à cabana nos bosques, um procedimento que envolvia despejar uma coleção de roupa interior de algodão pouco exótica (isto é, pouco exótica para uma rapariga com pretensões de *glamour* se tivesse dinheiro) no mesmo saco de viagem muito usado com que chegara na noite da tempestade. Na altura, tinha simplesmente despejado o conteúdo nas gavetas da cómoda de Vivi, empurrando as coisas da irmã para um lado para arranjar espaço.

– Não que eu tenha muita coisa, como podes ver – comentou agora, desconsolada, para Vivi que estava sentada na cama, a observar, fascinada.

– A partir da próxima terça-feira, vais ganhar dinheiro, mas, conhecendo-te, se calhar vais logo gastá-lo. – Vivi pegou num *top* de malha azul que lhe pertencia. – Ainda não usei isto – refilou.

JC encolheu os ombros como se dissesse «não me interessa».

– Nunca aprendeste a partilhar, nem quando éramos crianças. De qualquer maneira, essa cor não te fica bem.

Vivi ergueu o *top*, franzindo a testa.

– Tens a certeza?

– Certeza, certezinha. Ficas melhor de cor-de-rosa e vermelho, talvez verde-azeitona, tipo cor de camuflado, sabes.

– Suponho que é por isso que vais levar o meu casaco.

O casaco acolchoado de caqui estava estendido sobre a cama e JC vestiu-o, cingindo-o com os braços ao corpo.

– *Mmm*, aconchegante – murmurou. – Afinal de contas, Vivi, não ias querer que eu apanhasse frio lá naqueles bosques a pingar de molhados.

– Os bosques não estão a pingar, o sol está a brilhar e há uma brisa agradável.

– Fazes uma bela previsão do tempo, não fazes?! Tudo o que sei é que vai

estar *frio* e vou levar a minha roupa interior térmica e gostaria de ter uma camisola interior de lã, como nos velhos tempos. Quer dizer, passar um fim de semana numa cabana deve ser um pouco como voltar atrás no tempo, não achas?

– O que acho é que *essa* cabana é do *doutor Ralph*, portanto, terá todas as comodidades modernas, incluindo um aquecimento central eficiente e cobertores elétricos.

– Eu poderia gostar mais de um daqueles bons sacos de água quente com o seu casaquinho de malha para me manter aquecida. – JC olhou para a irmã, na dúvida. – Não achas que o doutor Ralph pretende que eu partilhe a cama com ele, não é? Quero dizer, ele não está numa de sexo e romantismo, está?

Vivi pensou que o Dr. Ralph poderia muito bem estar interessado em ambas as coisas e respondeu que sim.

– Quando esbarrei nele há umas duas noites, no estacionamento do hospital, ele queria falar comigo. Sobre *ti*, retorquiu.

– Caramba! – Alarmada, JC afundou-se na cama, uma camisola apertada contra o peito, de olhos esbugalhados. – Quero dizer, Vivi, nunca pensei nele dessa forma, bem só para o provocar, sabes como é, um pouco de *flirt* sem significado nenhum.

– Talvez não seja tão desprovido de significado para ele. Os homens podem levar essas coisas a sério. És uma rapariga linda e ele é um homem que chegou à idade em que está à procura da mulher certa.

– Oh, meu Deus! – JC atirou-se para trás e ficou a olhar para o teto. – Eu devia cancelar isto. Só vou por causa do que aconteceu com Alex. Preciso de afastar a minha mente de todas essas coisas.

– Isso não é verdade. Aceitaste o convite de Ralph antes do problema de Alex e, de qualquer modo, não podes simplesmente desistir agora.

– Por que razão Ralph não me telefonou, afinal? – JC sentou-se outra vez, olhando, acusadora, para a irmã. – Disseste que o viste há um par de noites, mas eu pensei que ele ainda estava em Hong Kong. Até me mandou uma mensagem de lá para me lembrar do nosso encontro neste fim de semana.

– Acho que ele só queria ter a certeza que tu não ias deixá-lo pendurado. E tu não estás a deixá-lo pendurado, de modo que é isso. – Vivi atirou o casaco camuflado para JC. – Podes levar isso emprestado. Não vou precisar dele. Ficarei em casa, a cozinhar o jantar para Brad Merlin.

– Ahh, o *Merlin*. – O olhar de JC era pesaroso. – Sorte a tua. *Eu sou*

obrigada a ir aguentar o raio dos bosques. Nunca fui rapariga de gostar da vida ao ar livre.

– Vais gostar. – Vivi ajudou a irmã a enfiar o resto das suas coisas, incluindo duas das suas próprias camisolas, no saco de viagem.

JC fechou o saco com relutância.

– Vou levar o teu carro – avisou, olhando para Vivi. – É menos provável que se avarie do que o meu e significa que não tenho de ir no carro dele. Se eu ficar farta ou ele ficar todo *sexy*, posso voltar logo para casa.

– Não demasiado cedo, espero – lembrou Vivi. – Tenho um encontro e não quero quaisquer interrupções inesperadas.

Duas horas depois, acenou um adeus a JC e partiu para o mercado italiano, onde comprou presunto de Parma, cortado tão fininho que precisava de pequenas folhas de papel encerado entre cada fatia, para não se colarem num torrão que não se conseguisse desemaranhar, e pudessem depois ser organizadas por ela, fatia a fatia requintada de um tom rosado nos seus pratos quadrados de porcelana branca, com uma colherada generosa de compota de figo. A seguir, comeriam *linguini* fresco caseiro (não feito por ela, também comprado na loja italiana.) Servi-lo-ia apenas regado com um toque de azeite com alho salteado e polvilhado com parmesão fresco, do tipo pálido de que Vivi mais gostava e sabia provir da produção da primavera. Com isso, iria servir o prato de salmão mais fácil e melhor que existia. Era não só pouco trabalhoso, mas também uma tábua de salvação para uma anfitriã muito ocupada. Em primeiro lugar, dispunha filetes de salmão numa cama de manteiga derretida num recipiente que pudesse ir ao forno (manteiga suficiente para aparecer dos lados do peixe); depois espalhava *Moutarde de Meaux* com grãos em cima do salmão, uma camada grossa o suficiente para o cobrir. Mais manteiga derramada por cima. Vinte minutos a meia hora num forno a 150 graus, *et voilà!* O salmão mais macio, mais delicado, contudo picante, e sem um pinga de esforço. Pensou, no entanto, que era melhor não contar ao seu convidado quanta manteiga entrava na preparação daquele prato.

Para sobremesa, uma deliciosa tarte de pera, feita em França, por amor de Deus, comprada no Trader Joe's; um par de garrafas do *chardonnay* de Fen, mais uma garrafa de tinto leve que Brad podia preferir; uma baguete e era tudo. Nada de salada, nem de legumes; Vivi não se ia dar a esse trabalho. Isto seria um jantar romântico... sem confusões na cozinha, sem pratos para

lavar... o *amor* seguiria a sobremesa, o café e os beijos. Esperava.

Apressando-se de regresso a casa para fazer os seus preparativos, pôr a mesa e vestir qualquer coisa *sexy*, Vivi agradeceu em silêncio à tia por lhe ter ensinado a pôr na mesa uma refeição que um homem apreciaria. Podia sempre confiar em Fen.

A viagem estava a demorar mais tempo do que JC esperara. Tentou ligar para o Dr. Ralph do telemóvel para lhe dizer que chegaria tarde, mas não havia sinal. De qualquer modo, ele possivelmente fora às compras para preparar o jantar para os dois, tal como Vivi estava a fazer para o inspetor. A diferença era que Vivi e o inspetor tinham uma «coisa» entre eles. É verdade que estava na primeira fase, mas ainda assim uma «coisa» inegável, ao passo que ela e Ralph eram apenas amigos.

Deixou-se cair em cima do volante, a pensar não em Ralph, mas em Alex. Ele desaparecera das suas vidas com tanta facilidade como entrara nelas. Sobretudo na de Fen. E com a mesma facilidade com que entrara na vida dessas outras mulheres, supunha, a pensar com um arrepio nos assassinatos. Tinha de fazer perguntas ao Dr. Ralph sobre Alex, ver se lhe explicava quem era na verdade aquele homem.

Virou à esquerda saindo da estrada principal para uma via estreita delimitada por silvados cobertos de geada. Atrás deles, uma névoa erguia-se lentamente dos campos. Nenhum pássaro cantava e JC não passou por nenhum outro carro, o que achou bem, visto que a estrada era tão estreita que poderia ter acabado na vala.

O *Jeep* não tinha GPS, embora tivesse uma bússola, por isso pelo menos sabia que se dirigia para noroeste, que era no geral a direção certa, e claro que tinha as indicações que Ralph lhe enviara por fax.

Virou de novo à esquerda, guiou durante mais dois quilómetros, conforme as instruções, detendo-se com um chiar de pneus no que devia ser o desvio certo; uma estrada rural de terra batida que serpenteava através de densos bosques do género Hansel e Gretel. Preocupada agora, JC perguntou a si mesma se aquilo estaria certo. Para uma rapariga da cidade, parecia que a estrada seguia pelo meio do nada. Era óbvio que tinha cometido um erro;

devia ter virado à direita em vez de à esquerda. Verificou outra vez as instruções. Não, aquele era o desvio certo.

O velho *Jeep* de Vivi era mais robusto do que JC pensara, aguentava os solavancos como um profissional, embora ela saltasse, quase batendo com a cabeça no teto. Porra. Não estava mesmo preparada para o «interior profundo». Teria voltado para trás se houvesse espaço de manobra, mas quando se entrava naquela estrada que cortava os bosques não havia como voltar atrás. A névoa estava a ficar mais espessa. Calculava que não jantariam sob as estrelas logo à noite. Também esperava conseguir encontrar o caminho de volta depois do jantar, porque *não* ia mesmo passar ali a noite. Agora, porém, tinha só de seguir em frente, rezar para estar no caminho certo e chegar lá depressa.

Brad sabia que ia chegar atrasado para o seu jantar com Vivi. Eram apenas cinco horas, mas ela dissera para lá estar às seis e meia e ele e Jerry ainda estavam a examinar o vídeo de segurança da bomba de gasolina. Havia alguma coisa que os incomodava e nenhum deles conseguia descobrir o que era. O homem do gorro de esqui e óculos *Ray-Ban* era mesmo Alex? Os *Gucci* eram os mesmos e tinha a altura e a constituição física certas, embora o homem do fato não parecesse ter os ombros tão largos. Era evidente que Alex era um tipo que fazia exercício e isso refletia-se na sua postura, na forma como posicionava os ombros, a leve protuberância dos bíceps sob um casaco. Além disso, Brad apostaria que Alex nunca usava fato.

Sentiu os olhos de Jerry fixos nele.

– O que achas?

– Acho que temos o homem errado.

– Então penso que deveríamos conversar outra vez com o doutor Sandowski. Ver se ele repensa a situação, pois precisamos mesmo da ajuda dele.

Brad ligou para o telemóvel de Sandowski, não obteve resposta, telefonou para o seu consultório. A secretária afetada atendeu.

– Lamento, mas o doutor Sandowski ainda está em Hong Kong.

– Não sabia que ele estava a viajar – retorquiu Brad.

– Pois, sim, inspetor, o doutor partiu há alguns dias. Está no Grand Hyatt, se precisar entrar em contacto com ele, mas ele não gosta de ser incomodado

quando está numa dessas viagens.

Brad entendia. No entanto, telefonou para o Grand Hyatt de Hong Kong, pediu para falar com o Dr. Sandowski, mas disseram-lhe que não estava registado lá. E não, não ia lá há vários meses, não havia nenhum seminário médico a decorrer, e, sim, ficava sempre naquele hotel quando se encontrava em Hong Kong.

Brad não gostava de ser surpreendido. Teve de súbito a sensação que confiara no homem errado.

– Há aqui alguma coisa estranha – disse para Jerry. – Precisamos de verificar os registos de todos os voos que partem de São Francisco para Hong Kong, mesmo os com escalas, bem como os que partiram de Los Angeles. O nosso doutor não foi visto em Hong Kong. Então? Onde esteve nestes últimos dias? E o que andou a fazer?

– Caramba. Estás a pensar o que eu estou a pensar?

– Eu estou a pensar que o médico não tem andado a dizer a verdade. Desapareceu durante dias a fio, toda a gente a pensar que ele está fora em serviço, num seminário em Hong Kong. E agora pergunto-me onde se encontrará.

Brad estava sentado à sua secretária, a girar a caneta para cima e para baixo entre os dedos, a pensar. Não gostava de ser enganado e fora sem dúvida enganado.

– Telefona a alguém da AmEx – pediu a Jerry. – Aposto que o cartão de crédito do doutor é o Platinum. Começamos a partir daí. Poderá ter deixado um rasto de papel.

Olhou para o relógio; poderia estar equivocado; poderia ficar a saber que estava tudo bem e descobrir que Sandowski partira simplesmente numa aventura com uma mulher que queria manter em segredo. Poderia até conseguir chegar a tempo para o seu jantar com Vivi. Pousou a caneta e fez figas. Depois levantou-se e levou *Flyin'* a dar um passeio à volta do quarteirão.

– Foi fácil – saudou-o Jerry quando voltou a entrar. – Na noite passada, o nosso doutor jantou num restaurantezinho perto de Big Sur. Pagou com American Express Platinum, deixou uma gorjeta de vinte por cento e assinou o papel, bem ali. – Indicou a impressão sobre a mesa de Brad. – Com o seu

próprio nome.

– Na noite depois da prostituta ter sido morta – disse Brad. – Por um tipo que calça *Gucci* e conduz um *Range Rover* preto.

– Ele também usa um fato – acrescentou Jerry.

Brad pegou no telefone, ligou outra vez para a secretária do médico.

– Diga-me uma coisa – pediu. – Será que comprou recentemente um tripé para câmaras para o doutor?

– Ora, sim, claro – respondeu ela. – O doutor confia-me sempre tarefas como essa. Comprei-o na loja chinesa.

– Obrigado, era tudo o que eu queria saber. – Brad desligou o telefone e olhou para Jerry. – É o nosso homem.

Sabia que tinham de encontrar Sandowski antes que este matasse outra pessoa. E tinha de cancelar o jantar com Vivi.

Ela atendeu ao primeiro toque.

– Ei – exclamou, contente. – És tu.

– Sou eu – concordou Brad.

Notou logo a hesitação da voz dele.

– Então – disse –, o que se passa?

Brad sabia que ela pensava que ele ia cancelar porque já parecia chateada.

– Creio que poderemos ter identificado o assassino. Anda por aí algures e agora temos de sair e encontrá-lo antes que faça outra vez a mesma coisa. Lamento, Vivi, mas não consigo ir ao jantar.

– Como não sabes onde ele está? – Vivi estava demasiado perto das lágrimas de decepção para o esconder de Brad, mas, desta vez, ele não pediu desculpa, nem tentou consolá-la. Estava apenas a fazer o seu trabalho.

– Não sabemos porque ele deveria estar em Hong Kong. Acontece que afinal nunca sequer foi para lá. Não está em casa e ninguém sabe onde ele está.

– *Oh, meu Deus!* – exclamou Vivi.

– Lamento muito, Vivi, sei que te esforçaste por causa deste jantar, eu estava ansioso a contar com ele, talvez noutra altura.

– *Não!* – gritou Vivi.

Depois, outra vez:

– *Oh, meu Deus!* Eu sei de *quem* estás a falar. É o doutor Ralph não é? Oh, meu Deus, Brad, eu sei onde ele está. *E JC está com ele.*

Ralph Sandowski fora sempre um homem meticuloso, mesmo nos crimes que cometera. Tudo tinha de estar no seu lugar. Não deixava nenhum indício na sua casa para a empregada descobrir, embora tivesse largado as calças pretas e a camisola preta de gola alta para ela lavar. A menos, claro, que houvesse sangue, nesse caso destruía ele mesmo as roupas, queimava-as junto com o lixo de jardim ou atirava-as para um contentor do lixo, bem escondidas em sacos de plástico. Odiava essa parte das coisas, porque com ela vinha uma certa forma de realidade que não queria enfrentar. Mal terminava, o assassínio despachado, o prazer sexual, que o enchia de uma sensação de poder, alcançado, não sentia nada. De qualquer modo, não queria saber de mulheres. Atraía-as com facilidade, com um sorriso, com as suas qualificações e as suas maneiras agradáveis. Até há pouco tempo, quando se desviara do seu guião estabelecido. Tinha-se comportado de forma impulsiva; abrira uma fenda na armadura que construía com tanta cautela: a do assassino aleatório, embora a verdade fosse que escolhia as suas vítimas com grande cuidado.

Agora, tinha de ser ainda mais cuidadoso.

Estava na cabana, na sala a que chamava o seu antro. A lareira encontrava-se acesa por causa do frio e alegrava a sala, com as suas duas poltronas de pele vermelha em frente e uma cesta de maçãs rosadas sobre a mesa baixa de madeira, onde também colocara a faca na sua bainha de couro mexicana, ao lado da pequena câmara, do novo tripé e de duas novas máscaras de esqui de lã preta. Uma delas era bastante frívola, com um pompom em cima. *Feminina*, pensara, a sorrir quando a comprara. A vendedora sorrira também, afofando o pompom, e dissera:

- Ela vai gostar deste, senhor.
- Pode apostar que sim – respondera ele.

Pegou num gorro de esqui, na câmara e no tripé, levou-os para o seu quarto e colocou-os em cima da cama, prontos para serem usados. Atou a bainha de couro à perna, mais para baixo, desta vez, na barriga da perna, depois fitou a faca durante um longo momento, à espera em cima da mesa. O seu aço frio cintilava à luz da lareira. Ninguém sabia quantas vezes usara aquela faca ao longo dos anos, quantos lugares, quantas mulheres, todas elas jovens, voluptuosas, inocentes de faces rosadas. Isto é, até há pouco tempo, quando cometera o seu erro impulsivo. Mas não queria pensar na prostituta da bomba de gasolina, não queria recordar-se de ter perdido o domínio. Enfiou a faca na bainha, em segurança, na barriga da sua perna. Era bom senti-la ali.

A dor disparou outra vez de repente pelo seu braço esquerdo abaixo, tão atroz que desta vez o fez gritar. Afundou-se na poltrona de orelhas, agarrando o braço com a mão direita, forçando-se a inspirar fundo. Mas depois a dor subiu-lhe para a nuca. Sentiu o peito comprimir-se, como às vezes acontecia quando tinha azia. Dizendo consigo próprio que o pão sempre lhe provocava azia e que não deveria ter comido aquele *croissant* ao pequeno-almoço no café, esperou que o espasmo passasse. Tinha consulta marcada na segunda-feira com o cardiologista, faria os testes, trataria de resolver isto. Caramba, porém, não conseguia respirar.

Cambaleou até à porta, puxou-a até a abrir e ficou ali a engolir ar. Sabia que não podia ser um ataque cardíaco, porque fazia regularmente *check-ups*, todos os anos. Fazia aqueles malditos testes de esforço que o deixavam sempre a ofegar, até que a sua pulsação abrandava, e recebia sempre um atestado de saúde perfeito.

Pronto, agora estava a abrandar. Estava bem agora, só com a respiração um pouco mais pesada, era tudo. Certo. Deveria começar com os preparativos. A primeira coisa era verificar a espingarda, uma tarefa de que gostava.

Abriu uma garrafa de vinho, não um *bordeaux*, um bom vinho pesado não era para beber de forma descontraída, este era apenas um *merlot* mais barato da Califórnia. Bebeu alguns goles, considerando o que estava para vir, depois continuou com a sua tarefa. Estava tudo bem outra vez. Agora.

O *Jeep* avançava aos soluços incertos pela colina acima através de matagais de árvores invasoras de ramos nus que roçavam nas janelas e lançavam sombras escuras. JC ligou as luzes, focando os feixes altos no caminho meio arenoso. Merda, o Dr. Ralph podia tê-la avisado disto. Ela teria dito «obrigada, mas não, obrigada». E se estivesse perdida? Verdadeiramente perdida. Meu Deus, estava mesmo a passar-se, os horríveis contos de fadas de Hans Christian Anderson, ou seria de Grimm?, estavam a transformar-se em realidade. Sempre detestara aqueles malditos «contos de fadas»; eram sinistros e tinham-na assustado como tudo quando era criança. Agora, estavam a fazê-lo de novo.

Além disso, estava com fome e a desejar ter pensado em trazer uma sanduíche para a viagem, como Fen sempre costumava fazer quando elas eram pequenas.

JC sorriu, a pensar em Fen e então, como se ela fosse o seu amuleto da sorte, entrou de repente numa clareira no cimo da colina. Empoleirada no topo encontrava-se uma cabana muito encantadora. Tal e qual como a cabana de um conto de fadas «bom», toda ela de madeira, troncos grossos, com uma chaminé espetada de um lado e, ali também, na soleira da porta aberta, encontrava-se o Dr. Ralph com um gorro de esquí e óculos escuros. O Dr. Ralph também tinha uma arma enfiada debaixo do braço. Caramba! Ele era mesmo fanático da caça, mas ela não queria matar nenhum veado.

– Bem-vinda, bem-vinda – exclamou ele, a sorrir. – *Ups*, desculpe – acrescentou, apercebendo-se do rosto chocado dela –, estava só a limpar as *Purdey*, não queria assustá-la.

– Oh, as famosas *Purdey*. – JC lembrava-se delas do jantar no restaurante chinês. – Eu nem sabia o que era uma *Purdey* até que o conheci – observou enquanto ele apoiava a espingarda contra a porta e corria para o carro para a

ajudar.

– Então agora vou ter oportunidade de lhe ensinar tudo sobre elas.

Puxou o saco dela da parte de trás, fingindo deixá-lo cair por causa do peso.

– O que traz aqui dentro? – inquiriu. – Botas de mergulho?

JC riu-se e deu-lhe um abraço; não que quisesse aproximar-se muito, nem queria que ele ficasse com ideias, mas parecia a coisa certa a fazer, abraçar um amigo, beijar-lhe ambas as faces. De qualquer forma, ele cheirava bem, como uma espécie de limonada.

– Muito frio para nadar – comentou Ralph. – Embora tenhamos uma bela piscina natural nos bosques, com uma pequena cascata que é encantadora no verão. Podemos dar um passeio mais tarde, se quiser, e posso mostrar-lha.

JC voltou a olhar para a estrada estreita que seguia através da mata densa de árvores. Quase uma floresta, pensou. Olhou para os campos aparados que rodeavam a cabana de conto de fadas no cimo da sua colina. Esperava que tivesse eletricidade.

– Está a tremer – disse Ralph. – Rápido, entre, vamos aquecê-la. Tenho a lareira acesa e pode dizer-me o que gostaria de beber.

O braço repousava ao de leve sobre os ombros dela quando se encaminharam juntos para a sala aconchegante com a lareira a cintilar, a cesta de maçãs rosadas, a garrafa de vinho aberta e os dois copos.

– Pronto, deixe-me tirar-lhe o casaco.

Colocou-lhe as mãos nos ombros, mas JC abraçou mais o casaco camuflado de Vivi, ainda gelada.

– Vou ficar com ele vestido por enquanto – retorquiu, em tom meio contrito, porque era óbvio que ele estava preocupado com o seu conforto.

– Então deixe-me servir-lhe um pouco de café. Acabado de fazer, fi-lo há dez minutos. Brasileiro torrado escuro, e há leite quente também, se quiser. Talvez um copo de vinho também?

JC afundou-se numa das poltronas de pele vermelha em frente da lareira, ainda a apertar o casaco. Tinha os pés dormentes e estava definitivamente pouco satisfeita, mas sorriu para Ralph enquanto este se atarefava com o café. Estava a usar o gorro de esqui e pensou que ele também devia estar a sentir o frio nos ossos. Além disso, continuava ainda com os óculos escuros *Ray-Ban*, embora estivessem dentro de casa.

Desejou nunca ter vindo. De que diabo iriam falar durante um dia inteiro?

E uma noite, porque não havia hipótese nenhuma de ela conseguir conduzir por aquela maldita estrada no escuro e que Deus a ajudasse se o carro avariasse e ficasse encalhada no meio desses bosques sombrios, sem sinal no telemóvel. Não havia maneira de sair desta. Calculava que teriam de falar de antiguidades e depois talvez ela conseguisse levá-lo a oferecer-lhe um pouco de psicanálise grátis de que ela tão obviamente precisava.

– Talvez beba um copo de vinho – disse em tom cansado. Tinha sido uma longa viagem para nada. Fechando os olhos, desejou estar em casa de Fen.

– JC?

Os olhos abriram-se de rompante. O Dr. Ralph estava debruçado sobre ela.

– O seu vinho – ofereceu ele, a sorrir.

JC não conseguia ver-lhe os olhos por trás das lentes escuras.

Ele deu um passo atrás, à espera que ela bebesse um gole e depois disse:

– Porque não me deixa mostrar-lhe o seu quarto? Talvez depois disso, possamos dar um passeio? Pôr o sangue a circular nas veias depois desse longo trajeto de carro? Quero mostrar-lhe a minha cascata particular, é tão bonita.

– Certo – concordou JC.

Então está bem, ela faria o papel de boa convidada, beberia o vinho, nem sequer um *bom* vinho, pensou surpreendida, quer dizer, pensar-se-ia que o médico poderia ter gasto um pouco mais. Oh, bem, talvez ao jantar ele escolhesse uma coisa melhor. Enquanto isso, boa convidada que era, veria o seu quarto, embora com certeza não fosse desfazer a mala. Não ia ficar tempo suficiente para isso, mesmo que tivesse aquecido um pouco. Iria dar essa caminhada no raio dos bosques dele. *Ela! A miúda da cidade! A passear nos bosques!* Devia ter ficado em casa, exceto que Vivi tinha o Merlin para jantar e não quisera limitar-lhe o campo de ação.

Força, Vivi, pensou; largou rapidamente o seu saco no quarto muito pequeno e muito escuro nas traseiras, que seria o seu, seguiu, obediente, o Dr. Ralph até à porta da cabana, esperou enquanto ele destrancava o armário das armas com portas de vidro e tirava o que pareceu a JC ser uma espingarda muito poderosa.

– Oh, meu Deus – exclamou, chocada. – Não me diga que pretende disparar nalguma coisa com essa arma!

O Dr. Ralph voltou a trancar o armário, depois virou-se e lançou-lhe um olhar longo e silencioso.

– Oh, não, minha cara JC – disse por fim. – Não tenho intenção de matar nada com isto, a não ser, claro, se um urso errante se cruzar no nosso caminho. Não, não, sabe, não sou esse tipo de caçador.

– Então que tipo de caçador é afinal?

– Porque não vamos descobrir?

Os olhos de Ralph por trás dos óculos escuros, fixaram os de JC, e então, de repente, o estampido agudo de um tiro soou vindo lá de baixo, do sopé da colina. Ele virou-se, a espingarda ao ombro, uma bala já na câmara. *Pronto*, pensou JC, com um calafrio repentino de pavor, *para matar*.

– Anda alguém na minha propriedade. – Ralph avançou, esmagando a gravilha, em direção ao bosque. – Vamos, JC, não quero deixá-la para trás, vamos descobrir o que se passa. Caçadores furtivos, aposto.

JC não queria ir com ele. Ele era assustador. Não queria saber de caçadores furtivos. Não queria ter nada a ver com esta cabana nos bosques e tiros de espingarda vindos de nenhures e armas e mais armas. Ralph transformara-se num instante, deixara de ser o médico encantador que entendia os problemas das pessoas e tornara-se um desconhecido frio. Não conhecia este homem. Estava com medo dele. *Queria sair dali*.

Tentou rapidamente pensar numa desculpa para escapar.

– *Hum*, acho que vou lá dentro num instante buscar um chapéu – disse. – Está tanto frio aqui fora. – Pegava no seu saco, dava uma corrida para o carro e ia-se embora. Não se importava com o que ele pensasse. Aquilo ali era sinistro como o inferno.

Lá dentro, a lareira cintilava aconchegante e as maçãs brilhavam rosadas.

Oh, meu Deus, porque estaria com medo? Era ridículo. O homem era um médico, um psiquiatra, possivelmente dir-lhe-ia o que estava errado com ela, se lhe perguntasse, só que agora já não queria perguntar-lho.

Correu para o seu quarto para ir buscar o saco, passando pelo quarto dele em caminho. Parou à porta e ficou a olhar para a cama dele. Em cima dela encontrava-se um gorro de esquí de lã preta. Uma pequena câmara. Um tripé. E um bloco de *post-it* verde.

Meu Deus! Oh, meu Deus! O medo explodiu na cabeça de JC. *Tudo o que ouvira contar a Brad Merlin e a Vivi atravessou-lhe a mente: a forma como o assassino matava as suas vítimas, a forma como as fotografava; os post-it verdes que diziam Por favor, não contes...*

JC queria gritar, mas não o fez. Nem podia telefonar; não havia sinal. Os

dedos trémulos encontraram as chaves do carro ainda no seu bolso. Poderia escapar enquanto Ralph verificava aquele tiro que viera dos bosques, poderia conseguir descer a colina... a não ser que ele disparasse primeiro contra ela! Mas não, o Dr. Ralph tinha planos diferentes para ela. Sabia-o agora.

O coração batia-lhe tão depressa que duvidava que conseguisse sair da cabana, muito menos descer a colina, mas era a sua única esperança. Viu-o ainda a perscrutar os bosques, espingarda ao ombro, e percebeu que nunca conseguiria chegar ao carro. Teria de se esconder nos bosques, era a sua única hipótese, a sua única esperança. Saiu pela porta a correr.

As árvores fecharam-se em volta dela, tropeçou em raízes, os espinhos repuxavam-lhe o casaco camuflado que, pelo menos, lhe oferecia algum tipo de proteção, visto que era da mesma cor que a paisagem. *Obrigada, Vivi, oh, obrigada, Vivi... será que te verei outra vez...*

JC parou, sem fôlego, ouviu-o a avançar pelo matagal espesso, ouviu-o praguejar, depois um tiro de espingarda...

– *Não penses que consegues escapar, JC.*

A voz dele vinha de bem perto, cortando o ar gelado.

– Conheço todos os centímetro destes bosques – gritou ele. – Só te vais cansar quando podíamos estar a tomar um bom copo de vinho em frente da lareira, a conversar sobre as coisas. Sabes que tenho muito que te dizer, JC. Não és propriamente a minha mulher ideal, a bem dizer, mas quero-te bem. Tens um espírito independente de que gosto, por isso porque não fazemos uma trégua? Volta comigo para a cabana e vamos conversar, antes que apanhes uma constipação de morte.

JC agachou-se num sulco cavado na colina; não era fundo o suficiente para ser uma caverna, mas, pelo menos, proporcionava-lhe um certo esconderijo. Ficou sentada perfeitamente imóvel. Se se mexesse, ele poderia ouvir. Demasiado receosa para lágrimas ou até mesmo para respirar demasiado alto, esperou que chegasse o seu fim.

Oh, Vivi, oh, Fen, pensou. *Nunca mais as vejo.*

As lágrimas gelaram-lhe no rosto.

Em Big Sur, o tempo estava calmo, mas frio. Fen encontrava-se na cozinha a preparar um *coq au vin*. Era uma cozinheira francesa clássica à moda antiga e não ia mudar para nenhuma cozinha de desconstrução *avant-garde* com espumas, azeitonas desmanchadas e morangos remodelados para se parecerem com, adivinhem, azeitonas e morangos. Na sua casa, as azeitonas vinham como cresciam nas árvores ou numa garrafa de bom azeite, como o que estava a usar agora para fritar as partes do frango, ao mesmo tempo que mexia o *mirepoix* (ora aí estava uma palavra francesa das suas antigas aulas de culinária no Cordon Bleu, em Paris), que significava uma mistura de cebola picada, alho, aipo e tomates Roma, a que estava prestes a adicionar um pouco de brande, sem dúvida não de acordo com a escola de culinária clássica, deixando o álcool flamejar e extinguir-se antes de adicionar o frango e uma garrafa de vinho decente. Não o *melhor* vinho; isso seria um desperdício, mas o tipo de vinho decente que se poderia beber numa noite como a que aí vinha, passada sozinha. Claro que não exatamente *sozinha*: estava com *Hector*, que parecia angelical com o seu colar e farejava o cheiro dos cozinhados, apreciador. *Hector* não podia comer frango, mas Fen tinha um bom osso de vaca que o homem do talho guardara para ele e, mais tarde, estaria a roê-lo satisfeito, enquanto ela beberia satisfeita, e, se calhar, roeria os seus próprios ossos de frango.

Fez uma pausa antes de virar o frango, olhando pela janela para a névoa que vinha do oceano. Antes tinha estado sol, um dia luminoso e alegre. Agora, porém, o nevoeiro trazia com ele um toque de eternidade, um indício meio escondido do familiar, tornado desconhecido. Sem qualquer razão, Fen sentiu-se de súbito nervosa. Encaminhou-se para as portas envidraçadas e abriu-as de rompante, recordando a tempestade, o rugido do vento e a chuva a bater no telhado como balas, não assim há tanto tempo.

Hector veio, como sempre fazia, pôr-se ao lado dela, farejando o ar frio antes de voltar para trás, preferindo a cozinha quente e os seus cheiros bons. Fen desejou de repente que as suas meninas estivessem com ela. Desejou que estivessem todas as três na cozinha, a mexer as panelas no fogão, a petiscar azeitonas e queijo, a escolher um vinho para beberem com o prato de frango.

Fen pensou em Alex, a ser interrogado pela polícia. Não tivera notícias dele desde então e calculava que nunca mais teria.

Sentindo-se muito «sozinha», ligou para o telemóvel de Vivi e ficou espantada quando ela atendeu ao primeiro toque.

– És tu, JC! – exclamou Vivi quando atendeu.

Surpreendida, Fen respondeu:

– Não, querida, sou eu, Fen. – Mas Vivi parecia perturbada. – O que se passa? Onde está JC, afinal?

– Oh, Fen, gostaria de te poder dizer onde está, mas não posso. Não é possível, ainda não.

Visões de JC no hospital surgiram de repente na cabeça de Fen.

– Meu Deus, rapariga, de que estás a falar? O que se passa com JC? E *porque* não me podes dizer? Ela está ferida?

Pressentindo que alguma coisa má se passava, *Hector* levantou-se e chegou-se a ela. Fen passou a mão, distraída, pelo seu pelo dourado e espesso.

– Vivi, diz-me onde está JC – pediu. – *Agora mesmo*. É a tua *tia* que está a falar.

– Mais tarde, Fen, prometo – retorquiu Vivi. E desligou.

Atordoada, Fen afastou de si o telefone. *Vivi tinha desligado a chamada dela*. Marcou logo outra vez o número de JC. A linha não funcionava.

Oh, meu Deus, o que acontecera? Em que se metera agora JC? Fen foi até ao fogão e apagou a chama sob o *coq au vin*. Já não parecia importante.

Vivi estava de volta ao seu telefone, a tentar o número de JC talvez pela trigésima vez. Claro que não havia resposta. Brad dissera-lhe que não havia sinal naquela zona. Pensou em Brad no helicóptero, a caminho da cabana de Ralph Sandowski e da sua irmã.

JC levava o *Jeep* de Vivi, por isso agora tinha de chamar um táxi para ir para o hospital. Esperaria lá, esperaria para ver se a irmã, que estava à mercê

de um assassino em série, ainda estava viva. Se estivesse ferida, Brad iria trazê-la para o hospital. Vivi cuidaria dela. *Não deixaria JC morrer.*

O helicóptero zumbia através do denso dossel de árvores, onde as últimas folhas flutuavam, caindo no chão. Nuvens amareladas repletas de uma promessa de neve comprimiam-nas e uma névoa cinza subia em redemoinho do solo húmido. De onde se encontrava sentado na carlinga bolha, Brad conseguia ver os três helicópteros seguintes: um deles era um helicóptero de evacuação médica. Jerry seguia num dos outros com uma equipa da SWAT. Não tinha havido qualquer brecha na paisagem florestal, contudo, estavam perto, sabia Brad, da cabana de Sandowski. Conseguia ver a estrada estreita que serpenteava até à colina por entre as árvores e, de repente, como uma miragem, lá estava ela no topo de uma clareira. A vegetação tinha sido cortada numa ampla faixa em redor e o piloto procurou um local para aterrar, querendo deixar espaço para os outros.

– Já cá estamos – gritou por cima do barulho dos rotores e depois desceram, pousando com um solavanco no terreno acidentado.

Brad ouviu o tiro de espingarda quando saltou do helicóptero. Estendeu a mão para a sua *AK-47*, avisando o piloto para se manter baixo. Os outros dois helicópteros aterraram com suavidade nas proximidades. O de evacuação médica ficou a planar lá no alto. Brad fez um gesto de aviso para Jerry, que ergueu as mãos para fazer recuar os outros homens e veio ter com ele a correr, meio agachado.

– O que se passa? – inquiriu Jerry, já sem fôlego.

– Tiro de espingarda. Veio dos bosques, ali mesmo. – Brad apontou com a arma para as árvores mais próximas da cabana. – Não muito longe também, mas o nosso tipo não estava a disparar para o helicóptero. Aposto que estava a disparar sobre JC.

A equipa da SWAT e os seus especialistas em reféns precipitaram-se para as árvores, formando um cordão humano, espingardas nos ombros, os dedos já nos gatilhos. A unidade canina com o seu pastor alemão esperava, em silêncio. Brad e Jerry assumiram uma posição no centro.

Uma folha flutuou com ruído do cimo de uma árvore. Uma pequena criatura restolhou na erva. A tensão crepitava como descargas elétricas. Toda a gente sabia qual o seu trabalho, sabia da importância de conseguir resgatar

JC com vida.

Então, usando um megafone que propagou a sua voz através das árvores, Brad pediu ao médico que se rendesse.

Nas profundezas do bosque, com a sua própria espingarda preparada e um sorriso no rosto, o Dr. Ralph escutou.

Eles que suplicassem. Ele não saía dali até que JC morresse. A cabra estúpida tinha lixado todo o seu mundo, sem falar dos seus planos para ela e para a cabra da irmã, Vivi. Caramba, como as odiava.

– Doutor Sandowski. – Era Brad agora no megafone. – Estou a pedir-lhe para se entregar. Vamos negociar. Solte a rapariga e receberá um tratamento justo. Não se vai conseguir nada agora com uma tragédia sem sentido.

Sandowski estava a ouvir, mas não ouvia Brad, não o estúpido inspetor com a mania que sabia tudo, que acreditava que todos os crimes eram quebra-cabeças simplesmente à espera de serem resolvido. Ninguém jamais teria resolvido este se não fosse a estupidez de JC e, tinha de admitir, a sua própria falta de cuidado. Ele sempre trabalhara no escuro. Sempre sozinho. Apenas ele com o seu gorro e os seus óculos, com a faca presa à barriga da perna, preparado. Agora, porém, planeava apanhar JC antes desses sacanas idiotas poderem sequer saber onde ele se encontrava ou onde *ela* estava. Estenderia os braços e pernas de JC na cama de folhas que formaria a sua mortalha; cortar-lhe-ia os dois pulsos com aquela faca tão linda e afiada, veria o sangue esvair-se, veria os olhos de JC escurecerem com o choque. Só então lhe rasgaria a garganta.

Se esses polícias pensavam que alguma coisa estava diferente, podiam tirar o cavalo da chuva. Agora, tudo o que tinha a fazer era encontrá-la. Ergueu a cabeça, farejando o ar como um cão. Quase conseguia cheirar-lhe o medo. Sabia que ela não estava muito longe.

JC mantinha-se muito quieta, no seu minúsculo espaço semelhante a uma caverna; pensou que os músculos contraídos iam ceder à tensão. Silvados com espinhos picavam-lhe as pernas, arranhavam-lhe o rosto. Só esperava que a escondessem até que Brad chegasse. Ouvira a sua voz no megafone e percebera que vinha aí ajuda, mas, *oh, meu Deus, oh, meu Deus*, ele podia

não chegar a tempo. O Dr. Ralph ia matá-la, tão certo como matara as outras.

– Sei que estás aí, JC – ouviu Sandowski chamar. Parecia mais perto. – Lembra-te, conheço estes bosques como a palma da minha mão, sei onde estás, consigo *cheirar-te*, JC, *cheiro* o teu medo.

O pastor alemão da unidade canina puxava a sua trela. O seu agente tivera receio de deixar ir o cão, receio de perturbar a sua presa, receio que ele pudesse disparar. Agora, porém, Brad fez sinal para o libertarem, o cão abriu caminho através das árvores e eles seguiram-no. A equipa da SWAT organizou-se mais perto do bosque, cortando todos os possíveis caminhos de fuga, as *AK-47* aos ombros.

O Dr. Ralph *ouviu* JC. Ouviu-a expirar, um suspiro de alívio inoportuno, pensando que a ajuda estava perto. Sorriu. Agora sabia onde ela se escondera, na fenda rasa que quase se tornara uma caverna. Abriu caminho através da vegetação, segurando a espingarda acima da cabeça, como um fuzileiro naval em combate. E depois viu-a. E JC viu-o.

JC gritou. Um grito prolongado, agudo, que cortou o silêncio da floresta e chegou aos ouvidos dos homens à espera, que vieram a correr por entre as árvores, liderados pelo cão.

Porra, pensou o Dr. Ralph, demorando todo o tempo do mundo a focar JC na sua linha de mira. Ela estava achatada contra o banco de terra atrás dela, com os braços abertos, parecendo uma estrela de cinema mudo em perigo. Os seus olhos fitaram os dele quando ele se agachou e fez pontaria.

Nesse preciso momento uma dor disparou-lhe pelo braço esquerdo abaixo, cortante como a bala que ainda não descarregara. Atingiu-lhe o peito como fogo, viajou até ao pescoço como um relâmpago. Não conseguia respirar. Porém, ainda tinha o dedo no gatilho.

A dez passos de distância, Brad fez pontaria. A *AK-47* era uma arma poderosa, mas não atirou para matar. Queria aquele filho da puta vivo. As

balas varreram as pernas de Sandowski e ele caiu de cara para a frente, com a sua própria espingarda ainda apontada a JC. Ainda olhava para ela quando puxou o gatilho.

Sandowski estava caído, de bruços, no chão. O seu sangue ensopava o tapete de folhas mortas.

A poucos passos de distância, JC jazia numa desordem bamba, pernas enroladas debaixo de si, os braços por cima da cabeça. Sangrava de um ferimento de um dos lados.

Caramba... oh, meu Deus... Brad correu para ela. Jerry gritou pelos paramédicos e a equipa da SWAT avançou em grupo, as armas ainda a postos.

O pastor alemão vigiava JC, orgulhoso, os beiços arrepanharam-se num rosnido de advertência quando Brad chegou mais perto. O treinador chamou-o.

Brad ajoelhou-se sobre ela. Pegou-lhe no braço e afastou-o com cuidado do rosto. Ela abriu os olhos e olhou para ele.

– Dói como tudo – disse, pousando uma mão sobre o buraco de lado, onde o sangue escorria. – Agora é que estraguei o casacão de Vivi – acrescentou com um lampejo do seu velho sorriso. – Ela vai matar-me.

– Ninguém te vai matar, JC – retorquiu Brad, enquanto os paramédicos, trazendo macas dobráveis cor de laranja, se arrastavam na sua direção e começavam rapidamente a avaliar os ferimentos.

Jerry estava de pé, com a AK-47 descaída na mão, a olhar para o assassino, enquanto outros paramédicos o faziam deslizar para uma maca. Sandowski tinha os olhos fechados e o rosto apresentava uma palidez esverdeada. Os paramédicos estavam a tentar estancar o sangue que escorria das pernas estilhaçadas onde Brad o pulverizara de balas. Jerry sabia que Brad poderia ter apontado mais acima, tê-lo matado logo, mas quisera tanto Sandowski vivo, quisera muito que ele pagasse pelos seus atos terríveis num tribunal de direito, diante de doze homens bons e justos. Ambos queriam que Sandowski

conhecesse o medo que as suas vítimas tinham conhecido.

Um dos paramédicos levantou os olhos.

– É o coração, bem como os ferimentos de bala. Este homem está em choque cardiogénico. Poderá não sobreviver.

Os olhos de Brad cruzaram-se com os de Jerry.

– Levem o sacana para o serviço de urgência – rugiu Brad. – Agora mesmo.

Sandowski foi carregado na maca laranja pelos bosques para o helicóptero de evacuação que os esperava. Numa maca atrás dele vinha JC, tão pálida que os lábios pareciam exangues, as pupilas dilatadas com o choque, a medicação para a dor e a epinefrina que lhe tinham injetado.

– Vais ficar bem – disse-lhe Brad ao ouvido, quando a maca passou por ele.

– Estás bem, JC. Ele já se foi. E Vivi vai estar à tua espera. Vou comunicar com ela agora via rádio para dizer que vais a caminho.

O sorriso de JC era, pensou Brad, o sorriso de uma verdadeira inocente. Uma jovem feliz que sempre tratara a vida como se fosse um jogo para jogar. E agora o jogo virara-se contra ela. JC tinha muita sorte em estar viva.

Mal eles partiram, Brad puxou o seu rádio e ligou para Vivi no hospital.

– JC está bem – disse antes de ela poder perguntar. – Levou um tiro no lado esquerdo. Os paramédicos dizem que não perfurou nada importante, mas vai precisar dos teus carinhosos cuidados.

– *Oh, meu Deus, oooh, meu Deus...* – A voz de Vivi era fraca de alívio.

– Sandowski também vai a caminho. Foi baleado nas pernas. Parece que também pode ter um problema cardíaco. Não estou a sugerir que lhe prestes os teus carinhosos cuidados, mas faz o possível para o manter vivo. Quero que ele enfrente o seu dia de julgamento. Sozinho. No tribunal.

Vivi estava à espera no serviço de urgência que o helicóptero de evacuação médica pousasse. Havia polícias por todo o lado, mas os meios de comunicação que, de alguma forma, tinham sabido da notícia, haviam sido mantidos lá fora, onde as câmaras de televisão e os jornalistas já estavam a dar uma versão não oficial do que acontecera. Sabiam que o assassino em série tinha sido apanhado, que estava a ser levado para o hospital. O que ainda não sabiam era como se chamava ou quem era.

A equipe de Vivi mantinha-se em silêncio: os jovens internos e as maravilhosas enfermeiras com quem trabalhava há anos, todos sabendo quem vinha para o hospital, todos apreensivos como ela. Uma chamada advertiu-os que o helicóptero de evacuação médica estava a chegar.

Vivi enfiou o cabelo sob a touca de plástico, esfregou mais uma vez as mãos antes de puxar as luvas cirúrgicas finas.

Trouxeram primeiro JC e Vivi foi ter com ela. A equipa já estava a cortar a roupa de JC, a verificar-lhe o pulso e a pressão arterial, a inserir tubos, a colocar-lhe uma máscara de oxigénio sobre o rosto.

– JC, sou eu, Vivi – disse, olhando não para o rosto da irmã, mas para o buraco no seu flanco. – Virem-na – ordenou. – Precisamos de ver onde a bala saiu.

E viu. O sangue ainda escorria um pouco do ferimento, mas, pelo menos, Vivi sabia que não havia nenhuma bala alojada no abdómen de JC. Limpou o ferimento e depois, célere, enviou a irmã para a cirurgia onde iriam reparar o estrago.

Enquanto a observava a ir, ouviu as rodas da segunda maca a chiar com velocidade na sua direção.

O homem na maca não se parecia com o Dr. Ralph que Vivi conhecia. Tinha os olhos fechados, o rosto sem pinga de sangue, tal como as máscaras

usadas em Veneza no Carnaval; um rosto grotesco, a boca retorcida num sorriso escarninho. Tinha os punhos cerrados. As pernas vinham envolvidas em gaze ensanguentada.

Os próprios punhos de Vivi cerraram-se quando os enfiou no bolso da bata branca de médico, ali de pé, imóvel, a fitar o homem que tentara matar a irmã. O homem que assassinara de forma brutal muitas outras mulheres jovens. O homem que pusera a rapariga encantadora, Elaine, ainda ali no hospital, em coma, rasgando-lhe a garganta e deixando-a por morta. Este homem era um monstro e agora deveria ajudá-lo.

Silenciosa, a sua equipa observava. Desta vez, ninguém se mexeu para ajudar o doente em perigo. Desta vez, não havia nenhum som no serviço de urgência.

Vivi fechou os olhos. Lembrou-se do juramento de Hipócrates, o juramento que todos os médicos do mundo aprendiam e juravam cumprir. O juramento que lhe dizia que estava ali para ajudar a humanidade. Não para tecer juízos de valor.

Ele era um homem ferido, um homem à beira da morte. E ela era uma médica. Era o seu trabalho, o seu *dever* tentar salvá-lo.

Endireitou-se mais, tirou as mãos dos bolsos e começou a gritar ordens. A equipa entrou em ação. Numa questão de segundos tinham ligado Sandowski a máquinas que lhe registavam a pulsação, os batimentos cardíacos, a pressão arterial. Outros limpavam as feridas das pernas, estacando o fluxo de sangue.

Um breve exame mostrara a Vivi que estava a olhar para um doente cardíaco. O monitor piscava como louco enquanto Sandowski lutava para respirar. Ela inclinou-se para ajustar a máscara de oxigénio e os olhos dele abriram-se de rompante.

Os olhos horrorizados de Vivi fitaram os dele. E então ele falou.

Num sussurro rouco, disse:

– *Devias ter sido tu, cabra.*

Chocada, Vivi deu um passo atrás. *Bom Deus, quase poderia ter pensado que o homem estava a rir-se dela.*

Dominando os nervos, enviou-o de imediato para a cardiologia. Depois entrou na sala das enfermeiras e chorou. Não por si, e com certeza não por ele, mas porque era antes de mais nada uma médica e, por um instante, quase se traíra a si mesma e a esse juramento, a promessa de dar sempre o seu melhor para salvar uma vida.

O Dr. Ralph Sandowski sucumbiu a um segundo grande ataque cardiovascular uma hora depois. Morreu sem dizer uma palavra, tão sub-repticiamente como vivera. Desaparecido, quando a equipa de enfermagem virara costas apenas por um instante. Toda a gente no hospital cumprira o seu dever. Toda a gente se sentiu agradecida. Alguns até disseram que estavam contentes.

Um pouco mais tarde, o chefe da polícia realizou uma conferência de imprensa à porta do hospital. Explicou a situação, disse à imprensa chocada que o assassino em série era um homem bem conhecido de muitos, deu-lhes o nome de Sandowski e os detalhes do que acontecera na sua cabana onde fizera refém a irmã de uma das médicas.

– O facto de esta médica do serviço de urgência, a doutora Vivian Dexter, ter cuidado deste homem pavoroso quando ele foi trazido ferido e moribundo para este hospital atesta bem o seu carácter – acrescentou. – E o trabalho que os nossos médicos e pessoal do serviço de urgência realizam todos os dias por esta nossa grande cidade. Testemunho também, com orgulho, a perseverança dos meus inspetores, Brad Merlin e Jerusalem Guiterrez, que examinaram com minúcia uma infinidade de pistas falsas e detalhes que teriam confundido muitos outros. Foi graças à sua determinação em encontrar o assassino que este foi de facto capturado e conduzido à sua justiça final. O Dr. Sandowski morreu há uma hora. Não acredito que vá descansar em paz. Obrigado, senhoras e senhores. E talvez agora possamos voltar para a terra dos vivos.

Brad entrou como um furacão pelas portas do serviço de urgência. Ainda usava o colete *Kevlar* à prova de bala. Tinha terra agarrada aos joelhos das calças onde se ajoelhara para fazer pontaria. Os sapatos novos estavam cobertos de lama e tinha o cabelo forte escuro de suor. Todas as cabeças se viraram para olhar para ele, mas Brad nem sequer reparou nisso. Tudo o que viu foi Vivi na sua roupa de hospital manchada de sangue e com a sua touca de plástico, os olhos pequenos lagos escuros no rosto pálido. Os polícias

ainda de serviço afastaram-se respeitosamente para um lado quando ele se encaminhou para ela.

– Não podes entrar aqui – protestou Vivi. – Quero dizer, não assim.

Mas Brad já estava a abraçá-la.

– Estou de serviço – disse-lhe Vivi, com a cabeça aninhada no pescoço dele, onde conseguia cheirar-lhe a doçura da pele e a acidez do seu suor, sentir a *vida* dele, sentir a força dos braços que a apertavam.

Não queria saber de quem estava a assistir, não queria saber do que devia ou não devia estar a fazer ali no serviço de urgência. Queria levá-lo para casa naquele preciso instante; precisava reviver sob as suas carícias, sob o toque das suas mãos.

Os terríveis acontecimentos do dia diluíram-se em pano de fundo; tal como o seu medo e as dúvidas de que seria capaz de realizar o seu trabalho como médica; e o seu ódio pelo homem louco na maca a sibilar-lhe aquela imprecação, mesmo moribundo.

– Foi horrível – sussurrou ao ouvido de Brad. – Tão mau, que nem sequer te consigo dizer.

– Conseguirás mais tarde. Falaremos sobre isso mais tarde, querida. Meu Deus, preciso de ficar sozinho contigo. – Afastou-a um pouco, fitando-a nos olhos. – Não fizeste já o suficiente para um dia? Não podes voltar para casa comigo agora?

Vivi abanou a cabeça.

– Estou à espera que JC acorde da anestesia. Acabou de fazer uma cirurgia para reparar três costelas partidas e uma fratura no cúbito, um osso do braço esquerdo. E Fen vem a caminho, apanhou um voo regional de Monterey.

– Então vens ter comigo mais tarde? Quando estiveres livre? Eu vou voltar para a esquadra, resolver alguma papelada, tomar uma bebida com Jerry. Mas prometo ter a lareira acesa e as velas, comida chinesa e um banho quente à espera.

Vivi riu-se.

– Sabes que és perfeito – sussurrou, beijando-lhe a orelha. – Simplesmente *perfeito*.

– Estou só a fazer o meu melhor – respondeu ele e, depois, deu-lhe um longo beijo intenso que recebeu aplausos dos doentes ambulatoriais que assistiam, de funcionários e dos outros polícias.

– Por volta das oito, então – exclamou Vivi quando ele se afastou, com

aquela boa passada de pernas compridas e os seus pés grandes. Meu Deus, como adorava um homem grande. Este homem grande, em todo o caso.

Quando Brad e Jerry entraram no bar de Veronica cerca de uma hora depois, ela encontrava-se atrás do bar, com os cotovelos no balcão, a cabeça inclinada para trás, a ver o noticiário da noite que dava a repetição do discurso do chefe da polícia.

Não se deu ao trabalho de se virar.

– Os heróis conquistadores – disse, desligando o som. – Perguntem-me como sei.

– Pois, então como sabes? – Brad içou-se para o seu lugar do costume; Jerry ocupou o outro ao lado dele e *Flyin'* sentou-se à espera do seu biscoito.

– Sei, porque só um polícia teria pés tão grandes como os teus, Brad Merlin. Produzes os teus próprios efeitos sonoros.

– Talvez devesse arranjar um par desses *Gucci* – comentou Jerry para Brad, aceitando o *shot* de *Patrón*.

– Não teriam o meu tamanho.

Veronica colocou o *Maker's Mark* à frente de Brad.

– Ouve, se Arnie Schwarzenegger os usa, acredita que vão ter o teu tamanho. De qualquer modo, este é por conta da casa.

– Obrigado, Veronica.

Os dois homens brindaram com os seus copos, esvaziaram-nos e depois engoliram a *Bud* gelada.

– Ouçam, agora a sério – pediu Veronica, apoiando os seios forrados a estampado de leopardo no bar, a olhar de um homem para o outro. – Estou a oferecer um agradecimento pessoal. Na verdade, penso que todas as mulheres na Califórnia estão a oferecer agradecimentos pessoais a vocês os dois. Por causa de vocês, podemos ir para a cama esta noite sem ficar a pensar se algum monstro vai trepar pela janela. Caramba, inspetores, acho que estou seriamente apaixonada por vocês.

Brad inclinou-se e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Obrigado, querida. Também estou apaixonado por ti, mas já estou comprometido.

Veronica soltou um suspiro fingido que fez os seios estremecerem e voltou à limpeza dos copos.

– É a história da minha vida, acontece-me sempre o mesmo – referiu.

– Sabes uma coisa? – Jerry trouxe a cerveja gelada, apreciando cada segundo. – Eu não *sei* a história da tua vida, Veronica. *Ninguém* conhece a história da tua vida.

– E ninguém vai conhecer. Exceto que estou aqui e aqui fico e esta noite qualquer coisa que vocês queiram é por conta da casa. Na verdade, escutem lá todos.

Fez um aceno com a mão para silenciar as duas dezenas de clientes. A nova empregada bonita com o seu cabelo comprido castanho também parou a meio de servir a sopa de galinha especial com *dumplings*, equilibrando de forma precária três tigelas, quando se virou para olhar.

– Escutem pessoal – repetiu Veronica. – Hoje a festa é minha. Estamos a prestar homenagem aos melhores de São Francisco. Bebidas para todos e um brinde a estes dois inspetores, sem os quais alguns de nós poderiam nem sequer aqui estar.

Ouviram-se vivas, as pessoas aglomeraram-se no bar para apertar-lhes as mãos.

– Estão a ver, disse-vos que eram estrelas – exclamou Veronica, atirando a *Flyin'* um hambúrguer destinado a umas pessoas numa mesa mais atrás. – Há mais de onde esse veio – disse para a cadela, que o despachou depressa.

– Desculpa, Veronica. – Brad desenredou-se do banquinho do bar e do mar de gente. – Mas tenho um encontro.

Veronica dirigiu-lhe um olhar intenso que dizia que lamentava, por ela, mas que estava feliz por ele.

– Sempre tive um fraquinho por ti, Merlin – confessou em voz baixa. – Aposto que é Vivi, não é? A tua doutora Vivian?

Brad assentiu.

– Ela é a mulher da minha vida.

Veronica tirou mais um par de cervejas, sempre com o cuidado de manter a espuma.

– Rapariga afortunada – comentou, lançando a Brad um sorriso irónico.

– Homem afortunado, queres dizer – acrescentou Brad ao mesmo tempo que o telemóvel tocava.

Era Vivi.

– Estou a ligar para te dizer que Elaine saiu do coma – informou-o baixinho. – Se não fosse médica, quase diria que é um milagre. Consegue falar, apenas um sussurro ainda, mas os pais estavam lá e ela reconheceu-os. As suas primeiras palavras foram: «Olá, mãe.»

– A sorte – retorquiu Brad – chega de várias maneiras. Elaine teve por fim sorte.

Depois ele e Jerry saíram porta fora, Jerry para passar por fim algum tempo com a mulher, evitar a sogra infernal, ver os filhos e pegar no seu bebé ao colo. Enquanto Brad e *Flyin'* voltavam para casa e para o seu encontro com Vivi.

Embora louca de preocupação, Fen tinha-se vestido com cuidado, com o seu pequeno fato elegante *Chanel*, azul-escuro, o clássico, com o seu debruado creme e a corrente dourada na bainha interior do casaco para o firmar com o peso. Era motivo de orgulho o facto de ainda servir como no dia em que o comprara, nos anos setenta, na butique *Chanel* da avenida Montaigne, em Paris, embora talvez o seu traseiro tivesse tido melhor aspeto na altura. Tipo *mais alto*. Suspirou, examinando-se no espelho comprido. Envelhecer tinha as suas chatices, uma das quais era o seu traseiro.

Escovou o cabelo curto prateado para trás das orelhas, com uma franja que escondia as novas rugas na sua testa. Talvez demasiado à menina? Demasiado Anna Wintour e *Vogue*? Fazia-se o melhor que se podia.

As botas de camurça pretas não eram muitas adequadas para o fato, mas, para ela, o conforto vinha sempre em primeiro lugar. Também levava o casacão assertoado azul porque o vento tinha um toque invernal.

Deixara *Hector* ao cuidado da simpática senhora que vinha limpar a *cottage* uma vez por semana e que o adorava. Isso significava que Fen poderia gastar todo o seu tempo a preocupar-se com as sobrinhas, *ambas*, embora Vivi lhe tivesse assegurado que JC estava bem.

– Ela vai ficar bem – confirmara Vivi há apenas algumas horas.

– Não sem mim, não vai – respondera Fen, já a planear o seu voo.

Agora estava num táxi, com a sua mala *Vuitton* antiga (tão antiga que era chique, ao contrário das pilhas vulgares de malas novas com que se viam os novos-ricos e as estrelas *rock*. Um pouco «desgastada» era sempre melhor). Também levava um ramo de horríveis gladiolos castanho-avermelhados comprado à pressa a caminho do aeroporto para a sua pobre menina partida. *Gladiolos!* Flores rígidas horríveis que deviam ser banidas de todas as floristas, condenadas para sempre a adornar os túmulos de antepassados

mortos, porque não eram uma flor alegre para um doente ferido. Mas as rosas estavam murchas e os crisântemos ainda piores, de modo que os gladiolos castanho-avermelhados eram melhores, supunha Fen, do que nada.

Quando o táxi a deixou à porta do serviço de urgência, Fen parou por um instante a olhar para o hospital onde a sua sobrinha trabalhava, onde punha a sua dedicação, os seus conhecimentos e experiência, adquiridos à custa de muito esforço, ao serviço dos que deles necessitavam. Fen tinha muito orgulho em Vivi.

Uma mulher saiu, com uma criança pequena pela mão, um bebé nos braços. Avistou Fen, viu como ela parecia preocupada, e lançou-lhe um sorriso.

– Não se preocupe – exclamou –, eles vão tratar bem de si lá dentro.

Fen retribuiu o sorriso.

– Espere um minuto – disse, empurrando os gladiolos para os braços da mulher surpreendida. – A minha sobrinha trabalha aqui – explicou. – É médica das urgências.

– Então é uma mulher de sorte.

A desconhecida apertou o seu bebé e as flores, agradeceu a Fen e seguiu, a sorrir, o seu caminho.

Era, de facto, a primeira vez que Fen entrava num serviço de urgência. Ficou de pé junto às portas, a olhar para os doentes e feridos prostrados nas suas cadeiras de plástico, para os casos mais graves em macas alinhadas à espera de atenção. Interiorizou o ambiente de caos controlado, a calma soberba das enfermeiras de serviço, os intercomunicadores a chamarem os médicos, as crianças a chorar, o rosto vazio e os membros inertes dos mentalmente perturbados e o carinho rápido dos médicos que se inclinavam sobre essas macas que eram levadas para salas pequenas, compartimentadas com cortinas para haver privacidade. Este era o mundo de Vivi e Fen, de repente, admirou a sua escolha. Não era uma vida fácil. As pessoas necessitadas dependiam destes médicos, destes enfermeiros, confiavam nos seus diagnósticos, nas suas decisões, na celeridade da sua ajuda e nos seus conhecimentos.

Com certeza que ninguém vinha às urgências com o seu melhor aspeto e, de algum modo, toda a gente exceto Fen parecia ter envergado as suas roupas à pressa. Desejou ter trazido flores para todos eles. Agora, nem sequer tinha flores para a sua própria menina.

Ouviu alguém pronunciar o seu nome e virou-se para ver quem era.

– Mistress Dexter?

Era aquele inspetor grande, Merlin, de que a sobrinha gostava tanto. «Gostava» podia não ser o termo correto, pensou, estendendo a mão para apertar a dele.

– Vivi disse-me que estava à sua espera – afirmou Brad.

Fen sorriu quando olhou para cima, muito para cima, para os seus bonitos olhos azuis. Olhos *bondosos*, pensou. Ternos. Mesmo que o homem parecesse ter sido puxado através de uma sebe, calças e sapatos cobertos de lama e vestindo um tipo estranho de colete.

– Estou surpreendida por permitirem que entrasse aqui nesses preparos – retorquiu em tom de desaprovação.

Brad riu-se.

– Vai ter de me desculpar, minha senhora, vim diretamente do serviço. Tinha mesmo de ver Vivi.

– É claro que sim. – Fen gostou da sinceridade dele. – E aposto que Vivi ficou contente por o ver.

Brad hesitou, a pensar que tipo de detalhes contar e depois decidiu ser breve e deixar Vivi preencher as lacunas.

– JC passou por um momento difícil – disse por fim. – Agora, precisa da família, não de mim.

– Aproxime-se, por favor. – Fen acenou-lhe. Ele deu um passo em frente. – Agora dobre a cabeça, quero beijá-lo. – A sorrir, Brad curvou-se e ofereceu a face para o seu beijo. – É o meu obrigado por cuidar das minhas meninas – referiu Fen. – Tenho a sensação que nos veremos mais um ao outro.

– Creio que a sua sensação está correta – retorquiu Brad quando ela lhe acenou um adeus.

– Fen, *aí* estás tu!

Vivi avançou com precipitação, quase esbarrando nela.

– Estou tão feliz por teres vindo.

– É claro que vim. – Fen recuou e olhou bem para ela.

Vivi tinha-se lembrado de vestir uma bata branca limpa, para não a assustar, tirara a touca de plástico da cabeça e passara as mãos pelo cabelo, voltando a prendê-lo num coque na nuca. Pensava que estava com bom aspeto.

– Estás com um aspeto horrível – comentou Fen.

Ficaram ali a olhar uma para a outra.

– Oh, Fen, foi assustador – sussurrou Vivi. – Foi tão horrível que nem aguento pensar nisso, no que poderia ter acontecido. Não fazes ideia do que JC passou... Quero dizer, aquele louco quase...

– Bem, não o fez – respondeu Fen com firmeza. – Graças em parte a esse teu simpático inspetor. E graças também à própria coragem e presença de espírito de JC. Pensamos sempre que a tua irmã é volúvel e irresponsável, mas, deixa-me dizer-te, Vivi, pelo que Brad me contou, ela desta vez portou-se bem. E assim será no futuro. E deixa-me pedir-te para te lembrares de uma coisa. Vais ultrapassar o dia de hoje e todas as coisas más que aconteceram. Vais superar a história desse louco, porque nunca podemos render-nos ao mal. Não estou a dizer que a «bondade» seja fácil de manter, mas a maioria de nós tenta alcançar esse objetivo. E tu, doutora Vivian, estás a conseguir. Agora, leva-me a ver a minha outra menina, está bem?

JC encontrava-se numa cama de hospital estreita, apoiada em almofadas. Tinha o braço esquerdo engessado e as costelas ligadas. Drenos serpenteavam-lhe dos braços e monitores registavam a sua história médica. Ouviu-as chegar e girou os grandes olhos azuis redondos para elas.

– Então, estou bem – disse com um grande sorriso que vacilou um pouco nas extremidades. – Quero dizer, tipo, é apenas um par de costelas e assim, embora este maldito braço seja um incómodo. Nunca vou conseguir um emprego agora, não é, Fen?

Fen dobrou-se e beijou-a com suavidade. Acariciou o cabelo loiro comprido que era a imagem de marca de JC e que lhe caía agora emaranhado em volta do rosto que, na realidade, não tinha uma única contusão.

– Eu cobri a cabeça com os braços – explicou JC. – A vaidade superou o medo.

– Não te enganes, foi o «medo» que te salvou – retorquiu Fen, puxando uma cadeira para o pé da cama. – Mas, como sabes, sou totalmente a favor de um pouco de vaidade. Mantém uma mulher jovem.

– Eu *sou* jovem – lembrou JC.

– Jovem o suficiente para apreciar Paris, apostou.

O rosto de JC iluminou-se.

– Estás a falar a sério? – perguntou, entusiasmada.

– Quando saíres daqui, vens passar uns dias comigo na *cottage*. Depois, quando já estiveres bem, pensei que seria divertido, tu e eu, Paris na primavera...?

– Mas e Vivi? Não podemos deixá-la de fora.

– Oh, sim, podemos – respondeu Fen. – A tua irmã já tem um homem. Não há necessidade de ir a Paris à procura de outro.

JC sorriu-lhe.

– Não como nós, queres tu dizer – replicou e desataram as duas a rir-se, o que fez doer tanto as costelas de JC que teve de parar.

– Dei as tuas flores – comentou Fen. – Gladiólos. Não conseguia suportá-los.

– Também não suporto – concordou JC.

De pé ao lado delas, Vivi olhou para o relógio.

– Tenho de ir – disse. – Mas passo mais tarde para dar uma espreitadela.

– Não te preocupes comigo – retorquiu Fen. – Reservei o hotel. Vou ficar aqui com a tua irmã algum tempo. Está na hora de ires ter com o teu homem.

– Dá um beijo meu a Brad – pediu JC, de súbito séria. – E os meus agradecimentos.

JC era uma rapariga com muita sorte e sabia disso. Então, olhando para trás da tia, viu Alex a apressar-se na sua direção, com um ramo de rosas na mão e uma expressão preocupada no rosto.

– Bem, bem – murmurou Fen, levantando-se rapidamente.

Alex parou ao fundo da cama, olhando angustiado para JC.

– Vi na televisão. Não podia acreditar. *Não podia acreditar* que te estava a acontecer a ti. Eu devia ter percebido que era ele, eu é que o devia ter matado...

– Não, não deverias – replicou Fen apressadamente. – Nunca podemos entregar-nos ao mal de outra pessoa. É isso exatamente o que eles querem que façamos.

– Mais ou menos como «recrutar-nos» para o diabo – respondeu JC com um arrepio.

Alex entregou-lhe as rosas, deu-lhe um beijo rápido na face e virou-se para olhar para Fen.

– Estás bem? Estava tão preocupado contigo...

Fen fitou-o nos olhos. Perdeu-se no olhar dele. Não havia nada que pudesse fazer a esse respeito.

– Oh, vocês os dois estão apaixonados!

A voz de JC parecia vir de muito longe, depois Fen foi arrebatada nos braços de Alex e, raios, se não estava outra vez a chorar. E ela *nunca*

chorava.

– Choras sempre quando estás feliz – declarou JC. E o seu riso satisfeito pôs toda a gente à vontade.

Vivi quase voou para casa. O seu velho *Jeep* chocalhava e estrondeava a subir as colinas íngremes de São Francisco esquivando-se a elétricos e parando, impaciente, nos sinais vermelhos. Cada minuto perdido era um minuto a menos com Brad. Porém, a sorte estava com ela; havia uma vaga de estacionamento em frente da sua porta.

Correu por aqueles degraus abaixo e, lá dentro, foi atirando com as roupas, deixando um rasto todo o caminho até à casa de banho. Desta vez, a pressão da água portou-se bem e descansou no fundo da velha banheira enferrujada por entre uma espiral de óleo de banho de amêndoa francês, que fazia maravilhas pela pele, e lavanda misturada com baunilha, os dois aromas que, segundo Fen, a especialista, deveriam pôr os homens loucos de desejo. Não ia correr nenhum risco.

Debaixo do chuveiro, lavou o cabelo comprido, deixando a água morna limpar o suor do medo. Esfregou um pouco do óleo marroquino que lhe dava brilho e, porque estava a ficar sem tempo, deixou-o secar naturalmente enquanto pintava as unhas dos pés de prateado, usando o verniz de JC e, em seguida, as das mãos de um rosa senhoril, embora sem dúvida não estivesse num estado de espírito «senhoril».

Victoria's Secret dava sempre jeito quando uma rapariga precisava de um par de cuecas de seda; estas eram de um tom rosado como o verniz e nada tão pouco subtil como um fio dental. Eram como as cuecas francesas que as loiras platinadas pareciam usar sempre nos filmes dos anos trinta e o sutiã a condizer conseguia parecer uma coisinha fina ao mesmo tempo que fazia qualquer coisa mágica aos seus seios.

Calçou meias de seda preta, do tipo *Wolford*, caras, que se aguentavam sem ajuda e que comprara há muito tempo com o francês em mente (com *quem*? Quem era esse francês? Já nem sequer se lembrava!). Um par dos sapatos de

saltos altos de JC, camurça preta, pontiagudos, diria bem com as meias e tudo? Duvidava, mas gostou do aspeto *sexy* do conjunto e de como a fazia sentir-se.

Sentou-se em frente do espelho e aplicou o hidratante com cor *Caramel* de *Laura Mercier*, o *blush Orgasm* da *NARS* (tivera de ser corajosa para perguntar por ele pelo nome no Bloomie's), lápis preto e rímel, depois o batom *Deauville*, da *Chanel*. O cabelo tinha secado liso, em vez de em pequenas ondas, passou-lhe a escova e deixou-o cair solto em volta dos ombros.

Um borriço de *Jasmin Rouge*, de *Tom Ford*, em todos os lugares que interessavam, e referia-se mesmo a *todos*, depois o pequeno vestido preto (o seu único vestido formal), os brincos de imitação de diamante que pareciam mesmo verdadeiros, o broche de diamantes da tia, que era verdadeiro, ainda que pequeno; um par de pulseiras antigas (bem, dos anos quarenta o que as tornava antigas, não era?) de baquelite, uma malinha preta e estava pronta.

Mirou-se no espelho. Naquela noite, não era médica. Naquela noite era uma mulher.

Foi até à janela e olhou lá para fora. Estava a chover, é claro. A sua gabardina tinha uns sete anos, mas quase parecia um impermeável da *Burberry*. Vestiu-a, correu para o *Jeep* e partiu, dirigindo-se para essas colinas, esse tráfego e o som de uma alegre noite de São Francisco, deixando para trás o stresse, o terror, a preocupação, a «mulher responsável». Naquela noite, era a miúda de Brad Merlin.

Brad abriu a porta lacada de vermelho antes de Vivi ter sequer tempo de bater. Estava descalço, de calças de ganga e uma *T-shirt* branca. O cabelo ainda estava molhado do duche e fitava-a como se a quisesse devorar. O que ela sinceramente esperava que fizesse, mais tarde.

Ele tinha uma garrafa de champanhe na mão e *Flyin'* pela coleira na outra quando se inclinou para a beijar, passando-lhe o braço em volta, puxando-a da chuva.

Flyin' esfregou a cabeça lanosa contra as pernas de Vivi num cumprimento enquanto Brad a beijava outra vez. E beijava. E beijava um pouco mais.

– Cheiras maravilhosamente – murmurou, com os olhos ainda fechados, aspirando-a.

Vivi tirou o casaco, deixou-o deslizar para o chão e passou-lhe os braços em volta do pescoço.

– Por onde começamos? – perguntou.

Brad abriu os olhos de novo e sorriu.

– Bem, tenho comida chinesa pronta para ti. Há a carne de vaca com brócolos, aquele agri-doce que tu gostas, embora eu não perceba porquê; há pato à Pequim; há arroz de jasmim...

– Acho que vou começar por ti. – Vivi já estava a puxar o fecho do vestido.

– No final de contas, não posso deixar que todo este esforço seja desaproveitado, não é?

– Nunca o permitiria – prometeu Brad, quando ela saiu do vestidinho preto e ficou ali com as suas cuecas francesas e o pequeno sutiã, as meias pretas e os saltos altos. – Caramba – exclamou, impressionado. – Pensei que tinha um encontro com uma médica.

– Esta noite não, não tens – respondeu Vivi, com a maravilhosa sensação de liberdade por ter por fim alcançado o seu objetivo. Era uma médica. Mas era também uma mulher.

O hospital fizera o possível para criar um Natal feliz. Grinaldas de papel e fitas decorativas enfeitavam paredes e portas, decorações pendiam do teto e as árvores cintilavam com luzes. Tinham-se excedido na enfermaria pediátrica, claro, com presentes empilhados debaixo de uma árvore prateada e enfermeiras a usar chifres de rena.

Vivi adorava tudo; adorava o sítio onde trabalhava, adorava os seus colegas, adorava as enfermeiras, adorava o seu trabalho. Não será preciso dizer que amava Brad. Levára apenas cinco minutos para concordar em ir morar com ele e, a seguir ao seu juramento de médica, era a melhor coisa que já fizera. A felicidade não podia ser melhor do que aquilo.

Falara com JC sobre Fen e Alex; era tão óbvio que estavam perdidos de amores um pelo outro, quase pior do que ela e Brad, que tinham discutido, preocupadas, a situação da «mulher mais velha/homem mais jovem», se poderia causar problemas no futuro.

– Não vejo porquê – dissera Vivi. – Olha para todos os *homens* mais velhos com mulheres mais jovens.

E fora isso. JC e ela tinham batido as mãos no gesto de «dá cá mais cinco» e haviam, silenciosamente, desejado sorte aos dois.

Agora, porém, antes de se encontrar com Brad e seguirem para Big Sur para aqueles dias feriados, Vivi ia ver Elaine, a última vítima do assassino em série. Vivi ainda não tinha coragem de proferir o nome dele, apagara-o da sua mente de forma tão total que não conseguia sequer recordar-se do seu aspeto.

Visitara Elaine todos os dias desde que a tinham trazido para o seu serviço de urgência, vigiara o seu coma, perguntando a si mesma se alguma vez sairia dele. E então, muito de repente, Elaine abrira simplesmente os olhos e olhara em volta. Fitara Vivi ali de pé e sorrira-lhe.

Elaine prosseguira a partir daí, cada vez melhor a cada dia que passava,

com os pais perto para testemunhar todos os progressos. A voz estava a recuperar devagar, rouca, baixa, mas conseguia falar. Agora, quando viu Vivi que trazia um embrulho vermelho, sorriu e disse:

– Olá aí.

– Olá. – Vivi entrou no quarto, aproximou-se da cama, pegou na mão pálida e fina de Elaine e apertou-a. – Queria só desejar um Feliz Natal.

– Então porque não está a usar os seus chifres de rena?

– Deixei isso para os outros médicos – retorquiu Vivi e Elaine riu-se, um som que era música para os ouvidos de Vivi.

– Isto é para si – disse Vivi, entregando-lhe o embrulho.

– Ah, mas eu não tenho nenhum para si.

– Oh, sim tem. Está *aqui*, não está?!

Elaine fitou-a, com ar solene. Outrora fora uma rapariga bonita. Vivi esperava que um dia voltasse a sê-lo, quando os seus ferimentos tivessem desaparecido e a sua alma se tivesse recomposto.

– Salvou-me a vida – sussurrou Elaine com voz rouca.

– Não fui só eu, também os enfermeiros e os cirurgiões, houve muita gente a tratar de si.

– Mas eu sei que foi a senhora, doutora Vivian. Foi a primeira. – Hesitou. – Importa-se se eu lhe der um beijo?

Vivi riu-se.

– Sempre fui uma pessoa beijoqueira – concordou, abraçando a rapariga com ternura, sentindo os seus lábios macios na sua face. – Agora, aqui está o seu presente de Natal. Abra-o mais tarde, quando eles vierem cantar os cânticos de Natal. Vai adorar.

Vivi sabia que adoraria, era uma camisa de noite da *Nordstrom*, rosa pálido e muito feminina. Mesmo o que Elaine precisava para a ajudar a sentir-se uma mulher completa outra vez.

Acenou um adeus e apressou-se pelos corredores intermináveis até à saída, onde sabia que Brad estaria à sua espera. E *Flyin'* é claro. Eram três naquela família.

De algum modo, o Natal apanhara Fen de surpresa. Ainda bem que comprara as novas luzinhas em novembro, agora a árvore estava iluminada e decorada e enchia a *cottage* toda com o seu cheiro fresco a pinheiro, misturando-se feliz com o aroma de fazer crescer água na boca do peru que a obrigara a levantar-se às cinco para o enfiar no forno, a tempo do almoço tardio de Natal. Seria o almoço para ela, para as suas meninas, e também para Brad e Alex. Mais dois cães, *Hector* e *Flyin'*, que acompanhava o seu dono, como sempre. Brad tivera alguns generosos dias de folga, tal como Vivi.

JC, é evidente, já lá estava e, claro, ainda se encontrava na cama. Dando-lhe o benefício da dúvida, Fen achava que era porque ainda estava a recuperar. Costelas partidas pareciam afetar imenso uma rapariga, embora sem dúvida não o seu apetite. JC andava a comer tudo o que Fen tinha em casa. De facto, gritou cá para baixo a perguntar se o peru já estava pronto e, nesse caso, se podia comer um pouco.

– Só para provar – acrescentou, aparecendo no topo das escadas, embrulhada no roupão de caxemira azul de Fen. – Já agora – continuou esperançada –, talvez pudéssemos abrir só um dos nossos presentes, sabes, tipo, só para ver o que temos.

Fen suspirou.

– JC, quando vais aprender as regras e a gramática e a nunca dizer *tipo* na frente da tua tia.

– Já não és minha tia, na realidade, és a minha mãe – respondeu JC de repente.

Os olhos de Fen encheram-se de lágrimas.

Naqueles anos todos em que as meninas haviam estado com ela, tinham usado o tratamento de «tia». Nunca pedira, nunca esperara o privilégio de ser

«mãe».

– Esse é o melhor presente de Natal do mundo, ser tua mãe – retorquiu. – Além do mais, nem sequer tenho de o abrir.

– Mas é verdade. És a nossa mãe. – Os grandes olhos azuis de JC mostravam-se reconhecidos. – Vivi diz isso e eu também. É oficial.

– Que assim seja, então. – Fen não sabia se rir se chorar. Era a maior coisa que já lhe acontecera. Com exceção de Alex, é claro.

– Então? Afinal ele vem? – JC era toda inocência.

– Estás a referir-te a Alex? – perguntou Fen, igualmente em tom inocente. – Como posso saber?

– Bem, porque o convidaste, suponho.

Fen suspirou e virou-se outra vez para os miúdos da ave a ferverem em fogo lento na grande panela no fogão, com um ramo de tomilho e alecrim e uma folha de louro.

– Uma mulher já não pode ter um segredo?

– Não quando a mulher é tão transparente como tu. – JC ria-se dela. – E tão tolamente apaixonado como Alex. E tão esperta, *experiente* digamos, como eu. Sei o que é o amor quando o vejo.

– Oh, JC, sabes? Sabes mesmo?

JC aproximou-se a coxear e abraçou Fen.

– Podes apostar que sim – sussurrou. – Podes apostar que sim, mãe.

– Onde está *Hector*? – perguntou Fen, afastando-se. – Não o vi a manhã toda.

– Na minha cama, é claro. – JC olhou, com ar faminto, para o fogão. – Estás a fazer as tuas famosas batatas assadas?

– Claro que estou, primeiro escaldadas. Assim como batatas doces, sem, posso dizer-te, nenhuma dessas gomas por cima, porque as batatas já são bem doces. E em puré, porque os homens preferem sempre assim.

– Mas eu adoro gomas. – JC parecia melindrada.

– Há feijão verde – Fen lançou a JC um olhar penetrante, recordando a sua aversão por legumes na infância. – Que vais comer ou ficas sem sobremesa.

– O que é a sobremesa, então? – JC era fã de gelado de chocolate, embora qualquer sobremesa servisse em caso de emergência.

– Adivinhaste – retorquiu Fen, a sorrir-lhe porque JC parecia sempre capaz de fazê-la sorrir. – E podes comer pudim inglês de Natal com manteiga de brande e *custard* de baunilha.

– Vou pôr as duas coisas, muito obrigada.
– Entretanto, vais tomar um duche e vestir-te. A tua família vai chegar em breve.
– *Tu* és a minha família – disse JC, atirando-lhe braços afetuosos ao pescoço.

Vendo-a sair da cozinha, Fen pensou no que JC dissera sobre ela e Alex. Era amor? Alex ainda tinha de lidar com as memórias tristes da sua noiva e ela tinha de continuar com a sua própria vida. A viagem a Paris destinava-se a ajudar nesse aspeto.

Claro que Vivi fora viver com Brad. Fen lembrou-se dos velhos tempos, quando *ela* era uma rapariga, tendo de se esgueirar para estar com um homem, às vezes até casar-se com ele se fosse a única maneira de estarem juntos. Hoje em dia, os jovens não arriscavam; faziam um *test-drive* ao casamento antes dos votos. Fen supunha que não era uma má opção. Além disso, aqueles dois amavam-se, não existia qualquer dúvida. Bastava ver a forma como se olhavam, os pequenos sorrisos íntimos que trocavam. Vivi tinha por fim encontrado o que procurava.

Fen foi remexer os troncos na lareira. Era um belo dia de Natal, frio e azul, com um vento que cheirava a mar, a fumo de lenha de macieira e a peru assado. Sete meias vermelhas enfeitadas com o rosto do Pai Natal estavam penduradas na prateleira da lareira. Cinco para as pessoas, duas para os cães. Fen adorava o Natal, adorava os preparativos, as compras em segredo, os embrulhos, os cozinhados. A família dela.

Hector apareceu, atirou-se para diante da lareira que cintilava e olhou para ela. Fen inclinou-se para lhe acariciar o focinho grisalho.

– Outro ano, *Hector*, tu e eu. No nosso refúgio. *Sozinhos juntos*. Não é uma felicidade?

E Fen agradeceu a Deus pelas suas bênçãos e por Alex, dobrou a cabeça e beijou o seu cão.

Agradecimentos

Como sempre, tenho de agradecer à minha «equipa» na St. Martin's: Jen Enderlin, cuja mente fértil deteta possibilidades a cada esquina; Sally Richardson, que orienta essas possibilidades; e Geraldine Van Dusen, que me assombra com revisões de provas e dúvidas. E, claro, à minha amiga e melhor agente, Anne Sibbald, e à sua equipa na Janklow & Nesbit Associates, que, quando não estamos a falar de gatinhos (o seu pequeno e magnífico ocicat parecido com um leopardo, o meu siamês e o meu adoptado preto brilhante), estamos a falar de comida, de livros e do futuro. Muito, muito obrigada.

E, claro, a Richard e à minha família (este livro é dedicado à minha filha, Anabelle, e ao seu marido, Eric) e amigos. Que mais poderia desejar?